

Explorando o universo do HOBBIT



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

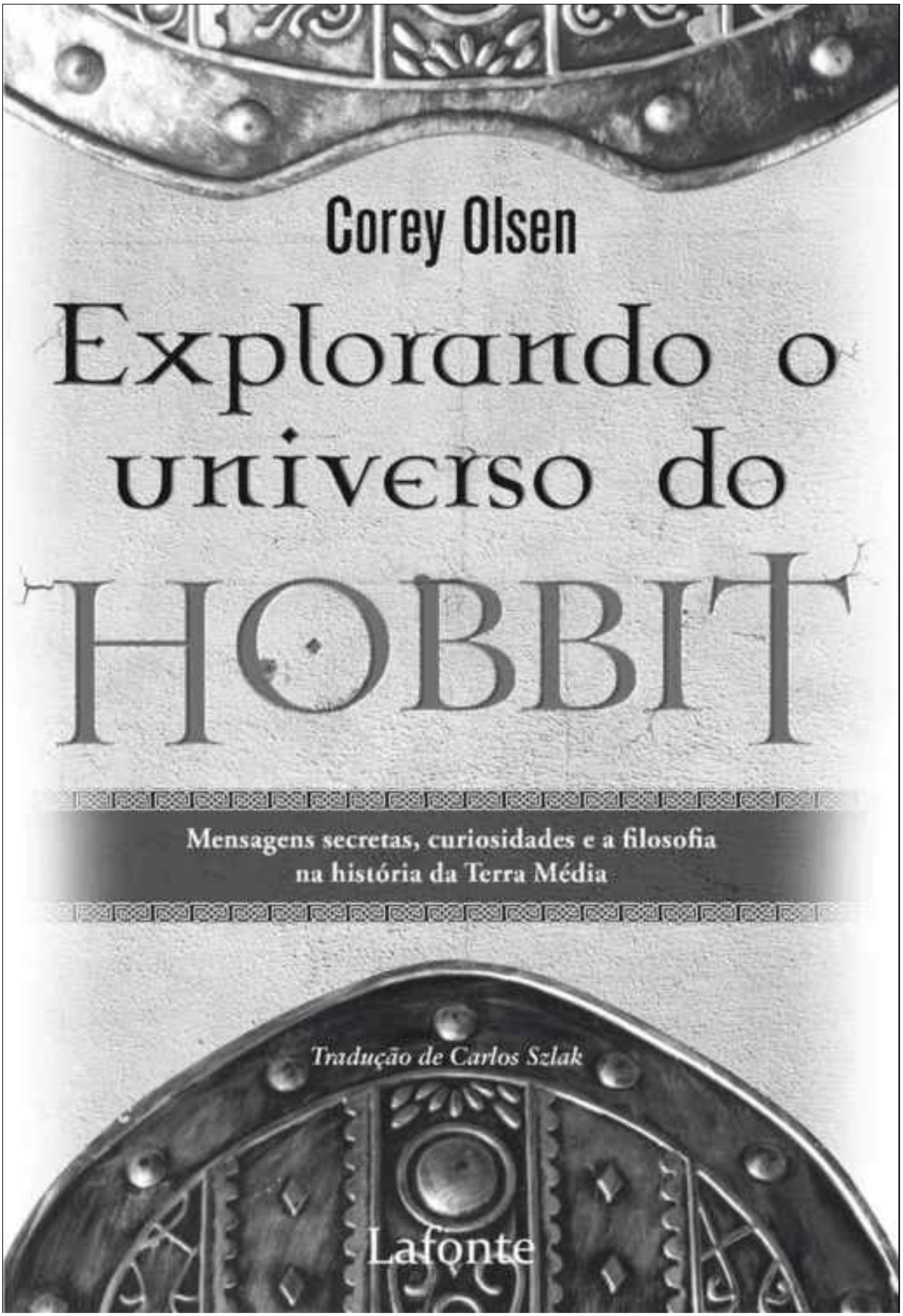
É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.




Corey Olsen
Explorando o universo do HOBBIT
Mensagens secretas, curiosidades e a filosofia na história da Terra Média
Tradução de Carlos Szlak
Lafonte

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Olsen, Corey
Explorando o universo do Hobbit : todos os significados da história de Bilbo, Elfos e a terra média / Corey Olsen ; tradução Carlos Szalak. -- São Paulo : Lafonte, 2012.

Título original: Exploring the Hobbit
ISBN 978-85-8186-107-4

1. Tolkien, John Ronald Reuel, 1892-1973 – Crítica e interpretação I. Título.

12-14475

CDD-820.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa : História e crítica 820.9

Título original: *Exploring the hobbit*
Copyright © Editora Lafonte Ltda., 2012

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Edição brasileira
Diretor editorial *Pedro Almeida*
Coordenadora de produto *Daniella Tucci*
Editor-assistente *André Fonseca*
Tradução *Carlos Szlak*
Preparação *Tuca Faria*
Revisão *Rinaldo Milesi*
Capa e projeto gráfico *Osmane Garcia Filho*

Conforme autorização da Lei de Direitos Autorais nº 9610 parág. 46 e 47, de 19 de fevereiro de 1998, utilizamos transcrições de trechos da quarta edição do livro *O Hobbit*, J.R.R. Tolkien, publicado no Brasil pela editora Wmf Martins Fontes, em 2011, traduzido por Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta.

1ª edição brasileira: 2012
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por Editora Lafonte Ltda.

Av. Profa. Ida Kolb, 551 – 3º andar – São Paulo – SP – CEP 02518-000
Tel.: 55 11 3855-2294 / Fax: 55 11 3855-2280
atendimento@editoralafonte.com.br • www.editoralafonte.com.br

Para minha mãe e meu pai
Jeremias 33:3





Sou apaixonado pelos livros de J. R. R. Tolkien até onde vai minha lembrança, ainda que tenha de admitir que não me lembro exatamente de minha idade quando li *O Hobbit* pela primeira vez; por volta dos 8 anos, acho. Minha primeira leitura de *O senhor dos anéis* e *O Hobbit* não ficou gravada em minha memória, provavelmente porque foi seguida de imediato pela minha segunda leitura e, depois, pela terceira. Posso afirmar que, até o presente momento, li esses livros aos menos uma vez por ano. Na adolescência, não era um fanático típico por Tolkien: não estudei a língua Quenya, não aprendi a escrita Tengwar, nunca usei um par de orelhas de borracha. Minha relação com Tolkien sempre envolveu a leitura e a releitura dos livros, mergulhando nas histórias, no mundo de Tolkien. Independentemente do número de vezes que eu os tenha lido, sempre fiz novas descobertas.

As obras de Tolkien serviram para mim, como para muitas pessoas, como uma porta para a Idade Média, inspirando uma fascinação duradoura pela literatura medieval. (Os livros de Tolkien deviam vir com algum tipo de advertência: Cuidado! Pode converter os leitores em medievalistas!). Acabei obtendo meu

doutorado em literatura medieval inglesa, e quando fui contratado como professor da Washington College, em Maryland, logo me vi capaz de realizar um dos sonhos de minha vida: além de meus cursos sobre Chaucer e literatura arturiana, também comecei a dar um curso sobre Tolkien.

O ensino de Tolkien na faculdade foi bastante divertido. Aquela turma era muito diferente de qualquer outra a qual já havia ensinado: dos alunos que frequentavam meu curso sobre Tolkien a maioria já havia lido sua obra, e muitos deles se consideravam aficionados do autor. Como medievalista, eu nunca tivera aquela experiência antes. Nunca tive alunos matriculados no meu curso sobre Chaucer porque Chaucer era o autor favorito deles. Nunca uma aluna se aproximara de mim após a aula para me mostrar um exemplar gasto e muito querido de um romance arturiano de Chrétien de Troyes, que seus pais leram para ela quando tinha 7 anos. Nunca tive um aluno que fosse um contribuinte regular para o site de fãs de *Piers Plowman* ou que, de maneira habitual, frequentasse convenções sobre Langland vestido de Consciência ou com uma das virtudes teológicas. Em geral, a primeira questão de ordem no ensino de literatura medieval é diminuir as defesas dos alunos em relação a ela, convencendo-os de que, embora estranha e esquisita para nós, ainda é divertida e compensadora. Meus alunos do curso sobre Tolkien, de modo geral, precisaram de muito menos convencimento.

Achei entre meus alunos de Tolkien uma fome evidente para aprender mais e estudar os livros mais a fundo. Também descobri diversos obstáculos para os quais os alunos desejavam ajuda para superar. Os entusiastas casuais encontram muitos comentários a respeito da dificuldade de se dar conta da produção literária de Tolkien e de alguns de seus livros de difícil compreensão (em especial, *O Silmarillion*). Muitos alunos, mesmo aqueles que leram as principais obras de Tolkien diversas vezes, confessaram que ignoraram a poesia durante a leitura, e que as canções e os poemas não pareceram tão importantes ou relevantes. Em suma, constatei que aquilo de que os alunos gostavam mais e se beneficiavam ao máximo era a oportunidade de ler atenta e lentamente os textos, elaborando os significados dos trechos difíceis e percebendo como se juntavam

as ideias da história.

Dei meu curso sobre Tolkien diversas vezes, mas, à medida que avançava em minha carreira acadêmica, ficava cada vez mais insatisfeito com a outra metade do meu dever docente: o mundo das publicações acadêmicas. Claro que os professores devem “publicar ou perecer”, como todos sabem, mas me frustrei com as limitações do mundo das publicações acadêmicas. Ficaria muito surpreso se muitas pessoas que estão lendo essa introdução tivessem lido os artigos sobre Sir Thomas Malory ou até mesmo sobre Tolkien que publiquei no início de minha carreira. Os livros e as revistas acadêmicos típicos circulam não entre milhares, mas sim somente entre centenas ou dezenas de pessoas. Tendem a custar tão caro que somente as bibliotecas de pesquisa têm condições de adquiri-los e, portanto, o público em geral tem pouco ou nenhum acesso ao trabalho realizado pela maioria dos acadêmicos. De modo crescente, as publicações acadêmicas tornaram-se, na prática, um diálogo fechado entre acadêmicos e alguns de seus alunos. Sabia que existiam dezenas de milhares de pessoas no mundo que tinham o mesmo desejo de aprender mais acerca de Tolkien compartilhado pelos meus alunos da faculdade, e quis envolvê-las numa conversa para a qual todos podiam ser convidados.

Assim, em 2009, criei um podcast e um site denominado The Tolkien Professor (www.tolkienprofessor.com). Comecei a postar palestras e fiquei impressionado com a resposta. Depois de um mês do lançamento do podcast no iTunes, tinha mais de mil assinantes, e, depois de um ano, o podcast apresentava mais de um milhão de downloads. As pessoas ficaram ainda mais excitadas do que eu esperava a respeito da oportunidade de participar de uma conversa acadêmica séria sobre Tolkien. Comecei a ter discussões gravadas, manter sessões ao vivo e hospedar seminários on-line. Como nos últimos anos, lecionando sobre Tolkien na universidade, estava me divertindo muito conversando com entusiastas especializados em Tolkien, mas também com novos leitores de Tolkien, e ajudando a facilitar uma apreciação mais profunda das obras do autor.

Este livro reúne as lições que aprendi na sala de aula, as experiências que tive

por meio do podcast e o amor que sempre tive pela obra de Tolkien. Não há nada que eu goste mais do que avançar lentamente através de um grande livro com um grupo de pessoas, dedicando um tempo para perceber detalhes importantes e rastrear temas que muitas vezes escapam quando se lê sozinho. Espero que você também aproveite a jornada.

Investigando *O Hobbit*

Muitas pessoas, descobri, ficam nervosas com a possibilidade de um crítico literário discutir a obra que amam. Inúmeros alunos tiveram experiências desagradáveis em aulas de inglês do ensino médio nas quais tinham de desconstruir obras literárias, e não queriam ver aquele destino pavoroso se abater sobre uma obra que realmente valorizavam. Este livro, porém, não é intitulado *Dissecando O Hobbit*. Não atuarei como um psiquiatra (ou médium) amador, pretendendo dizer a você o que estava na mente de Tolkien, quando ele escreveu o livro ou por que ele o fez.[1] Não me entronizarei como árbitro do gosto, dizendo-lhe que pedaços de *O Hobbit* são bons e quais são ruins. No final das contas, este livro simplesmente tem a intenção de fazer um pouco mais do que, suponho, você já faça por si mesmo: ler e apreciar *O Hobbit.*

Neste livro, faremos uma viagem através da história, procurando nos situar com cuidado enquanto avançamos. É fácil avançar em alta velocidade através de um livro de que você gosta; minha principal meta é fazê-lo desacelerar o suficiente para que seja capaz de vislumbrar com mais clareza o que está se desvelando na história enquanto avançamos. Prestaremos atenção aos temas e às imagens recorrentes deste livro, pensando a respeito das ideias que a história sempre retoma e desenvolve ao longo do caminho. Escutaremos cuidadosamente todas as canções e todos os poemas que Tolkien compôs para a história, já que revelam muito acerca do livro e, em especial, acerca dos personagens que as

cantam ou os recitam. Se caminharmos lentamente e prestarmos atenção, poderemos descobrir que nossa perspectiva é enriquecida pela jornada, tanto quanto foi a de Bilbo, e que nossos olhos se abriram para prodígios que nunca esperávamos ver.

Pelo caminho, observaremos as culturas e as personalidades de muitas novas pessoas: os anões, os trolls, os goblins, as águias, os elfos (tanto de Rivendell como da Floresta das Trevas) e os homens da Cidade do Lago. Cruzaremos com alguns personagens notáveis, os quais seremos convidados a conhecer melhor, como Gollum, Beorn e Bard, o arqueiro. Mais que tudo, porém, percebermos diversas ideias centrais, que surgem repetidas vezes em todo o livro:

1. ***A natureza de Bilbo.*** No Capítulo 1, ficamos sabendo que Bilbo é filho de duas famílias diferentes: os Tûk e os Bolseiro, e que o lado Bolseiro e o lado Tûk o impelem para direções muito diferentes. A interação entre esses impulsos distintos em Bilbo é uma das realidades dominantes de sua personalidade, e o tratamento de Tolkien a respeito do equilíbrio entre o anseio tûkiniano e o anseio bolseiriano[2] de Bilbo com o progresso da história é sutil e complexo, não seguindo os padrões simples que poderíamos esperar.

2. ***As escolhas de Bilbo*****.** Há diversos momentos na trajetória de Bilbo em que ele chega a um momento de decisão muito importante, isto é, quando ele deve dar um grande salto à frente por sua própria conta. Acordando sozinho nos túneis dos goblins, começando a sentir uma aranha gigante em suas pernas, entrando numa toca escura para encarar um dragão em seu refúgio; esses são momentos específicos que definem o caráter de Bilbo de acordo com o progresso da história, e o narrador coloca grande ênfase sobre eles.

3. ***Bilbo ladrão*****.** A aventura de Bilbo começa quando ele é identificado por Gandalf e é contratado pelos anões como ladrão profissional, e, ao longo da narrativa, somos lembrados da relação de Bilbo com seu cargo oficial. Inicialmente, a contratação de Bilbo parece uma falha bastante absurda do

departamento de recursos humanos, mas sua carreira referente à ladroagem acaba seguindo algumas direções bastante surpreendentes.

4. *A desolação do dragão*. Quando Bilbo e os anões finalmente se aproximam da Montanha Solitária, descobrem que ela está cercada por uma terra em total desolação, que o dragão provocou por sua simples presença, sufocando a vida que outrora enchia aquelas terras férteis. Na segunda metade do livro, porém, começamos a perceber que a desolação física criada pelo dragão também serve como imagem da destrutividade dos desejos do animal fabuloso: a "doença do dragão", como o narrador denomina. Cada personagem confronta esses desejos e, de certa maneira, os perigos que enfrentam só crescem após a morte do dragão.

5. *Sorte*. Bilbo e seus amigos são os beneficiários de uma sequência singular tanto de boa quanto de má sorte em sua jornada, e o narrador chama nossa atenção para isso de maneira bastante enfática em diversas ocasiões. Além disso, no Capítulo 3 ficamos sabendo que a expedição dos anões está associada ao cumprimento de antigas profecias, que convergem cada vez mais para o centro da história com a continuação da jornada de Bilbo. Através das interações entre as escolhas dos personagens e as frequentes intervenções da sorte, a história de Bilbo nos desafia a pensar a respeito da relação entre destino e escolha humana.

6. *A escrita de* O Hobbit. Em diversos pontos, faremos uma pausa para considerar a construção da história e o mundo secundário que Tolkien criou por meio daquela história. *O Hobbit* é uma história que é muito autoconsciente do fato de ser uma história, como somos lembrados quando vemos Bilbo realmente escrevendo o livro nas últimas páginas. Tolkien gostava de pensar e escrever a respeito de narrativas e seu desenvolvimento, e, à medida que lermos, consideraremos como Tolkien compunha a história, e como o tom dela irá progredir e mudar.

Expus minha discussão de *O Hobbit* capítulo por capítulo, para que seja fácil lê-la ao lado do original. Também incluí subtítulos em cada capítulo, para que aqueles que quiserem dar um salto adiante para seguir um tema específico do livro possam fazer isso de maneira conveniente.

Que *Hobbit*?

Os leitores familiarizados com *O senhor dos anéis* podem ter tido muitas perguntas quando leram este livro. Por que evito utilizar nomes próprios para pessoas e lugares? A Montanha Solitária é chamada de Erebor e o Rei Élfico é chamado de Thranduil, por exemplo, mas nunca utilizo nenhum desses nomes próprios. Há também problemas mais substantivos. Em *A sociedade do anel*, Gandalf enfatiza o fato de que Bilbo tinha a "intenção" de achar o Anel; por que não falo mais a respeito da importância de achar o Anel do Poder? Aliás, por que gasto muito tempo falando a respeito da doença do dragão, mas não falo nada acerca da influência corruptora do Anel sobre Bilbo? Quando Gandalf deixa Bilbo e os anões e parte para o sul, ele está indo se juntar ao Conselho Branco, para expulsar Sauron da Floresta das Trevas. Esse é realmente um grande momento da história da Terceira Era da Terra Média. Assim, por que eu mal menciono isso? Pode parecer quase como se eu estivesse fingindo ignorância em relação à história completa de Tolkien.

As respostas para essas perguntas estão todas ligadas, e têm a ver com a versão de *O Hobbit* que estou discutindo neste livro. Para explicar o que quero dizer com isso, permitam-me dar uma breve visão geral da história da redação de *O Hobbit* por Tolkien. Penso sobre a história de *O Hobbit* como se desenvolvendo em três estágios, que denomino estágio solo, estágio da revisão e estágio da assimilação.

O estágio solo

O Hobbit foi publicado na Inglaterra, em 21 de setembro de 1937, pela editora George Allen and Unwin Ltd. Anteriormente, Tolkien publicara alguns poemas, mas *O Hobbit* foi sua primeira grande publicação. Por muitos anos, esse livro foi a única obra literária associada a Tolkien, e era tão conhecida que os editores de Tolkien o pressionaram para escrever uma sequência. Ele começou a escrever um segundo livro, que, supostamente, devia seguir os passos de *O Hobbit,* e ele e seus amigos o denominaram de "O novo Hobbit" por um tempo. Porém, a escrita do segundo livro não se desenvolveu de acordo como o plano de Tolkien, nem de Allen e Unwin. O que começou como outra história curta de aventura de hobbits para crianças transformou-se, no final, em *O senhor dos anéis.*

Chamo essa fase de estágio solo porque, ao longo de anos após sua publicação, o que foi impresso em *O Hobbit* era tudo que os leitores sabiam acerca da Terra Média. Não pretendo sugerir que era a única história que Tolkien havia pensado. As narrativas mitológicas da história antiga da Terra Média – as histórias desenvolvidas, reunidas e publicadas depois em *O Silmarillion* – já existiam em mais de um esboço, sendo bastante evidente que Tolkien estava ligando a história de Bilbo com aquele mundo durante a redação de *O Hobbit*. No entanto, somente poucas pessoas sabiam disso. Décadas passariam até que mais da história da Terra Média fosse revelado. Na maior parte, o que podemos ler nas páginas de *O Hobbit* era tudo que existia.

O estágio da revisão

O senhor dos anéis pode ter começado como uma sequência de *O Hobbit*, mas, em pouco tempo, levou Tolkien a uma direção muito diferente. A nova história começou com algumas sementes coletadas de *O Hobbit*, mas elas germinaram de maneira surpreendente. Antes de mais nada, Tolkien percebeu que o novo livro que estava escrevendo não era mais um livro infantil; ele ficou um tanto receoso de que esse fato sozinho tornasse a nova obra inadequada como sequência. Num grau mais importante, porém, tanto a nova narrativa como o mundo que ela habitava cresceram e se expandiram muito além do escopo da história que Tolkien havia contado em *O Hobbit*. Em nenhum lugar isso ficou mais evidente do que na conexão básica entre *O Hobbit* e sua sequência: o anel mágico de Bilbo.

Quando Tolkien publicou *O Hobbit*, o anel era somente um anel mágico de invisibilidade que Bilbo achou em sua jornada. Era o anel de Gollum, mas embora fosse o maior tesouro de Gollum, Bilbo não ficou originalmente encantado ou corrompido por ele. Em *O Hobbit*, quando Gollum propõe um jogo de adivinhação para Bilbo, ele lhe diz que lhe dará uma presente – ou seja, o anel – se Bilbo ganhar. Com a vitória de Bilbo, Gollum não sabe o que fazer, pois só então percebe que havia perdido seu anel e não tinha nenhum presente para dar a Bilbo naquele momento. Gollum fica muito desgostoso, e pede desculpas para Bilbo repetidas vezes. Bilbo lhe diz que está tudo bem, e que basta Gollum lhe mostrar o caminho, em vez de lhe dar seu prêmio. Nesse caso, Bilbo não age de maneira totalmente honesta com Gollum, pois já tinha adivinhado que o anel que encontrou no túnel escuro e que redescobriu depois em seu bolso é o próprio presente que Gollum pretendia lhe dar. Portanto, ele sabe muito bem que está ganhando um prêmio duplo. No entanto, Bilbo está num aperto e, assim, é difícil culpá-lo muito. Gollum indica para Bilbo a saída, de onde Bilbo acena um adeus cordial para ele, e os dois seguem rumos distintos. Durante o resto de sua aventura, Bilbo faz uso de seu anel mágico, e isso se revela exatamente tão útil quanto Gollum lhe dissera que seria.

Se essa história não lhe parece com *O Hobbit* que você conhece, há um motivo para isso. O resumo que acabei de dar é da história que apareceu na

primeira edição de *O Hobbit*, em 1937: é a história original de Bilbo, Gollum e do anel. Contudo, quando Tolkien estava escrevendo *O senhor dos anéis*, ele colocou o anel de Bilbo no centro da narrativa, decidindo que devia se tornar o Anel do Poder, que o Senhor da Escuridão havia perdido. Essa escolha, porém, criou uma inconsistência importante com o tratamento que Tolkien deu ao anel na primeira edição de *O Hobbit*, que ainda estava em circulação. O uso do anel por Bilbo durante o restante do livro podia se encaixar na nova concepção do Anel perfeitamente bem, mas a versão original da história de Gollum e sua disposição prestimosa de dar o anel era agora totalmente incompatível com a história posterior. Em 1951, Allen e Unwin publicaram uma segunda edição revisada de *O Hobbit*, em que Tolkien ofereceu uma versão bastante alterada do capítulo envolvendo Gollum. Essa versão posterior é, atualmente, aquela que todos leem, e a versão original da história foi quase totalmente esquecida.

Recordemos, porém, que, durante o que estou chamando de estágio da revisão, *O senhor dos anéis* ainda não estava publicado. Quando a edição corrigida de *O Hobbit* – com sua nova versão de "Bolseiro! Nós odiamos ele para sempre!" de Gollum – foi publicada em 1951, ainda era a única história da Terra Média disponível para o público. As revisões podem ter dado a alguns leitores mais atentos uma pista a respeito da direção à qual a nova e maior história de Tolkien estava caminhando (se eles soubessem que ele ainda estava trabalhando numa, dez anos após a publicação de *O Hobbit*), mas eles ainda assim não saberiam muita coisa. A narrativa que as pessoas podiam ler nas páginas de *O Hobbit* mudara um pouco, mas ainda era tudo o que tinham. A ideia de que o anel de Bilbo tem poderes diabólicos, que trabalham para corrompê-lo, é uma ideia que existe fora da história de *O Hobbit*, mesmo depois de sua revisão.

O estágio da assimilação

A sociedade do anel, primeiro volume de *O senhor dos anéis*, foi finalmente publicado em 1954, quase 17 anos depois de *O Hobbit* ter sido tão bem recebido por leitores de todo o mundo. Naquele momento, finalmente, os leitores eram capazes de mergulhar numa narrativa muito mais longa, sucessora do curto livro infantil, e no mundo muito mais detalhado que Tolkien desenvolvera no longo processo de redação de *O senhor dos anéis*. Denomino essa fase de estágio da assimilação, pois nele Tolkien traz a história de *O Hobbit* de forma retroativa, para se ajustar dentro da história mais nova que estivera escrevendo e criando.

Tolkien já havia revisado *O Hobbit* para mudar o único elemento no livro que não podia ser compatibilizado com a história posterior, e ele, naquele momento, através de sua nova história, expandiu e desenvolveu muitos dos pontos do original *O Hobbit*. Gandalf estivera nos calabouços de Necromante (quando conheceu Thráin e conseguiu a chave e o mapa), pois estava confirmando que Necromante era realmente Sauron, tomando forma no mundo novamente após sua derrota no final de Segunda Era. Isso também explicou, é claro, o movimento que o Conselho Branco fez contra Sauron para afastá-lo da Floresta das Trevas. Os Elfos da Floresta das Trevas receberam uma história mais detalhada e até alguns nomes, e a história da Montanha Solitária – sua colonização, sua queda e seu restabelecimento – recebeu seu lugar na história maior da casa de Durin e na história das minas de Moria, chamada pelos anões de Khazad-dûm.

Toda essa história maior, sem falar na grande história do Anel do Poder em si, foi revelada em *O senhor dos anéis* e seus longos apêndices. Uma longa seção do Apêndice A, cortado da publicação original, foi posteriormente publicada em *Contos inacabados*, sob o título de “A busca de Erebor”. Essa narrativa possui a forma ficcional de uma conversa entre Gandalf e os companheiros remanescentes de Minas Tirith após a Guerra do Anel, e deu o lado de Gandalf a respeito de toda a história de *O Hobbit*, começando antes de seu encontro inicial com Thorin e descrevendo o que levou à Festa Inesperada em Fundo do Saco.

Tão completa foi a assimilação de Tolkien de sua obra anterior que até mesmo

a revisão de *O Hobbit* propriamente dito foi incorporada na história. Em *A sociedade do anel*, Gandalf e Frodo conversam sobre o fato de que o livro de Bilbo (publicado como *O Hobbit*) continha uma descrição falsa da história a respeito do descobrimento do Anel. Gandalf explica que o Anel já tinha começado a assumir o controle de Bilbo, e quando ele contou a história em seu livro, Bilbo inventou a parte acerca de receber o Anel de Gollum, a fim de apoiar seu argumento pessoal em relação a ele. A história "verdadeira", a versão revisada, só foi descoberta depois, mas exemplares do original ainda podem ser encontrados em circulação.

O foco deste livro

Neste livro, discuto *O Hobbit* como existiu só no estágio solo e no estágio de revisão descritos acima. O motivo disso é muito simples: quero que leiamos *O Hobbit* em seu próprio terreno. A história de *O Hobbit* como se desenvolveu e foi expandida no estágio de assimilação não é a mesma história; atualmente, é apenas um capítulo na história da Terceira Era da Terra Média, como podemos ver em *O senhor dos anéis*. Se, quando considerarmos Bilbo e seu anel mágico em *O Hobbit*, ficarmos pensando constantemente a respeito de Frodo e da Montanha da Perdição, não estaremos realmente prestando atenção às ideias em que *aquela* história está interessada.

Além disso, se não formos muito cuidadosos, poderemos cometer erros com facilidade e confundir os detalhes. O Gandalf que aparece em Fundo do Saco, no primeiro capítulo de *O Hobbit*, não é exatamente o mesmo personagem que ajuda a organizar a festa de despedida de Bilbo no primeiro capítulo de *A sociedade do anel*. Muita coisa acontece para o rapaz nos 17 anos de tempo do mundo real que se passam entre aquelas duas festas. Se, por exemplo, ao discutir o que Gandalf diz acerca de Bilbo ser um ladrão no primeiro capítulo de *O*

Hobbit eu trouxesse as coisas que Gandalf fala acerca de hobbits e roubo em “A busca de Erebor”, de *Contos inacabados*, simplesmente estaria criando confusão.

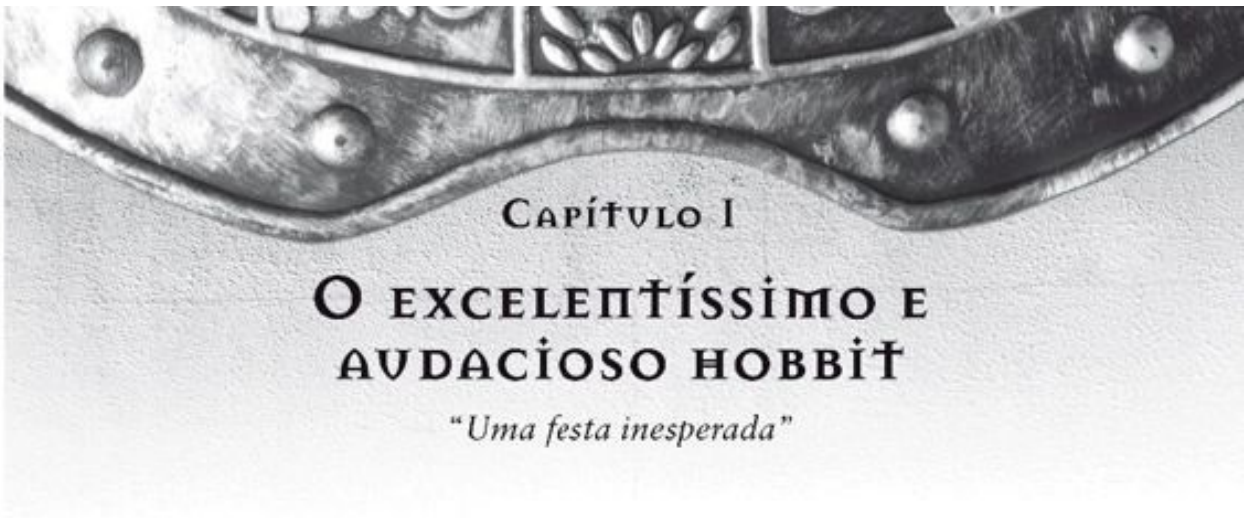
Portanto, esforcei-me para ser consistente, lidando tão só com o estágio de pré-assimilação de *O Hobbit* neste livro. Quase todas as poucas referências que fiz a *O senhor dos anéis* são expostas em notas de rodapé. Quando falo a respeito do anel, não escrevo em maiúscula a palavra, pois estou discutindo o anel da invisibilidade de Bilbo, e não o Anel do Poder. Nunca me refiro a Necromante como Sauron, nem mesmo à Montanha Solitária como Erebor; só utilizo os nomes que são dados e se referem às histórias contadas nas página de *O Hobbit* propriamente dito. Eis por que também nunca me refiro ao Condado (*Shire*, no original), pois esse, igualmente, é um nome posterior, e nunca aparece no texto de *O Hobbit*. Em outro livro, posso ter a chance de discutir *O senhor dos anéis*. Neste livro, *O Hobbit* sozinho nos dá mais do que o suficiente para discussão.

Leituras adicionais

Durante muitos anos, diversos acadêmicos produziram material excelente no campo de estudos a respeito de Tolkien. Se você estiver interessado em aprender mais acerca de *O Hobbit*, há dois livros que deve adquirir com certeza: *The Annotated Hobbit*,[3] de Douglas A. Anderson, e *The History of The Hobbit*,[4] de John D. Rateliff. Essas duas obras são fontes indispensáveis, recomendo-as de maneira enfática. Sou muito grato aos dois acadêmicos por seu trabalho infatigável; as obras deles enriqueceram imensuravelmente o estudo sobre J. R. R. Tolkien, e também minha compreensão de *O Hobbit*.

Notas

1. Quando utilizo citações de *O Hobbit* neste livro, geralmente as atribuo ao narrador da história, e não ao próprio Tolkien. Por um lado, faço isso para chamar a atenção para o caráter do narrador, que é um personagem importante nessa história, e, por outro, porque quero fazer uma distinção entre as muitas ocasiões em que estou apontando para o que o texto diz e as poucas em que estou explicando uma teoria de minha autoria acerca das ideias de Tolkien. Via de regra, adoto esta última postura muito raramente. Não faço afirmações de ser capaz de ler a mente de Tolkien postumamente e, na maior parte deste livro, discutirei apenas padrões que podemos vislumbrar no texto publicado. Não afirmo saber se o próprio Tolkien pensou acerca desses temas e padrões conscientemente ou não. Procurei, portanto, não atribuir ideias ao autor, exceto quando acredito haver boa evidência de que Tolkien conscientemente planejou aquelas ideias.
2. Tolkien utiliza o adjetivo *tûkiniano* diversas vezes, mas nunca emprega o adjetivo correspondente mais tolo *bolseiriano*. Inventei esse termo, e devo admitir que gosto de quão deselegante e cômica a palavra parece; há algo nela que parece captar o desconforto e a falta de jeito tão frequentemente associados ao lado Bolseiro de Bilbo durante sua aventura. No entanto, como essa palavra não é utilizada no livro, procurei não me entusiasmar além da conta com ela.
3. Douglas A. Anderson, *The Annotated Hobbit*, edição revisada (Houghton Mifflin, 2002).
4. John Rateliff, *The History of The Hobbit* (Houghton Mifflin Harcourt, 2007).



A natureza de Bilbo: o encontro de dois mundos

A primeira sentença de *O Hobbit* – "Numa toca no chão, vivia um hobbit" – é o início da história em mais de um sentido. Não é só o ponto de partida do livro, mas também a origem real da história. Muitas vezes, Tolkien contou a história do famoso momento em que esse pequeno livro (e, sob vários aspectos, toda a carreira literária de Tolkien) nasceu. Ele estava dando notas para as provas dos alunos à mesa, em casa, e se sentia (previsivelmente) muito entediado. Então, no fim de uma prova, topou com uma visão inesperada e gloriosa: uma página completamente em branco. Tolkien revela que ficou tão aliviado que quase aumentou a nota do aluno por isso. Diante da página em branco, escreveu espontaneamente aquela famosa primeira frase. "Não sei por quê", ele afirmou depois. Depois que escreveu a frase, percebeu que tinha de descobrir quem eram os hobbits.

Se a palavra *hobbit* era nova para os leitores, o mundo que Tolkien descreve

no início de sua história, o lugar que os hobbits chamavam de lar, parece muito confortável e familiar. Claro que os hobbits em si apresentam algumas peculiaridades, como seu pequeno tamanho, seus pelos, seus pés sem sapatos e sua tradição de viver em tocas. Mas, embora Fundo do Saco seja uma residência pequena e tenha uma porta redonda, “as paredes revestidas e os pisos ladrilhados e cobertos de tapetes” fariam qualquer leitor do século XX se sentir em casa. Os hobbits podem parecer estranhos, mas o narrador assegura que há “pouca ou nenhuma mágica a respeito deles”. São gente comum, que gosta de rir, comer e beber. O mundo dos hobbits é tranquilo e simples, um mundo de sossego e conforto, não contendo nada muito estranho ou alarmante: um mundo convidativo para o leitor ingressar.

A família Bolseiro é representativa de tudo que é sereno e próprio de um hobbit. Seus membros são “considerados muito respeitáveis” por todos os vizinhos, que aprovam principalmente sua total previsibilidade. Não há nada aventuroso acerca dos Bolseiro. Nunca “fazem nada inesperado: você pode dizer o que um Bolseiro diria sobre qualquer assunto sem se dar ao trabalho de perguntar a ele”. O mundo dos Bolseiro é um mundo sonolento, um mundo doméstico, que valoriza a paz e a tranquilidade. No meio desse mundo sereno está Bilbo Bolseiro, descansando do lado de fora de sua luxuosa toca hobbit, fumando seu cachimbo com calma, e dizendo: “Não há pressa. Temos todo o dia diante de nós!” Esse é Bilbo quando o conhecemos; a própria imagem da respeitabilidade de um hobbit, o retrato da tranquilidade e vida confortável.

Nesse ambiente pacífico, de volta à “tranquilidade do mundo, onde havia menos barulho e mais verde”, transita Gandalf, o mago. Gandalf é o extremo oposto de Bilbo; ele é uma criatura misteriosa e estranha, cujas origem e atividade não são totalmente conhecidas. Ele não só participa de aventuras, mas, aparentemente, movimenta-se “arranjando-as”. Bilbo escutou rumores de que Gandalf é “responsável por muitos rapazes e moças sossegados partindo rumo ao desconhecido em busca de aventuras malucas”. Gandalf é um contador de histórias, como Bilbo se recorda, contando “histórias maravilhosas” em festas a respeito de coisas muito estranhas e excêntricas, tais como “dragões, goblins e

gigantes e o resgate de princesas e a inesperada sorte de filhos de viúvas". De fato, Gandalf, além de ser um contador de histórias, também é um criador de histórias, de "narrativas e aventuras acontecidas em todos os lugares por onde passou". Portanto, não deveríamos nos surpreender de perceber que o livro que estamos lendo se converte em mais uma história que começa quando Gandalf entra nela.

O encontro de Bilbo e Gandalf nessa cena inicial apresenta o confronto entre dois mundos: a vida confortável e previsível do senhor Bilbo Bolseiro, em Fundo do Saco, em A Colina, e o mundo prodigioso, perigoso e perturbador das aventuras que tendem a surgir sempre que Gandalf está por perto. A invasão desse mundo de aventuras na casa tranquila e bem ordenada é a ação principal do primeiro capítulo de *O Hobbit*.

A ocasião é extremamente comportada e civilizada: um chá. É para Bilbo, em diversos sentidos, uma "Festa Inesperada", como sugerido pelo título do capítulo. Por um lado, na realidade, ele não sabia que estava organizando um chá. Ele tinha se esquecido completamente a respeito de seu convite apressado e não totalmente sincero para Gandalf no dia anterior, e nada sabia acerca daqueles anões. "Bilbo gostava de visitas", o narrador nos informa, acrescentando, com um amável eufemismo, que "ele gostaria de conhecê-los antes da chegada, e ele mesmo teria preferido convidá-los". Por outro lado, rapidamente, a festa deixa de ser um chá civilizado e se torna algo muito diferente e perturbador para a sensibilidade de Bilbo. Ele passa de um estado muito alvoroçado para um "absolutamente desconcertado" e, por fim, é forçado a confrontar o fato inevitável, indesejável de que "a aventura mais desventurada" chegou à sua casa.

Os resultados da invasão são um tanto curiosos. O que observamos não é simplesmente o despedaçamento do mundo previsível e calmo de Bilbo à medida que uma multidão de anões não convidados cruza sua porta, come todos os seus bolos e arruína a paz de seu lar confortável num caos camarada. O mundo de Bilbo não é só revirado, mas também transformado. A quietude radiante de sua sala de jantar torna-se o local de reuniões sombrias e solenes dos anões e do mago.

Um interlúdio pequeno mas significativo durante o chá ilustra essa alteração com muita clareza: a exibição de Gandalf e Thorin dos anéis de fumaça. Lembremos que Bilbo estava fumando no gramado e soprando anéis de fumaça preguiçosamente quando Gandalf chegou pela primeira vez. Nessa primeira cena, Tolkien nos convida a associar anéis de fumaça com relaxamento, conforto e convivência. Inicialmente, Bilbo convida Gandalf a se sentar e compartilhar seu tabaco com ele. Os anéis de fumaça de Thorin e Gandalf, porém, são claramente mágicos e até mesmo vagamente ameaçadores. Ao contrário dos anéis de fumaça de Bilbo, que apenas flutuam de modo indolente no alto de A Colina, os anéis de fumaça de Gandalf são predatórios, perseguindo e capturando os anéis de Thorin e os fazendo desaparecer. Os anéis de fumaça, antes associados ao prazer plácido e respeitável, podem, naquele momento, ser vistos pairando de forma ameaçadora em torno da cabeça de Gandalf, fazendo-o "parecer estranho e enfeitiçado". Quando a aventura e a magia entram à força na vida de Bilbo, mesmo as partes mais serenas e mais rotineiras dele são tocadas pela magia e tornadas esquisitas e assombrosas. Novamente, Gandalf é o criador da história.

A coisa mais importante que é alterada pela aventura que Bilbo involuntariamente trouxe para sua casa é o próprio Bilbo. O conjunto completo de mudanças experimentadas pela personalidade de Bilbo será uma das histórias centrais e mais complexas de todo o livro.

Bilbo começa, como sugeri antes, como a própria personificação do mundo sóbrio e previsível dos Bolseiro. Em sua conversa inicial com Gandalf, Bilbo é o porta-voz do mundo rotineiro dos hobbits. Ele e os vizinhos, Bilbo explica, são "gente comum e pacata, que não quer nada com aventuras". Os termos de sua rejeição são tão reveladores quanto engraçados; ele descarta as aventuras, considerando-as "coisas desconfortáveis, perturbadoras, desagradáveis", que "fazem você se atrasar para o jantar". A perspectiva inicial de Bilbo é tão limitada, tão domesticada que se atrasar para o jantar corresponde a um risco muito sério. Quando Galdalf sugere enviá-lo para uma aventura, Bilbo foge para o interior de sua casa, em pânico.

No dia seguinte, quando o mundo de Gandalf persegue-o em sua casa, a resposta inicial é novamente típica de um Bolseiro. Enquanto escuta Balin, Dwalin, Fili e Kili discutindo a respeito de goblins e dragões, Bilbo não entende os comentários deles, e ele "não quer entender, pois soavam muito aventurosos". Mesmo depois de sua casa ter sido ocupada por 13 anões e um mago, Bilbo procura reunir os restos dispersos de seu mundo pacífico em torno de si. Ele pode ser visto sentado sobre um banco, junto à lareira, "tentando dar a impressão de que tudo aquilo era perfeitamente normal, e não uma aventura". Como bom Bolseiro, Bilbo tenta permanecer firmemente entrincheirado em seu pequeno mundo, mesmo depois de este ter sido invadido pela aventura.

Devemos nos lembrar, porém, que há, em geral, algo mais para Bilbo e para a cultura hobbit do que apenas o elemento sensato de um Bolseiro. Há uma parcela da sociedade hobbit que não adere à norma hobbit de previsibilidade e vida tranquila. É o clã Tûk, cujos membros eram conhecidos como dados a aventuras esporádicas. A família pode tentar abafar esses incidentes traumáticos, mas "subsistia o fato de que os Tûk não eram tão respeitáveis como os Bolseiro". Porém, não são párias completos da sociedade, principalmente porque também são muito ricos, "sem dúvida, mais ricos" até que os tranquilos Bolseiro. O narrador até acrescenta um esplendor sobrenatural aos Tûk, repetindo o rumor de que "um dos ancestrais Tûk deve ter casado com uma mulher fada", isto é, casou com uma mulher elfo.[5] Embora sejamos imediatamente informados de que esse rumor é absurdo, ainda somos apresentados à ideia de que algo mágico e estranho entrou na família Tûk em algum momento.

O contraste entre as duas famílias hobbits ao qual somos apresentados, os respeitáveis Bolseiro e os notáveis Tûk, é muito importante, pois o próprio Bilbo é produto de uma combinação desses dois elementos. Um Tûk de muito tempo atrás pode ou não ter se casado com uma mulher elfo, mas é absolutamente certo que Bungo Bolseiro se casou com "a conhecida Beladona Tûk".[6] Bilbo se parece e se comporta, somos informados, "exatamente como uma segunda edição de seu sólido e tranquilo pai"; vimos Bilbo primeiro defendendo e depois aderindo ao plácido estilo de vida Bolseiro. No entanto, o narrador da história acredita ser

provável que Bilbo tenha adquirido “algo um pouco esquisito em sua constituição do lado Tûk, algo que só esperou por uma oportunidade para emergir”.

Podemos observar vislumbres do lado Tûk de Bilbo mesmo antes do aparecimento dos anões em Fundo do Saco. Quando Bilbo descobre quem é Gandalf, a primeira reação não é uma desaprovação severa, mas sim um assombro recordado. Bilbo se lembra do “par de abotoaduras mágicas de diamantes” que Gandalf deu ao seu avô, o Velho Tûk. E recorda-se das histórias de Gandalf, as quais denomina “narrativas maravilhosas”, ainda que sejam histórias acerca de aventuras. Parece apreciar em especial a memória dos fogos de artifício que Gandalf costumava fazer, que “costumavam subir como grandes lírios, bocas-de-leão e laburnos de fogo e perduravam no crepúsculo”. Bilbo, constata-se, “não é tão chato quanto ele gostava de acreditar”. A vida Bolseiro do acomodado Bilbo é prosaica, uniforme e metódica, e o mundo mágico de Gandalf e dos anões é mais poético, cheio de espantos e prodígios, mas também estranho e enfeitiçado, como os anéis de fumaça de Gandalf. Bilbo pode aderir ao ponto de vista Bolseiro, mas sua herança Tûk lhe dá uma tendência àquela outra vida aventurosa, uma tendência que está espreitando sob a superfície quando Bilbo encontra Gandalf. Eis por que Bilbo começa a dizer que a vida costumava ser bastante interessante quando Gandalf incitava aventuras entre os hobbits, antes de ele perceber o que estava dizendo e se tolher. Bilbo pode parecer estar completamente comprometido com uma vida de previsibilidade Bolseiro, mas sua personalidade é mais complexa do que ele admitirá.

O lado Tûk de Bilbo revela-se primeiro na reação à poesia, quando os anões cantam a canção sobre seu tesouro e sua busca. A música dos anões o traz para fora da própria experiência pela primeira vez, abrindo diante dele um mundo além do lugar simples e reconfortante a que Bilbo estava tentando aderir. Enquanto os anões tocavam seus instrumentos, mesmo antes de a canção deles começar, Bilbo “se esqueceu de todo o resto, e foi levado a terras sombrias, sob luas estranhas, muito acima de A Água e muito longe de sua toca hobbit em A Colina”. Ele é transportado para a terra dos anões, e a canção deles o faz

compartilhar por um momento a perspectiva e experiência dos anões. Enquanto eles cantam, Bilbo “sente o amor das coisas belas feitas pelas mãos e, por meio da perspicácia e do movimento mágico através dele, sente um amor ardente e ciumento, o desejo dos corações dos anões”. Por um instante, Bilbo se comove com a música e a poesia dos anões, e sai de modo imaginativo de seu pequeno mundo e entra na história deles. Nesse momento, “algo do tipo Tûk desperta em seu interior”, e Bilbo descobre que há uma parte dele que deseja aventuras.

Contudo, temos de ter cuidado para não simplificar demais as coisas. Bilbo não é um aventureiro destemido escondido sob um exterior conciliatório; ele não é algum tipo de Clark Kent hobbit em busca de uma cabine telefônica. Consideremos o que realmente acontece quando o lado Tûk é despertado nele durante o canto dos anões. Ao ser transportado por curto tempo pelo desejo de aventura, ele “queria ver as grandes montanhas, escutar os pinheiros e as cachoeiras, explorar as cavernas e empunhar uma espada, e não uma bengala”. Isso parece muito intrépido, mas observemos o quão comportada é realmente essa pequena fantasia de aventura. A referência à bengala é reveladora. O narrador menciona que Bilbo gosta de dar caminhadas e que tem pendurado no corredor da casa um mapa bem grande “da região circunvizinha com todas as suas caminhadas favoritas marcadas em tinta vermelha”. Seu primeiro momento aventuroso se reduz basicamente ao desejo de dar uma caminhada muito longa e espetacular, sem nenhum dos perigos e inconvenientes prováveis de participar de uma aventura *real*. Ele quer explorar cavernas, mas não pensa nos goblins viciosos que talvez vivam naquelas cavernas. Bilbo quer escutar os pinheiros, mas, aparentemente, está se esquecendo do dragão incendiário cujas asas fazem as árvores zumbir diante do canto dos anões. Imagina levar uma espada, mas, na realidade, não pensa acerca de ter de utilizá-la. O primeiro passo de Bilbo no mundo da aventura é um passo bastante hesitante e pueril.

Ainda que não percebamos de imediato a timidez do primeiro desejo de Bilbo por aventuras, sua reação a ele enfatiza o ponto de maneira bastante convincente. Até mesmo o pensamento do perigo imaginado faz o lado Tûk bater em retirada. Quando sua imaginação é interrompida pela visão de um fogo perfeitamente

trivial a distância, diante de sua janela, ele pensa a respeito de “dragões saqueadores”, estremece e foge dos pensamentos aventurosos com que estava flertando. “Muito rapidamente”, o narrador nos revela, “ele era de novo o comum senhor Bolseiro de Fundo do Saco, em A Colina”. Mais tarde, quando a ideia de um perigo mortal é apresentada a Bilbo de maneira ainda mais forçosa por meio da referência de Thorin ao fato de que eles “podem nunca voltar” de sua expedição, ele perde o controle completamente, gritando de forma incontrolável e caindo de cara no chão. O “brilho de fogos de artifício” do grupo de Gandalf de repente iluminando o recinto fez Bilbo gritar às cegas repetidas vezes: “Atingido por um raio!” O trabalho de Gandalf, o mágico criador de histórias, estilhaçou o mundo seguro e confortável de Bilbo como um brilho de relâmpago e, aparentemente, o lado Tûk de Bilbo despertado pela música e poesia dos anões não dá conta disso.

O real ponto de virada ocorre quando Bilbo adota o lado Tûk com a vontade, e não só com sua imaginação um tanto tímida. Quando ouve por acaso a avaliação insultante de Gloin a seu respeito, o lado Tûk emerge com força. Naquele momento, quer ser considerado valente, capaz de enfrentar o perigo. Era o último obstáculo que precisava ser superado para realmente começar uma trajetória aventurosa. Naquele momento, quando afirma para si estar pronto para participar da aventura, essa pode ainda envolver uma longa caminhada, mas não é mais *apenas* uma caminhada. Bilbo sustenta que está disposto a “caminhar daqui para o leste do leste e combater os homens dragões selvagens no Último Deserto”. Nesse caso, podemos desconfiar de “exagero poético” por parte dele, mas, ao menos, Bilbo está imaginando utilizar a espada que propõe trocar por sua bengala. Encarar a falta de alojamento e de café da manhã como principais sacrifícios revela que ele não tem compreensão real do que a aventura será, mas, não obstante, está disposto. Esse é o momento em que o narrador declara: “O lado Tûk venceu.”

Mesmo depois desse ponto de virada importante, fica claro que Bilbo não passou por uma transformação súbita e completa em relação à condição Tûk. O narrador nos conta que “muitas vezes mais tarde a parte Bolseiro lamentou” essa

decisão. Mesmo enquanto está se sentindo “determinado de maneira Tûk a continuar com as coisas”, ainda há uma grande parte de Bolseiro nele. Antes de se envolver em discussões de planos ou estratégias, assume “sua postura comercial (em geral, reservada às pessoas que procuravam pedir dinheiro emprestado dele)” e insiste em aclarar toda a história do ouro e do dragão. Algo exasperado, Thorin pergunta: “Você não escutou nossa canção?” A poesia deles, parece para Thorin, é uma explicação mais do que suficiente do que está acontecendo. Como mostrarei em breve, a canção, de fato, narra toda a história e explica tudo que uma pessoa realmente precisa saber acerca da expedição e de quem são os anões. Sabemos que Bilbo captou muito disso, já que vimos que se comoveu e até se encantou brevemente com a canção, mas isso não é o bastante para o senhor Bolseiro. Pode ser que ele não seja mais completamente maçante, mas ainda quer que tudo fique prosaico, simples e claro, para suplementar a poesia.

Conforme avançarmos na leitura de *O Hobbit*, olharemos atentos para a interação entre os elementos Tûk e Bolseiro no interior da personalidade de Bilbo. A ação recíproca entre esses dois aspectos distintos da natureza de Bilbo é muito complexa, e Tolkien resistirá firmemente a trazê-la para uma solução simplificada.

Bilbo, o ladrão: um ladrão eleito e selecionado

A decisão de Bilbo de adotar o lado Tûk, girar a maçaneta da porta e se voluntariar para aquela aventura é desencadeada pela avaliação nada lisonjeira de Gloin a seu respeito, que ele ouviu por acaso. Gloin acha que deve ter sido algum erro; Bilbo não pode ser o “colega conspirador” que os anões estão procurando. “Assim que bati os olhos no sujeitinho balançando e cachimbando

sobre o tapete", Gloin se recorda com um pigarreio, "tive minhas dúvidas. Ele parecia mais o dono de uma mercearia que um ladrão!". Talvez o comentário de Gloin seja expresso com grosseria,[7] mas está longe de ser incorreto. Além disso, as circunstâncias tornam sua exasperação muito compreensível. Lembremos que Bilbo não está sendo convidado por pena ou gentileza; ele está sendo considerado como um especialista pelos anões, e eles estão querendo contratá-lo como uma espécie de trabalhador autônomo. Querem um ladrão profissional.

Talvez isto seja ainda mais surpreendente que o fato de ter sido o recrutamento dos anões o que os trouxe a Fundo do Saco: Bilbo parece verdadeiramente se preocupar com a avaliação de si como aventureiro material. Podemos supor que um Bolseiro respeitável ficaria realmente *ofendido* se um grupo excêntrico de anões estranhos o tomasse por um ladrão profissional. Em vez disso, Bilbo, de imediato, quer se afirmar como alguém valente, e viver à altura do rótulo de ladrão. Nesse caso, o que está em jogo não é meramente o próprio desejo de Bilbo por aventuras, mas sua identidade. Quem é ele e qual é o seu papel?

É Gandalf, o criador de histórias, que inicia esse processo. Um dia ou dois antes, Bilbo talvez acreditasse que sabia perfeitamente quem era e o que ele era. Naquele momento, Gandalf aparece e rabisca um aviso na porta de Bilbo o identificando como "Exímio caçador de tesouros". A princípio, pode parecer que Gandalf está pregando alguma peça elaborada. Ele sabe muito bem que a marca mágica que traçou na porta de Bilbo é comicamente inadequada. Vindo à tona da conversa que acabou de ter com Bilbo e o descrevendo como um ladrão que "quer um bom emprego, cheio de emoção e razoável remuneração" é simplesmente absurdo. A ideia da busca de emoção por Bilbo é tão ridícula que diverte muito Gandalf; ele ri "longamente, mas em silêncio" antes de escrever aquilo. As recomendações que ele oferece aos anões após Bilbo sucumbir em pavor não é menos absurda. Talvez sua assertiva de que Bilbo é "valente como um dragão, se necessário" possa ser justificada como mero "exagero poético", mas sobre que possível base Gandalf é capaz de asseverar que Bilbo é "um dos melhores"? De certa forma, isso soa como se Gandalf estivesse fingindo.

No entanto, ainda que aparentemente seja a preparação para se pregar uma peça, quando se trata da identificação de Bilbo como ladrão, Gandalf parece levar mesmo a sério. Em vez de recuar de uma brincadeira que parecia ser deselegante, Gandalf insiste acaloradamente no que disse: “Se eu digo que ele é um ladrão, ladrão ele é, ou será quando a ocasião se apresentar.” Não é fácil para os anões ou o próprio Bilbo acreditar nisso, mas Gandalf se mantém firme, repelindo todas as objeções. Ele declara que Bilbo é o “ladrão eleito e selecionado”, frase ressonante e meio agourenta que parece significar mais do que apenas a escolha de Gandalf. Ainda que possa parecer improvável para absolutamente todos, Bilbo é, em certo sentido, o ladrão do destino.

O DESEJO DOS CORAÇÕES DOS ANÕES

Nós nos concentramos muito em Bilbo e em seu relacionamento com a aventura que atravessa sua porta, mas ainda não falamos muito acerca dos anões que trazem a aventura consigo. A melhor apresentação que temos dos anões, como mencionei antes, é a cantiga que eles cantam e que afeta Bilbo por curto tempo. Sob a influência da música dos anões, Bilbo consegue perceber “o desejo dos corações dos anões”. É aceitável, portanto, que, se quisermos conhecer melhor Thorin e companhia, deveremos considerar com atenção o que eles cantam. Comecemos com a primeira metade da canção.

Para além das montanhas nebulosas, frias,
Adentrando cavernas, calabouços cravados,
Devemos partir antes de o sol surgir,
Em busca do pálido ouro encantado.

Operavam encantos anões de outrora,

Ao som do martelo qual sino a soar
Na profundeza onde dorme a incerteza,
Em outros vazios sob penhascos do mar.
Para o antigo rei e seu elfo senhor
Ali muitas pedras douradas reluzentes
Moldaram e plasmaram, e a luz captaram
Prendendo-a nas gemas do punho da espada.

Em colares de prata eles juntaram
Estrelas floridas; fizeram coroas
De fogo de dragão e no mesmo cordão
Fundiram a luz do sol e da lua.

Para além das montanhas nebulosas, frias,
Adentrando cavernas, calabouços perdidos,
Devemos partir antes de o sol surgir
Reivindicando nossos tesouros há muito esquecidos.[8]

A canção começa com uma estrofe que aparece três vezes ao longo dela, e serve como declaração de intenções a respeito da busca dos anões. Eles explicam aonde estão indo: para seu antigo lar subterrâneo (“adentrando cavernas, calabouços cravados”). Ilustram como aquele destino está longe deles, tanto em termos de distância como dos obstáculos que os separam da terra natal (“Para além das montanhas nebulosas, frias”). Registram a urgência de seu anseio de regresso (“Devemos partir antes de o sol surgir”). Enfim, e de maneira mais importante, descrevem a motivação principal: seu tesouro mágico e perdido. (“Em busca do pálido ouro encantado.”) Essa estrofe sozinha oferece a maior parte da explicação sobre o que os anões estão realmente fazendo.

Nas estrofes seguintes, obtemos um *insight* a respeito da natureza dos anões. Os cenários dentro da canção são todos sombrios e agourentos, cheios de penumbra subterrânea. Os anões recordam os “calabouços perdidos” e a

“profundeza onde dorme a incerteza”. Realmente, eles não se gabam dos salões subterrâneos, nem atribuem alguma beleza a eles. O que sem dúvida importa para os anões são os tesouros que são produzidos no interior daqueles “vazios”, que ecoam com a música dos martelos ressonantes.

Embora o lar dos anões pareça escuro e soturno, os trabalhos que requerem a destreza dos anões, em contraste, são associados com a luz. Os anões captam a luz e a prendem “nas gemas do punho da espada”. Enfileiram estrelas em colares, fazem coroas de fogo de dragão e fundem a “luz do sol e da lua” em cordão. Aparentemente, os anões não precisam do sol em seus vazios profundos e sombrios; as “pedras douradas reluzentes” deles são seu sol e sua lua, o foco de seu amor e sua paixão. Quando os anões repetem a primeira estrofe, mudam a maneira pela qual expressam o propósito de sua jornada, passando de “Em busca do pálido ouro encantado” para “Reivindicando nossos tesouros há muito esquecidos” (se os outros se esqueceram desse fato, fica evidente que os anões não o esqueceram). A introdução do pronome possessivo aqui é importante, já que, nesse momento, o foco da música passa do tesouro apenas para o relacionamento dos anões com ele:

Para seu uso taças foram talhadas
E harpas de ouro. Onde ninguém mora
Jazeram perdidas, e suas cantigas
Por homens e elfos não foram ouvidas.

Zumbiram pinheiros sobre a montanha,
Uivaram os ventos em noites azuis.
O fogo vermelho queimava parelho,
As árvores tochas em fachos de luz.

Tocaram os sinos chovendo no vale,
Erguiam-se pálidos rostos ansiosos;
Irado dragão feroz se insurgira

Arrasando casas e torres formosas.

Sob a luz da lua fumavam montanhas;
Os anões ouviram a marcha final.
Fugiram do abrigo achando o inimigo
E sob os seus pés a morte ao luar.

Para além das montanhas nebulosas, implacáveis
Adentrando cavernas, calabouços mortiços
Devemos partir antes de o sol surgir,
Reconquistando dele nossas harpas e nosso ouro!

A segunda metade da canção começa com outra estrofe em homenagem ao trabalho manual dos anões, mas anuncia como o foco mudou. Agora, a canção enfatiza como os anões talharam taças "para seu uso", e que jaziam "onde ninguém mora". Escutamos as canções dos anões e suas harpas de ouro, mas ficamos sabendo que aquelas canções são privadas, "Por homens e elfos não foram ouvidas". Tendo visto o amor dos anões pelos trabalhos que requerem engenho, agora vemos seus segredos e sua possessividade.

É no contexto de sua privacidade, da posse do tesouro, que os anões falam a respeito da invasão do dragão e da violação e destruição de seu reino. Observemos que a canção nunca realmente descreve Smaug, o dragão; ele não é um personagem deste poema. Em vez disso, os anões descrevem os efeitos da vinda dele, sempre indiretamente. As árvores da montanha zumbem sob o vento das asas do dragão e, em seguida, queimam como tochas quando ele incendeia a montanha. As torres e casas dos homens do vale são arrasadas, não por Smaug, mas pelo "irado dragão", por sua raiva – ele está despersonalizado. Não temos uma imagem direta de Smaug rastejando nos abrigos da montanha e matando os anões; em vez disso, temos os anões que escutam a "marcha final" e, em seguida, fogem do abrigo, para "sob os seus pés a morte ao luar". Mais uma vez, o foco está totalmente sobre os anões vitimados, em vez de sobre o dragão, que

está os matando. A história da queda do reino dos anões da Montanha Solitária que Thorin e seus amigos cantam é contada de maneira a manter o foco sobre as vítimas mortas pelo dragão e sobre a destruição provocada por ele. É o que os anões querem lembrar; aparentemente, quase querem evitar transformar Smaug no personagem principal da história deles.

No entanto, os anões, sem dúvida, não o esqueceram. A estrofe final, a terceira ocorrência do canto que se repete, enfatiza o propósito central deles: recuperar o que lhes foi roubado. As novas palavras rimadas introduzidas três vezes – *grim* (implacável), *dim* (mortiço) e *him* (dele) – indicam a atitude e seriedade dos anões. Se voltarmos e considerarmos o último verso da estrofe repetida, poderemos vislumbrar a forma geral do foco dos anões nessa aventura. Começa com o enaltecimento da glória do "pálido ouro encantado", passa para os "tesouros há muito esquecidos" *deles*, e termina com o desejo implacável deles não só de recuperar o tesouro, mas de reconquistá-lo, vingando-se do dragão que o roubou.

O amor dos anões pelo seu tesouro é ardente e ciumento, coberto de tristeza e escuridão. Começa naqueles lugares profundos e escuros descritos pelas duas primeiras estrofes, e termina com o "negócio escuro" da vingança. Os anões utilizam essa expressão, "negócio escuro", para descrever seus planos logo depois do término da canção. Depois do fim da música, todos estão sentados no escuro, pois a noite caiu e o fogo se extinguiu. Quando Bilbo quer ir buscar a lamparina, os anões lhe dizem: "Gostamos do escuro para negócios escusos!" Thorin e seus amigos são os bons companheiros dessa história, e seu povo foi a vítima de uma atrocidade terrível, a qual eles sentem muitíssimo por motivos muito naturais. No entanto, há algo inegavelmente escuro e inquietante acerca daqueles anões, ao lado de sua associação com o estranho mundo de aventura do tipo Tûk.

Bilbo, mesmo no seu estado máximo Tûk, não consegue realmente se relacionar bem com os anões, e aquele momento no fim da canção dos anões ilustra aquele fato muito bem. Bilbo, tendo emergido de seu breve encantamento pela canção dos anões, é perturbado pela escuridão, e se sente dividido

mentalmente. O narrador nos relata: “Estava muito pouco disposto a ir buscar uma lamparina, e muito disposto a fingir que ia fazê-lo e se esconder atrás dos barris de cerveja na adega.” A parte menor de sua mente é a parte Tûk, disposta a continuar participando daquela reunião estranha. A parte maior é a parte Bolseiro, querendo se safar completamente daqueles visitantes perturbadores. Observemos, porém, que *nenhuma* das partes simpatiza com a escuridão do pensamento dos anões. Bilbo procura escapar dela ou iluminá-la, mas não consegue entrar nela. Sua perspectiva é muito diferente da dos anões, e aquela separação não é meramente produto da divisão entre Tûk e Bolseiro. Como veremos em todo o livro, Bilbo nunca se ajusta verdadeiramente com seus companheiros.

A escrita de *O Hobbit*: uma introdução à fantasia

Antes de passarmos para o segundo capítulo e para o início real da aventura de Bilbo, gostaria de retroceder um passo para considerar uma visão mais ampla do que Tolkien alcança nesse capítulo de abertura. Tolkien estava muito consciente do desafio artístico que enfrentava para escrever uma obra de literatura fantástica, especialmente porque esse gênero literário estava longe da corrente literária predominante no começo do século XX. Ele sabia que, quando os leitores deparassem com sua história em *O Hobbit*, teriam de deixar para trás seu mundo rotineiro e confortável e investir suas imaginação num mundo de prodígios mágicos e inesperados. No primeiro capítulo, Tolkien nos dá um modelo de seu próprio processo no interior da história. Começamos no nosso mundo seguro e previsível, e, no primeiro capítulo, caímos num mundo de magos, anões e dragões. Nessa transição, acabamos ao lado de um protagonista que está enfrentando exatamente o mesmo processo; um personagem que, ele

próprio, internaliza o conflito entre o mundano e o assombroso. Nossa primeira introdução a esse mundo de aventura mágico, implacável e perigoso é também a introdução do personagem, e sua relutância e dificuldade em se ajustar a ele nós dá tempo para superar com calma nosso desconforto e nossas reservas. Bilbo Bolseiro serve de pedra de toque perfeita para os leitores, explorando e encarnando a delicada fronteira entre o previsível e o inesperado.

Em *O Hobbit*, Tolkien também enfrenta um desafio adicional, em que os leitores mais jovens são basicamente seu público-alvo. Quando Tolkien introduz os leitores ao seu mundo fantástico, podemos vê-lo mostrando uma sensibilidade cuidadosa com as crianças leitoras. O primeiro encontro do leitor com Gandalf, o mago, é um bom exemplo. A primeira recordação de Bilbo a respeito de Gandalf é seu ato de presentear o "Velho Tûk com um par de abotoaduras mágicas de diamantes que se abotoavam e nunca soltavam até que fosse ordenado". Por um lado, isso é verdadeiramente assombroso, um truque que possui o esplendor não só da magia, mas também das pedras preciosas, enchendo-o de assombro. Esse foi um presente raro e precioso de Gandalf ao seu amigo. No entanto, como nossa primeira introdução à feitiçaria de Gandalf, é, de certa forma, uma obra estranha, uma mágica impressionante, mas um tanto doméstica. O que logra é levar o mundo da magia e feitiçaria ao contato das rotinas diárias das crianças, convidando-as a imaginar o quão maravilhoso seria ter abotoaduras em suas roupas que não só fossem feitas de diamantes, mas que se abotoavam instantaneamente por meio de uma palavra. Mesmo os feitiços mais espetaculares de Gandalf, seus fogos de artifício, recordam o mundo trivial, pois fogos de artifício não mágicos bastam para inspirar admiração numa criança, e Tolkien invoca essa experiência como ponto de partida para as imaginações de seus leitores. Os fogos de artifício mágicos e incríveis de Gandalf (que, sem dúvida, provocaram enorme impressão em Bilbo na sua juventude) dão às crianças um vislumbre de quão mais alto o teto está em relação ao assombro nesse incrível mundo novo. Tolkien torna seu mundo fantástico acessível imaginativamente para seu público jovem, embora ainda enfatizando como ele é mágico e assombroso.

Tolkien também é muito engenhoso e sensível em relação a como introduz as crianças aos elementos mais sérios de sua história. Por exemplo, quando Thorin está listando os esplendores do reino anão de outrora durante sua história da chegada de Smaug, menciona o ouro e as joias dos anões, mas sua ilustração básica da habilidade artesanal dos anões trata dos "brinquedos mais assombrosos e mágicos, do tipo que não são encontrados no mundo atual". O ponto culminante de seu relato a respeito da prosperidade do reino é o fato de que "o mercado de brinquedos do Vale era a maravilha do Norte". De modo divertido, Thorin dá sequência a essa declaração com uma transição agourenta: "Sem dúvida, foi isso que trouxe o dragão." Tolkien parece quase sugerir que a cobiça de Smaug foi estimulada principalmente pelos brinquedos maravilhosos. Dessa maneira, Tolkien traz a cobiça e o desejo dos dragões para dentro do escopo da experiência e da imaginação infantil. Ele também consegue tocar no desejo dos dragões pelo tesouro com apenas uma sugestão de frivolidade, o que serve para enfraquecer as arestas de seu terror para seu público jovem.

O fato é que a história que Tolkien está começando a contar é bastante séria e, de vez em quando, até horripilante. Thorin e seus companheiros estavam vivendo no exílio desde que foram expulsos muitos anos atrás, errando no ermo sem casa e carentes de tudo. Estão se preparando para começar uma expedição quase sem esperança para se vingar do dragão monstruoso que massacrou seu povo e destruiu suas casas. No primeiro capítulo, porém, Tolkien, de forma persistente, combina a história amarga com uma irreverência de tom. Quando a casa de Bilbo é invadida pelos anões e sua vida é virada de ponta-cabeça, Tolkien cuida de manter o estado de espírito leve, observando que "foi a quarta-feira mais estranha de sua vida". Mesmo o massacre dos anões na Montanha Solitária é deixado mais leve em certo ponto, quando Gandalf observa que Smaug estava muito gordo para caber na passagem secreta estreita depois de "devorar tantos anões e homens do vale". O que mais chama a atenção é como os tons de Tolkien reduzem a tragédia do desaparecimento e da morte sob circunstâncias misteriosas e terríveis do pai de Thorin, fazendo Gandalf começar de forma bastante esquisita a história, observando que ele "partiu em 21 de abril,

cem anos atrás, na última quinta-feira". Tolkien lida com coisas sérias e assustadoras, mas ainda se esforça, por meio de viradas cômicas de frase, em impedir *O Hobbit* de se tornar amedrontador.

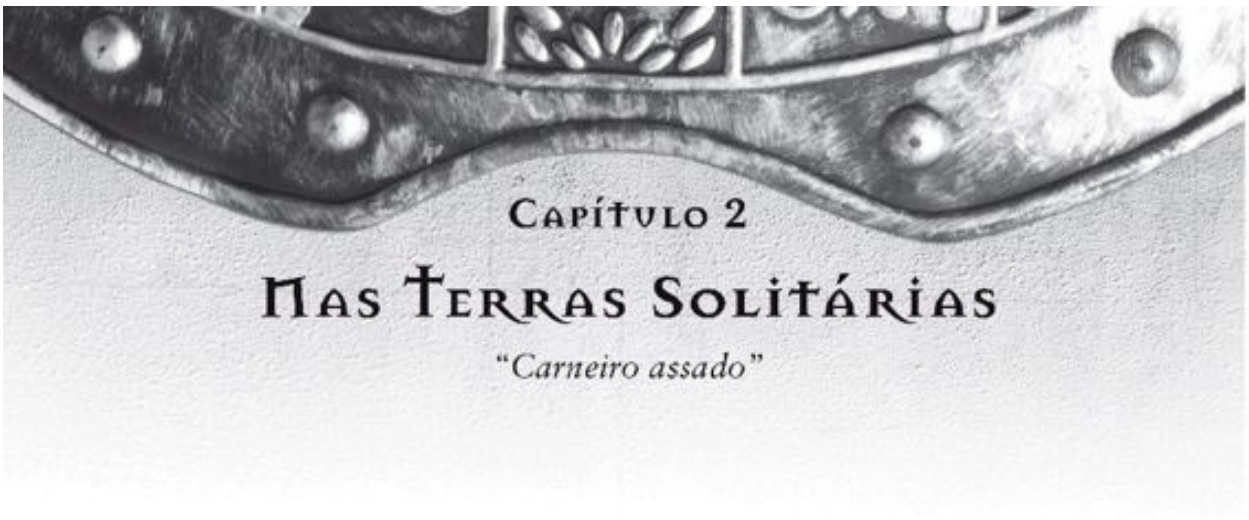
A escolha reflete a atitude de Tolkien em relação às crianças e às histórias infantis em geral. Por um lado, ele é sensível aos medos das crianças, e não quer assustar o público infantil. Por outro, não tem o desejo de protegê-lo completamente de coisas sérias ou até pavorosas. Em seu ensaio "On Fairy-stories" ["Sobre os contos de fadas"], em que Tolkien explica muitas de suas teorias acerca da literatura fantástica, ele afirma que as histórias infantis nunca devem ser simplesmente cor-de-rosa, livres de tudo que é sombrio ou assustador. Ele insiste no valor educacional das boas histórias que lidam com assuntos sérios, com o bem e o mal, reconhecendo que existem coisas horríveis e assustadoras no mundo. "As crianças precisam crescer", Tolkien explica, "e não virarem Peter Pans. Não para perder a inocência e a curiosidade; mas para seguir na jornada designada". Sustenta que "na mocidade imatura, boba e egoísta, o perigo, a dor e a sombra da morte podem conferir dignidade e até, de vez em quando, sabedoria".[9]

No final de *O Hobbit*, veremos que o tom e o estado de espírito mudam muito desde o início cômico e irreverente. Enquanto Bilbo persegue seu objetivo e ganha sabedoria e experiência, a história em si amadurecerá. No primeiro capítulo, Tolkien prepara paulatinamente seus jovens leitores para a jornada, e, se eles se mantiverem determinados de modo Tûk a segui-la até o fim, como Bilbo, descobrirão que eles também mudaram e cresceram gradualmente ao longo do curso da aventura.

Notas

5. Em seus primeiros escritos, Tolkien muitas vezes utilizou as palavras *fada* e *elfo* alternadamente. Embora depois passasse a utilizar *elfo* quase de maneira exclusiva, as duas palavras são sinônimas em *O Hobbit*.

6. Em algumas edições de *O Hobbit*, Beladona Tûk é chamada de “fabulosa”, em vez de “conhecida”.
7. Parte do que ofende Bilbo no comentário de Gloin são as implicações de classe por ser comparado a um comerciante de secos e molhados, pois Bilbo, evidentemente, não pertence à classe trabalhadora. O narrador nunca menciona explicitamente nada relacionado a esse insulto social, mas isso, sem dúvida, acrescenta mordacidade.
8. Em sua maior parte, a tradução das canções é de autoria de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta, tradutores de *O Hobbit*, editora WMF Martins Fontes. (N. do T.).
9. J. R. R. Tolkien, “On Fairy-stories,” em *The Tolkien Reader* (Del Rey, 1986), 137.



A natureza de Bilbo: nem Tûk, nem Bolseiro

Na apresentação de Bilbo no início do primeiro capítulo, o narrador descreve o livro como "a história de como um Bolseiro tem uma aventura", acrescentando: "Ele pode ter perdido o respeito dos vizinhos, mas ganhou... bem, veremos se ganhou algo no fim." À medida que atravessamos *O Hobbit*, quero seguir o lembrete que Tolkien nos deu nesse trecho, prestando atenção a como Bilbo muda e se desenvolve através de suas aventuras e, como o narrador indica, o que ele ganha a partir dessas mudanças no fim. No primeiro capítulo, consideramos como Tolkien cria a personalidade de Bilbo, estabelecendo o conflito entre as naturezas Bolseiro e Tûk. No segundo capítulo, veremos com o que realmente se parece o ajuste brando e protegido de Bilbo à vida de aventuras.

O capítulo começa com o que parece ser um grande anticlímax. Bilbo acorda

e verifica que os anões e o mago partiram, deixando somente muitas pilhas de louça suja para trás. Dificilmente parece a direção que a história estava tomando na noite anterior, mesmo se considerarmos apenas a trajetória do desenvolvimento da personalidade de Bilbo. Na véspera, Bilbo passou por diversas perturbações interiores. Sua imaginação e suas emoções foram despertadas pela canção dos anões, mas, em seguida, ele ficou reduzido a ataques de terror gritante com as perspectivas dos perigos da jornada. Por fim, inspirado pela raiva e pela dignidade ofendida ao ser insultado pelos anões, tomou a decisão muito improvável de acompanhá-los em sua aventura. Ainda que Bilbo evidentemente mantivesse reservas no final do capítulo, somos levados a acreditar que o lado Tûk venceu.

No segundo capítulo, quando Bilbo acorda, a determinação Tûk da noite anterior parece ter se evaporado quase completamente. O narrador nos revela que a esperança de Bilbo era de que a festa inesperada tivesse sido apenas um sonho ruim. Bilbo mostra um lampejo breve e residual do espírito Tûk, sentindo-se “um pouco decepcionado” que os anões tivessem aparentemente decidido partir sem ele. No entanto, o lado Bolseiro volta logo a assumir o comando. Ele fica surpreso com sua breve decepção, mas imediatamente se repreende por causa disso, descartando os anões, o dragão e a expedição, considerando-os um “absurdo excêntrico”, e se censura por fazer papel de bobo. Veste seu avental e assume a tarefa “tristemente real”, mas agradavelmente não aventureira de lavar a louça, restabelecendo sua vida sossegada e previsível. É como se a limpeza da evidência da festa tivesse, em certo sentido, a apagado, pois ele até começa a “se esquecer da noite passada”. Bilbo parece estar voltando com muita satisfação para sua vida modorrenta de Bolseiro; no momento em que está se sentando para um “agradável e ligeiro segundo desjejum na sala de jantar diante da janela aberta”, seu mundo parece devolvido ao equilíbrio anterior.

De novo, a aventura irrompe sobre ele. O súbito aparecimento de Gandalf pode não ser tão inesperado quanto a festa do dia anterior, mas o impacto é ainda mais perturbador. Cinco minutos após a chegada de Gandalf, Bilbo está atravessando a porta e deixando sua casa, sem fazer nenhum preparativo para a

jornada. O passo mais importante que Bilbo dará em sua vida – a decisão de deixar sua casa e seu mundo confortável, partindo rumo ao desconhecido – é tomada quase sem ele perceber. O narrador afirma que “até o fim de seus dias, Bilbo não consegue se lembrar de como se viu” fora de sua casa e se jogando na estrada. No final das contas, Bilbo é arrastado para sua aventura sem que seus lados Tûk ou Bolseiro tenham muito a dizer a respeito.

Como Bilbo nunca realmente decide deixar a casa, fica num estado muito indeterminado. Para fazer a escolha, com sangue-frio, de atravessar a porta e deixar Fundo do Saco para trás, seu lado Tûk teria de ter estado no controle muito mais firme do que vimos alguma vez no primeiro capítulo. Bilbo é capaz de ter estado “determinado da maneira Tûk a seguir em frente com as coisas” no final de sua conversa na escuridão da noite, mas vimos como a decisão logo se evaporou no sol da manhã do dia seguinte. Porém, a intervenção espantosa de Gandalf deixa seus impulsos antagônicos ainda sem solução. Fisicamente, Bilbo não está pronto nem preparado para a jornada, e seu estado psicológico se encontra em confusão similar. Ele acaba começando sua aventura sem jamais determinar se quer ou não fazer isso.

Bilbo nem mesmo tem um casaco para viajar. Assim, precisa pedir emprestados uma capa e um capuz de Dwalin, que tem sobrando. O traje de aventureiro de segunda mão é “grande demais para ele, e Bilbo ficou com uma aparência bastante cômica”, ficamos sabendo. A imagem de Bilbo cavalgando com seu capuz de anão mal-ajambrado é a representação perfeita do estado de Bilbo quando ele começa suas viagens. Ele está viajando, figurativa e literalmente, em roupas emprestadas; são estranhas, nada respeitáveis e não caem bem. O narrador enfatiza esse ponto, lembrando, nesse momento, a tradição familiar superprevisível, comentando: “O que seu pai, Bungo, diria daquilo, não me atrevo a pensar.” No entanto, o que vemos em Bilbo não é simplesmente um aspirante a aventureiro, mas também um aventureiro incompetente. De certa forma, Bilbo está alegre de se destacar naquele grupo estranho, confortando-se com o fato de que “ele não pode ser confundido com um anão, pois não tem barba”. Bilbo se equilibra entre seus impulsos Tûk e

Bolseiro, simultaneamente tentando se encaixar e alegre por não o conseguir.

Bilbo entrou numa espécie de terra de ninguém, um lugar muito embaraçoso, em que nenhum lado dele se sente satisfeito. Rapidamente, ele perde o respeito dos vizinhos (ou perderia, se pudessem vê-lo), mas ainda não está ganhando o respeito dos anões. Thorin fala de esperar a "pessoa respeitável" de Bilbo na taverna do Dragão Verde, mas isso parece ser um comentário claramente sarcástico da parte dele. Sem dúvida, Thorin não respeita Bilbo, como podemos ver em seu comentário depreciativo na noite anterior, oferecido com "cortesia falsa", quando afirma "supondo que o especialista ladrão nos dê algumas ideias ou sugestões". O uso de "respeitável" na carta de Thorin salta à vista, supondo que a respeitabilidade integral era para a reputação da família Bolseiro. É evidente que o respeito dos anões e o respeito dos vizinhos hobbits de Bilbo são mutuamente excludentes, e Bilbo está atualmente no limbo, não tendo nenhum deles.

A jornada física, no início, também corresponde ao estado interior de Bilbo. A princípio, eles estão viajando por um "país muito respeitável, habitado por gente decente". A expedição aterradora com seu presságio de perigo mortal revelou ser um passeio a cavalo através de um belo país. Esse é exatamente o tipo de viagem que Bilbo aprecia, e começa "a sentir que as aventuras não são tão ruins assim". Gandalf até trouxe o cachimbo de Bilbo e alguns lenços de bolso. Esse sentimento, porém, não é seu lado Tûk emergindo com força real: naquele momento, Bilbo só acha que gosta de aventuras porque ainda não teve nenhuma. Nesse primeiro estágio, ele está sob a mesma ilusão em que afundou depois de escutar a canção dos anões, quando imaginou por curto tempo aquelas proezas estéreis e isentas de perigo como uma boa e longa caminhada.

Em breve, contudo, eles atravessam "terras onde as pessoas falavam de maneira estranha e cantavam canções que Bilbo nunca escutou antes". Esse elemento comparativamente brando de estranheza revela ser só transicional, e eles logo ingressam nas "Terras Solitárias, onde não existiam pessoas, nem tavernas e estalagens, e as estradas ficavam cada vez piores". Nesse capítulo, Bilbo está, de fato, nas terras solitárias. Seu mundo Bolseiro confortável está

desaparecendo, mas ele também continua separado de seus novos companheiros, não pertencendo a nenhum lugar e não se ajustando com ninguém.

Sua resposta à situação é começar a bater em retirada em sua mente para Fundo do Saco, querendo estar em casa, em sua “bela toca, ao lado do fogo, com a chaleira começando a apitar!”. Isso, é claro, será um refrão repetido ao longo do livro, como o narrador indica, revelando-nos: “Não foi a última vez que ele desejou isso.” A imagem específica de sua cadeira ao lado da lareira e de sua chaleira é a perfeita e pequena destilação de seu antigo mundo Bolseiro, seguro, confortável, civilizado e agradável, a que ele frequentemente retornará em busca de refúgio quando se sentir oprimido, infeliz ou com medo. A primeira ocasião que desencadeia esse recuo imaginativo não é de perigo ou medo, mas de desconforto deprimente. Eles estão acampando nas Terras Solitárias, e tudo dá errado: não conseguem acender o fogo, um pônei carregado de comida se atira no rio, e eles não têm muita comida sobrando. O narrador completa o quadro de miséria descrevendo o “pingar, pingar” irritante da água da chuva sobre suas cabeças sob as árvores. Essa adversidade parecerá muito mansa em retrospecto, em comparação com algumas das dificuldades que Bilbo encontrará depois, mas, naquele momento, é mais do que suficiente para fazê-lo se arrepender daquela aventura do tipo Tûk e buscar conforto no aconchego de seu mundo de recordação do tipo Bolseiro.

Ao colocar Bilbo no estágio “Terras Solitárias” de sua transformação, Tolkien nos oferece a história por meio da perspectiva de um personagem que se situa nas margens de dois mundos. Dessa maneira, o autor é capaz de apresentar a história de dois ângulos distintos ao mesmo tempo. Somos capazes de compartilhar o assombro (e o nervosismo e o medo) que Bilbo sente de vez em quando, quando cenas novas e inimagináveis se abrem diante dele. No entanto, ao mesmo tempo, Tolkien também não tem de pedir para investirmos cegamente nesse mundo novo e estranho, pois, como Bilbo é nosso representante nessa história, nunca perderemos contato com sua perspectiva muito realista sobre aquele mundo fantástico.

Bilbo, o ladrão: um começo

No primeiro capítulo, Tolkien chama nossa atenção para a identificação de Bilbo como ladrão. Como podemos lembrar, Gandalf informa com ênfase para os anões: “Se eu digo que ele é um ladrão, ladrão ele é, ou será quando a ocasião se apresentar.” No segundo capítulo, aparentemente, os anões aceitaram a palavra de Gandalf a esse respeito, ao menos de forma provisória. Sim, Thorin está sendo provavelmente bastante irônico quando trata o senhor Bolseiro de “Bilbo, o ladrão” em sua carta, mas a discussão deles na floresta úmida perto da fogueira do acampamento dos trolls mostra que estão, ao menos, dispostos a cooperar com a ideia. Claro que inicialmente procuram Gandalf, mas quando não o encontram, viram-se para Bilbo, comentando: “Afinal, temos um ladrão conosco.” Ainda que possa parecer ridículo, Bilbo é o único aventureiro “profissional” que eles têm consigo, na ausência de Gandalf.

Ao se aproximar da fogueira que viram no escuro, Bilbo está aceitando o título e a função de ladrão pela primeira vez na prática real. Contudo, o narrador reconhece bastante sutil e divertidamente que há alguma dúvida a respeito da adequação do rótulo. Finalmente, quando os anões dizem “Agora é a vez do ladrão”, o narrador acrescenta “querem dizer Bilbo”, como se pudéssemos não ter certeza absoluta a respeito de a quem os anões estão se referido. Quando, pela primeira vez, Bilbo se apresenta como ladrão, imediatamente tomamos conhecimento de um fato interessante. Talvez Bilbo parecesse mais o dono de uma mercearia que um ladrão quando estava parado sobre o capacho na porta de Fundo do Saco, mas, no fim das contas, ele tem o conjunto pertinente de habilidades para ser um ladrão excelente. Ele é capaz de se mover tão em silêncio que nem “mesmo uma doninha teria movido sequer um fio de seu de bigode à sua passagem”. Seu primeiro trabalho profissional não terminou como planejado, mas não devemos ignorar o fato de que Bilbo tem êxito em bater a

carteira de William. Dificilmente ele pode ser responsabilizado por não saber que a carteira emitiria um som e o denunciaria.

Em *O senhor dos anéis,* Frodo recordará o encontro de Bilbo com os trolls de forma nostálgica, como a "primeira aventura bem-sucedida de Bilbo".[10] Considerando o que realmente acontece em *O Hobbit*, parece uma descrição um tanto generosa. A missão de Bilbo, lembremos, é simplesmente mover-se furtivamente até a fogueira e ver se tudo está "perfeitamente seguro e tranquilo". Quando Bilbo percebe que há três trolls zangados sentados em volta da fogueira, ele confirma mais ou menos uma falta completa de segurança ou tranquilidade, e deveria escapulir, voltando direto para seus companheiros para lhes informar. Em vez disso, ele assume um risco desnecessário, que acaba com os anões todos pegos e quase devorados pelos trolls. Como Bombur comenta numa observação encantadoramente aliterante, "que hora para ficar praticando furtos e afanar bolsas... quando o que queríamos era fogo e comida".[11] De uma perspectiva friamente calculista, Bilbo dificilmente se revestiu de glória nessa pequena aventura.

No entanto, a coisa mais importante acerca desse incidente com Bilbo é sua escolha consciente de aceitar e tentar viver à altura do título que Gandalf lhe deu; uma escolha que, de certo ponto de vista, é bastante inesperada. Na realidade, ele nem mesmo tomou a decisão de deixar sua casa e iniciar a aventura, e, lembremos, esse é o hobbit que sofreu um colapso sobre o tapete e começou a gritar e tremer como geleia ante a mera menção do perigo. Naquele momento, Bilbo não só concorda em adentrar à noite no perigo desconhecido de uma floresta escura e agourenta como também insiste em fazer uma coisa muito mais perigosa do que aquela que lhe foi pedida. Voltar correndo para os anões tão logo avistasse os trolls não seria só a escolha mais prudente, mas também cumpriria sua missão. Ele acha, porém, que "não pode voltar para Thorin e Companhia de mãos abanando". O que o motiva é o desejo de pôr em prática a recomendação de Gandalf, e talvez ganhar o respeito de seus novos companheiros. Quando Bilbo desliza sua mão no bolso de William, cometendo seu primeiro ato de "ladroagem", afirma para si com satisfação efêmera "esse é

um começo!”. Pode não ser um sucesso completo, mas é, de fato, o início oficial da trajetória aventurosa de Bilbo.

Os anões: nem dando respeito, nem merecendo respeito

No segundo capítulo, há dois momentos em que obtemos um pouco mais de *insight* a respeito da personalidade dos anões. O primeiro é a carta que Thorin deixa no console da lareira. O tom é extravagantemente formal e profissional, com referência a “lucros totais”, “despesas de viagem” e “despesas de funeral a serem pagas por nós ou nossos representantes”. De fato, parece claro que Thorin está parodiando a linguagem formalizada dos contratos: parte dela de maneira tão exagerada que nem mesmo faz sentido. Ele afirma que os termos do contrato são “pagamento em espécie na entrega”, o que soa muito apropriado até pensarmos a respeito disso por alguns segundos. O que é o dinheiro prometido em pagamento na entrega? O que Bilbo deve entregar? Toda a reserva de tesouro, uma carga-hobbit por vez? Isso seria perguntar muito!

De fato, assumo a linguagem formal pomposa da carta como uma piada à custa de Bilbo. Lembremos que Thorin ficou irritado quando Bilbo assumiu sua “postura comercial” e perguntou a respeito de toda a situação para deixar “tudo simples e claro”, pedindo detalhes a respeito das “despesas desembolsadas”, da “remuneração” e de outras legalidades. Em sua carta, Thorin parece adotar aquele tom de formalidade inadequada, devolvendo-o para Bilbo de uma maneira calculada para parecer um pouco tola.

Além disso, aparentemente, Thorin está zombando de Bilbo pela covardia dele no dia anterior, quando Bilbo ficou aterrorizado com a insinuação de Thorin de que eles talvez nunca retornassem da jornada. Thorin se oferece para cobrir as despesas do funeral de Bilbo, “se a ocasião surgir e a questão não se resolver de

outra maneira”. Essas disposições alternativas de funeral seriam o corpo de Bilbo ser perdido num penhasco, e lavado com água de rio, talvez arrastado e despedaçado por animais selvagens ou, como última possibilidade, devorado pelo dragão. A alusão delicada em excesso e hiperformalizada em relação aos perigos da jornada parece uma maneira de caçoar do hobbit tanto por seu medo como por se refugiar na linguagem legal quando alvoraçado.

Apesar do desdém que Thorin parece sentir em relação ao seu novo funcionário e companheiro, os anões não o abandonam quando Bilbo se mete em confusão. Quando Bilbo deixa de retornar de seu reconhecimento da fogueira no bosque, vão atrás dele para ver se ele precisa de ajuda, até mesmo antes que Bilbo possa tentar dar o sinal de socorro de ruídos de coruja de que Thorin o incumbiu. Em virtude da opinião desfavorável que Thorin parece ter a respeito de Bilbo, podemos pensar que ele consideraria uma perda pequena a captura de um ladrão tão inútil. No entanto, Thorin e seus companheiros se colocam em perigo muito real para resgatá-lo. Thorin pode ser cético e arrogante, mas honra suas barganhas e se mantém fiel aos seus companheiros.

No segundo capítulo, outro aspecto interessante das ações dos anões é exatamente o quão ineficazes são as tentativas deles de ajudar Bilbo. Os anões demonstram sua nobreza, mas também sua total incompetência. A chegada dos anões a Fundo do Saco é a intrusão do mundo de aventuras na vida de Bilbo; eles são quase identificados com o mundo selvagem. Apesar disso, porém, devemos notar que os anões em si não são aventureiros calejados, especialistas. Podem comentar maliciosamente que a falta de lenços de bolso de Bilbo será a menor das privações que ele terá de suportar na jornada, mas quando o grupo realmente cai na estrada, os anões ficam resmungando por refeições regulares no mínimo tão ruidosamente quanto o hobbit.

Além disso, nossos anões ferreiros parecem ter começado sua jornada inteiramente desarmados. Isso pode parecer incompreensível, mas ou eles não têm armas ou não pensam em levá-las quando investigam uma fogueira estranha no escuro, da qual um de seus companheiros não conseguiu voltar; lembremos que Thorin tem de enfrentar os trolls com gravetos que arranca da própria

fogueira dos trolls. Nenhuma das opções aplaude a habilidade e o planejamento dos anões: ou seja, Bilbo não assinou contrato com o Dream Team. A ingenuidade dos anões também é impressionante. Quando avistam a fogueira dos trolls a distância, decidem investigar com base na premissa de que “qualquer coisa era melhor que pouco jantar, nenhum café da manhã e roupas molhadas toda a noite”. Aparentemente, quando são empacotados nos sacos dos trolls e esperam ser cozidos e comidos, começam a repensar aquela análise. Apesar da opinião desfavorável de Thorin a respeito de Bilbo, os próprios anões parecem apenas um pouco mais acostumados à vida na natureza do que o novo ladrão.

Trolls: os terrores cockney

Se os anões não conseguem nos impressionar como heróis, os trolls também podem nos surpreender como vilões. Os três trolls são, acima de tudo, figuras cômicas, claramente elaboradas para gerar risadas. Eles têm nomes da classe trabalhadora, sotaque cockney e bebem cerveja do jarro. Rolam sobre o chão, brigando como alunos de colégio, golpeando um ao outro com pedaços de pau. Lançam insultos tolos entre si, como “estúpido” e “idiota”, e o narrador nos assegura (na minha frase favorita do livro) que esses são “nomes perfeitamente verdadeiros e adequados”. Os trolls são personagens realmente engraçados.

Contudo, não podemos ignorar o fato de que os trolls possuem um lado sério. O que ficamos sabendo a respeito da natureza dos trolls é bastante arrepiante. Eles são feitos de “material das montanhas”, e a essência de seu ser é tão ligada ao sombrio que a luz do sol os destrói. Eles são pedra viva, animados pela escuridão, muito fortes e se deleitam em matar. Podem ser engraçados, mas não são piada; mesmo os elfos evitam a região por causa do medo em relação aos trolls.

No primeiro capítulo, vimos como Tolkien tratou assuntos sérios ou

assustadores com um toque cômico, irreverente, apresentando coisas sombrias de maneira a impedi-las de ser muito opressivas e amedrontadoras. Em nenhum outro lugar de *O Hobbit* essa estratégia é mais bem executada que na descrição dos trolls.

Descobrimos acerca dos aspectos terríveis da natureza dos trolls e do medo que inspiram somente no final do encontro, depois da chegada de Gandalf e de eles estarem seguramente petrificados. Quando Tolkien nos apresenta aos trolls, ele define a cena de maneira muito deliberada. Ao descrever o que Bilbo vê quando investiga a clareira perto da fogueira, o narrador não diz apenas que ele vê três trolls. Se tivesse feito isso, poderíamos começar imaginando alguma imagem terrificante. Em vez disso, o narrador descreve uma cena inicial que é muito caseira, até mesmo confortante. Há “uma grande fogueira de lenhas de faia”, um “carneiro sendo assado” sobre “longos espetos de madeira”, “um barril de boa bebida à mão” e “um cheiro agradável, gostoso”. Somente depois dessa imagem plácida o narrador nos informa que as “três pessoas muito grandes” sentadas em volta do fogo são “trolls, sem dúvida”. Ele não nos impele a imaginar os trolls até os ter situado num ambiente comparativamente não ameaçador.

O tratamento de Tolkien a respeito da conversa dos trolls é magistral. O conteúdo da conversa deles, por si só, é simplesmente horripilante. Eles sentem saudade do gosto de carne humana, e um deles revela de forma casual que, recentemente, mataram e comeram pessoas em quantidade suficiente para encher “um vilarejo e meio”. Claro que ele pode estar exagerando, mas não temos motivos para achar que está inventando. Tolkien suaviza esses detalhes angustiantes chamando a atenção não para o que o troll diz, mas para como ele diz. O narrador expressa desaprovação, não a respeito da crueldade dos trolls, mas sim a respeito da gramática sofrível e da fala grosseira deles, que “estava longe de ser adequada a uma sala de visitas, muito longe”. Logo depois de fazer o comentário acerca do massacre de um vilarejo e meio, William devora um grande pedaço de carneiro “e limpa a boca com a manga”. Nesse momento, o narrador comenta: “Sim, receio que os trolls se comportam dessa maneira.” A

parte cômica é que não fica claro que comportamento do troll o narrador está lamentando: o massacre de cidades inteiras, cheias de gente, ou a limpeza da boca com a manga. Tolkien consegue registrar a brutalidade dos trolls nas mentes dos leitores, embora difundindo-a com o acúmulo da mera indelicadeza e das péssimas maneiras deles.

Também não é coincidência que quando Bilbo e seus amigos encontram os trolls, os momentos que podem ser os mais perturbadores também são os mais divertidos. Em particular, estou pensando a respeito das muitas vezes em que os trolls falam a respeito de comer Bilbo e os anões. Como se não bastasse o fato assustador de Bilbo ter sido capturado e quase devorado como jantar, os trolls ainda fazem referências à arte de cozinhar. Um troll que avalia o hobbit prisioneiro e especula a respeito de quanta carne sobrará após o hobbit ser esfolado e desossado (como se estivesse exposto no balcão de um açougue) não é tão assustador. Independentemente de quantas vezes eu tenha lido *O Hobbit*, não contenho o riso ao deparar com a sugestão de Bert de que, se conseguissem tirar um pouco mais de carne, poderiam fazer um empadão. Mesmo Bilbo parece participar da piada; enquanto está sendo suspenso pelo cabelo pela mão do troll, gagueja um jogo de palavras espirituoso: “Sou um bom cozinheiro, e cozinho melhor do que sou cozinhado, se entendem o que quero dizer. Vou cozinhar muito bem para os senhores, um perfeito desjejum para os senhores, desde que não me sirvam de ceia.”[12] Bilbo, ameaçado de uma morte pavorosa, não obstante capta o espírito do encontro.

A captura dos anões funciona de maneira similar. Os anões são atirados em sacos e, em seguida, são forçados a escutar os trolls debatendo sobre como suas vítimas devem ser preparadas para a refeição. Os ideia dos trolls fazendo um intervalo para ter essa discussão é altamente cômica; não poderíamos esperar trolls antropófagos tão absorvidos num debate culinário, esquecendo-se da única coisa que deviam temer acima de todas as outras: o nascer do sol.

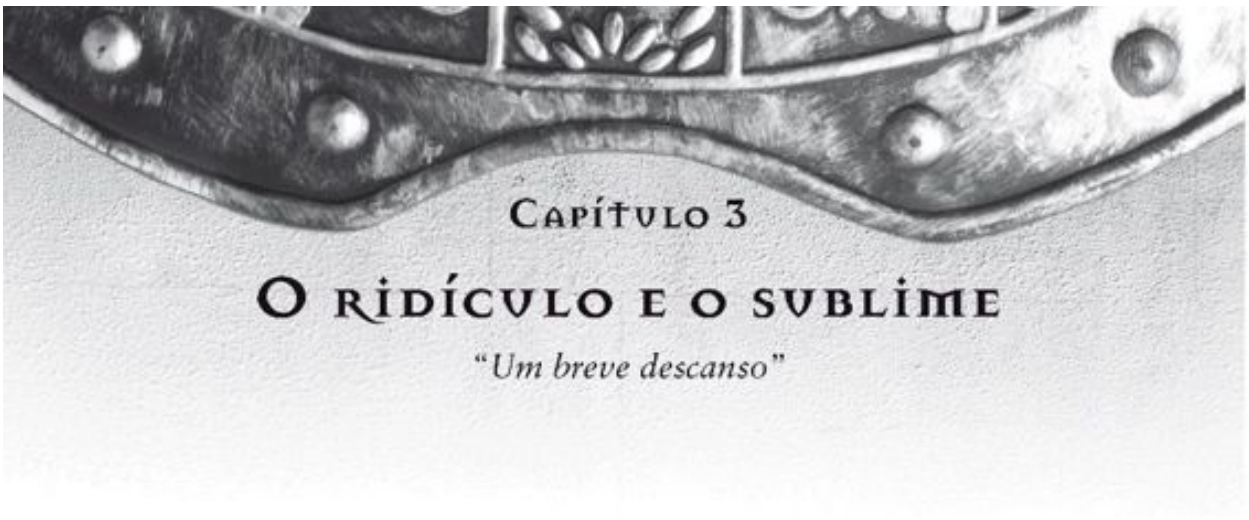
Podemos talvez achar “Carneiro assado” um título um tanto estranho para esse capítulo. De fato, talvez seja o título de capítulo mais peculiar de todo o livro. Sem dúvida, o carneiro em si desempenha o menor papel possível nos

eventos do capítulo. Notemos, porém, como o título antecipa toda a abordagem de Tolkien para a descrição dos trolls. A comida é, de fato, o foco principal do episódio. Ao se referir ao carneiro nos espetos dos trolls no título da capítulo, Tolkien fixa nossa atenção sobre os meios de os trolls obterem e prepararem sua ceia. Eles estão comendo carne de carneiro, embora desejando carne humana, mas estão "muito propensos a experimentar anão assado". Tolkien poderia ter intitulado o capítulo de "Anão assado e empadão de hobbit", mas isso teria sido horripilante. No título, como no próprio capítulo, a ameaça está presente, mas submersa.

Tolkien elimina o terror referente ao encontro com os trolls, mas devemos notar que, mesmo por meio dos toques cômicos, ele consegue chegar ao ponto sério desejado. Os trolls não são derrotados nem destruídos por seus inimigos. Gandalf os engana, mas não os domina. Os trolls são vítimas da própria cobiça e da própria controvérsia. Gandalf só atiça esses pontos fracos e, em seguida, deixa que os trolls provoquem a própria destruição. Em resumo, eles se destroem por si mesmos. Esse é um princípio geral nas obras de Tolkien, e encontraremos exemplos disso por toda parte. O que é verdade a respeito dos trolls será verdade a respeito de Smaug posteriormente, e também será verdade a respeito de Sauron, Gollum e Saruman em *O senhor dos anéis.*

Notas

10. J. R. R. Tolkien, *The Fellowship of the Ring* (Mariner Books, 2012), 201.
11. No original, "*silly time to go practising pinching and pocket-picking... when what we wanted was fire and food*". (N. T.)
12. No original, "*I am a good cook myself, and cook better than I cook, if you see what I mean. I'll cook beautifully for you, a perfectly beautiful breakfast for you, if only you won't have me for supper*".



Elfos: o vale é alegre

Quando passamos dos trolls burlescos das Terras Solitárias para os elfos de Rivendell, podemos esperar uma transição do ridículo para o sublime. Se essa for nossa expectativa, vamos nos decepcionar rapidamente. Em *O Hobbit*, quando entramos em contato com os primeiros elfos, nós os encontramos cantando a plenos pulmões uma canção muito estranha, cheia de versos como "tra-la-la-láli" e "ha! ha!". Para os leitores que conhecem *O senhor dos anéis*, essa apresentação de Rivendell parecerá particularmente desafinada, mas mesmo aqueles ainda não acostumados com Tolkien podem ficar surpresos com a frivolidade dos elfos.

Aparentemente, os elfos não têm nenhuma dignidade. Eles cantam tolices a partir das árvores (se estão no alto das árvores ou entre elas não fica claro), e a conversa deles parece bastante infantil. Caçoam dos anões a respeito de suas longas barbas. Importunam Bilbo pelo fato de ele ser gorducho. Decididamente

são tão afrontosos e indiscretos que Gandalf tem de silenciá-los e repreendê-los como uma sala de aula cheia de crianças de 5 anos: “Silêncio! Silêncio! Pessoal!... Os vales têm ouvidos, e alguns elfos têm línguas soltas demais.” De modo geral, os elfos parecem quase tão ridículos quanto os trolls.

A opção de Tolkien em descrever os elfos dessa maneira parece enigmática. Afinal, sua decisão de recobrir os trolls potencialmente assustadores com irreverência e riso faz sentido. A comédia suaviza o horror referente a monstros antropófagos. Mas por que caracterizar os elfos como frívolos? Parece quase impedir que nós os levemos a sério. No entanto, não devemos ser tão apressados em descartá-los; o narrador nos alerta sobre isso. Ele nos diz que Thorin e seus amigos acham os elfos importunos e os consideram tolos, mas nos adverte que isso “é uma coisa muito tola de achar”. Aparentemente, Tolkien está sugerindo que há algo mais em relação aos elfos do que podemos ver a princípio.

Para descobrirmos quem são os elfos, devemos fazer a mesma coisa que fizemos com os anões no primeiro capítulo: prestar atenção à canção deles e ver o que ela nos mostra a seu respeito. Isso parece especialmente adequado, pois é a canção em particular que torna difícil para a maioria dos leitores levar a sério os elfos de Rivendell. O narrador antecipa plenamente isso, é claro, chamando a canção de “ridícula” e comentando, em seguida, para o leitor, “muita bobagem, atrevo-me a dizer”. Porém, deveremos fazer uma consideração não preconceituosa a respeito dela se quisermos entender quem são realmente os elfos.

A canção dos elfos parece simples e fragmentária. Enquanto a canção dos anões, especialmente na segunda metade, conta a história da invasão e ruína da Montanha Solitária, a canção dos elfos consiste de uma série desconexa de perguntas simples e fundamentações de fatos ainda mais simples com a ajuda generosa de sílabas sem sentido.

A primeira estrofe ilustra o padrão muito bem:

Ei, o que você está tramando?
Aonde você está indo?

Os pôneis mal andando!
O rio vai fluindo
Ei! Tra-la-la-láli
Aqui embaixo no vale

Os elfos começam com duas perguntas, que parecem desencadear uma conversa bastante comum; eles indagam aos estranhos recém-chegados o que eles estão fazendo e para onde estão indo. De fato, pode ser um pouco incomum *cantar* esse tipo de pergunta, mas talvez possamos superar essa pequena excentricidade. No entanto, se olharmos um pouco adiante, poderemos perceber que os elfos já conhecem muitíssimo bem as respostas para essas perguntas. Seus comentários um tanto desrespeitosos mostram que eles sabem exatamente quem são seus visitantes. “Olhem só!”, eles afirmam. “Bilbo, o hobbit, sobre um pônei...! Não é delicioso?!” A referência indiscreta ao fato de Bilbo estar “gordo demais para passar por buracos de fechadura” demonstra que sabem tudo acerca do que os anões estão fazendo, descendo até o mapa secreto e a chave. Bilbo se admira do fato de que os elfos parecem saber tudo a seu respeito. Por que, então, eles estão formulando perguntas inúteis em sua canção?

Se voltarmos para a primeira estrofe, seremos capazes de perceber que os elfos dão sequência às suas perguntas totalmente desnecessárias com duas observações bastante peculiares: o fato de que os “pôneis (dos viajantes) estão mal andando” e que o “rio vai fluindo”. Por que os elfos destacam essas coisas na canção? Estão zombando de Bilbo e de seus companheiros por estarem cansados da estrada após sua longa jornada? A correnteza do rio deve ser algum tipo de notícia de última hora? Suporia que Bilbo identificou isso sozinho. Esses dois versos parecem quase tão gratuitos quanto as perguntas da abertura.

E que sentido devemos tirar dos dois últimos versos? O último verso, “aqui embaixo no vale”, soa como a conclusão de um pensamento, mas qual? *O que* está “embaixo no vale”? A sintaxe dos versos sugere, de maneira bizarra, que “tra-la-la-láli”, que soava inicialmente como sílabas meramente rítmicas, sem sentido, na realidade funciona como sujeito e verbo daquela frase. Em certo

sentido inescrutável para os meros mortais, “tra-la-la-láli” parece ser o que está acontecendo “embaixo no vale”.

As segundas e terceiras estrofes da canção seguem a mesma linha. São afirmações muito mais óbvias, envolvendo fatos simples, como as “lenhas estão fumegando” (Ei, olhe: a fumaça está subindo daquelas lenhas queimando ali!) e as “tortas estão assando” (Uau! Há bolos de aveia assando!). Também há diversas outras perguntas supérfluas para as quais os elfos já têm as respostas. Como vimos, eles sabem muito bem o que os anões estão procurando e o que estão “fazendo”. O único propósito aparente de formular essas perguntas seria importunar os anões e Bilbo a respeito do fato de que os elfos já sabem o segredo da expedição deles. Essa motivação parece mais sem rodeios nos versos exagerados: “Sem saber, sem saber / O que traz o senhor Bolseiro / E Balin e Dwalin / embaixo no vale.” O fato é o seguinte: os elfos sabem e parecem sentir prazer em se referir continuamente a isso.

Os elfos terminam sua apresentação com o que parece quase uma descortesia ou, no mínimo, uma insensibilidade inconsciente:

Fugir seria tolice
Ficar seria divertido
E ouvir com atenção
Até o amanhecer
A nossa canção
Ha! Ha!

Lembremos que os anões e Bilbo acabaram de concluir uma jornada fatigante através de um país perigoso. Recentemente, quase foram mortos por trolls e perderam a maior parte de seu estoque de comida pouco antes disso. Os elfos que os receberam na chegada na “Última Casa Amiga”, em vez de convidá-los a entrar para comer e descansar, sugerem que os anões estariam numa situação melhor ficando fora da casa, nas árvores, com eles, escutando as canções até o amanhecer. Lembremos que eles comentam naquela mesma estrofe que a luz do

dia está morrendo naquele momento, e, assim, os elfos estão convidando seus hóspedes para se juntar a eles por cerca de nove horas de “Tra-la-la-láli”. Eles até mesmo comparam uma possível (e provável) recusa de seu convite bizarro a uma fuga, como se fosse um ato covarde.

Todas as coisas consideradas, a canção dos elfos não parece fazer mais sentido quando a lemos com cuidado do que na leitura inicial. Na verdade, soa ainda mais estranha, e seus cantores parecem ainda mais incompreensíveis. Se achamos os elfos tolos após nossa primeira leitura da canção, uma segunda leitura pode nos fazer achá-los doidos varridos.

Inegavelmente, os elfos são peculiares, mas mesmo agora apontaria para três sugestões que Tolkien nos deu que devem nos deixar cautelosos a respeito de considerar os elfos como simplórios. A primeira é uma afirmação que já mencionei: o cuidado parentético do narrador de que considerar os elfos tolos é “uma coisa muito tola de achar”. A segunda é a resposta de Bilbo ao convite aparentemente ridículo dos elfos para terminar sua longa e cansativa jornada ficando acordado toda a noite escutando-os cantar. O narrador observa que “cansado como estava, Bilbo teria gostado de ficar por um tempo. O canto dos elfos não é algo para se perder, em junho sob as estrelas, não se você se importa com essas coisas”. Bilbo Bolseiro, entre todas as pessoas, realmente considera abrir mão do descanso e da comida, por mais cansado e faminto que estivesse, a favor de escutar as canções dos elfos. As letras das canções podem ser sem sentido, mas parecem ser algo mais do que podemos entender, a julgar pela reação de Bilbo. A terceira sugestão é a descrição do narrador a respeito dos sentimentos de Bilbo acerca dos elfos em geral. Ficamos sabendo que Bilbo “adorava os elfos, embora raramente os encontrasse; mas ele também tinha um pouco de medo deles”. Bilbo não está muito familiarizado com os elfos, mas ele tanto os ama como os teme; uma mistura de reações conflitantes que testemunha a respeito da estranheza deles, mas também insinua algo maior, que o próprio Bilbo só entende de maneira imperfeita.

Eu sugeriria que esses trechos nos estimulam a recuar e considerar os elfos e a canção mais uma vez. Notemos que os elfos não cantam apenas aquela canção

idiota; eles estão cantando quase constantemente. Estão cantando quando Bilbo e os anões chegam. Cantam quando os anões cruzam o rio. Têm planos de cantar toda a noite, e ainda estão cantando quando chega o momento de os aventureiros partirem. Podemos também reparar que os elfos riem quase frequentemente. Eles brincam com os anões e Bilbo, caçoando deles e rindo deles. Mas não são meros zombadores; os elfos riem o tempo todo, de quase tudo. Tanto eles como suas canções são, em geral, consideradas "alegres", e a primeira canção deles é descrita como "uma explosão como risada nas árvores". A repetição frequente de "ah! ah!" parece ser uma tentativa de representar de forma impressa a alegria do seu canto. Os elfos são felizes e conseguem se deleitar com tudo.

Numa terceira leitura, portanto, a canção deles começa a parecer um pouco diferente. As palavras absurdas são como risadas transformadas em música. As perguntas desnecessárias e impertinentes são como uma piada prolongada, tendo graça tanto em relação ao segredo dos anões como em relação ao próprio conhecimento dos elfos. As fundamentações de fatos desconexos e óbvios são, para mim, os elementos mais característicos e interessantes da canção. Naqueles momentos, os elfos divagam num prazer puro e móvel a respeito do mundo ao seu redor. Eles estão encantados com tudo: com o rio correndo ligeiro e ruidoso, com o cheiro da madeira queimando, com os biscoitos de aveia assando, com as barbas e os pôneis dos anões, e com a passagem da tarde para o crepúsculo da noite. O canto contínuo dos elfos, com a risada frequente, é uma expressão desse deleite, sendo a falta de restrição do prazer que sentem com as coisas ao redor deles que os faz parecer absurdos.

Se os anões acham os elfos tolos é porque eles se levam muito a sério, assim como sua expedição. Lembremos, por exemplo, a maneira ponderada e até pretensiosa de Thorin falar quando está comentando acerca da expedição deles no primeiro capítulo, até fazendo uma pausa para frisar: "É um momento solene." Os elfos não parecem ser solenes a respeito de nada e, sem dúvida, teriam rido se escutassem Thorin dizer algo assim. O segredo e a solenidade dos anões são quase tão prazerosos quanto a rotundidade e domesticidade dos hobbits – ou os salpicos e os murmúrios da correnteza dos rios. A alegria dos

elfos sugere não que eles se mantêm à parte do mundo e das pessoas, rindo ou zombando delas, mas sim que estão conectados ao mundo num sentido mais profundo e mais estranho, sentindo prazer de diversas maneiras.

Na canção "ridícula" dos elfos de Rivendell, portanto, acredito que Tolkien está tentando nos dar um vislumbre dessa perspectiva um tanto mística dos elfos. Ele até apresenta isso num tom e modo de falar que as crianças podem entender e com os quais podem se relacionar: a risada deles, o modo impertinente de tratar e as palavras extravagantes. Bilbo, que foi nosso representante até esse momento no mundo mágico em que ele e nós entramos juntos, fica comovido pelo canto dos elfos, valorizando-o quase mais do que a satisfação do lado Bolseiro referente à comida, bebida e ao descanso, mesmo quando ele está cansado e faminto. O júbilo dos elfos transcende aqueles simples prazeres, e acredito que, nesse caso, Tolkien está procurando transmitir um vislumbre daquela perspectiva elevada e transcendente para um público juvenil. É uma tarefa muito difícil, e não acho que Tolkien seja completamente bem-sucedido, mas acredito que é o que ele está procurando fazer.

Há uma outra breve referência no início dessa cena que os leitores de *O Hobbit* muitas vezes consideram enigmática, e acho que ilustra, em resumo, o que acontece ao longo do resto da cena. Quando Bilbo olha para baixo, na direção do vale, seu primeiro comentário um tanto surpreendente é: "Hmm! Isso está me cheirando a elfos!" Esse comentário nunca é explicado, e não somos informados em *O Hobbit* a respeito do cheiro dos elfos.[13] Parece um comentário bizarro, mas também é um tanto persistente; a partir do "Hmm!" de Bilbo parece que eles cheiram muito bem, e que essa fragrância o toca de uma maneira indefinível, da mesma forma que o canto deles. Observemos o que acontece pouco depois de ele sentir o cheiro deles: "Ele ergueu os olhos para as estrelas, que brilhavam claras e azuis." Aparentemente, o aroma dos elfos o estimula a contemplar coisas elevadas e encantadoras, tornando-se sensível à beleza, a qual ele podia admitir como natural de outra forma. O comentário de Bilbo é cômico, mas também aponta para uma ideia que é muito difícil de captar e uma experiência que é muito difícil de descrever, exatamente como a canção dos

elfos.

Há, é claro, outro lado dos elfos: eles são mais do que meros cantores alegres, que se deleitam com o mundo natural. Também são um povo antigo, com uma história longa e trágica. Se emergirmos do canto deles ainda os considerando tolos e frívolos, os trechos que Tolkien revela a respeito da história deles ajuda a neutralizar isso. Tomamos conhecimento de que Elrond e seu povo estão ligados a "histórias estranhas antes do início da História, as guerras dos goblins diabólicos, dos elfos e dos primeiros homens do Norte". O narrador alude àquelas histórias como se já estivéssemos familiarizados com elas (se você tivesse lido *O Silmarillion*, de fato conheceria as histórias às quais ele se refere). No entanto, lembremos que quando *O Hobbit* foi publicado em 1937, e mesmo quando a edição revisada foi impressa em 1951, aquelas histórias não haviam sido publicadas e eram totalmente desconhecidas pelos leitores de *O Hobbit*. Nesse caso, tudo o que temos é o entendimento genérico de que esse povo aparentemente frívolo está ligado diretamente com batalhas em que guerreiros dos tempos antigos lutaram contra exércitos de maldade terrível, em tempos remotos de lendas heroicas. Sem dúvida, a história deles também é triste; o único detalhe dado é o fato de que, outrora, havia uma grande cidade de elfos chamada Gandolin e que foi destruída por dragões e goblins há muito tempo. Os elfos podem ser "gente alegre", cujo canto e conversa estão cheios de fantasia, mas também somos solicitados a ligá-los com os misteriosos e imponentes "Altos Elfos do Oeste", e a alegria deles é notável pela majestade e dor da sua história.

A figura central entre os elfos é Elrond, mestre de Rivendell, e Tolkien torna completamente impossível para nós considerá-lo como frívolo ou cabeça-oca. Sua descrição reúne os superlativos de todos os povos. Elrond é "nobre e tem o rosto belo de um senhor élfico, forte como um guerreiro, sábio como um mago, venerável como um rei dos anões, generoso como o verão". Tendo sido apresentados à alegria que os elfos captam do mundo, em Elrond somos apresentados à sua beleza, força, poder e autoridade. Seu poder sobre as criaturas diabólicas é estabelecido numa declaração simples: "Seres malignos nunca entraram naquele vale." Talvez, no fim do capítulo, possamos começar a

entender melhor a reação confusa de Bilbo em relação aos elfos; como ele, ao mesmo tempo, gosta deles e os teme um pouco. Os elfos são caseiros, amistosos, sorridentes e ávidos por incluir seus hóspedes em sua alegria. No entanto, também são altos e antigos, mantendo um poder desconhecido e uma autoridade serena. Portanto, é apropriado que os consideremos estranhos quando os encontramos pela primeira vez, pois são, de fato, estranhos para a experiência humana, mas é, realmente, uma "coisa muito tola" considerá-los tolos.

A natureza de Bilbo: tanto Tûk quanto Bolseiro

A estada de Bilbo em Rivendell fornece-lhe mais do que apenas o "breve descanso" aludido no título do capítulo. Na companhia dos elfos e na comodidade da casa deles, Bilbo experimenta, pela primeira vez, uma vida que pode satisfazer as duas partes de sua natureza dividida. É a casa perfeita para se alimentar, dormir, sentar e pensar. Nenhum Bolseiro pode querer mais em termos de conforto, sossego e segurança. No entanto, também é a casa perfeita para contar histórias e cantar, e o mundo das antigas e grandes lendas do passado ainda vive ali, na casa do grande Elrond e de seu povo. Em Rivendell, a pessoa pode, de fato, desfrutar de "uma mistura agradável" de todas essas coisas, que nunca se juntaram na experiência de Bilbo. Em Fundo do Saco, o lado Tûk de Bilbo estava adormecido. Na jornada, seu lado Bolseiro protesta, reclama e deseja estar em casa ao lado da lareira. Rivendell, no entanto, é o lugar perfeito.

Em Rivendell, Bilbo vislumbra uma reconciliação real entre suas duas naturezas: uma vida em que ele pode se permitir ser levado por canções de aventura, tragédia e deleite, e, no entanto, também se sentir seguro e confortável. O narrador nos mostra a profundidade da satisfação de Bilbo, revelando-nos o fato notável de que, enquanto ele está com Elrond e os elfos, para de sentir

saudade de Fundo do Saco. Tomamos conhecimento de que “Bilbo teria de bom grado ficado ali para todo o sempre, mesmo que um desejo pudesse levá-lo de volta para sua toca hobbit sem problemas”. Bilbo reconhece que mesmo sua toca hobbit, aquela imagem de aconchego e segurança, a que ele se apega quando se sente em apuros, não consegue competir com a satisfação mais profunda, mais rica e mais completa da vida com os elfos em Rivendell. Quando chega o momento de Bilbo e os anões partirem, ele não está só descansado, mas também revigorado. Seu coração está “pronto para mais aventuras”.

Sorte: boa fortuna e profecia

O terceiro capítulo chama nossa atenção para um tema que será cada vez mais importante ao longo do restante do livro: a boa sorte notável de Bilbo e seus companheiros. O primeiro exemplo de sorte extraordinária que observamos ocorre no fim do segundo capítulo. Depois da petrificação dos trolls, Bilbo é capaz de deixar seus companheiros entrarem no refúgio dos trolls usando a chave que ele encontrou no chão após ela ter caído “muito afortunadamente” do bolso de William enquanto os trolls brigavam entre si.[14] Na toca dos trolls, Gandalf e os anões encontram duas espadas e a faca de Bilbo. Sem dúvida, isso parece um golpe de sorte, já que os anões estavam desarmados, e as espadas “parecem boas lâminas” e possuem “belas bainhas e punhos cravejados de joias”.

Apenas no terceiro capítulo descobrimos como foi extraordinária a sorte deles. Ao ler as runas nas espadas, Elrond lhes diz que não são apenas “espadas muito antigas” e poderosas, mas também são “muito famosas”. Elas têm nomes – Orcrist e Glamdring –, e esta última pertenceu ao rei de Gondolin, antiga cidade dos elfos. Seria como ir de férias para a Índia e encontrar no mercado de um vilarejo uma espada que pertenceu a Alexandre, o Grande. A probabilidade de

isso não acontecer é descomunal. Ou seja, Thorin e seus companheiros tiveram uma sorte incrível.

Mas se ignorarmos a improbabilidade desse específico golpe de sorte, Tolkien reafirma o grau pelo qual a sorte está favorecendo Bilbo e seus amigos por meio da coincidência espantosa das letras lunares. Quando Elrond encontra as runas, explica que só seriam visíveis com a luz de "uma lua da mesma forma e da mesma estação do dia em que foram escritas". As letras "devem ter sido escritas numa véspera de solstício de verão, com lua crescente, muito tempo atrás", ele explica. Assim, não se trata apenas de que a mensagem oculta no mapa só é visível em um único dia de todo o ano, mas sim que só é visível quando a lua está numa fase específica naquele único dia do ano. Em outras palavras, por uma coincidência realmente incrível, os anões, por casualidade, dão o mapa para Elrond ler na única hora do dia, no único dia em *décadas* em que a mensagem teria sido visível. Aquilo sim era muita sorte! Não é um trecho sobre o qual Tolkien tem a expectativa que não percebamos e pensemos arespeito dele. O narrador chama nossa atenção, mostrando que só haveria outra chance de ler as runas "Deus sabe quando". Nesse ponto, podemos começar a nos perguntar se há algo misterioso em ação.

Nossas suspeitas só crescem quando consideramos a mensagem real explicitada pelas letras milagrosamente reveladas. As palavras são, de certa forma, instruções explicando como entrar na passagem do lado secreto da Montanha. No entanto, a única instrução real é: "Fique ao lado da pedra cinzenta quando o tordo bater." O restante não é um conjunto de direções, mas uma predição – "o sol poente com a última luz do Dia de Durin brilhará sobre a fechadura". Mesmo aquela primeira instrução contém uma predição, é claro: a batida do tordo. Observemos que não diz *um* tordo; a mensagem parece vaticinar a batida de um tordo específico. A sensação de que o que estamos lendo não é um aviso, mas sim uma profecia, é aprofundada pela referência ao Dia de Durin. Da mesma forma que somente a luz daquela lua específica, naquele dia específico, pôde revelar as runas, apenas a luz do sol poente, naquele dia específico, o dia dedicado a Durin, "o pai dos pais da tribo mais antiga dos

anões", revelará a fechadura. Thorin admite que não tem ideia de quando caíra o Dia de Durin, ou se aquele ano será um daqueles anos especiais em que aquele alinhamento específico do sol, da lua e da estação acontecerá. Contudo, se acontecer naquele ano, e Thorin e seus companheiros conseguirem estar ao lado de uma pedra cinzenta específica, na hora certa daquele dia específico, e o tordo certo aparecer e "bater" (ainda que não saibamos o que isso significa), então o buraco da fechadura será revelado para eles.

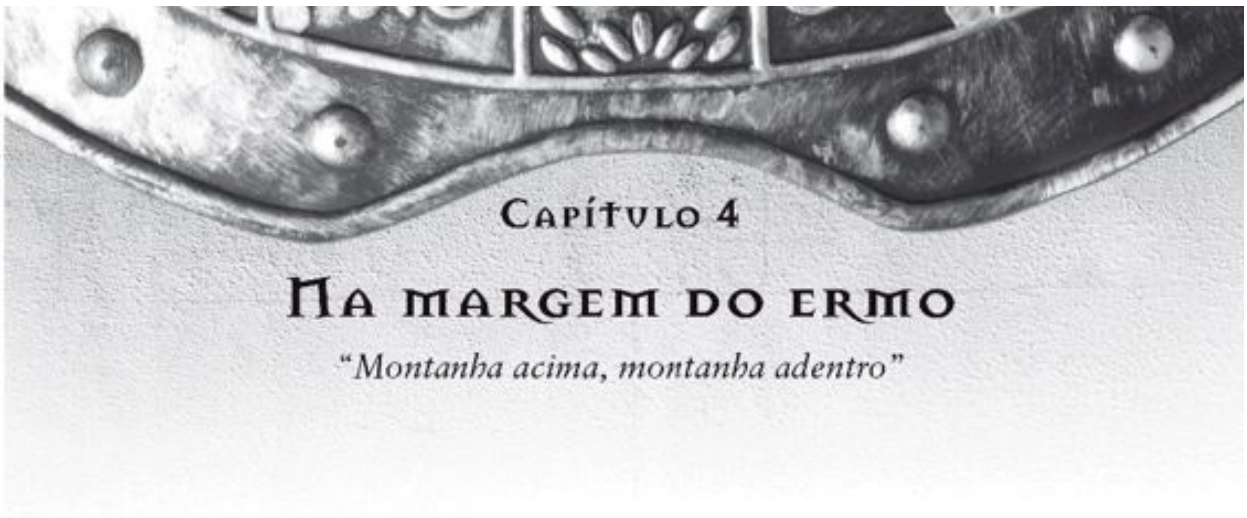
Aparentemente, há apenas duas reações lógicas que podemos ter em relação a essa longa série de eventos desenfreadamente improváveis. Podemos zombar deles e achar toda a história um tanto absurda, ou podemos começar a suspeitar que a aventura de Bilbo está sendo orquestrada por algum poder além da feitiçaria de Gandalf, o Cinzento, ou da sabedoria de Elrond de Rivendell. Eles próprios, claro, também se converteram em instrumentos dessa profecia, já que foi Gandalf que entregou o mapa e a chave para Thorin, e foi Elrond que, por acaso, segurou o mapa contra a luz da lua na hora certa do dia certo. Aparentemente, Gandalf suspeita de maneira arguta que algo imprevisível está acontecendo. O instinto de Thorin é preterir a referência ao Dia de Durin no mapa, afirmando: "Mas isso não ajudará muito, receio, pois está além de nossas habilidades saber quando isso acontecerá de novo". Gandalf responde: "Ainda não está claro, mas o tempo dirá"; ele, pelo jeito, não tem tanta pressa de preterir a mensagem, e parece acreditar que ela se tornará relevante, independentemente de quão improvável possa parecer. Com suavidade, Tolkien está chamando nossa atenção para o fato de que há um propósito maior em ação nos eventos dessa história, e estamos sendo motivados a suspeitar que a sorte incrível de Bilbo e Thorin não é acidental.

Notas

13. Na realidade, conseguimos uma sugestão a respeito do cheiro dos elfos em outra obra de Tolkien. Mais

ou menos na época em que estava escrevendo *O Hobbit*, Tolkien também escrevia um longo poema intitulado *The Lay of Leithian* [*A balada de Leithian]*, que só foi publicado depois de sua morte. Esse poema é a história de Beren e Lúthien, que é contada em *O Silmarillion*, e que Striden canta no vale sob Weathertop, em "Uma faca no escuro", capítulo de *A sociedade do anel*. Em *The Lay of Leithian*, Lúthien é descrita como uma donzela elfo que espalha em todos os lugares uma fragrância notável, o "odor de flores imortais / numa primavera eterna" (Canto XII. 3794-95). Esse é, suspeito, mais ou menos o cheiro dos elfos, e aquele que Bilbo está sentido na brisa perto de Rivendell.

14. No primeiro esboço de *O Hobbit* escrito por Tolkien, a chave que Bilbo achou no chão se revelou ser a própria chave que abre a porta secreta da Montanha Solitária. Apenas depois, revisando o livro antes de sua publicação, Tolkien converteu aquela chave na chave da toca dos trolls, e Gandalf entrega a chave da Montanha para Thorin. Assim, como podemos perceber, em seu conceito inicial, Tolkien estava planejando tornar a coincidência do achado da chave no chão ainda mais incrivelmente afortunada.



A natureza de Bilbo: no ermo

Rivendell é chamada de "A Última Casa Amiga", e fica num limite importante. Está na fronteira, com tudo do "país respeitável", onde uma pessoa pode achar boas tavernas e estalagens em relação ao Oeste. Quando você está em Rivendell, como Gandalf explica para Bilbo, você "chegou ao limite do Ermo". Como mencionei no terceiro capítulo, Rivendell não está situada exatamente nesse limite; a cidade o incorpora. A casa de Elrond é o lugar onde o mundo de confortos plácidos e o mundo das lendas se encontram e coexistem. O caminho além, para o Ermo, é "um caminho difícil e perigoso, um caminho tortuoso, solitário e longo".

A condição transicional de Rivendell, claro, possui uma implicação inquietante para Bilbo enquanto ele se prepara para seguir a jornada. Sugere que mesmo as Terras Solitárias e seus trolls antropófagos estão do lado oeste seguro e confortável em relação a Rivendell. Bilbo pode achar que já viu muito perigo

no momento em que chega ali, mas acontece que, na realidade, suas aventuras não começaram a sério. Bilbo demonstra sua ingenuidade quando ainda está no caminho para Rivendell. Captando a distância sua primeira visão de uma montanha, a mais próxima das Montanhas Nebulosas, ele imagina por curto tempo que está chegando perto do fim de sua expedição e que está vendo a própria Montanha Solitária. Quando Balin explica que o que ele vê é apenas o início do primeiro obstáculo importante que fica entre eles e a montanha assombrada pelo dragão que buscam, Bilbo sente "o maior cansaço que lembrava já ter sentido". Em reação, ele retrocede em sua mente para A Colina e Fundo do Saco, pensando sobre "sua cadeira confortável diante da lareira, em sua sala de estar favorita, em sua toca hobbit, e sua chaleira apitando". Mesmo quando ele ainda está a oeste de Rivendell, o mundo tranquilo do lar de Bilbo parece muito longínquo.

No outro lado da casa de Elrond, Bilbo pode ver claramente a extensão daquela separação. Quando os viajantes escalam os desfiladeiros da montanha, as terras pelas quais ele passou se estendem abaixo dele. Bilbo sabe que "seu país de coisas seguras e confortáveis e sua pequena toca hobbit" estão em algum lugar naquela vista, mas estão "a oeste, bem longe no oeste, onde as coisas pareciam azuis e apagadas". No título do capítulo, Tolkien assinala com alguma ironia a estranheza do mundo em que Bilbo ingressou. Tolkien caracteriza a jornada de Bilbo pelas montanhas e seu assustador desvio de rota com mitigação cômica, como um trecho "montanha acima, montanha adentro". A Colina, é claro, é o endereço residencial de Bilbo, mas o contraste entre descansar pacificamente ao lado de uma colina e ser arrastado por goblins sob outra não pode ser mais radical.

A distância entre a nova vizinhança de Bilbo e seu antigo lar é mais do que geográfica: ele foi arrastado para um mundo muito exótico. É um mundo em que "gigantes de pedra" aparecem casualmente e começam a "atirar pedras uns nos outros, como num jogo". Essas criaturas monstruosas não parecem ser hostis; de fato, estão "gargalhando" e parecem estar só se divertindo. No entanto, mesmo o esporte no Ermo é mortal e pode acabar com uma das partes sendo "apanhada

por algum gigante e chutado para o céu como uma bola de futebol”.[15] Mesmo as condições meteorológicas nas montanhas é monstruosa e gigantesca; acima dali, “os relâmpagos se dividem nos picos, as rochas tremem, e grandes estrondos cortam o ar, e vão ecoando e invadindo cada caverna e cada gruta; e a escuridão se enche de um ruído avassalador e de clarões inesperados”. Bilbo, filho das terras tranquilas do Oeste, “nunca viu ou imaginou algo desse tipo”.

Quando Bilbo é emboscado pelos goblins, as coisas passam de muito ruim para muito pior. Mesmo depois de seu resgate por Gandalf, ele e seus amigos ainda estão numa situação terrível: “Sem pôneis, sem comida, e sem saber exatamente onde estamos, e com hordas de goblins furiosos nos nossos calcanhares.” Imaginemos isso para um hobbit acostumado a achar doloroso chá sem bolo, e que considerava a disposição de viajar sem alojamento e café da manhã garantidos um grau impressionante de dedicação...

O quarto capítulo nos mostra um hobbit pequeno, amedrontado, que se sente muito deslocado no Ermo, mas há dois pontos que ajudam a colocar a posição de Bilbo no contexto. Primeiro, devemos notar que Bilbo não se sente muito mais oprimido que seus companheiros anões. O desconforto deles com os jogos dos gigantes de pedra e a pressa deles de se acomodarem numa caverna conveniente antes de a terem explorado a fundo sugere que estão se sentindo tão perplexos quanto Bilbo naquele mundo montanhoso opressivo. Mais tarde, quando estão fugindo dos goblins que os perseguem, os anões parecem mais profissionais e confiantes que o pequeno ladrão. Bilbo está se queixando: “Por que, por que fui deixar minha toca hobbit?”, e Bombur, que o está carregando, zomba dele, imitando-o: “Por que, por que fui trazer um hobbitzinho miserável numa caça ao tesouro?”. No entanto, as palavras condescendentes de Bombur são uma ilusão. Casualmente, ele está sugerindo que seu apuro corrente é apenas parte de uma caça ao tesouro, mas, na realidade, não está lidando com a situação melhor do que Bilbo. O narrador nos revela que Bombur está andando aos trancos e barrancos, “com o suor escorrendo pelo seu nariz, sentindo calor e terror”. Bilbo não tem habilidade para lidar com a situação, mas não é o único.

A segunda coisa que devemos lembrar é que, no meio de todos esses perigos,

Bilbo faz sua primeira contribuição real como membro da companhia de anões. No incidente com o troll, Bilbo, na realidade, não realizou nada positivo, a menos que se conte a descoberta por acaso da chave no chão. De fato, seu papel no encontro com os trolls teve um impacto negativo; ao ser capturado, quase provocou a morte de todos os anões. Na caverna dos goblins, porém, Bilbo, pela primeira vez, faz algo e salva a pátria. Na realidade, tudo o que ele faz é acordar e gritar cerca de um segundo antes que os goblins os capturem, mas ainda assim é alguma coisa. Bilbo pode estar tendo mais dificuldades do que com é capaz de lidar, mas já fez o suficiente para fazer o narrador afirmar: “No fim das contas, naquela noite, constatou-se ter sido uma boa coisa terem trazido o pequeno Bilbo com eles.” E como o narrador afirma: “E não pela última vez!”

O sonho que Bilbo está tendo logo antes de acordar e gritar também é digno de nota. É a segunda referência a um sonho de Bilbo no livro até agora. O primeiro parece bastante direto; no final do primeiro capítulo, tomamos conhecimento que ouvir Thorin reprisar a canção dos anões quando ele adormeceu provocou “sonhos muito desconfortáveis” em Bilbo. Não sabemos exatamente o que ele sonhou, mas seu desconforto combina bem com o conflito interno que vimos em Bilbo durante a Festa Inesperada. Se a canção o leva a ter pensamentos a respeito dos anões novamente, que o lado Bolseiro considera incômodos, ou se enche sua mente de medo e ansiedade a respeito dos perigos da expedição, é muito compreensível que ele deva ter sonhos agitados.

No quarto capítulo, parte do sonho de Bilbo pode também se relacionar com seu estado interior. Sem dúvida, sua visão final de si “começando a cair, cair, sabe lá para onde”, como Alice na toca do coelho, pode evocar a sensação de sua vida saindo de controle enquanto ele entra naquele mundo novo e assustador. No entanto, na parte principal do sonho, Bilbo, na caverna, simplesmente sonha a respeito do que está acontecendo ao redor dele: “uma fenda na parede, no fundo da caverna”, ficando “maior e maior”. O narrador não confirma isso explicitamente, mas parece que aqueles detalhes iniciais de seu sonho são exatamente o que ocorreu. O sonho de Bilbo é um sonho verdadeiro, revelando-lhe o perigo e o ajudando a acordar no devido tempo para gritar seu alerta.

Não temos informação suficiente para entender inteiramente o sonho de Bilbo na caverna, mas é um momento sugestivo. A princípio, é concebível que ele não esteja realmente dormindo, e veja o que está acontecendo na caverna num estado onírico antes de cair num sonho real em que acontece a queda. Contudo, se é um sonho real, então é como se Bilbo, de alguma forma, tivesse recebido algum tipo de aviso durante o sono, um *insight* do que está acontecendo no mundo da vigília, ao qual ele retorna por meio de um solavanco, no momento exato de emitir seu alerta.



Goblins: descendo, descendo para a cidade dos goblins



A fenda que Bilbo vê abrir em seu sonho introduz na história um dos mais importantes conjuntos de personagens típicos de todas as histórias de Tolkien: os goblins, ou "orcs", como ele os denominará em *O senhor dos anéis*.[16] Pela terceira vez, Tolkien nos apresenta um novo gênero de criaturas e nos dá uma canção dessas criaturas pouco depois de Bilbo ser apresentado a elas. Se considerarmos com atenção a pequena canção rude e cruel que os goblins cantam enquanto conduzem Bilbo e os anões para dentro de sua fortaleza, obteremos alguns *insights* importantes a respeito da natureza deles, e do relacionamento deles com elfos e anões.

A primeira estrofe da canção dos goblins oferece uma espécie de resumo da trama:

Bate! Rebate! É opaco o buraco!
Agarra, petisca! Prende, belisca!
Descendo, descendo à cidade dos goblins
Se vai, meu rapaz!

No original:

Clap! Snap! The black crack!
Grip, grab! Pinch, nab!
And down down to Goblin-town
You go, my lad!

Essa estrofe reconta a história da captura dos anões em termos muito simples: a fenda negra se abriu e se fechou; eles agarraram os anões; eles estão levando os anões e Bilbo para a sua cidade. Embora a narrativa da estrofe não nos diga nada que não conhecemos, o estilo nos diz muito. Essa estrofe é quase toda ação. Seis das nove palavras nos dois primeiros versos são verbos, e todos os verbos estão no tempo presente. Os goblins não estão realmente contando a história da captura na canção; eles estão revivendo o momento, saboreando a ação.

A canção também é simplista e rude. Exceto pela palavra *goblin*, todas as palavras na primeira estrofe possuem apenas uma sílaba. No entanto, não acho que isso seja elaborado para sugerir que os goblins são estúpidos e simplórios. Seu meio poético corresponde perfeitamente ao seu conteúdo. Os monossílabos que escolhem são predominantemente onomatopaicos; isto é, são sons ásperos transformados em palavras, tais como *clap*, *snap* e até *crack*, que é um dos poucos substantivos. O verso "*Clap! Snap! The black crack!*" é tão cheio de consoantes repetidas e explosivas que o próprio som do verso é violento. O resultado é um verso que soaria áspero, feio e cruel mesmo se não soubéssemos o que as palavras significam.

A segunda estrofe começa do mesmo modo, com quatro monossílabos onomatopaicos mais violentos:

Quebra, requebra! Esmigalha, estraçalha!
Martelos e travas! Aldravas e gongos!
Soca, soca, no fundo da toca!

Ho! ho!, meu rapaz!

No original:

Clash, crash! Crush, smash!
Hammer and tongs! Knocker and gongs!
Pound, pound, far underground!
Ho, ho! My lad!

Essa segunda estrofe não é apenas uma repetição da crueldade presente na primeira estrofe. Nesse caso, obtemos um vislumbre da cultura mais ampla dos goblins. Podemos observar, por exemplo, que nem todos os atos de quebrar e estraçalhar são destrutivos. Os goblins, como os anões, são ferreiros e artesãos. De fato, essa estrofe nos lembra a canção dos anões do primeiro capítulo:

Operavam encantos anões de outrora,
Ao som do martelo qual sino a soar
Na profundeza onde dorme a incerteza,
Em outros vazios sob penhascos do mar.

O verso dos anões a respeito dos sons do martelo parece mais atraente que “Soca, soca, no fundo da toca!”, mas as duas canções estão, sem dúvida, descrevendo a mesma coisa. A descrição posterior, em prosa, do narrador a respeito dos goblins faz a mesma conexão. Ele explica que os goblins “podem cavar túneis e minas tão bem quanto qualquer um, exceto os anões, que são mais habilidosos”, e, também como os anões, são bons fabricantes de armas e ferramentas. Os anões e os goblins parecem ter muito em comum em termos profissionais.

Da mesma forma que a canção dos anões revela a Bilbo “o desejo dos corações dos anões”, a terceira estrofe da canção dos goblins revela os verdadeiros corações dos goblins:

Zunido, estalido! Chicote, estampido!
Bate e martela! Chora e tagarela!
Trabalha, trabalha, e não atrapalha!
Em meio à bebida, alegres da vida
Os goblins tocam no fundo da toca
Lá embaixo, meu rapaz!

No original:

Swish, smack! Whip crack!
Batter and beat! Yammer and bleat!
Work, work! Nor dare to shirk,
While Goblins quaff, and Goblins laugh,
Round and round far underground
Below, my lad!

Novamente, temos verbos monossilábicos, mas, dessa vez, em vez de martelos, escutamos chicotes. Os goblins não se deleitam com o trabalho artesanal como os anões. O prazer deles está em se sentar preguiçosamente, bebendo, enquanto obrigam os outros a fazer o trabalho para eles. O narrador explica que, em geral, os goblins não suportam o trabalho como ferreiros ou mineiros; eles preferem explorar "prisioneiros e escravos que têm de trabalhar até morrerem por falta de ar e luz". Eles são cruéis e preguiçosos, como podemos perceber nos versos "Trabalha, trabalha, e não atrapalha! / Em meio à bebida, alegres da vida / Os goblins tocam no fundo da toca", que mostram os goblins se imaginando em descanso enquanto zombam de seus escravos. Observemos que essa estrofe possui um verso adicional: os goblins estão estendendo essa fantasia agradável, prolongando-se nela e a saboreando.

O prazer que os goblins desfrutam de suas ações também pode nos lembrar, de maneira horrível e tortuosa, do deleite que os elfos de Rivendell expressam em

relação ao mundo ao redor deles. O prazer dos goblins, porém, mostra-os como quase o extremo oposto dos elfos. Os elfos, na canção alegre e tola do terceiro capítulo, achavam graça em tudo que encontravam, desde a luz do sol em desvanecimento até as ferraduras gastas dos pôneis dos anões, reagindo a tudo isso com risadas. Os últimos três versos da canção deles simplesmente se dissolviam em risos de satisfação, terminando com “ha! ha!”. Os goblins também explodem em gargalhadas, mas o “Ho! ho!, meu rapaz!” deles é muito diferente. Eles obtêm diversão não das coisas como são, mas do poder sobre aquelas coisas, da capacidade de destruí-las ou fazê-las sofrer. O prazer dos goblins é tão pervertido e repugnante quanto o prazer dos elfos é inocente e sadio.

No entanto, o relacionamento entre os goblins e os anões é mais complicado. Sem dúvida, eles são bastante diferentes, ainda que ambos sejam conhecidos pelo trabalho em metal. A canção dos anões é cheia de contentamento com a beleza das obras de suas mãos, e muitas das coisas que eles descrevem não têm utilidade evidente, mas são simplesmente bonitas, como estrelas enfileiradas em colares de prata ou fogo de dragão pairando sobre coroas. A inteligência dos goblins é dedicada de modo pragmático a promover seus atos de crueldade. Eles “não fazem coisas bonitas”; eles são especialistas em armas e “instrumentos de tortura”. Além disso, o narrador especula que eles inventaram “algumas das máquinas que desde então inquietaram o mundo, especialmente os dispositivos engenhosos para matar muitas pessoas de uma vez”.[17] Os goblins, ao contrário dos anões, são muito práticos no empreendimento de seus projetos.

Contudo, os anões compartilham algo mais com os goblins do que apenas um dom para o trabalho em metal. Ambos estão associados com a escuridão e têm suas casas nos lugares profundos do planeta. Os anões, podemos nos lembrar, contam para Bilbo, em Fundo do Saco, que “gostam da escuridão” e a acham mais apropriada para discutir seus “negócios escusos”. A ligação dos goblins com a escuridão é muito mais completa do que a dos anões. Os goblins se cercam de “muito, muito escuro, uma escuridão em que apenas os goblins acostumados a viver no coração das montanhas conseguem enxergar”. Os

goblins não só gostam da escuridão como também estão vinculados a ela, pois não podem suportar o sol. Os anões não estão tão completamente ligados às sombras como os goblins, mas são, não obstante, criaturas da escuridão.

No entanto, a escuridão à qual os anões estão associados não é literal. Quando chamam seus negócios de "negócios escusos", sem dúvida querem dizer que são muito secretos, mas também parecem muito sinistros para Bilbo, que quer buscar uma lamparina. Se os corações dos duendes estão envolvidos em maldade e crueldade, também devemos nos lembrar das tendências dos anões de vingança e possessividade. Thorin e Companhia não são maus, mas, ao contrário dos elfos, são capazes de encontrar os goblins no próprio nível deles: o subterrâneo, fora da luz do sol. Antigamente, os anões guerrearam contra os goblins em retaliação ao assassinato de seu rei e capitão: Thror, avô de Thorin. A verdade incômoda é que, quando os goblins estão perseguindo furiosamente Gandalf e os anões no final do capítulo, perseguem-nos pelo mesmo e exato motivo: desforra pelo assassinato do Grande Goblin.

No entanto, apesar dessas semelhanças entre eles, Tolkien enfatiza principalmente as diferenças entre os goblins e Thorin e sua companhia de anões. O contraste mais exato que obtemos está uma vez mais numa canção: a canção que os anões cantam na cozinha de Bilbo, no primeiro capítulo. Enquanto rodopiam em torno da cozinha ordeira do hobbit, os anões cantam:

Copos trincados e pratos partidos!
Facas cegas, garfos dobrados!
Isso é o que o Bilbo Bolseiro detesta –
Garrafas em cacos e rolhas queimadas!

No original:

Chip the glasses and crack the plates!
Blunt the knives and bend the forks!
That's what Bilbo Baggins hates –

Smash the bottles and burn the corks!

Essa é apenas a primeira das três estrofes, que prosseguem na mesma direção. Se compararmos essa pequena canção com a canção dos goblins, acho que poderemos ver tanto as semelhanças como as diferenças entre elas com muita clareza.

A canção da cozinha dos anões, como a canção dos goblins, é dominada pelos verbos monossilábicos, ásperos, que ocorrem duas vezes por verso em três dos quatro versos dessa primeira estrofe (o terceiro verso sendo a frase chamativa repetida da canção). Os anões até utilizam alguns dos mesmos verbos de som violento e áspero usados pelos goblins, como *crack*, *smash* e *pound* (na terceira estrofe: "Soque bastante com este bastão"). A canção dos anões é divertida, mas é uma canção sobre violência e destruição produzidas à custa de uma vítima indefesa.

Contudo, há duas diferenças-chave entre as canções. A primeira é que a violência que os anões estão ameaçando realizar é muito comportada e doméstica em comparação com as terríveis ameaças dos goblins. Facas cegas e garfos dobrados são mundos longe do riso em tom de brincadeira, enquanto escravos espancados e ensanguentados trabalham até a morte em meio à escuridão e ao medo. No entanto, a segunda diferença, claro, é ainda mais importante: os anões não querem realmente dizer isso. Eles só estão caçoando de Bilbo. Imediatamente depois da canção deles, o narrador nos assegura que "naturalmente, eles não fizeram nenhuma dessas coisas pavorosas". Os anões estavam se deleitando de quão confuso e "irritado" Bilbo estava, o que é um pouco malévolo, mas eles claramente não planejam nenhum dano real para ele.

Os goblins, ao contrário, levam a sério cada palavra da canção cruel deles. A primeira estrofe da canção dos goblins recapitula o que acabou de acontecer, isto é, a captura na caverna. A segunda e a terceira estrofes descrevem o que está prestes a acontecer: a prisão, a tortura e a escravidão dos anões e de Bilbo, em que eles serão espancados, chicoteados e vão socar, socar, no fundo da toca até morrerem. Imediatamente após essa canção, o narrador confirma que os goblins

planejam começar a tornar realidade todas as coisas pavorosas da canção deles o mais breve possível. Pegam seus chicotes e, “com um *zunido, estalido*!” fazem os anões se mexerem imediatamente, chorando e tagarelando. Os corações dos anões podem estar sombrios, mas os goblins são perversos, tão sombrios quanto o “muito, muito escuro” de suas tocas.

A escrita de *O Hobbit*
lendas e contos

No terceiro capítulo, em Rivendell, Bilbo e o leitor não encontraram somente aventuras, mas também um mundo de lendas e heróis antigos, conhecendo Elrond Meio-Elfo e ouvindo falar da cidade élfica perdida de Gondolin. Como as letras lunares no mapa de Thror, a própria condição lendária de Thorin também se torna visível à luz de Rivendell. Sempre soubemos que Thorin era “um anão muito importante”, mas, no primeiro capítulo, isso parecia querer dizer “muito arrogante” e pomposo. Thorin, podemos recordar, não se digna a ajudar com a lavagem da louça após o chá porque “ele era muito importante”. No terceiro capítulo, porém, obtemos um vislumbre de quão significativo Thorin realmente é. Ele não é só o soberano exilado do reino perdido sob a Montanha, mas também é o herdeiro de Durin, “o pai dos pais da tribo mais antiga dos anões”. A história de Thorin e de sua tropa desajeitada de seguidores dá também a impressão de remontar, como a de Elrond, à história lendária, isto é, às próprias raízes e origens de seu povo.

A importância de Thorin é confirmada de modo consistente pelo Grande Goblin, que reconhece o nome de Thorin e, sem dúvida, conhece histórias a respeito dele. “Já conheço muito sobre sua gente”, o Grande Goblin comenta de forma ameaçadora. Naturalmente, nós, os leitores, sabemos muito menos que o Grande Goblin parece saber, mas seu comentário nos ajuda a colocar o que sabemos em perspectiva. No primeiro capítulo, Gandalf menciona que Thror,

avô de Thorin, foi morto “nas minas de Moria por Azog, o Goblin”, e Thorin alude ao derramamento de sangue que se seguiu, afirmando com raiva: “Muito tempo atrás, pegamos os goblins de Moria.” Muito depois, em *O senhor dos anéis* e seus apêndices, os leitores ficaram sabendo mais acerca dessa luta e descobriram que foi uma guerra grande e terrível, durando anos e culminando numa batalha imensa. Em *O Hobbit*, porém, não sabemos nada acerca das “minas de Moria”. Os anões, como nós os conhecemos, parecem um tanto cômicos e ineptos, e, originalmente, não tínhamos muito motivo para achar que seu “pegamos os goblins de Moria” era mais do que uma briga local. Porém, o encontro com o Grande Goblin nos apresenta de maneira diferente. As histórias, ainda desconhecidas para nós, acerca de Thorin e seu clã, e sua guerra contra os goblins, evidentemente viajaram por todo o Ermo.

Nosso tempo em Rivendell e nosso encontro com a narrativa da grande guerra entre os goblins e os elfos de Gondolin também fornecem um novo contexto para as referência àquele antigo conflito entre a família de Thorin e os goblins. Somos convidados a considerar a luta recente entre os anões e os goblins como paralela à antiga e lendária guerra entre os elfos e os goblins. O próprio Grande Goblin parece vislumbrar isso dessa maneira, quando associa “assassinos” com “amigos dos elfos” desde o início. O paralelo é estabelecido de modo consistente, e as piores suspeitas do Grande Goblin se confirmam quando ele reconhece a espada de Thorin: Orcrist. Os goblins, aparentemente, também preservaram histórias e lendas dos velhos tempos, e o medo e o ódio deles em relação às duas espadas élficas e a qualquer um portador delas revelam quão detalhadas e quão vívidas são aquelas histórias. Mesmo os nomes das espadas foram lembrados, pois “Batedora” e “Mordedora” não são, evidentemente, apenas nomes que os goblins deram a elas, mas sim traduções simplificadas dos nomes corretos das espadas: Glamdring (Martelo dos Inimigos, Batedora) e Orcrist (Rachadora de Goblins, Mordedora). A animosidade do Grande Goblin, já estimulada pela própria reputação de Thorin, transforma-se em raiva, em sua conexão entre os inimigos conhecidos e recentes de seu povo e seus inimigos antigos, os elfos.

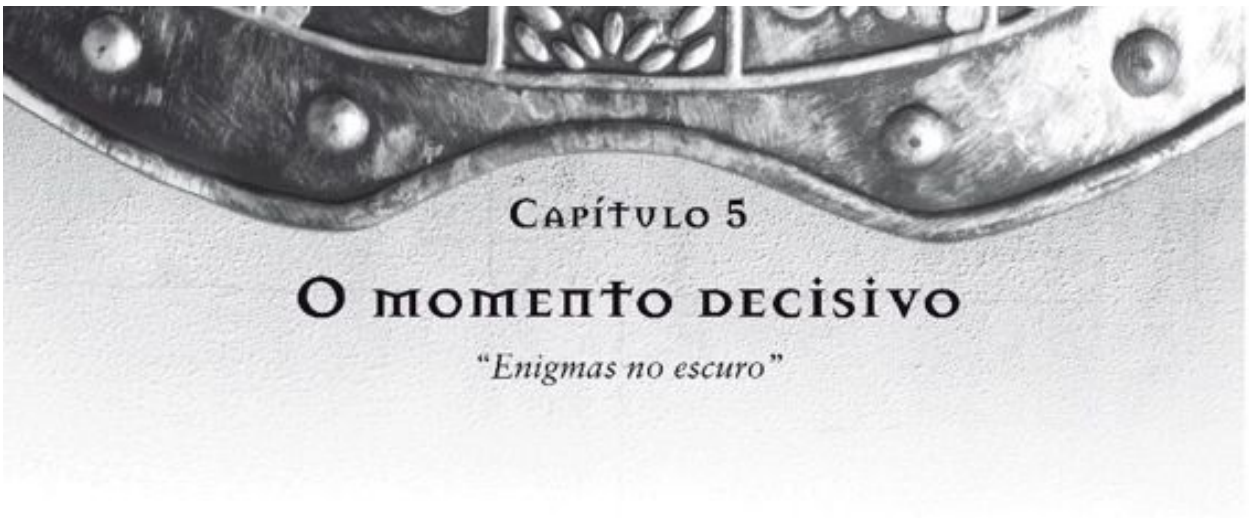
De fato, à medida que atravessamos a história de Tolkien, ficamos mais atentos à história bem maior que se estende na distância em torno e por trás de *O Hobbit*: a história da qual a narrativa da jornada de Bilbo é apenas um pequeno capítulo. Como leitores, permanecemos concentrados na jornada do hobbit insatisfeito e deslocado e de seus companheiros anões muitas vezes tolos, auxiliados pelo engenhoso mago Gandalf, mas pouco a pouco vamos ficando cientes das lendas maiores que a cercam. O vislumbre que alcançamos de como o quarto capítulo enxerga a partir da perspectiva dos goblins é muito esclarecedor. O que os goblins observam é um dos comandantes mais notórios de seus amargos rivais aparecendo de repente entre eles, empunhando a espada mágica de seus inimigos antigos, a espada cujo nome foi transmitido em murmúrios entre eles por séculos, e que brilha com a luz do ódio na escuridão de suas cavernas quando sente a presença deles. A história à qual Tolkien aludiu desde o início começa a se reunir numa grande narrativa, cheia de prodígios e terror. Como Bilbo, estamos começando a nos aclimatar no mundo da aventura que está aos poucos se desdobrando diante de nós.

Notas

15. Quando menciona a palavra “futebol”, Tolkien e seu público original quase certamente estavam pensando a respeito de rúgbi, que Tolkien costumava jogar quando estava na escola.

16. Tolkien utiliza as palavras *goblin* e *orc* de forma basicamente sinônima. *Orc* vem de uma palavra do inglês antigo; *goblin* é uma designação tradicional dos contos de fadas. Em *O Hobbit*, quando está escrevendo para um público infantil na tradição dos contos de fadas, Tolkien tende a utilizar *goblin*. Ao passar para *O senhor dos anéis,* Tolkien prefere a palavra mais antiga com menos associações com a literatura tradicional. No entanto, ele utiliza as duas palavras nos dois livros para descrever o mesmo gênero de criaturas.

17. Nessa frase, Tolkien demonstra mais claramente que em qualquer outra parte de sua ficção sua própria visão sobre a guerra e a tecnologia militar. Em geral, ele se opunha a industrialização, não só porque sentia nostalgia da vida rural, mas porque conseguia enxergar que as fábricas tendiam a fabricar bombas maiores e mais poderosas.



As escolhas de Bilbo: o primeiro momento decisivo

Podemos achar que Bilbo se encontra num lugar muito seguro, pois está sendo carregado nas costas dos anões, com os goblins em furiosa perseguição. O cadinho de dúvida e perigo em que o espírito aventureiro do hobbit está sendo formado e refinado, porém, ainda não alcançou seu ponto mais quente e desesperado. Esse ponto chega no início do quinto capítulo, no momento em que Bilbo acorda sozinho no escuro.

O narrador nos revela que aquele instante, quando Bilbo encontra seu anel por acaso, é "o momento decisivo de sua trajetória". Sem dúvida, a descoberta do anel é um momento importante, e, se formos ler *O senhor dos anéis*, nós o recordaremos como o momento decisivo de toda a história da Terra Média. No entanto, esse instante em que Bilbo descobre que está sozinho, no escuro, nos

túneis dos goblins, também é decisivo num sentido muito mais pessoal. Talvez seja a pior situação em que Bilbo se encontrará alguma vez em todas as suas aventuras. Há perigos maiores que ele terá de enfrentar sozinho depois em sua história, mas ele será um hobbit diferente e mais experiente na ocasião. Bilbo mergulhou de forma constante e progressiva no mundo da aventura ao longo dos quatro primeiros capítulos, mas até esse ponto ele foi uma espécie de passageiro, um observador. A única coisa que ele realmente fez, além de fracassar de maneira desastrosa em bater a carteira de William, o troll, foi gritar ruidosamente na caverna dos goblins. Agora, ele está entregue inteiramente aos próprios recursos. O senhor Bolseiro, que sofreu um colapso agitando-se por temor à mera menção da possibilidade de perigo para si, agora se vê, poucas semanas depois, obrigado a achar seu caminho para o outro lado das Montanhas Nebulosas através da rede complexa de túneis dos goblins sanguinários que o estão caçando, sem comida, água ou fonte de luz. Naquele momento, Bilbo deve se tornar um aventureiro real ou morrer.

Bilbo se sentiu muito longe de “seu país de coisas seguras e confortáveis” quando olhou para trás e o enxergou “azul e apagado” no horizonte, no alto dos desfiladeiros da montanha. Nesse momento, enterrado na escuridão total debaixo das montanhas, ele se encontra a uma distância praticamente infinita de sua “toca hobbit bem luminosa”, como ele recorda de modo pungente após sua captura pelos goblins. Nesse caso, nem mesmo a memória de coisas caseiras pode ajudá-lo. Seu primeiro impulso quando acorda é voltado para um tipo de escapismo Bolseiro. Bilbo procura mergulhar numa fantasia de “ovos com bacon em sua cozinha, em casa”. Essas memórias não conseguem confortá-lo, “deixando-o ainda mais infeliz”. Então, ele tenta se confortar com um prazer doméstico real, em vez de imaginário: fumar. Porém, depois de não conseguir acender seu cachimbo, percebe que fumar não o ajudaria e podia até mesmo ter sido desastroso. “Sabe-se lá”, o narrador comenta, “o que fósforos acesos e o cheiro de fumo teriam provocado nele dentro dos buracos escuros daquele lugar horrível”. Nada de sua antiga vida em Fundo do Saco pode ajudá-lo agora.

Finalmente, sua espada é o que lhe traz significativo bem-estar. Ele a estende

e descobre que ela brilha na proximidade dos goblins, revelando que é uma lâmina élfica, como as espadas de Thorin e Gandalf. Essa espada é uma coisa enfaticamente Tûk para confortar. Lembremos que em Fundo do Saco, para Bilbo, uma espada era um dos símbolos da vida de aventuras. Quando ele sentiu o desejo por aventura pela primeira vez, no momento em que os anões cantaram a canção deles, isso se manifestou como o desejo de "empunhar uma espada em vez de uma bengala". Isso, é claro, era só uma imagem mental, e ele a descartou de imediato. Mesmo depois que Bilbo encontra seu espadim na caverna dos trolls, parece se esquecer dela na maior parte do tempo. Naquele momento, Bilbo descobre subitamente que tem não só uma espada, mas também uma "espada feita em Gondolin para as guerras contra os goblins, a respeito das quais tantas canções foram cantadas". Naquele momento crítico, ele está puxando sua espada pela primeira vez, entrando no papel tûkiniano de aventureiro destemido. Ao fazer isso, Bilbo descobre inesperadamente que foi atraído para aquele mundo de lendas heroicas que Elrond e aparentemente até Thorin habitam. Naquele momento, ele pode se ver como um personagem em uma daquelas histórias longas e antigas, que atravessaram eras de assombros e tragédias.

Em vez de se sentir oprimido, Bilbo se sente muito satisfeito. Também podemos lembrar como, no momento em que ele ouve por acaso o insulto de Gloin e se arroja de volta para sua sala de estar para se voluntariar para a jornada, quis ser considerado valente. Observando sua espada, percebe que pode, naquele momento, ser capaz de fazer os assustadores goblins considerarem-no valente, pois ele "reparou que essas armas impressionaram muito os goblins". O compromisso que assumiu em Fundo do Saco de uma vida de aventuras foi quase puramente teórico. Agora, naquele momento, Bilbo começa a transformá-lo em realidade. Ele passou pelo momento decisivo de sua trajetória.

Gollum: uma criatura desprezível e iníqua

A personalidade dos goblins, que analisamos no quarto capítulo, fornece-nos os parâmetros para as criaturas iníquas que encontraremos no restante de *O Hobbit*. Esses parâmetros serão o padrão de comparação de todas as outras criaturas diabólicas e, portanto, fornecem-nos a referência útil para a compreensão da descrição inicial do Gollum. Gollum é mais velho que os goblins, e vive ainda mais fundo no coração das montanhas. Os goblins podem viver numa escuridão impenetrável e temer o sol, mas o narrador afirma que Gollum é "tão escuro quanto a escuridão". Os goblins, somos informados, são cruéis, mas não são corajosos; eles capturarão qualquer coisa, "desde que seja feito de modo inteligente e secreto, e os prisioneiros não sejam capazes de se defender". Gollum vitima os goblins exatamente com o mesmo estilo, tomando cuidado para que nunca seja descoberto, capturando e estrangulando os goblins por trás se eles se aproximarem de seu lago. Mesmo os goblins temem Gollum; para eles, Gollum é "algo desagradável... espreitando" perto do lago, uma figura desconhecida e misteriosa do medo. Não somos apresentados a Gollum como alguém que é tão mau e assustador como os goblins, mas sim como alguém que supera os goblins em quase todas as dimensões.

Quando começamos a abordar Gollum, devemos reconhecer o fato de que ele é, provavelmente, o personagem a que as pessoas já estão familiarizadas quando leem *O Hobbit* pela primeira vez. Isso é ainda mais certo em relação a Gollum do que a Bilbo, pois conhecem Gollum muito melhor como personagem de *O senhor dos anéis* do que Bilbo. Os leitores de *O senhor dos anéis* acharão o Gollum de *O Hobbit* bastante familiar, e considerarão seu encontro com Bilbo como antecipando e gerando o relacionamento de Gollum com Frodo, mais tarde.

É importante lembrar, porém, que essa semelhança foi imposta sobre Gollum de forma retroativa. Quando Tolkien se sentou para escrever *O senhor dos anéis*,

ele considerou a história como uma sequência de *O Hobbit*.[18] Portanto, ele quis alguma ligação que pudesse estabelecer entre a história de *O Hobbit* e a história posterior, alguma semente que pudesse extrair de *O Hobbit* e germinar na nova história. A ligação, ele decidiu, era o anel mágico de Bilbo, mas, no processo de desenvolver a história de *O senhor dos anéis*, decidiu que o anel de Bilbo seria muito mais do que apenas um anel de invisibilidade muito útil. Essa mudança na natureza do anel não entrou em conflito com todo *O Hobbit*, mas exigiu uma reconsideração importante em relação ao capítulo "Enigmas no escuro", e em relação à personalidade de Gollum, em particular. Assim, em 1950, quando Tolkien enviou ao seu editor algumas correções para o texto de *O Hobbit*, fez algumas mudanças muito importantes em sua descrição original de Gollum, tornando-o muito mais parecido com o Gollum sobre o qual lemos em *A sociedade do anel* e que encontramos finalmente em *As duas torres.* Dessa maneira, ainda que a história do encontro de Bilbo e Gollum tenha sido publicada quase vinte anos antes de *A sociedade do anel*, considero justo dizer que o Gollum em *O Hobbit* como se apresenta agora é, na realidade, baseado no Gollum de *O senhor dos anéis*, e não o contrário.

Se considerarmos as mudanças específicas que Tolkien fez quando revisou o quinto capítulo, poderemos perceber os aspectos da personalidade de Gollum que Tolkien realmente quis enfatizar. A primeira coisa que ele fez foi deixar Gollum mais perverso do que fora na primeira edição. O Gollum original ainda era predatório (ele esperava matar e comer Bilbo), mas também era justo e até decente. Na primeira edição, Gollum se preocupava muito acerca de não quebrar as regras do jogo de adivinhação. Quando perdeu o jogo, ficou totalmente decidido a cumprir sua palavra, pois "aprendeu há muito tempo... a não trapacear" no jogo da adivinhação.[19]

Há um trecho fascinante, que destaca muito bem a mudança da personalidade de Gollum na revisão de Tolkien. Curiosamente, é uma linha que Tolkien mantém inalterada na nova edição, mas cujo sentido ele altera por completo. Nas duas edições, quando Bilbo ganha o jogo, Gollum parte em seu barco na direção de sua ilha, e Bilbo, vendo-o partir, acha que Gollum "estava só dando uma

desculpa e que não iria voltar". Nas duas edições, a suspeita de Bilbo é de que Gollum está se esgueirando de má-fé, mas por motivos completamente díspares. Na primeira edição, supõe-se que Gollum vai buscar um prêmio para Bilbo, uma recompensa pela vitória dele no jogo. Bilbo se equivoca ao achar que Gollum está planejando quebrar o acordo. Gollum tem toda a intenção de cumprir sua palavra, e está partindo para a ilha para encontrar o anel e, depois, entregá-lo a Bilbo. Gollum, no fim das contas, é uma criatura muito mais honesta e correta do que Bilbo imagina.

Na edição revisada, com que a maioria de nós está agora familiarizada, Gollum se afasta de Bilbo, afirmando vagamente que precisa "pegar algumas coisas" que o ajudarão para orientar Bilbo até a saída. Bilbo ainda acha, com exatamente as mesmas palavras, que Gollum está se esgueirando, para evitar cumprir o acordo, e Bilbo ainda está enganado. Mais uma vez, Gollum tem toda a intenção de voltar a procurar Bilbo depois de recuperar o anel na ilha. Contudo, na segunda edição, Gollum planeja retornar, não para entregá-lo para Bilbo, mas para usar o anel para matá-lo. Gollum está "furioso agora e faminto", somos informados. Nessa segunda vez, Bilbo está equivocado, pois Gollum se mostra muito mais iníquo e não confiável do que Bilbo suspeitava. Ao reescrever a personalidade de Gollum, Tolkien eliminou quase todos os bons impulsos que originalmente atribuiu ao personagem.

Ao considerarmos a perversidade de Gollum, também devemos nos prevenir contra um mal-entendido comum a respeito de seu caráter. Gollum conversa e debate consigo mesmo, e isso pode nos levar a supor que seu caráter está dividido entre um lado bom e um lado mau. Em *O senhor dos anéis*, há momentos em que alguns bons impulsos ou sentimentos nostálgicos podem ainda ser vistos em Gollum, mas em *O Hobbit*, em particular, seu diálogo interior, dito em voz alta, não é entre um eu bom e um eu mau.

Após o fim do jogo de adivinhação e Gollum ignorar o inesperadamente invisível Bilbo, Gollum para e discute consigo mesmo a respeito do que deve fazer. A diferença principal que podemos perceber aqui entre as duas perspectivas em debate no interior de Gollum é que uma é pessimista e a outra é

otimista. Primeiro, Gollum afirma que não há utilidade em procurar o anel, pois tem certeza de que Bilbo o possui. Porém, ele reage com mais esperança, achando que talvez Bilbo não tenha o anel, que, de qualquer maneira, Bilbo não sabe o que o anel pode fazer, e que, de qualquer modo, Bilbo não vai para nenhum lugar porque está perdido. Com cinismo, a primeira perspectiva assinala que Bilbo é "ardiloso" e sugere melancolicamente que é provável que Bilbo saiba, de fato, o que o anel faz, e que, provavelmente, ele até estava mentindo a respeito de estar perdido. A segunda perspectiva responde, com esperança em declínio, que Bilbo não quer fugir completamente com o anel, pois os goblins decerto o capturarão. A primeira responde em pânico e terror, observando que a captura de Bilbo e do anel pelos goblins seria o pior desastre de todos e significaria morte certa. Em relação a isso, a segunda perspectiva rapidamente concorda, e o debate acaba com a corrida de Gollum para tolher Bilbo na "porta dos fundos". Uma dessas perspectivas é mais rápida para pensar mal dos outros e imaginar coisas terríveis acontecendo para si, mas nenhuma é afável, amigável ou bem-intencionada em relação a Bilbo.

Nas revisões do quinto capítulo da primeira edição, Tolkien não só torna Gollum mais iníquo como também o deixa mais trágico e deplorável. Gollum pode não ter um lado bom, mas ele não é simples e repulsivamente mau. Tolkien enfatiza a tristeza da vida dele. Por exemplo, na primeira edição, quando Gollum sugere o jogo de adivinhação para Bilbo, Tolkien nos diz que ele costumava praticar o jogo de vez em quando, "antes da chegada dos goblins, e quando estava isolado de seus amigos, bem no interior da montanha".[20] Não há um *páthos* específico nesse caso. Claro que não é nada bom que Gollum não fosse capaz de estar na companhia de seus amigos subterrâneos, já que as montanhas ficaram infestadas de goblins, mas não parece especialmente trágico (ainda que não nos instigue a querer saber que amigos de Gollum poderiam ser!).

Na edição mais recente, Tolkien escreve que Gollum costumava disputar o jogo de adivinhação "muito muito tempo atrás, com outras criaturas divertidas, sentadas em suas tocas, antes de perder todos seus amigos e ser expulso, sozinho, descendo mais, cada vez mais, na escuridão sob as montanhas". Na

nova versão, Tolkien começa nosso relacionamento com Gollum nos dando esse vislumbre muito triste da história pessoal dele. Ficamos sabendo que, outrora, Gollum tinha amigos muito parecidos com os hobbits – criaturas engraçadas sentadas em suas tocas –, mas que ele, por algum motivo, perdeu-os e agora está completamente sozinho. Descobrimos que ele está só, vivendo em cavernas profundas, porque foi obrigado a buscar tal lugar (talvez por aqueles que costumavam ser seus amigos). Embora Gollum atualmente seja tão escuro quanto a escuridão, ele não é nativo da escuridão. No início de *A sociedade do anel*, quando Gandalf conta a história de Gollum para Frodo, ele a chama de história triste, e temos um vislumbre daquela história aqui, nessa única sentença. Com perfeição, Tolkien resume sua revisão do caráter de Gollum quando faz o narrador chamá-lo de "uma criatura desprezível e iníqua", e devemos nos lembrar desses dois aspectos de Gollum quando consideramos as interações de Bilbo com ele neste capítulo, que culminará com a decisão moral crucial de Bilbo quando ele deixa Gollum para trás.



A natureza de Bilbo: o jogo de adivinhação



O ponto central do quinto capítulo, como o título sugere, é o jogo de adivinhação entre Gollum e Bilbo. Tolkien escreveu a poesia de todos esses enigmas sozinho, ainda que muitos deles se baseiem em outros enigmas parecidos que ele leu em outros lugares. Se considerarmos com atenção os enigmas de Bilbo e Gollum, perceberemos que não são uma coleção aleatória de charadas com palavras. Os enigmas proferidos pelos personagem nos revelam muito a respeito da pessoa que o fala. Em nenhum outro lugar a escuridão e a miséria da existência de Gollum se mostram de forma mais incisiva e comovente que em seus enigmas, e os de Bilbo nos ensinam muito a respeito de sua perspectiva nesse momento

crucial de sua vida.

No entanto, os enigmas não são apenas esquetes do personagem; devemos lembrar que também são uma luta mortal, com a própria vida de Bilbo em jogo. Os próprios enigmas refletem esse conflito, já que neles podemos observar dois pontos de vista beligerantes se enfrentando. Bilbo pode só estar pensando em confundir Gollum e salvar sua pele, mas por meio de sua escolha de enigmas também podemos vê-lo começando a desempenhar um papel que desempenhará cada vez mais explicitamente ao longo do restante do livro: o representante e porta-voz da vida, da paz e da alegria.

Gollum inicia a competição com seu enigma da Montanha:

Tem raízes misteriosas
É mais alta que as frondosas
Sobe, sobe e também desce
Mas não cresce e nem decresce[21]

Esse enigma possui uma evidente relevância pessoal para Gollum; as montanhas são o seu lar desde que ele deixou seu vale do rio muito tempo atrás, antes de viver embaixo das montanhas. A ênfase do enigma está na grandeza e no mistério das montanhas. São mais altas e maiores que as simples árvores do vale. Sua referência a ninguém ver as raízes das montanhas envolve uma ironia um pouco jactanciosa, que sugere um desejo de engrandecer a si mesmo, e também ao seu lar da montanha. Ele, Gollum, viu realmente aquelas raízes; ele vive sozinho ali, mais abaixo ainda dos túneis dos goblins; “nas próprias raízes da montanha”. Indiretamente, Gollum se descreve como uma exceção à regra, a única pessoa que viu os mistérios, isto é, o conhecedor dos segredos.

No entanto, a observação final do enigma indica uma direção distinta. Se os dois primeiros versos enfatizam a grandeza tanto do conhecimento de Gollum como de seu lar da montanha, os dois últimos versos sugerem seu desespero. As montanhas, embora enormes, não têm vida; elas não crescem. A grandeza das montanhas e a própria condição de Gollum revelam-se uma grandeza sem vida,

estagnada, cheia de escuridão e solidão.

A princípio, a resposta de Bilbo para o primeiro enigma não parece muito reveladora. O primeiro enigma de Bilbo é o simples e relativamente corriqueiro enigma dos Dentes:

Trinta cavalos brancos na colina encarnada
Primeiro cerceiam
Depois pisoteiam
Depois não fazem nada.

O narrador admite que Bilbo só propõe esse enigma porque "a ideia de comida provocava seus pensamentos". E, no entanto, esse contexto um tanto perturbador do enigma de Bilbo serve para enfatizar o brilho e a audácia comparativos de sua imagística. Ainda quando ele mesmo está enfrentando a possibilidade de ser devorado, a "ideia de comer" que está em sua mente é muito positiva. A imagem de trinta cavalos brancos sobre uma colina, mastigando e pisoteando, é uma imagem audaz, cheia de vida e atraente.

Tolkien enfatiza as implicações da descrição dos dentes por parte de Bilbo por meio do comentário de Gollum de que ele só possui seis "cavalos" (que, provavelmente, não são especialmente brancos). A boca rosnante, sibilante e com dentes quebrados de Gollum se encontra adaptada para um tipo de refeição que está muito longe da refeição nobre, ordeira e refinada relativa à linha imaginária de Bilbo de cavalos brancos, adequada para a sala de jantar de Fundo do Saco ou para um café da manhã no gramado. Há pouco de campo de desfiles acerca dos dentes de Gollum.

O segundo enigma de Gollum, como o primeiro, é aplicável curiosamente à própria existência amarga de Gollum. Esse é seu enigma do Vento:

Sem voz, ele ulula
Sem asas, volita
Sem dentes, mordica

Sem boca, murmura

Esse enigma é um tanto arrepiante ao descrever o que o vento faz: grita, morde, murmura. O que Gollum enfatiza acerca do vento é o que este não tem: voz, asas, dentes, boca. Há uma espécie de desamparo a respeito dessa descrição. O cerne do enigma, é claro, é um aparente paradoxo: o vento não tem nenhuma daquelas coisas e, no entanto, ainda assim executa todas aquelas ações. Todavia, as ações em si são tão frívolas, tão desoladas, que sua realização só incrementa o *páthos*. O vento não ruge; ele grita. Não ganha altura; só tremula. O vento é descrito como não sendo ninguém e não tendo nada, e mesmo assim está sempre mordendo, sempre gritando, sempre murmurando. Claro que também é uma descrição perfeita da própria realidade de pesadelo de Gollum, sozinho nas raízes da montanha.

A resposta de Bilbo é um enigma que ele inventa imediatamente, sendo uma resposta fascinante ao enigma lúgubre de Gollum. É o enigma do Sol sobre as margaridas:

Um olho no azul dum rosto
Viu outro olho no verde de outro
“Aquele olho é com este olho”
Disse o primeiro olho,
“Mas embaixo é seu lugar,
Aqui em cima é o meu lugar”.

Sem dúvida, em tom e tema é muito diferente do enigma do Vento. Onde Gollum enfatiza o quão desencarnado é o vento, Bilbo personifica o sol e a flor, caracterizando-os como olhos nos rostos humanos e lhes dando fala humana. Onde Gollum fala do murmúrio sem voz e inarticulado do vento, Bilbo nos dá as próprias palavras ditas pelo sol. Onde o enigma de Gollum é amargo e quase desesperador, o de Bilbo é cheio de luz, de animação e da memória de coisas reconfortantes e belas.

O enigma depende da etimologia da palavra *daisy* (margarida). Em inglês antigo, que era a principal especialidade acadêmica de Tolkien, essa flor era originalmente chamada de "*the day's eye*", a *daeges eage*, tanto porque o centro amarelo parece o sol como porque as pétalas se dobram para ocultar aquele centro à noite e voltam a se desdobrar com o amanhecer. Na Idade Média, o próprio sol era frequentemente comparado com um olho, sendo chamado de "olho do mundo". Portanto, o enigma tira proveito desses nomes, apontando para a semelhança e o relacionamento entre o sol e a margarida.

Podemos considerar esse enigma em dois níveis distintos. No nível mais simples, é um enigma repleto de coisas brilhantes e cheias de vida que são muito caras para Bilbo, ainda mais porque ele está atualmente desligado delas: o sol, o céu azul, os campos verdejantes e as flores (das quais ele é especialmente afeiçoado, como ficamos sabendo no primeiro capítulo do livro). Quando Bilbo é arrastado para a escuridão das cavernas dos goblins, ele começa a sentir saudade de sua toca hobbit de novo, mas, dessa vez, significativamente, de sua toca hobbit "bem luminosa", tão diferente dos túneis dos goblins moral e literalmente escuros. Sem dúvida, Bilbo está sentindo saudade da luz e do ar do mundo exterior, e seu enigma os relembra afetuosamente.

O enigma também sugere algumas coisas interessantes a respeito da visão de mundo de Bilbo. Ao apelar para a semelhança entre a margarida e o sol, Bilbo estabelece a conexão entre as coisas cotidianas de seu mundo e a ordem superior e maior que as cercam. Notemos que o enigma é essencialmente uma narrativa apresentada da perspectiva do sol. A partir do céu, o sol olha sobre o mundo e considera as margaridas. Então, obtemos uma citação direta dos comentários do sol a respeito da observação da humilde margarida. O sol enfatiza a ligação entre os dois, reconhecendo que a flor é um reflexo, um eco, de si mesmo no mundo. Enquanto Gollum está falando de vazio e solidão, Bilbo está reconhecendo que as coisas em seu mundo cotidiano têm um lugar no interior da ordem superior e maior da criação, assim como a semelhança com aquelas coisas superiores e maiores, que olham sobre eles com bondade. Dificilmente podemos reconstruir toda a teologia de Bilbo nesse único enigma, mas este contém alguns indícios

sugestivos.

O enigma da Margarida de Bilbo não é, conscientemente, uma refutação ao enigma do Vento de Gollum. No entanto, quando Gollum responde com seu terceiro enigma, este é explicitamente uma retaliação contra o enigma do Sol, que considera muito irritante. Ele considera cansativo o enigma de Bilbo, "um tipo comum de enigma, superficial", e isso o deixa furioso. Sua resposta é "algo um pouco mais difícil e mais desagradável". Seu enigma da Escuridão:

Não se pode ver, não se pode sentir,
não se pode cheirar, não se pode ouvir.
Está sob as colinas e além das estrelas,
Cavidades vazias – ela vai enchê-las.
De tudo vem antes e vem em seguida,
Do riso é a morte, é o fim da vida.

O modo mais simples pelo qual o enigma serve como resposta ao enigma da Margarida de Bilbo é evidente; frustrado e irritado com o enigma de Bilbo acerca da luz, Gollum apresenta um enigma a respeito da escuridão.

Esse enigma, como os enigmas anteriores de Gollum, também possui aspectos autobiográficos. O narrador, você se lembrará, descreve Gollum como "tão escuro quanto a escuridão", e Gollum, que está ficando com fome, começa seu enigma descrevendo a escuridão como uma espécie de versão idealizada de si mesmo. Gollum caça furtivamente, invisível com seu anel, incapaz de ser detectado, até ter seus dedos em volta do pescoço da vítima. Os dois primeiros versos, portanto, parecem uma versão suprema de Gollum caçando: incapaz de ser detectado, incapaz de se opor resistência a ele. O sol sobre as margaridas podem nos dar um vislumbre do mundo de Bilbo de que ele sente saudade; a escuridão é o verdadeiro mundo de Gollum, seu eu aperfeiçoado.

Os quatro últimos versos nos dão talvez um *insight* mais claro da visão maior de mundo de Gollum que em qualquer outra parte do texto. Da mesma forma que o enigma da Margarida proposto por Bilbo oferece um pequeno vislumbre

do arcabouço metafísico de Bilbo, o enigma da Escuridão expõe a teologia sombria de Gollum. Como ele fez no enigma da Montanha, Gollum enfatiza a grandeza e majestade de uma coisa associada à sua personalidade. Ao assinalar que a escuridão "está atrás das estrelas e sob as montanhas", Gollum está sustentando que a escuridão, a sua escuridão, se encontra tanto abaixo das margaridas como acima do sol, encerrando os mundos inferior e superior do enigma de Bilbo. Escutar e pensar sobre o enigma de Bilbo convida-nos a refletir a respeito do mundo do alto, amplo e brilhante, capaz de fazer o mundo escuro e fechado de Gollum parecer pequeno e deplorável em comparação. Gollum muda de tática aqui, sustentando que a escuridão é, de fato, o máximo, e que, na realidade, o mundo iluminado pelo sol é o espaço pequeno e confinado, encerrado acima e abaixo pela escuridão, uma simples bolha de brilho no grande espaço da noite. Ele amplia essa ideia ainda mais, afirmando que a escuridão "chega primeiro e vai embora depois", e mostrando que a escuridão confina a luz não só no espaço, mas também no tempo. De acordo com Gollum, todo o tempo e espaço, finitos em si mesmos, são delimitados pela escuridão infinita.

Os quatro últimos versos falam não só da vastidão da escuridão, mas também de sua natureza. A escuridão "termina com a vida" e "mata o riso". Gollum caracteriza a escuridão como a destruidora não só da vida, mas da vitalidade, do tipo de alegria e deleite capaz de estar associado com o sol e as margaridas. Notemos que Gollum não está sendo apenas niilista nesse caso, sustentando que nada realmente tem importância e nada realmente existe. Não é como Gollum fala acerca da escuridão. A escuridão de que Gollum fala não é mero vazio ou vácuo. A escuridão não é apenas ausência de vida e alegria; é algo que as destrói. Os buracos vazios não estão realmente vazios; eles estão cheios de Escuridão; é uma coisa positiva.

Esse tipo de conversa tem um precedente perturbador nos outros escritos de Tolkien. Em *O Silmarillion,* Tolkien conta a história da queda da grande nação humana de Númenor. Em sua arrogância e seu desejo voraz de imortalidade, os habitantes de Númenor acabam acreditando nas mentiras contadas para eles por Sauron, o Senhor da Escuridão, que está trabalhando para acelerar a destruição

de Númenor. Enquanto Sauron os está enganando, aconselhando-os a abandonar o culto a Ilúvatar e a lealdade deles aos poderes do deus, ele fala da escuridão em termos parecidos com os de Gollum. Sauron afirma que, além do mundo, situa-se a "Escuridão Ancestral", e sustenta que o Senhor da Escuridão é o "Senhor de Tudo" e o "Doador da Liberdade".[22] Segundo Sauron, a "Escuridão sozinha é reverente".[23] Se o enigma da Margarida proposto por Bilbo sugere em seu sentido uma ordem divina, em que o mundo mortal reflete a glória e beleza do mundo celestial, o enigma da Escuridão de Gollum responde com ecos da iniquidade maior em que os mortais sempre se envolveram: o culto do Mal e da Escuridão em si, no lugar de Deus.

O enigma seguinte de Bilbo parece quase um anticlímax cômico em relação às implicações monumentais e terríveis do enigma da Escuridão de Gollum:

Caixinha sem dobradiças, chave ou tampa,
Lá dentro escondido um tesouro dourado.

Esse é o enigma do Ovo, e Bilbo não pensa muito a respeito dele; o narrador nos revela que Bilbo o enxerga como mera tática para ganhar tempo. Ironicamente, porém, revela-se o enigma mais difícil para Gollum adivinhar entre todos os propostos por Bilbo. Em certo sentido, portanto, parece servir como uma espécie de refutação; aborrece Gollum, deixando-o confuso.

Há duas coisas que chamam a atenção acerca desse enigma. A primeira é a referência ao tesouro de ouro. Todo o objetivo da jornada de Bilbo, claro, é buscar um tesouro que jaz sob uma montanha, e eis Bilbo, sob as montanhas, propondo um enigma a respeito do tesouro de ouro. Mas o tesouro de que ele fala não são harpas de ouro, coroas e colares com joias. É um tipo muito diferente de tesouro: é o tesouro da vida em si, a gema que se desenvolverá no pintinho que emerge do ovo. Também é um tesouro que não pode ser roubado proveitosamente; é um cofre que não pode ser aberto sem a destruição do tesouro em seu interior.

A segunda coisa que chama a atenção sobre o enigma do Ovo é que ele vem

depois do enigma da Escuridão. Gollum acabou de descrever como a escuridão "termina com a vida", e, imediatamente, Bilbo conta um enigma a respeito do começo da vida, como se reafirmando a vida e a vitalidade que Gollum almejaria suprimir. No entanto, não devemos nos entusiasmar além da conta com as implicações metafísicas maiores do enigma. Pode não haver dúvida de que quando Bilbo está pensando em ovos, está pensando principalmente, como algumas páginas antes, em "ovos com bacon em sua cozinha, em casa". Entretanto, a ideia de ovos fritos em sua toca hobbit bem luminosa ainda é em si uma resposta adequada ao enigma da Escuridão. Lembremos que a escuridão, de acordo com Gollum, mata o riso, além de terminar com a vida. Um segundo desjejum sem pressa no gramado é, à sua própria maneira, não menos desafiante ao poder da escuridão do que é a vida de um embrião no interior de um ovo com vida.

A maneira pela qual Gollum adivinha o enigma do Ovo aponta novamente para as diferenças entre as duas personalidades. A memória que finalmente traz de volta a resposta à sua mente é a memória de chupar ovos. Nesse caso, é uma atividade que é estranha às duas associações positivas com ovos: não é nem a preservação de uma nova vida, nem a paz, o aconchego e a prosperidade de ovos com bacon. Gollum mal consegue se lembrar de ovos, mas quando consegue, tudo que é capaz de se lembrar é o ato de chupar de modo guloso a vida do interior deles.

O enigma do Peixe proposto por Gollum afasta-se da grandiosidade do enigma da Escuridão e parece corresponder de certa forma ao nível do enigma do Ovo proposto por Bilbo:

Como a morte não tem calor;
Vivo, mas sempre sem respirar;
Sem sede, sempre a beber
Encouraçado, sem tilintar.

O enigma do Ovo respondeu ao enigma da Escuridão reafirmando a vida e a

vitalidade. O enigma do Peixe parodia a vida e a confunde com a morte. Um peixe é um tipo de criatura perfeitamente natural e cheia de vida, mas a descrição de Gollum em seu enigma faz o peixe parecer uma espécie de zumbi: com vida, mas sem respirar, e frio como a sepultura. A relação do peixe com a água também é distorcida de maneira horrível. Para o peixe de Gollum, a água não é alimentícia nem vivificante; é uma bebida não desejada, continuamente empurrada à força.

Como o enigma do Vento, esse enigma também repercute o mundo de Gollum. No mundo de escuridão de Gollum, nas raízes das montanhas, o peixe mudou ao longo do tempo. Quando Bilbo depara com o lago pela primeira vez, ele pensa acerca do peixe "cujos antepassados entraram, sabe-se lá quantos anos atrás, e nunca mais saíram, enquanto seus olhos iam crescendo, crescendo, crescendo, de tanto tentarem enxergar no escuro". Assim, o peixe cria um paralelo ilustrativo em relação à própria trajetória de Gollum, e sua descrição lembra a de Gollum em muitos pontos. Outrora, o peixe foi saudável e natural, mas descobriu que a jornada para o coração escuro das montanhas era uma viagem só de ida, e ficou deformado por causa da fome por luz, transformando-se em um "ser nojento e viscoso, com grandes olhos cegos e esbugalhados, serpenteando na água". Da mesma forma, Gollum parece ter se alterado por seu longo tempo subterrâneo, virando uma "pequena criatura viscosa" com "olhos pálidos como lamparinas". A descrição de Gollum a respeito do ato de beber do peixe recorda sua própria existência desventurada. O peixe "nunca com sede, sempre a beber", vivendo uma vida de consumo contínuo e insatisfação contínua. O mundo de Bilbo é um mundo de ovos com bacon e suspiros profundos de satisfação; o mundo de Gollum é um de desejo persistente e fastio perpétuo.

A resposta de Bilbo é simples, mas típica, pegando o assunto do enigma anterior de Gollum e o situando num cenário de característica notavelmente Bolseiro:

Sem pernas ficou sobre uma perna, duas pernas sentou perto sobre três pernas, quatro pernas conseguiu alguma coisa.

Nesse caso, Bilbo considera a paródia de Gollum relativa à vida de sangue quente, o peixe, tornando-a o ponto central de uma cena doméstica muito aconchegante. Um homem sentado sobre um banco e comendo o jantar a uma mesinha enquanto seu gato se senta ronronando ao seu lado é uma imagem de contentamento completamente estranha ao mundo do peixe arfante e com olhos esbugalhados de Gollum. Podemos quase ver a lareira ardendo perto do homem descrito no enigma, e imagino que ele acenderá seu cachimbo mais tarde. Observemos também a camaradagem entre o homem e o gato compartilhando a refeição. Em qualquer sentido, é uma cena encantadora, pacífica, amigável invocada por Bilbo. Não é de se admirar que Gollum possa ter tido algum problema em adivinhá-la, se ele já não estava pensando no peixe.

O enigma final de Gollum, seu enigma "difícil e terrível", é, de fato, um enigma acerca da finalidade em si:

Essa é a coisa que tudo devora;
Feras, aves, plantas, flora;
Aço e ferro são sua comida;
E a dura pedra por ele moída;
Aos reis abate, a cidade arruína,
E a alta montanha faz pequenina.

Gollum descreve o tempo como o destruidor de tudo. O enigma ilustra o conceito geralmente associado ao tempo, em especial durante o Renascimento, e articulado na frase em latim *Tempus edax rerum*, em geral traduzida como "o tempo devora todas as coisas".

O que é especialmente interessante acerca do tratamento de Gollum a respeito dessa ideia tradicional é o quão sistemático ele é. Consideremos como Gollum lista as coisas devoradas pelo tempo. No segundo verso, o tempo destrói as matérias vivas, o mundo luminoso e confortável que os enigmas de Bilbo recordaram de maneira tão persistente. No terceiro e quarto versos, destrói o

ferro, o aço e a pedra: os elementos associados com o mundo mais duro e mais sombrio dos anões e dos goblins. No quinto verso, destrói a própria civilização, devastando a ordem e a sociedade humana. Essa referência ao rei e à cidade é especialmente relevante numa história que terminará com o retorno de um rei e a destruição e o restabelecimento de cidades. Por fim, até as altas montanhas desaparecem com o tempo, e, assim, Gollum inclui seu próprio mundo na destruição geral. O último verso do último enigma de Gollum nos remete ao seu primeiro enigma, o da Montanha, em que ele fala com tanta jactância a respeito de seu próprio lar sombrio e pétreo. A montanha pode ser a última coisa a entrar no enigma do Tempo, mas Gollun admite que ela desaparecerá.

O enigma de Gollum fala da desesperança final; o fim até mesmo de sua vida e seu mundo. Gollum é muito velho. Mesmo na primeira edição mais alegre de *O Hobbit*, ele estava em seu lago solitário desde antes da chegada dos goblins às montanhas. Ao longo de sua experiência de vida milenar e miserável, ele está bem consciente da passagem dos anos, que o carcomeram, que o trituraram e que o fatigaram, até, como o peixe cego, ter ficado deformado e atrofiado além do reconhecimento. Esse último enigma repercute com uma obstinação e um desespero que falam poderosamente tanto da iniquidade como da miséria da existência de Gollum. De fato, o mundo que isso revela é horrível, e, para ele, Bilbo não tem resposta.

As escolhas de Bilbo: simpatia por Gollum

No rastro do enigma do Tempo proposto por Gollum, Bilbo não consegue pensar em mais enigmas. A pergunta final e decisiva – “O que eu tenho no meu bolso?” – é dita por acaso, com Bilbo expressando seu pensamento em voz alta por engano depois que sua mão encontra o anel, pela segunda vez, no escuro. O

último diálogo do jogo de adivinhação é entrelaçado com ironias. A resposta correta evasiva à pergunta de Bilbo torna-se a única coisa sobre a qual Gollum "remoeu por muito tempo". Enquanto tenta adivinhar a resposta, Gollum pensa nos conteúdos dos próprios bolsos, tentando adivinhar o que outras pessoas, menos asquerosas, podem manter nos bolsos, quando, desde o começo, a resposta correta é realmente a própria coisa que ele mesmo carregou em seus bolsos durante séculos. O próprio Bilbo não sabe a resposta para a pergunta que formulou; ele descobre o que tem em seu bolso somente a partir de Gollum, que não conseguiu adivinhar em três tentativas.

E, no entanto, a maior ironia a respeito da pergunta do Bolso é uma ironia acidental de Tolkien, em 1937. Bilbo não consegue pensar em nenhuma resposta para o enigma do Tempo, mas, no fim das contas, sua última pergunta serviria, de fato, como um tipo de refutação a ele. Posteriormente, quando Tolkien estabelecer o anel de Bilbo como o Anel do Poder, ele explicará que esses anéis, em certo sentido, agem contra a força devoradora do tempo, concedendo uma vida muito prolongada aos seus donos mortais. Essa relevância do anel como resposta ao enigma do Tempo pode não ter sido planejada conscientemente por Tolkien na primeira edição de *O Hobbit*, pois ele não fazia ideia então de que o anel tinha essa importância ou esse poder, mas é uma coincidência notável.

Enquanto isso, no texto, a ênfase principal é uma vez mais na sorte de Bilbo. Sua pergunta involuntária a respeito da indagação vitoriosa é o terceiro golpe de sorte que veio em sua ajuda durante o jogo de adivinhação. O primeiro é quando Bilbo está tentando responder ao enigma do Peixe e um peixe frio e pegajoso salta direto sobre os dedos de seu pé e sugere a resposta. O segundo é quando Bilbo responde corretamente ao enigma do Tempo totalmente por acaso, pretendendo pedir mais tempo e dizendo simplesmente: "Tempo! Tempo!" Três vezes ele é "salvo por pura sorte". Chamo a atenção para a extraordinária boa sorte de Bilbo e dos anões na minha discussão do terceiro capítulo, e, aqui, no quinto capítulo, a sorte parece estar assumindo um papel mais vigoroso na orientação e proteção de Bilbo.

A questão do Bolso também nos estimula a pensar a respeito do destino pelo

qual a sorte de Bilbo o está protegendo. Durante o jogo de adivinhação, Bilbo e Gollum se apresentam como porta-vozes de perspectivas antagônicas – entre luz e escuridão, entre saúde e corrupção, entre satisfação e desespero. O jogo acaba, porém, com uma pergunta que serve não para separar os dois, mas sim para estabelecer uma ligação entre eles. Os dois têm tido o mesmo anel em seus bolsos, e vemos Bilbo fazendo pela primeira vez o que Gollum tem feito por muito tempo: tocar o anel em seu bolso e falar em voz alta para ele. Os dois aparentavam princípios diametralmente opostos, mas, no fim, parece que eles podem quase ser os retratos "antes" e "depois" da mesma personalidade. Embora Bilbo ainda não reconheça isso, o destino de Gollum deve ser uma história admonitória.

Ainda antes dessa última pergunta, Tolkien nos convidou, em diversos momentos, a enxergar conexões entre as duas personalidades. Os enigmas de Gollum podem revelar um ponto de vista estranho em si, mas Bilbo adivinha diversos deles porque "escutou algo muito parecido" com eles antes. Gollum também é capaz de adivinhar alguns enigmas de Bilbo só porque ainda conserva memórias "dos dias quando era menos solitário, furtivo e desagradável", "dos dias quando parecia levar uma vida bastante própria de Bolseiro", "com sua avó, numa toca na margem de um rio". As memórias mortiças de Gollum nos revelam que ele nem sempre foi daquela maneira, e elas também contêm uma advertência implícita para Bilbo. Bilbo também está passando por uma mudança, uma transição de sua vida tranquila e feliz em sua toca, ao lado de uma colina. As memórias de Gollum são um lembrete de que tais transições não são sempre para melhor, e mesmo Bolseiros podem afundar na corrupção e desventura.

A princípio, Bilbo não parece enxergar essa conexão. Ao ouvir o choro de infelicidade de Gollum quando ele descobre a perda de seu precioso anel, Bilbo não fica emocionado e "não é capaz de sentir muita pena em seu coração", ainda que considere o pranto de Gollum "horrível de escutar". Nos momentos finais de seu encontro com ele, porém, Bilbo percebe finalmente todas as implicações da condição de Gollum. Na boca do túnel de saída, com um desconfiado Gollum parado entre ele e a liberdade, Bilbo enfrenta uma séria crise moral. De início,

seu pânico e seu desespero para escapar o impelem a uma ação brutal e implacável. Sente que deve “apunhalar a coisa asquerosa, ferir seus olhos, matá-la”. No entanto, seu senso moral logo se reafirma. De fato, ele ginga e pega outra direção, e é até mesmo algo generoso demais em sua avaliação de seu inimigo. Ele diz para si que Gollum não tinha realmente ameaçado matá-lo ou tentado eliminá-lo até aquele momento, ainda que ambas as afirmações não fossem muito verdadeiras. Gollum tentara capturá-lo e matá-lo quando ele pegou a passagem, e a discussão de Gollum se Bilbo seria ou não “esplendidamente mastigável” constitui, sem dúvida, uma ameaça.

Mas, nesse caso, a generosidade de Bilbo não é puramente objetiva. É condicionada por seu entendimento, naquele momento, da vida e do mundo de Gollum, da ligação entre ele e Gollum. Bilbo se imagina na posição de Gollum, perdido “em dias intermináveis, indistinguíveis, sem luz ou esperança de melhoria, pedra dura, peixe frio, esgueirando-se e murmurando”. O pensamento provoca-lhe um calafrio, prendendo-o numa “mistura de compaixão e horror”. O resultado é uma nova energia e determinação, que, literalmente, empurram-no de volta à luz que ele estava tão desesperado em recuperar. Sua escolha moral se torna um salto de fé, um “salto no escuro” e para fora do escuro, e ele, com êxito, eleva-se acima do final da escuridão que os esperava ali, ou para ser morto por Gollum ou para ser digno de si.

Nessa história, a ação final de Gollum, seu “grito apavorante, cheio de ódio e desespero”, reafirma as diferenças entre Gollum e Bilbo, enfatizando a importância da escolha moral de Bilbo. Gollum é entregue à desesperança, deixado sem nada além do ódio eterno por aquele que acabou de lhe mostrar compaixão. Bilbo continua correndo na direção da esperança de fuga, a porta dos fundos, apesar do fato de que sua compaixão pela miséria de Gollum deixou-o, naquele momento, “com o coração na boca”.

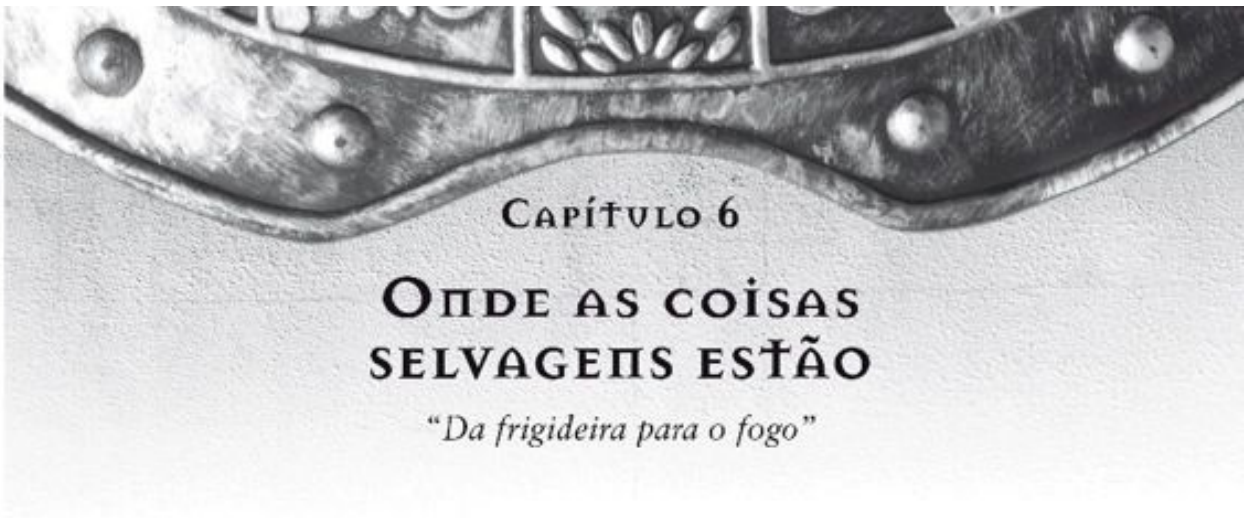
No início do livro, o narrador nos convida a julgar se Bilbo “ganhou algo no fim”. No quinto capítulo, ainda estamos longe do fim, mas já podemos começar a perceber aquilo que Bilbo está ganhando. Bilbo passou pelo momento decisivo de sua trajetória. Ele deixou de ser vítima passiva de sua aventura, e adotou sua

nova vida. Até passou a sentir prazer em ver a própria vida como parte de grandes, grandiosas histórias que escutou (com evidente prazer, apesar do caráter Tûk delas), mesmo quando vivia em Fundo do Saco. Quando Gollum lhe pergunta a respeito de sua espada, ele, com orgulho, designa-a como “uma espada que veio de Gondolin!”, vangloriando-se abertamente de sua ligação recente com as lendas dos tempos antigos. Quando ele descobre que o anel que achou por acaso é um anel mágico, como aqueles sobre os quais escutara nas narrativas antigas, sua “mente rodopiou em esperança e assombro”. Bilbo passou a ver que, ainda que as aventuras possam, de fato, ser “coisas desconfortáveis, desagradáveis”, que “fazem você se atrasar para o jantar”, como afirmou no primeiro capítulo, também podem ser grandiosas, integrando uma das grandes histórias.

No entanto, seu primeiro encontro após adotar esse estado de espírito positivo mostra um lado muito sério desse novo mundo. Em Gollum, Bilbo encontra algo não só pior do que viajar sem alojamento e café da manhã, mas pior ainda que ser torturado e morto pelos goblins. Em Gollum, ele encontra sua moral oposta, uma criatura sombria, cujo mundo parece totalmente contrário ao de Bilbo, como seus enigmas ilustram repetidamente. No entanto, Tolkien nos mostra a ligação entre os dois mundos, uma conexão que está encarnada no anel; o anel de Gollum que se torna a resposta ao último e mais pessoal enigma de Bilbo. Em seu ato final de misericórdia e compaixão, Bilbo conserva sua estatura moral, apesar das circunstâncias desesperadas. Esse também é um momento decisivo em sua vida, e, possivelmente, o mais importante de todos. Bilbo se espremeu através de um lugar muito apertado, escapando para fora da escuridão e alcançando a luz, e ele nunca voltará para trás, ainda que tendo de deixar seus botões de latão e muitas outras coisas pelo caminho.

Notas

18. Ele e os outros membros do Inklings, o grupo de amigos que se reuniam para ler e discutir as obras deles, chamaram *O senhor dos anéis* de “O Novo Hobbit” durante anos.
19. Rateliff, *The History of the Hobbit*, I.160. O texto completo da primeira edição do Capítulo 5 está nas páginas 153-63 do primeiro volume, na edição de dois volumes.
20. Rateliff, 156.
21. Em sua maior parte, a tradução dos enigmas é de autoria de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta, tradutores de *O Hobbit*, editora WMF Martins Fontes. (N. do T.)
22. J. R. R. Tolkien, *The Silmarillion* (Houghton Mifflin, 2001), 272.
23. Ibid., 271.



A natureza de Bilbo: reapresentações

No quinto capítulo, vimos que Bilbo atravessa um momento decisivo importante em sua trajetória. Abandonado à própria sorte na escuridão, sem nada e sem ninguém para recorrer, ele não só sobreviveu como também manteve a integridade moral, recusando-se a deixar que sua situação desesperadora justificasse ações cruéis. Bilbo não é dominado na escuridão, nem corrompido pela escuridão, e deixa tanto Gollum como os goblins para trás, saindo na luz do dia que está sumindo.

Enquanto Bilbo desce correndo a encosta da montanha com seus botões rolando sobre os degraus da porta, o pior perigo parece ter acabado. Ele ainda está numa situação difícil; como o narrador nos lembra: Bilbo "perdeu o capuz, a capa, a comida, o pônei, seus botões e seus amigos". No entanto, a resposta de

Bilbo a essa nova situação nos mostra muito claramente o quanto ele cresceu. Apesar do apuro que ele ainda vive e de todas as coisas de que ainda carece, seus primeiros pensamentos são em relação aos seus companheiros. Ele está preocupado com Gandalf e os anões, e se pergunta se deve voltar para as cavernas dos goblins para ver se consegue achá-los e resgatá-los, se necessário. Pondera que, agora que tem um anel mágico, possui recursos que deve utilizar para ajudar seus amigos. Aparentemente, agora está pensando em si como o aventureiro profissional contratado pelos anões, cujo dever é colocar sua *expertise* para trabalhar para ajudar seus companheiros.

A mudança que podemos observar aqui na atitude e perspectiva de Bilbo é espantosa. Em Fundo do Saco, quando ele ainda pensava a respeito de se safar dos anões e se esconder atrás dos barris de cerveja na adega até eles o deixarem sozinho, teria parecido absurdo imaginar que Bilbo poderia enganar os goblins e escapar das profundezas das Montanhas Nebulosas completamente sem ajuda. Que ele não só teve êxito em escapar como está planejando voltar para tentar sozinho um resgate dos anões não é menos que incrível.

Evidente que Bilbo não passou por um transplante de personalidade completo. Ele ainda acha a ideia de voltar para debaixo das montanhas um "pensamento muito desconfortável", e expressa a apreensão em relação às cavernas dos goblins claramente quando pensa nelas como "túneis horríveis, horríveis". Ele se sente deprimido acerca de toda a perspectiva. No entanto, toma a decisão de voltar. Embora a decisão de Bilbo se torne desnecessária, revela-nos o quanto o pequeno e tímido senhor Bolseiro mudou de fato.

Ao reencontrar os anões e lhes contar sobre seu encontro com Gollum, Bilbo omite deliberadamente qualquer referência ao seu novo anel mágico. No começo de *O senhor dos anéis*, claro, Tolkien vai destacar enfaticamente esse momento específico. No segundo capítulo do primeiro livro de *A sociedade do anel*, Gandalf explicará para Frodo que essa mentira inicial de Bilbo para seus amigos é um sinal inquietante e agourento, uma indicação de que esse anel possui um efeito imediato e prejudicial sobre seu detentor. Quando lemos *O Hobbit*, porém, devemos lembrar que esse aspecto dessa história será imposto com habilidade

posteriormente, em retrospecto. Como discutimos na Introdução, o anel em *O Hobbit*, como inicialmente concebido por Tolkien, não é sinistro, nem agourento; é apenas um anel mágico de invisibilidade; o acessório perfeito para dar ao ladrão profissional um grande impulso em sua carreira.

No contexto de *O Hobbit*, a insinceridade de Bilbo para com os anões é fácil de entender: ele quer melhorar sua reputação com eles. Os anões, devemos nos recordar, ainda não têm grande consideração por Bilbo. Àquela altura, eles já haviam viajado juntos por um bom tempo, mas o hobbit contribuiu muito pouco até então. Como mencionado no quarto capítulo, o grito de alarme de Bilbo quando os goblins estão pulando para capturá-los é o único ato positivo empreendido por ele; desde então, muita coisa aconteceu, cuja lembrança os anões possam talvez ser perdoados por não se empenhar em evocar. A atitude deles em relação a Bilbo se torna muito clara quando dois anões não identificados comentam: “Ele causou mais problemas até aqui do que foi útil. Se tivermos de voltar por esses túneis abomináveis para procurá-lo, ele que se dane.” A opinião é indelicada, é claro, e sua mesquinhez é enfatizada pelo fato de que acabamos de ver Bilbo decidir que faria pelos anões o que eles estão naquele momento dizendo que não fariam por ele. Contudo, deve-se admitir que, do ponto de vista prático, a opinião desse anão é compreensível.

Bilbo sabe disso. Já vimos, no encontro com os trolls, que Bilbo é sensível à falta de respeito dos anões. O único motivo pelo qual decidiu bater a carteira de William foi que não poderia suportar encarar os anões sem ao menos tentar algo relativo a roubo. A decisão de Bilbo de “fazer-lhe uma surpresa” aqui no sexto capítulo, esgueirando-se de forma invisível no meio do acampamento deles, é motivada pelo mesmo desejo: despertar a estima dos anões.

A história que Bilbo conta de sua aventura solo é calculada claramente para acentuar sua aparência de competência como ladrão e aventureiro. Ele minimiza a importância de seu súbito aparecimento entre eles e sua passagem furtiva pela sentinela de Balin, atribuindo isso de modo displicente à sua habilidade profissional, dizendo que “apenas rastejou, sabe, com muito cuidado e em silêncio”. Quando os anões perguntam se viu guardas dos goblins no portão, sua

resposta é loquaz de modo pomposo: “Ah, sim! Muitos. Mas eu me esquivei deles.” Nesse caso, o desempenho de Bilbo parece calculado para neutralizar sua exibição deplorável em Fundo do Saco, onde sofreu um colapso nervoso sobre o tapete diante da lareira, na frente de todos. Aquela pequena cena foi o que levou Gloin a comentar que Bilbo parecia mais o dono de uma mercearia que um ladrão, o que indignou e ofendeu Bilbo. Agora que o novo anel lhe dá uma oportunidade tão esplêndida de impressionar seus novos amigos, Bilbo está começando a construir sua reputação.

O plano de Bilbo funciona, pois, naquele momento, os anões o observam “com um respeito totalmente novo”. Sua entrada furtiva entre eles, que não foi percebida, parece validar a história muito improvável que Bilbo lhes conta de si mesmo. O narrador nos revela que “de fato, a reputação de Bilbo cresceu muito entre os anões depois disso”. O apreço recente dos anões pelo hobbit é expresso de maneira mais eloquente na reação curiosamente elaborada de Balin, quando ele descobre que Bilbo passou por ele rastejando. Balin tira seu capuz para Bilbo e, estranhamente, apresenta-se de novo. O narrador até nos dá o diálogo formal completo entre eles: “Balin, a seu serviço”, ele diz. “Às suas ordens e de sua família”, Bilbo responde. Ali, no lado mais distante das Montanhas Nebulosas, Bilbo e os anões estão começando seu relacionamento novamente, encontrando-se dessa vez como iguais.

Mesmo Gandalf, que foi a referência profissional de Bilbo (um tanto questionável) desde o início, parece impressionado. No início do sexto capítulo, sua atitude em relação a Bilbo é bastante diferente da dos outros anões, mas ele não parece demonstrar mais confiança real no hobbit do que eles demonstram. Gandalf pode expressar lealdade e afeição, considerando Bilbo seu amigo, mas não se pronuncia muito para defender o desempenho dele até aquele momento. Ele só sustenta que Bilbo “não é um sujeitinho mau” – um tanto depreciativo – e acrescenta que se sente “responsável por ele”. Sem dúvida, nesse caso, Gandalf não parece estar falando sobre um colega estimado; ele faz Bilbo parecer mais uma criança ou um animal de estimação de que está tomando conta. Gandalf, portanto, fica “mais contente do que todos os outros” quando Bilbo se

materializa subitamente entre eles, mas também fica “tão surpreso como qualquer um deles”.

Dessa maneira, a reaparição de Bilbo marca um novo início, não só no relacionamento de Bilbo com os anões mas também em seu relacionamento com Gandalf. Desde o início, o mago insistiu que valia a pena levar Bilbo com eles, mas aquela insistência se baseava simplesmente num pressentimento de que Bilbo acabaria sendo importante para a jornada. As afirmações de Gandalf em defesa de Bilbo tenderam a ser no tempo futuro. No primeiro capítulo, ele afirmou de maneira assertiva que “Se eu digo que ele é um ladrão, ladrão ele é”, mas se sentiu compelido a qualificar isso, adicionando “ou será quando a ocasião se apresentar”. Quando ele está defendendo Bilbo antes do aparecimento do hobbit no sexto capítulo, faz a mesma coisa, prevendo: “Se conseguirmos reencontrá-lo, vocês me agradecerão antes de tudo terminar.” Gandalf pode acreditar que sua avaliação se tornará verdade, mas nem mesmo ele sustenta que há muito para justificá-la ainda. A fuga surpreendente de Bilbo das montanhas e o aparecimento repentino entre eles proporcionam a primeira confirmação externa da fé de Gandalf. Agora, pela primeira vez, ele pode utilizar o tempo presente com confiança, afirmando com orgulho: “O que eu disse a vocês? ... O senhor Bolseiro tem algo a mais do que vocês supõem.”

No entanto, não podemos começar a achar que Bilbo se transformou completamente e passou a ser um grande e calejado aventureiro. Por um lado, sua perspectiva permanece firmemente assentada em preocupações imediatas e triviais. Está muito ciente dos desconfortos físicos de sua situação, queixando-se de que “meus dedos do pé estão todos machucados e tortos, minhas pernas estão doendo, e meu estômago está se mexendo como um saco vazio”. Mesmo no meio de sua descrição impassível a respeito de se esquivar dos guardas dos goblins no portão, enfatiza pesarosamente a perda dos botões de seu colete. Bilbo pode ter superado uma etapa importante em sua trajetória, mas ainda considera as aventuras “coisas desconfortáveis, perturbadoras, desagradáveis”, e aquela o deixou atrasado *demais* para o jantar.

Por outro lado, Bilbo, evidentemente, não se encaixa nos eventos que ocorrem

ao seu redor, mesmo naquele momento, da mesma forma que ele não se ajustou ao capuz de anão que Dwalin lhe emprestou. Pode haver algo a mais a respeito dele do que os anões supõem, mas ele permanece desamparado a maior parte do tempo. Bilbo era muito fraco para escapar dos goblins nos túneis, fugindo com todos os outros anões. Teve de ser carregado. É o único membro do grupo que não é capaz de subir nas árvores na clareira dos wargs; Dori quase é morto ajudando-o a subir. Aparentemente, é ignorado pelas águias, que se precipitam para resgatá-los do incêndio dos goblins, e ele tem de se agarrar nas pernas de Dori para evitar ser deixado para trás. Os anões podem ter uma opinião nova e mais favorável das habilidades de Bilbo, mas Dori não para de se sentir um carregador pelo fato de ter de carregar Bilbo o tempo todo, livrando-o do perigo repetidas vezes. Bilbo estabeleceu um novo início com os anões, mas ainda é somente um início.

Goblins: queimar, queimar, samambaia

Quando encontramos os goblins pela segunda vez aqui no sexto capítulo, obtemos uma nova compreensão da depravação deles. Somos apresentados à sua iniquidade e crueldade por meio da canção que cantaram quando capturaram Bilbo e seus companheiros. Tolkien confirma a maldade deles pelo mesmo meio, mediante duas canções que eles cantam ao redor das árvores em que os viajantes desafortunados procuraram refúgio. O narrador chama a primeira canção deles no sexto capítulo de “canção horrível”:

Em cinco pinheiros, quinze pássaros engraçadinhos,
brisa de fogo os mantém quentinhos!
Estranhos pássaros, todos desasados!

Que vamos fazer com esses pobres coitados?
Assá-los vivos ou à cabidela;
fritá-los, fervê-los, servir na panela?

O que torna essa canção tão terrível é a frivolidade dela. Sabemos que os goblins estão furiosos, querendo se vingar dos anões pela morte do Grande Goblin. Estamos preparados para selvageria e fúria. Mas o que realmente vemos dos goblins é vingança empreendida não só com raiva ou mesmo satisfação implacável, mas sim com um tipo de prazer nauseante. A canção deles invoca imagens divertidas, até pacíficas: "passarinhos engraçados" empoleirados nas árvores, com a brisa agitando suas penas. A repetição de "engraçadinhos" cria um tom quase infantil para os quatro primeiros versos, um tom de que Gandalf tira proveito quando tenta intimidá-los em resposta, chamando-os de "meninos travessos". Os dois últimos versos da canção, claro, dão a resposta para a pergunta retórica deles: "Que vamos fazer com esses pobres coitados?" Esses versos promovem uma mudança repentina de tom, de leve e bem-humorado para severo e violento. "Assá-los vivos" é uma resposta que revela claramente a zombaria cruel contida no tom infantil do começo da canção.

A lista dos dois últimos versos de diferentes opções para cozinhar Bilbo e seus amigos pode nos trazer à lembrança os extensos debates culinários mantidos pelos trolls no segundo capítulo. (Ao que tudo indica, *ninguém é capaz de descobrir como cozinhar anões corretamente!)* No contexto da canção deles, porém, as referências culinárias dos goblins são muito mais arrepiantes. Os trolls podem ter sido diabólicos, mas suas discussões culinárias eram puramente práticas. Para eles, os anões eram um recurso alimentar, e os trolls estavam tendo um desacordo honesto a respeito da melhor maneira de preparar os anões para serem comidos. No entanto, a lista de opções culinárias na canção dos goblins não é um debate entre *chefs*; é uma fantasia prolongada de tortura. Tolkien gera esse elemento específico de humor cruel no próprio título deste capítulo, invocando a imagem de frigideiras e fogo para cozinhar na expectativa dos escárnios que os goblins lançarão contra Bilbo e seus amigos em torno do fogo.

Os goblins não têm planos de comer os anões; só estão se divertindo imaginando todas as maneiras dolorosas pelas quais podem ver a morte dos anões.

A diversão dos goblins é demonstrada com clareza por meio das zombarias usadas após a pequena canção. Mantendo a metáfora da canção, gritam para os anões: “Voem passarinhos!”, sentindo prazer no fato de que, na realidade, os anões não podem fugir. De modo ainda mais terrível, terminam ordenando que os anões “cantem”, sem dúvida antecipando os gritos de agonia que os anões provavelmente soltarão enquanto estiverem sendo queimados vivos. Aqueles gritos torturados são a canção que os goblins esperam ouvir daqueles “pássaros engraçadinhos”: o humor dos goblins em sua melhor forma.

Na segunda canção que os goblins cantam em torno dos pés das árvores queimando, voltam para a forma, o ritmo e o tom da canção original deles do quarto capítulo:

Queimar, queimar, samambaia e abeto alvar
Mirrar, sapecar! A tocha que chia
À noite, ilumina para nossa alegria,
Ya hey!

O primeiro verso ilustra novamente a esperteza horrenda dos goblins. Na referência deles a tochas, podemos observar parte do motivo pelo qual os goblins consideravam seu plano de queimar os anões nas árvores “mais divertido”. As árvores em chamas não só servirão como meio inescapável da morte dolorosa de seus odiados inimigos, mas também fornecerão iluminação conveniente para que os goblins possam apreciar adequadamente o espetáculo. Matar seus inimigos é bom, mas para os goblins o “prazer” verdadeiro está em ser capaz de vê-los sofrer.

De fato, o prazer referente ao sofrimento dos anões é o assunto completo da segunda estrofe da canção, expandida de maneira afetuosa:

Assar e tostar, fritar e torrar!

Que haja barbas ardentes e olhos vidrados;
Cheiro de cabelos queimando e peles rachando
Gordura dissolvendo e ossos enegrecendo
em cinza jazendo
expostos ao relento!
Assim vão os anões morrendo,
e acendendo a noite para nosso deleite,
Ya hey!
Ya harry-hey!
Ya hoy!

Da mesma forma que na canção original do quarto capítulo, essa estrofe se concentra na experiência sensorial imediata. Naquela primeira canção, eles começaram a reviver a captura dos anões na primeira estrofe e acabaram antecipando, na terceira estrofe, a dor e o terror iminentes dos anões quando foram torturados e escravizados. De forma semelhante, nessa canção, a primeira estrofe descreve em linguagem simples e repugnante o espetáculo flamejante a que os goblins estão assistindo naquele momento, enquanto a segunda estrofe passa a se concentrar nas coisas horríveis que estão prestes a acontecer. Conforme a primeira canção, os goblins começaram, de maneira animada, a tornar reais as partes “Zunido, estalido!” e “Chora e tagarela!” do início de sua última estrofe. No sexto capítulo, sincronizam o “Ya hoy!” final celebrando as mortes flamejantes de seus inimigos com a iluminação real da primeira árvore ocupada.

Observemos também como é entusiasmado e variado o prazer dos goblins nas mortes pavorosas dos anões. Eles não estão pensando só a respeito dos detalhes terríveis que vão ver (barbas ardentes e olhos vidrados), mas também acerca dos fatos mais seletos que escutarão (peles rachando) e cheirarão (cabelos ardendo, gordura dissolvendo). Todos os sentidos dos goblins estão envolvidos em sua expectativa mórbida, alegre.

De fato, nessas duas canções dos goblins, podemos perceber um paralelo

terrível com a atitude que os elfos de Rivendell mostraram na canção deles. Os elfos cantam uma canção simples, cheia de alegria e deleite infantil com a beleza e as coisas vivas, um júbilo sensual com o rio fluindo e o pão assando. Os goblins também cantam canções que são cheias de alegria e contentamento, canções que se deleitam em experiência sensorial. Os elfos são, como o narrador os denomina depois, Boa Gente; o amor e a alegria deles são puros e abundantes. Os goblins são gente muito perversa; a crueldade e malícia são quase igualmente puras e exuberantes. Os elfos celebram a vida, e os goblins celebram a morte, com entusiasmo inquietantemente parecido. No Capítulo 4, afirmei que os goblins são quase os exatamente opostos dos elfos, e nada ilustra melhor esse princípio que as canções deles. Há muitas criaturas estranhas e assustadoras que Bilbo encontrará em sua jornada, mas nenhuma é capaz de superar os goblins em depravação moral. Bilbo encontrará criaturas mais mortíferas, mas nenhuma sentirá tanto prazer na dor e no sofrimento dos outros como os goblins. Entre todos os monstros de Tolkien, os goblins são a régua pela qual o mal das criaturas más será comparado.

O Ermo: os wargs e as águias

No início do Capítulo 4, o narrador nos revela que Bilbo e seus companheiros entraram no Ermo. Certamente, a aventura de Bilbo começa a captar o ermo muito rapidamente, quando ele encontra os grandes gigantes de pedra, que lançam pedras por diversão, e entra em conflito com os goblins, que o levam prisioneiro para suas tocas. No entanto, como Bilbo é levado ao mundo subterrâneo dos goblins tão rápido, não temos a chance de ver como o Ermo realmente é, acima do solo. No início do Capítulo 6, quando Bilbo emerge das cavernas, voltamos totalmente para o Ermo. As experiências preocupantes de Bilbo nos bosques de pinheiros nas encostas orientais das Montanhas Nebulosas

nos põem em contato com dois tipos de criaturas que servem como representantes interessantes do Ermo e de sua natureza: os wargs e as águias. Se considerarmos atentamente esses dois grupos, poderemos chegar a uma melhor compreensão do que Tolkien parece querer dizer quando denomina de Ermo essa região.

No sexto capítulo, ficamos sabendo que os wargs são aliados dos goblins. Os wargs são lobos, mas não devemos achar que são meramente os animais de estimação dos goblins, bestas utilizadas pelos goblins como os caçadores humanos utilizam cães de caça. Os wargs parecem ter uma cultura totalmente distinta em relação aos goblins, com seu próprio líder, que é escolhido em paralelo com o Grande Goblin. Eles também possuem um idioma falado que os designa como inteligentes além do escopo normal dos animais. Esse idioma, porém, também denuncia com mais clareza o baixo padrão moral deles. O discurso é uma “linguagem apavorante”, e para Bilbo parece terrível, “como se toda a conversa deles fosse a respeito de coisas cruéis e iníquas”. Bilbo não é capaz de entender a língua horrível deles, mas o narrador confirma que as suspeitas dele são muito certas acerca do assunto da conversa dos wargs. O funcionamento social superior que os separa dos outros animais também denuncia a sua iniquidade. Sem dúvida, os wargs são aliados adequados para os goblins.

Contudo, os wargs são mais selvagens e menos civilizados que os goblins. São maiores e mais inteligentes que os lobos típicos, mas ainda partilham muitas características com os animais normais, como o medo do fogo. Observemos, porém, que essas qualidades bestiais servem para tornar os wargs menos diabólicos que os goblins, e não mais; a natureza animal deles impõe um limite sobre o mal que são capazes de executar. Quando Gandalf começa a acossar os wargs com fogo mágico, os animais fogem em terror e confusão. Os goblins, por outro lado, consideram toda a situação muito engraçada e, de imediato, planejam tirar vantagem do fogo. Os goblins, com sua perspectiva mais “avançada”, são capazes de buscar um nível mais profundo de crueldade do que os wargs sozinhos podem alcançar. Com satisfação, os wargs despedaçariam Bilbo e os

anões se os tivessem capturado, mas a criatividade sádica que os goblins demonstram vai muito além da dos wargs. Os wargs, sendo mais selvagens, são menos depravados que seus aliados civilizados.

As águias, como inimigos dos goblins e instrumentos do resgate quase milagroso de Bilbo e seus amigos, parecem estar, sem dúvida, do lado do bem e contra o mal. Algumas águias podem agir “de maneira covarde e ser cruéis”, o narrador afirma, mas esses animais, a “raça antiga das montanhas do norte”, são “as maiores de todas as aves; eram orgulhosas, fortes e de coração nobre”. Mostram-se honradas e generosas na gratidão que exibem a Gandalf por seu trabalho em curar o Senhor das Águias numa ocasião anterior. Certamente os grandes pássaros parecem nobres e heroicos.

No entanto, não devemos fazer uma ideia errada acerca das águias. Elas não são campeãs da bondade, levantando voo em busca de injustiças para endireitar ou de senhoritas (ou hobbits) em apuros para resgatar. As águias salvam os anões, mas, na realidade, não se importam muito com eles. O Senhor das Águias expressa satisfação por elas serem capazes de fazer uma boa ação para Gandalf, mas afirma que o principal motivo pelo qual elas intervieram foi para “enganar os goblins em relação à brincadeira deles”. Salvar os anões é mais um meio que um fim. O Senhor das Águias, além disso, enfatiza a falta de investimento nos anões ou na expedição deles quando discute planos para o dia seguinte. As águias ajudarão, mas não estão dispostas a correr riscos para fazer isso. “Não vamos nos arriscar pelos anões nas planícies do sul”, o Senhor das Águias afirma sem rodeios. Gandalf, o mago, pode escolher acompanhar os anões correndo grande perigo, mas as águias não são tão proativas nem tão generosas.

Mesmo a hostilidade das águias em relação aos goblins é bastante fortuita. O narrador afirma simplesmente que elas nem amam nem temem os goblins. De vez em quando, atacam os goblins e os forçam a voltar gritando para as cavernas, mas isso não acontece com regularidade ou frequentemente. As águias não são as Defensoras do Ermo, a Unidade SWAT antigoblins. O narrador nos revela que elas só atacavam os goblins “quando tomavam algum conhecimento deles (o que era raro)”. A maior parte do tempo, as águias não se importam

muito.

O relacionamento entre as águias e os “homens corajosos da floresta” que o narrador menciona anteriormente no capítulo é ainda mais revelador. Os homens da floresta parecem ser, via de regra, boas pessoas. Lembremos que são aqueles a quem os goblins e os wargs planejaram atacar naquela noite. No entanto, as águias não são aliadas daqueles homens contra os goblins diabólicos; ao contrário, as águias vivem em inimizade aberta e desavergonhada em relação aos homens da floresta. O Senhor das Águias observa que, quando os homens as veem, atiram nelas, supondo que estão atrás de seu rebanho de carneiros. “Mas, outras vezes, eles se comportam bem”, o Senhor das Águias confirma, animado. De fato, a carne que levam para os anões naquele mesma noite inclui um “filhote de carneiro” entre os coelhos e as lebres.

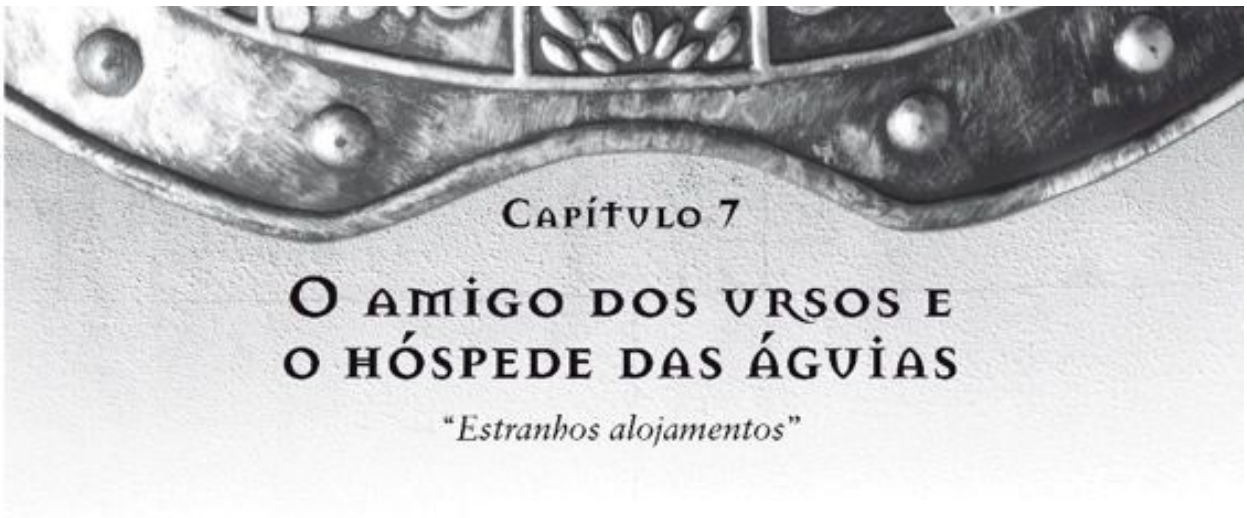
As águias são boas, mas não se colocam automaticamente do lado de todos aqueles que são bons, dedicando seus esforços para se opor ao mal sempre que o encontram. As águias, como os wargs, são selvagens, tendo muito em comum com seus parentes inferiores entre as bestas. Mesmos os detalhes que o narrador fornece a fim de diferenciar as águias e mostrá-las como incomuns enfatiza sua natureza dupla. O Senhor das Águias possui “olhos capazes de olhar para o sol sem piscar, e pode ver um coelho correndo no solo de uma altitude de quase dois mil metros, mesmo no luar”. As águias podem e erguem seus olhos para contemplar coisas elevadas (lembram-se do sol no enigma da Margarida proposto por Bilbo?), mas seus olhos são utilizados com mais frequência para esquadrinhar o terreno em busca de presas. Estão em conflito com os fazendeiros humanos como muitos predadores naturalmente estão. O principal motivo pelo qual ignoram geralmente os goblins, o narrador nos conta, é que “não comiam aquelas criaturas”. São seres grandes e nobres, mas são, de forma básica, animais predatórios.

Como Bilbo fica desconfortavelmente ciente quando está no ninho de águias, as águias não são totalmente confiáveis. Ao ouvir por acaso uma águia referir-se a ele e Dori como “prisioneiros”, ele se pergunta se eles foram realmente salvos. Seus temores são infundados, no fim das contas, mas estão longe de ser

exagerados. Na manhã seguinte, quando a águia em que ele está montado admite que acha que Bilbo se parece com um coelho, seus receios parecem bastante justificados. As águias são boas, mas são completamente selvagens.

Como podemos observar, *ermo* não significa simplesmente “mal, diabólico”; é muito mais complexo que isso. O Ermo não é só o local onde criaturas iníquas como os goblins habitam, e, quando Bilbo ingressa no Ermo, não está simplesmente indo atrás das linhas inimigas. Em vez disso, Bilbo foi muito além de sua terra de coisas seguras e confortáveis, ingressando numa região onde as criaturas são selvagens e implacáveis. No Ermo, há wargs malvados e também há águias nobres, mas ambos são ferozes e predatórios. Os wargs nos mostram, porém, que essa selvageria, essa conexão com bestas não civilizadas que esses dois grupos de criaturas inteligentes compartilham, não é em si diabólica. A selvageria dos wargs é a coisa básica que os torna menos depravados, melhores do que seus vizinhos goblins, mais civilizados; a selvageria dos wargs é, de certa forma, a coisa mais positiva acerca deles.

Podemos achar que a sociedade refinada e segura da terra natal de Bilbo é apresentada como uma cultura superior, mais segura e bem mais preferível do que a vida no Ermo. Os goblins, porém, demonstraram claramente que a civilização não é necessariamente uma coisa boa; a astúcia dos povos culturalmente “avançados” pode se converter em tortura, escravidão e o desenvolvimento de “dispositivos engenhosos para matar muitas pessoas de uma vez”. As águias também proporcionam uma advertência contra a formulação de diversas suposições simplistas. Na ficção de Tolkien, as criaturas boas nem sempre são encarnações de virtude, e os predadores ferozes e perigosos nem sempre são iníquos. As experiências de Bilbo no Ermo devem nos ajudar a reconhecer que o mundo de Tolkien é muito mais complexo, moralmente, do que muitas pessoas supõem numa primeira leitura.



O Ermo: Beorn

Em *O Hobbit*, não há personagem que incorpore a complexidade moral do Ermo de maneira mais completa que Beorn. Por um lado, Beorn é perigosíssimo e imprevisível. Inicialmente, Gandalf refere-se a ele, de maneira muito preocupante, como um "Alguém" sem nome. Ficamos sabendo que esse Alguém mora perto, que ele entalhou os degraus na rocha imensa em que eles estão situados, e que seria muito perigoso encontrá-lo à noite. Gandalf o chama de "pessoa muito grande", o que não é particularmente tranquilizador, ainda mais quando Gandalf acrescenta que eles "*devem* tomar cuidado para não aborrecê-lo, ou só deus sabe o que acontecerá". A descrição inicial de Gandalf a respeito de Beorn deixa claro que eles estão correndo um sério risco ao se aproximar dele.

Tudo isso é bastante alarmante, sobretudo para um hobbit que ainda está tentando se recuperar dos eventos tumultuosos enfrentados recentemente. Naquela noite, Bilbo mergulhará sob seus cobertores e esconderá sua cabeça

após acordar ouvindo sons de rosnado do lado de fora. Ele receia que Beorn vai entrar de súbito na forma de urso e matar todos eles. Novamente, Bilbo está cometendo uma injustiça em relação ao seu anfitrião, da mesma forma que quando interpreta de modo incorreto o uso pelas águias da palavra *prisioneiros* no Capítulo 6. Nos dois casos, porém, o erro é perfeitamente cabível. Ainda que Bilbo fosse resgatado do fogo pela águia, ele foi levado para o ninho inacessível de um carnívoro enorme. Aqui no Capítulo 7, ele foi recebido e banqueteado por Beorn, mas Bilbo levou a sério as advertências de Gandalf acerca de como Beorn é perigoso. O próprio Beorn também não faz muito para dissipar os medos dos convidados, advertindo-os: “Vocês não devem sair de casa antes que o sol tenha nascido, pois estariam se expondo a risco.” Beorn pode ser, em muitos sentidos, uma “pessoa muito incrível”, mas sua casa é, sem dúvida, um lugar muito perigoso.

Por outro lado, Beorn está mais clara e firmemente alinhado contra as criaturas iníquas das montanhas que as águias. Como vimos no capítulo anterior, as águias gostam de enganar os goblins em relação à brincadeira deles, mas não fazem um esforço especial para se opor a eles. Em contraste, Beorn é um inimigo determinado e implacável dos goblins e dos wargs. Sua aceitação dos anões demonstra claramente onde estão suas prioridades. Ele não é “excessivamente afeiçoado dos anões”, mas está disposto a receber bem os companheiros anões de Gandalf em sua casa, já que são “inimigos dos goblins”. Ao que tudo indica, no manual de Beorn, qualquer um que lute contra os goblins não pode ser mau. Isso também parece ser o que está por trás de sua lembrança específica de Thorin. Como o próprio Grande Goblin, Beorn reconhece o nome de Thorin e sabe que ele é o “filho de Thrain, filho de Thror”. Beorn parece respeitar Thorin por sua linhagem; ele apresenta isso como um motivo de por que Thorin pode ficar. No entanto, é difícil imaginar Beorn se impressionando com o mero fato de que Thorin vem de uma família real. É mais provável que Beorn fique interessado na família de Thorin porque é inimiga famosa dos goblins nas Montanhas Nebulosas. A ferocidade de Beorn contra os goblins pode contribuir para o medo pessoal saudável de Bilbo em relação ao gigante troca-

pele, mas Gandalf tem toda razão de dizer que Bilbo está sendo “tolo” e que sua “sagacidade está adormecida” quando sugere que Beorn pode levar os goblins e os wargs até eles. Beorn pode ser amedrontador e imprevisível, mas, sem dúvida, é um inimigo declarado daqueles criaturas do mal.

Embora a oposição firme de Beorn contra os goblins parecesse torná-lo um aliado claro de Thorin e dos anões, a própria ferocidade e crueldade daquela oposição quase punha em dúvida sua bondade essencial. Quando Gandalf fala de matar os goblins com um raio na caverna da montanha, Beorn afirma, “Excelente!”, com um rosnado de prazer selvagem. Seu novo comentário, de que isso prova que “é bom ser um mago”, demonstra que, de acordo com Beorn, a única coisa útil da magia é a magia que mata goblins. Parece seguro dizer que ele não ficou muito impressionado com as abotoaduras mágicas de diamantes, e mostrou impaciência até mesmo com o relato dos fogos de artifício mais espetaculares de Gandalf na clareira dos lobos. “Eu teria dado a eles mais do que fogos de artifício!”, ele resmunga, sugerindo que a magia de Gandalf não é suficientemente violenta e letal para seu gosto.

Após Beorn confirmar a história dos anões, tomando conhecimento de que eles, de fato, mataram muitos goblins, incluindo o Grande Goblin, ele está contente e começa a dar risadas de modo furioso. Sua maneira de confirmar a história deles é talvez a demonstração mais perturbadora de suas tendências selvagens. Sem palavras, ele mostra para eles a cabeça cortada de um goblin e a pele de um warg que capturou na floresta, o que, aparentemente, propicia as descrições corroborantes dos eventos no alto das montanhas. Somos deixados a completar os detalhes um tanto arrepiantes por nós mesmos: a captura de um goblin e um warg por Beorn nos bosques à noite, a tortura deles ou a intimidação para que eles falassem tudo o que sabiam, a morte deles e, em seguida, o desmembramento e o esfolamento deles, e, por fim, os dois troféus pavorosos trazidos para a casa de Beorn para exibição. O único comentário do narrador é ironicamente contido: “Beorn era um inimigo feroz.”

A combinação de bondade e selvageria de Beorn é típica de sua personalidade; ele é uma mistura curiosa de elementos conflitantes. Não fica

nem mesmo perfeitamente clara a espécie dele. Ao apresentá-lo, Gandalf explica que ele possui duas formas: uma forma humana enorme e poderosa e uma forma de urso ainda maior e mais poderosa. O próprio Gandalf não tem certeza de qual é a identidade real de Beorn; ele pode ser um homem capaz de se transformar num urso ou vice-versa. Gandalf imagina que ele é, em suas raízes, um homem, mas não tem certeza absoluta disso.[24] A coisa importante a respeito de Beorn é o fato de que ele é os dois ao mesmo tempo: Homem e Urso, ser humano e besta. Mesmo seu nome reflete essa dualidade. *Beorn* é uma palavra anglo-saxônica que é muitas vezes utilizada para querer dizer "homem" ou "guerreiro", mas a palavra também significa "urso" naquele idioma. Devemos lembrar o conflito entre as águias como predadoras e os habitantes das matas como colonos e fazendeiros, cultivando a terra e tentando subjugar uma pequena parte do Ermo. Beorn, em si, contém os dois lados daquele conflito.

Muito do que somos informados acerca de Beorn demonstra essa dualidade de sua personalidade. Ele vive sozinho, ao menos sem companheirismo humano, em comunhão somente com animais. Sua ligação com animais é tão grande que ele não caça nem come animais selvagens. E, no entanto, Beorn, de modo enfático, não leva uma existência selvagem, vivendo com os animais em seu habitat natural. Seu lar é muito claramente uma casa humana. De fato, na descrição, e no desenho feito por Tolkien do interior da casa de Beorn, seu salão é muito parecido com os salões de banquetes dos anglo-saxões, os locais rústicos de encontro social dos clãs de guerreiros anglo-saxônicos. Beorn até mesmo parece ter tido um efeito bastante civilizador sobre seus amigos animais, já que servem Beorn e seus convidados como criados humanos. Em seu lar e também em sua pessoa, Beorn reúne o mundo dos animais e o mundo dos homens.

Quando passamos a conhecer Beorn melhor, também podemos perceber que sua personalidade brutal é mais complexa do que pode parecer à primeira vista. Ele é mais selvagem que as águias, e seu prazer com a violência parece quase rivalizar com o dos goblins. No entanto, apesar de ser "um inimigo implacável", também é um bom amigo, disposto a fazer muito mais por Gandalf e seus companheiros do que as águias. Depois que confirma que Gandalf e os anões

estão falando a verdade, Beorn logo se preocupa em garantir a segurança deles e ajudá-los no que ele puder. Há algo mais em sua vida do que o ódio aos goblins, como vamos ver; seu amor por seus amigos animais é uma realidade igualmente fundamental em seu mundo. Gandalf afirma que “ele ama seus animais como seus filhos”, mostrando uma ternura e dedicação tão igual quanto sua crueldade e violência. Essas características permeiam sua personalidade, como somos lembrados quando Gandalf os previne com outra afirmação agourenta de que eles não podem imaginar o que lhes aconteceria se maltratassem os pôneis de Beorn ou tentassem levá-los para a Floresta das Trevas. Em sua selvageria e lealdade misturadas, suas naturezas humana e animal simultâneas, Beorn é um nativo verdadeiro do Ermo.



A natureza de Bilbo: o Ermo e o civilizado



No Capítulo 6, ao examinar as personalidades das águias e dos wargs, começamos a considerar a natureza do próprio Ermo, e o Capítulo 7 nos dá muito mais para pensar. Em particular, gostaria de considerar o que mais a palavra *ermo* parece significar; o que exatamente Tolkien está falando acerca dessa região que denomina “ermo”. A palavra *ermo* possui usos muito distintos, mas há duas linhas principais entre esses usos que eu enfatizaria: o sentido de “descontrolado” ou “desenfreado” e o sentido de “incivilizado” ou “indomesticado”. Em *O Hobbit*, o Ermo é, sem dúvida, o ermo do primeiro sentido: todos os moradores do Ermo, bons ou maus, são descontrolados e tendentes à ação repentina, violenta. Acredito, porém, que a importância principal do Ermo dentro dos temas de *O Hobbit* resida no segundo sentido da palavra.

O Ermo é incivilizado no sentido de que a sociedade humana e os costumes

sociais fizeram poucos progressos ali. Por exemplo, o narrador destaca bastante a falta de polidez de Beorn. Somos informados de que ele nunca é muito polido, e, de fato, ele parece desprezar as nuances sociais quase agressivamente. Quando o mago afirma “Eu sou Gandalf”, Beorn responde de maneira grosseira: “Nunca ouvi falar.” Ele é até mais grosseiro em relação ao pobre senhor Bolseiro, olhando com desdém para ele e dizendo de modo bastante descortês “E quem é esse sujeitinho?”, como se Bilbo fosse o animal de estimação de Gandalf. A polidez excessiva de Gandalf e dos anões é muito curiosa em contraste com a rudeza de Beorn. As mesuras elaboradas de Balin e Dwalin fazem Beorn rir, e ele diz rudemente para eles: “Sentem-se e parem de se mexer.” A garantia de Gandalf de que Bilbo é “um hobbit de boa família e de reputação incontestável” é, sem dúvida, tão inútil e desnecessária quanto a consciência dolorosa de Bilbo a respeito de seus muitos botões perdidos do colete.

No entanto, o Ermo não é completamente desprovido de costumes sociais. O modo de falar de Beorn é grosseiro, mas sua hospitalidade é excelente. Sua mobília é tosca e os empregados domésticos são bastante incomuns, mas sua comida é boa, a melhor refeição que Bilbo provou desde que deixou a casa de Elrond. Aparentemente, as águias observam algumas cortesias um tanto elaboradas entre si, ainda que esses hábitos sejam estranhos para Bilbo e para os anões. Ficamos sabendo que há uma coisa gentil a dizer entre as águias em uma despedida, e Gandalf, por sorte, conhece a “resposta correta”.[25] Os costumes sociais do Ermo não são exatamente os mesmos daqueles das terras civilizadas, mas existem.

De fato, de certa maneira, a polidez é ainda mais importante no Ermo do que em sociedades mais polidas. No Ermo, a polidez pode salvar sua vida. No sexto capítulo, o narrador nos adverte, por exemplo, que “você não deve ser rude com uma águia quando tem apenas o tamanho de um hobbit e está no ninho das águias à noite”. Balin e Dwalin tentam aplacar a desaprovação óbvia de Beorn “esmerando-se para serem muito polidos”, e quando Beorn corta o cumprimento convencional dos anões dizendo-lhes que não quer o serviço deles, apenas seus nomes, eles não se atrevem a ficar ofendidos. No quarto capítulo, até vimos

Thorin tentar por curto tempo adular o Grande Goblin por motivo semelhante, permitindo-se uma pequena bajulação acerca das “montanhas verdadeiramente hospitaleiras”. A rudeza de Beorn em relação a Thorin e Companhia revela, em parte, que ele não tem medo deles.

Portanto, o contraste principal que o tratamento de Tolkien em relação ao Ermo provoca não é entre o selvagem e o civilizado, mas entre o selvagem e o doméstico. Mesmo o título deste capítulo “Estranhos alojamentos” aponta para essa tensão. Neste capítulo, vemos Bilbo e seus amigos alojados em duas casas muito diferentes, mas nenhuma delas é uma Casa Amiga. São estranhas, incomuns e desconfortáveis de diversas maneiras.

Como sempre, é a perspectiva Bolseiro de Bilbo que enfatiza repetidas vezes esse contraste. Observamos isso de modo mais vigoroso logo no início do Capítulo 7, quando Bilbo acorda no ninho das águias. Ao acordar, ele “levantou-se num pulo para ver as horas e pôr a chaleira no fogo”, só para descobrir que “não estava em casa”. Evidentemente, há muitas maneiras pelas quais um ninho de águia entre os picos das Montanhas Nebulosas é diferente da toca hobbit de Bilbo em A Colina. Naquele momento, o que mais impressiona Bilbo é a ausência de confortos domésticos. Ele se senta e deseja “em vão poder se lavar e pentear”, também lamentando que não terá “nem chá, nem torradas, nem bacon para o café da manhã”. Como Dwalin o advertiu no Capítulo 2, ele, naquele momento, tem de fazer tudo sem seu lenço de bolso e muitas outras coisas.

Bilbo se mete em apuros duas vezes por continuar a processar sua experiência nos antigos e cultivados termos Bolseiro, que são muito inadequados ao seu cenário atual no Ermo. A primeira bobagem que ele comete é sua comparação da águia que o resgatou com um garfo (e então, acidentalmente, com uma cegonha) e ele com uma fatia de bacon. A correção urgente de Dori de que “as águias não são garfos!” faz Bilbo se lembrar de seu erro. O símile caseiro, comparando-se a um bacon, é talvez insensato sob as circunstâncias, pois Bilbo provavelmente não quer encorajar a gigante ave de rapina que o trouxe ao seu ninho a associá-lo com carne do desjejum. No entanto, muito pior é a implicação de Bilbo de que a águia é meramente um objeto inanimado, como uma ferramenta na mão de

alguém. A correção cambaleante de Bilbo sugere que ele, de fato, esqueceu momentaneamente que a águia sentada bem perto dele é um ser inteligente e sensível, perfeitamente capaz de entender suas palavras. Bilbo não pode se permitir fazer as suposições que teria feito em casa acerca de pássaros e animais.

O segundo erro de Bilbo, e ainda mais sério, ocorre quando Gandalf está lhe falando acerca da capacidade notável de Beorn se transformar num urso. Gandalf o chama de "troca-pele", significando, como ele vai explicar, que Beorn pode trocar sua pele, alterando sua forma. Bilbo, porém, não tem experiência prévia com esse tipo de coisa. Ele acha que Gandalf está dizendo que Beorn é um peleiro, "um homem que chama coelhos de estolas, quando não transforma suas peles em casaco de esquilo?". A experiência prévia de Bilbo não só o engana, mas o engana de maneira desastrosa, levando Gandalf a recomendar com insistência que Bilbo não "volte a mencionar a palavra 'peleiro' enquanto estiver num raio de cem milhas da casa dele, nem tapete, nem pelerine, palatina, regalo, nem nenhuma outra dessas palavras infelizes!". Nesse caso, o erro de Bilbo nos recorda de algo que observamos no Capítulo 6: o ermo não é necessariamente mau, nem a civilização é necessariamente boa. Beorn é forte e perigoso, mas Gandalf tem medo de que ele fique realmente selvagem se ouvir por acaso uma referência ao hábito cultivado de matar animais selvagens e transformar suas peles em roupas da moda. Possivelmente, o *background* domesticado de Bilbo não poderia ter feito mais para induzi-lo ao erro.

O Ermo pode ser estranho e assustador comparado ao mundo tranquilo, confortável e previsível ao qual Bilbo está acostumado, mas Tolkien, de vez em quando, também enfatiza seu encanto. Quando Bilbo está sendo içado da árvore em chamas e carregado para longe pela águia, por exemplo, o narrador faz um pausa e descreve como Bilbo "olhou para baixo, entre seus dedos do pé suspensos, e viu as terras escuras se expondo debaixo dele, tocadas aqui e ali pela luz da lua sobre uma pedra da encosta da montanha ou um riacho nas planícies". Da mesma forma, quando Bilbo decola sobre o dorso de uma águia no dia seguinte, obtemos uma descrição da manhã no país abaixo dele: "A manhã era fria, e a névoa cobria os vales e as depressões, e envolvia aqui e ali os

picos e pináculos das montanhas.” O Ermo é bruto e acidentado, mas também é grandioso e belo.

No entanto, Bilbo, através de quem captamos esses vislumbres de beleza, não está realmente muito aberto a isso. Nas duas ocasiões mencionadas acima, de fato, ele, na realidade, fecha os olhos. Seu breve diálogo com a águia durante o segundo voo demonstra o conflito de perspectiva entre o pequeno e domesticado hobbit e o morador majestoso do Ermo. Percebendo o medo do hobbit, denunciado pela pegada desesperada de Bilbo sobre seu dorso, a águia observa de modo encorajador: “É uma bela manhã com pouco vento. Há algo melhor do que voar?” Sem dúvida, a águia propõe isso como uma pergunta puramente retórica, mas o senhor Bolseiro tem uma resposta que daria se tivesse coragem: “Um banho quente e depois um café da manhã tardio no gramado.” Esse momento pode servir como uma espécie de síntese de toda a situação de Bilbo nesse ponto de sua jornada. Há pouco tempo, o hobbit estava cavalgando de modo desconfortável sobre o dorso de um pônei nas terras familiares próximas de sua casa, querendo saber o que as pessoas pensariam a seu respeito com seu capuz de anão mal-ajustado e se afligindo acerca do fato de que não tinha consigo lenços de bolso e nenhum dinheiro para despesas. Agora, vemos Bilbo montado sobre o dorso de uma águia gigante, voando alto sobre as Montanhas Nebulosas e o Grande Rio, no limite da Floresta das Trevas, e preparando-se para descer para aquele ermo sem comida, sem montaria e sem caminho para seguir. Podemos perceber claramente o quão longe Bilbo chegou como aventureiro por meio de quão bem ele está assumindo tudo isso. No entanto, sua perspectiva não passou por nenhum tipo de revolução. Nas circunstâncias, Bilbo está suportando muito bem, mas não consegue se envolver no deleite da águia a respeito do Ermo que o cerca. Ele é capaz de dormir sobre o terreno pedregoso de um ninho de águia “mais profundamente do que já dormiu alguma vez em seu edredom de penas, em sua pequena toca, em casa”, mas, não obstante, seu coração ainda sente saudade dos prazeres familiares e domésticos de Fundo do Saco.

Há um momento, porém, que, acredito, aponta para o início de uma mudança

genuína nos valores de Bilbo. O Capítulo 6 termina com uma sentença descrevendo um sonho de Bilbo; esse é o terceiro sonho de Bilbo e é o mais desconcertante até agora. Como descrevi no Capítulo 4, seu primeiro episódio onírico consiste em sonhos perturbadores que ele teve no fim do Capítulo 1, após adormecer escutando Thorin cantar sua canção de anão. O segundo sonho é uma visão notável da caverna dos goblins, que vaticina ou descreve o que está realmente acontecendo no recinto ao redor dele. A maneira pela qual ele tem esse sonho ou de onde vem pode ser um mistério, mas sua ligação com a ação do capítulo é bastante evidente. Seu terceiro sonho parece ser, como o primeiro, um reflexo de seu estado interior, mas é muito menos claro a respeito de o que tem a ver com os eventos da vida de vigília de Bilbo naquele momento.

Quando Bilbo vai dormir sobre o terreno pedregoso do ninho das águias, o narrador nos informa que “toda a noite ele sonhou com sua própria casa e perambulou em seu sono por todos os recintos, procurando algo que não conseguia achar nem lembrar com o que parecia”. Que Bilbo sonhasse com Fundo do Saco naquele momento não é muito surpreendente. Ele está no que deve parecer um lugar muito inóspito, apesar da cordialidade (relativa) das águias. As águias podem ter resgatado e alimentado seus hóspedes, mas a hospitalidade delas é bastante desconfortável e indomesticada. Ninguém pode chamar um ninho de águia no topo da montanha de Casa Amiga! Poderíamos até esperar que Bilbo sonhasse afetuosamente com sua toca hobbit nessa situação.

O que é tão intrigante a respeito desse sonho, porém, é que *não* é simplesmente um sonho de lembranças nostálgicas, um recuo mental para o mundo onde alguém faz um segundo desjejum tranquilo numa poltrona ou onde uma chaleira está começando a apitar. Bilbo sonha com o lar, mas é um sonho insatisfeito; em seu sonho, ele não consegue achar o que está procurando em nenhum dos recintos de sua casa. Ele nem mesmo sabe o que é aquilo que não consegue achar! Independentemente do que seja, porém, não está ali em Fundo do Saco.

Considero que, nesse sonho, podemos ver um indício de como a vida de aventuras de Bilbo está começando a mudá-lo. Embora seu lado Tûk tenha

alcançado muita prática, seu lado Bolseiro sempre esteve presente, continuamente amoldando sua perspectiva e suas reações. Nesse sonho estranho, obtemos a primeira sugestão de que o lado Bolseiro está sendo influenciado e alterado. Bilbo pode aparentar que não é tocado pelo ambiente do Ermo, fechando os olhos para sua sublimidade e desejando apenas seu mundo seguro e pacato, mas o sonho sugere que seu relacionamento com aquele mundo doméstico está mudando. No entanto, por mais que ele possa de vez em quando querer ser magicamente transportado de volta ao seu lar, ele, naquele momento, não ficaria totalmente feliz ou satisfeito se esse desejo se realizasse. Bilbo está procurando algo que não consegue achar em casa, em Fundo do Saco, algo que só será encontrado no fim de sua jornada.

Sorte: o vento do destino

No Capítulo 7, vemos mais uma vez uma tendência para a qual chamei a atenção pela primeira vez em minha análise no Capítulo 3: a tendência de essa história envolver coincidências surpreendentemente improváveis. Se recuarmos um pouco e adotarmos a visão da águia a respeito do caminho dos companheiros através do Ermo, perceberemos a sorte notável que os acompanhou nas montanhas. Além disso, no Capítulo 7, podemos começar a perceber algo novo a respeito dos golpes de sorte que acompanham Bilbo e seus amigos na aventura: o inter-relacionamento intrigante de boa sorte e má sorte.

Muito da sorte de Bilbo parece, a princípio, ser muita má sorte, é claro. Quando o grupo inicia a jornada a partir de Rivendell, tomamos conhecimento de que, embora existam muitas passagens e desfiladeiros nas Montanhas Nebulosas, poucos realmente dão certo, mas, felizmente, Gandalf e Elrond estavam por perto para guiá-los pelo “caminho certo, no desfiladeiro certo”. Infelizmente, foram desviados desse desfiladeiro ao serem capturados pelos

goblins. Em consequência desse desvio de rota, eles saem das montanas, como Gandalf explica, “muito longe ao norte”, deixando-os com “algum país estranho adiante”. Mesmo se conseguirem pegar o caminho do leste sem pôneis ou comida, estão encarando o desastre, pois não estão mais perto da “estrada velha da floresta” através da Floresta das Trevas, que eles visavam originalmente. Naquele momento, a jornada parece perdida devido à falta de sorte da captura deles pelos goblins.

No entanto, eles descobrem depois que a aparente má sorte acabou se revelando boa sorte. Beorn conta-lhes que a estrada velha da floresta, que eles originalmente visaram, teria provavelmente levado-os ao desastre. Essa estrada é “atualmente, muito usada pelos goblins, embora a própria estrada, ele ouvira dizer, esteja coberta de folhagem e abandonada na extremidade oriental e leve a pântanos intransitáveis, onde os caminhos se perderam há muito tempo”. O desvio de rota que, a princípio, pareceu condenar a jornada deles ao fracasso, na realidade salvou-os do desastre.

No entanto, a sorte de Bilbo e dos anões possui um impacto que vai muito além da sua própria expedição; a vida de milhares de criaturas e o futuro político de toda a região também parecem ter mudado devido à sorte deles. No sexto capítulo, na sua fuga da perseguição dos goblins, Bilbo e a companhia de anões são obrigados a buscar refúgio nas árvores por causa da perseguição dos lobos. Acontece que a clareira perto da qual eles foram forçados a subir nas árvores é, por coincidência, ponto de encontro de goblins e wargs. Também se revela que, num golpe de sorte adicional, naquela mesma noite havia um plano para que os wargs e goblins se reunissem ali. Que falta de sorte colossal! Eis ali os anões tentando desesperadamente escapar de seus inimigos, e, em vez disso, acabam caindo por acaso no próprio local de encontro daqueles mesmos inimigos. Sem dúvida, Bilbo e os anões devem estar amaldiçoados!

Por mais incômoda que a situação possa estar para Bilbo e seus companheiros, é uma bênção extraordinária para os homens da floresta que vivem nos vales. O motivo pelo qual os goblins e wargs planejaram se reunir naquela noite foi para juntar forças, para que pudessem invadir “alguns dos

vilarejos perto das montanhas” e exterminá-los. Todos os homens “corajosos” da floresta e suas famílias “teriam sido mortos, exceto os poucos que os goblins protegiam dos lobos e levavam como prisioneiros para suas cavernas”. No entanto, a presença casual dos anões, de Gandalf e Bilbo nas montanhas naquele entardecer assegurou que o ataque não acontecesse naquela noite, e como o Grande Goblin agora está morto, e o Líder Warg, ferido, o ataque pode não acontecer por algum tempo. Naquele momento, a atenção dos goblins está concentrada na vingança contra os anões, em vez de nos insuspeitos homens da floresta, e além disso, Beorn, naquele momento, fora alertado dos planos deles e também podia tomar a iniciativa de se opor a eles. Graças à sequência incomum de azares dos anões, todo o equilíbrio de poder no Ermo pode ter sido mudado e muitas vidas podem ter sido salvas. Parece quase como se a jornada dos anões fosse parte de um plano maior que está moldando o destino da Terra Média.

Podemos escutar ecos distantes desse tema do destino até num lugar um tanto improvável: a canção que os anões cantam à noite no salão de Beorn. Enquanto os anões festejam com Beorn, ele lhes conta histórias de “terras selvagens ao lado das montanhas”, e, em especial, da “terrível Floresta das Trevas”. Isso deixa os anões perturbados, pois lhes recorda que eles mesmos têm de pensar a respeito de passar através da floresta negra em breve. Deixados sozinhos depois, começam a cantar:

No campo ressecado vento havia,
mas na floresta nada se movia
trevas soturnas, diurnas, noturnas,
coisas turvas o calor escondia.

O vento desceu dos montes gelados,
rugindo em ondas qual mar agitado;
os ramos tremiam, a floresta bramia,
de folhas o chão estava forrado.

De Oeste para Leste o vento em festa,
cessava o movimento da floresta,
mas aguda e fatal, pelo pantanal,
sua voz sibilante uiva e protesta.

Assobia o capim curvando as flores,
batem os juncos, seguem-se temores;
sobre o lago agitado um céu calado,
nuvens correndo rasgadas e horrores.

A deserta montanha solitária lá se vai,
varre ele agora a toca do dragão;
trevas e negrume, pedras em cardume,
fumaça impregna o ar da escuridão.

Deixa o mundo a sua fuga contínua,
sobre os mares da noite ele recua
no som doce da brisa a lua desliza
acende-se uma estrela e a luz flutua.

Antes mesmo de analisarmos o conteúdo da canção, sua forma poética e as circunstâncias de seu canto nos dão alguma orientação clara do que esperar dela. Se considerarmos com atenção os versos, seremos capazes de perceber que essa canção possui a mesma métrica e estrutura de rima da canção mais conhecida “Para além das montanhas nebulosas, frias” que os anões cantam no Capítulo 1. Observemos as estrofes de quatro versos com as palavras rimadas nos versos um, dois e quatro e uma rima interna separada no verso três. As duas canções soam exatamente da mesma forma; provavelmente, teriam sido cantadas com a mesma melodia. Como a primeira canção dos anões, essa também é cantada na escuridão depois de um banquete. Nas duas vezes, eles estão num lugar de conforto e segurança, preparando-se para partir para um percurso importante da

sua jornada longa e perigosa. Portanto, em virtude das semelhanças entre as duas canções, podemos suspeitar que essa canção, como a primeira, relaciona-se à busca dos anões e à jornada deles.

As palavras da canção não parecem confirmar imediatamente essas suspeita. Se a primeira canção falava explicitamente do antigo lar sob a Montanha e do começo da expedição “antes de o sol surgir”, essa canção é mais lírica, falando só do vento soprando em diversos lugares. Os anões mencionam a “montanha solitária” pelo nome, mas surgem poucas outras ligações entre toda essa imagem do vento e a jornada deles.

Se prestarmos mais atenção, porém, veremos que essa canção realmente conta um história ainda mais consistente do que a primeira canção. A canção não dá apenas imagens do vento; conta a história de um vento específico. O vento começa no “campo ressecado”, enquanto a floresta, cheia de sombras perpétuas, está silenciosa e imóvel. Na segunda estrofe, porém, temos movimento. O vento desce agora dos “montes gelados” e rasga a floresta, arrancando folhas e sacudindo as árvores, fazendo-as gemer. Nas terceira e quarta estrofes, o vento, movendo-se “De Oeste para Leste”, assobia através de um pântano, rasgando até as “nuvens correndo” com sua força e velocidade. Na quinta estrofe, varre “a deserta montanha solitária”, fazendo a fumaça da “toca do dragão” flutuar diante dela. A ação da canção pode ser impessoal, mas é, de fato, bastante dramática.

A canção também nos oferece indícios mais que suficientes para permitir identificar as regiões específicas que está descrevendo. A floresta coberta de sombras, abaixo da qual as coisas escuras rastejam, é claramente a Floresta das Trevas, a respeito da qual os anões pensavam e que temiam durante o banquete, antes de começarem a cantar. Tanto a Floresta das Trevas como o campo ressecado no norte, “onde os grandes dragões procriam”, aparecem no mapa de Thror, conforme Thorin menciona no primeiro capítulo. As “montanhas frias” são quase certamente as Montanhas Nebulosas, descritas com aquela mesma frase na primeira canção dos anões, e os pântanos que o vento alcança dirigindo-se “de oeste para leste” devem ser os “pântanos intransitáveis” que Beorn menciona, na margem oeste da Floresta das Trevas e ao sul do Lago Comprido.

Dessas terras úmidas, o vento chega a um local que é explicitamente nomeado: a "montanha solitária", onde está a "toca do dragão". A canção parece estar contando a história da passagem de um vento específico e poderoso ao longo do próprio caminho da jornada e busca dos anões.

Portanto, a canção do Vento dos anões nos solicita ler a passagem desse vento poderoso em paralelo com a busca dos anões, especialmente quando nos lembramos das semelhanças de forma e contexto em relação à canção dos anões sobre sua jornada, no Capítulo 1. Quando pensamos a respeito disso dessa maneira, podemos observar na canção do Vento uma espécie de versão heroica, fantástica da busca dos anões. A história começa no campo ressecado, onde os dragões procriam e local de origem de Smaug; o seu é o primeiro movimento nessa história, mas não está associado com nenhum movimento real do vento. O caminho de Thorin e Companhia nas Montanhas Nebulosas, através da Floresta das Trevas, e para a Montanha, em contraste, é descrito como uma ventania enorme, que varre todos os obstáculos e perigos de maneira irresistível. Rola montanhas abaixo como uma maré, agita a grande e misteriosa floresta, que só é capaz de lastimar em protesto impotente e, por fim, varre o esconderijo de Smaug, impelindo-o diante dele, como fumaça diante do vento. Para os anões que estão nervosos a respeito dos perigos que ainda existem diante de si na jornada, essa canção é, sem dúvida, um reforço de confiança, convidando-os a imaginar a sua busca como uma força irreversível, irresistível, os ventos do destino carregando-os para casa.

A canção, porém, não termina aí. A última estrofe sugere que a Montanha Solitária não é o ponto final da jornada do vento poderoso:

Deixa o mundo e sua fuga continua,
sobre os mares da noite ele recua.
Ao som doce da brisa a lua desliza,
acende-se uma estrela e a luz flutua.

No final da canção, o vento pega seu caminho para os céus. E não é só uma

questão de ir para os céus; de fato, ele desempenha um papel importante e fundamental ali. O mesmo vento que ruge no caminho dos anões para a Montanha Solitária também, no fim das contas, sopra a lua em seu curso através do céu noturno e abana as estrelas para a vida. O vento que os anões cantam, que sempre pareceu muito maior que até o maior dos marcos ou obstáculos terrestres, é, na realidade, um vento celestial que também ordena os corpos celestiais ao longo de suas trajetórias e inspira as estrelas.

Não é claro o quanto os próprios anões estão realmente pensando a respeito das implicações teológicas de sua canção. Sem dúvida, a imagem do vento soprando as estrelas até elas se acenderem, como o sopro de um fole numa forja, é uma imagem muito característica dos anões. Talvez eles estejam vendo seu regresso para casa como parte da arte ordenada do universo e da história; é difícil dizer.[26] No entanto, a canção certamente serve para nos impelir a pôr a jornada de Bilbo e dos anões num contexto maior, que os eventos com os homens da floresta e o reencaminhamento fortuito dos anões para o norte já nos solicitaram a considerar. A jornada para a Montanha Solitária não será algo como o progresso sem esforço e irresistível do vento na canção, mas, não obstante, somos convidados a enxergá-la como parte de uma história muito maior; uma linha de uma tapeçaria maior que é a história da Terra Média.

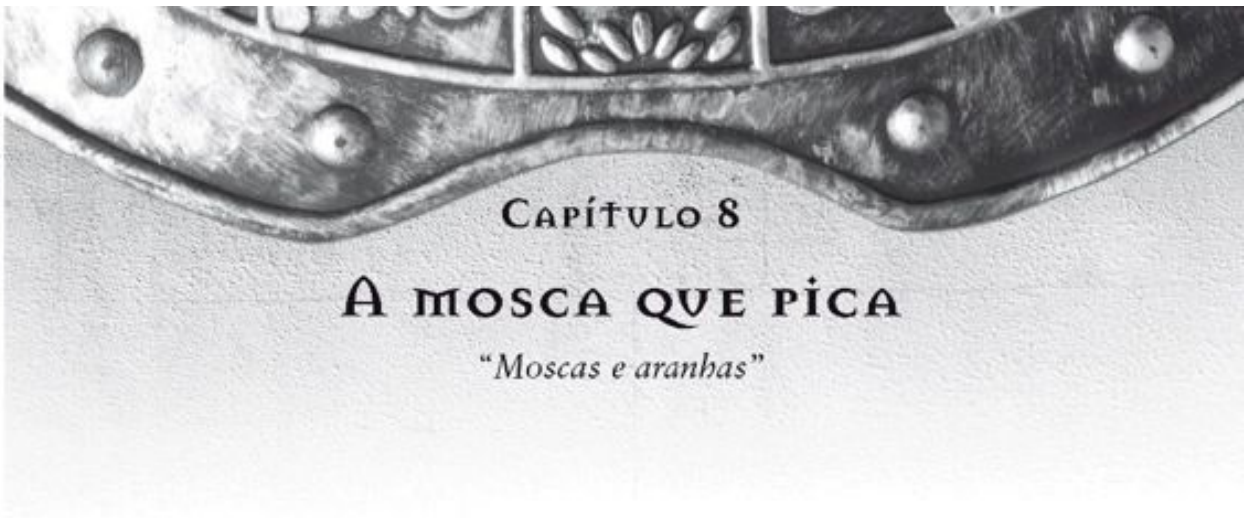
Notas

24. Em uma de suas cartas, Tolkien afirma claramente que Beorn é um Homem, mas mesmo essa evidência não é tão clara quanto parece. Em seu contexto na carta, a afirmação de Tolkien tem o propósito de esclarecer que Beorn não é definitivamente um Elfo, em vez de solucionar o debate Urso/Homem acerca das origens de Beorn (*The Letters of J. R. R. Tolkien*, ed. Humphrey Carpenter, Houghton Mifflin, 1981, 178).

25. Podemos recordar que a despedida formal das águias é “Boa viagem, gritavam elas, por onde quer que viajem antes que seus ninhos os recebam no fim do caminho”. A resposta correta é “Que o vento sob suas asas possa levá-las para onde o sol navega e a lua caminha”. Essas são fórmula rituais bastante elaboradas, e suas referência a “ninho de águias” e “asas” revela que há uma fórmula interna – o que as águias falam umas às outras na despedida, e não o que elas dizem para outros. A implicação é que elas, em geral, não

saúdam os outros, o que torna o auxílio delas em relação aos anões ainda mais significativo e o conhecimento de Gandalf referente à formula ainda mais notável.

26. É um fato interessante que o primeiro rascunho da canção do Vento dos anões, embora quase idêntica à versão final em outros aspectos, não contém a última estrofe. Tolkien a acrescentou mais tarde, quando revisou o texto. Isso sugere duas coisas: que a última estrofe, de fato, adiciona uma nova dimensão à canção, que não havia antes (ou enfatiza algo que só estava implícito), e que essa nova dimensão é algo que Tolkien estava pensando mais nos estágios posteriores da escrita do livro do que estava no início. Parece que as referências à sorte e que as implicações que algum destino está ajudando nos eventos da histórias aumentam conforme a história avança.



Floresta das Trevas: escuridão e magia

No início do Capítulo 8, os anões e Bilbo estão na margem ocidental da Floresta das Trevas. Até agora, a Floresta das Trevas foi um nome agourento ao longo do livro. Aparece no mapa de Thror, e Gandalf acabou de confirmar no fim do sétimo capítulo que suas regiões meridionais são a "terra de Necromante", o "bruxo negro" que capturou e torturou o pai de Thorin. O próprio Beorn fala com cautela a respeito da floresta, advertindo-os de que, na Floresta das Trevas, as "coisas da natureza são escuras, esquisitas e selvagens". E lembremos que é Beorn falando; se as criaturas da Floresta das Trevas são "esquisitas" e "selvagens" pelos *seus* padrões, os anões e Bilbo estão certos de considerar a passagem através da Floresta das Trevas como "a parte mais perigosa de toda a jornada".

Apesar dos temores, Bilbo e os anões não são atacados imediatamente por monstros indescritíveis. Eles avançam durante dias através da floresta escura e

intricada sentindo medo e tensão, cercados pela evidência assustadora de que despertaram o interesse dos moradores sombrios da floresta. Bilbo é capaz de escutar “ruídos estranhos” ao longo do caminho: “grunhidos, lutas renhidas e passos acelerados na vegetação rasteira e entre as folhas que estão acumuladas de maneira densa e interminável em lugares sobre a superfície da floresta”, mas Bilbo não consegue ver o que está produzindo os ruídos. À noite, eles estão rodeados pela contemplação perturbadora de olhos estranhos e brilhantes no escuro; “pares de olhos amarelos, vermelhos ou verdes” fitando, desaparecendo e voltando toda a noite. Para Bilbo, o mais inquietante são os “tipos de olhos bulbosos, pálidos, horríveis”; olhos de inseto, Bilbo acha, “só que são muito grandes”. Bilbo e os anões não são atacados, mas estão em perigo constante e suspense contínuo, caminhando durante o dia e cochilando à noite através da “enorme escuridão sinistra” da Floresta das Trevas.

A escuridão é a característica principal dessa floresta, como está implícito em seu nome.[27] A Floresta das Trevas é profunda e opressivamente sombria. Na Floresta das Trevas, a noite “não é o que chamamos escuro como breu, mas sim é realmente um breu: tão negro que, de fato, não conseguimos enxergar nada”. As sombras da Floresta das Trevas parecem aderir até mesmo às criaturas vivas que moram ali: as mariposas, os morcegos e os esquilos que eles veem são de cor cinza-escuro ou de um preto forte e lustroso. A escuridão difundida da Floresta das Trevas faz até mesmo criaturas inocentes e inofensivas, como borboletas, parecerem agourentas e vagamente ameaçadoras.

No entanto, há evidência de que a Floresta das Trevas não é naturalmente escura e negra; é uma floresta que foi deformada e corrompida. Consideremos, por exemplo, a descrição das árvores que formam o portão da abertura do caminho que os anões estão seguindo. Aquelas árvores são tão “estranguladas com heras e enforcadas com liquens”, que não conseguem “portar mais do que algumas folhas enegrecidas”. O desenvolvimento das árvores parece projetado não para captar a luz do sol ou concorrer a ela, mas sim para abafá-la completamente. Perto da margem da floresta, Bilbo vez ou outra depara com “um fino raio de sol, que tivera a sorte de penetrar através de alguma abertura

nas folhas lá em cima, e ainda mais sorte por não ficar preso nos galhos emaranhados e nos arbustos entrelaçados lá embaixo". A própria vida das plantas parece malevolente, como se estivesse formando teias para emboscar a luz do sol e assegurar que a floresta abaixo seja mantida em sombras sinistras.

Os representantes supremos da escuridão e corrupção da floresta são as aranhas gigantes. Bilbo acha que as "coisas mais asquerosas" que consegue ver na floresta são "as teias de aranha: densas teias de aranha escuras com fios extraordinariamente grossos". Os olhos pálidos e bulbosos que Bilbo considera os mais perturbadores na noite negra da floresta quase certamente pertencem às aranhas. A colônia de aranhas que Bilbo acaba encontrando é um "lugar de sombra densa e negra... mais negra até que a floresta, como um trecho de meia-noite que tivesse ficado para trás".[28] Em toda a região norte da Floresta das Trevas, a colônia de aranhas parece o próprio coração das trevas, da qual toda a luz foi excluída.

No entanto, embora o negrume tenebroso da Floresta das Trevas seja sua característica dominante, Bilbo e seus companheiros também se veem cercados por um mistério que não tem nada a ver com monstros de pele negra ou aracnídeos gigantescos. Além da escuridão e selvageria, a Floresta das Trevas também é o lar de certa magia estranha. Os viajantes encontram um riacho mágico, cheio de água de aparência sinistra (negra, é claro), que devem cruzar, mas que não devem tocar. Escutam os sons de uma grande matilha vindo na direção deles através das árvores do norte do caminho, o sopro distante de cornetas e latidos de cães de caça, mas nunca veem algum caçador. Primeiro, um cervo de cor preto-azeviche e, em seguida, uma corça branca e seus filhotes também brancos irrompem repentinamente na direção deles, e, embora Thorin dispare contra o cervo, eles nunca o encontram ou descobrem seu significado. Eles ouvem, deslocando-se através das árvores, os sons de risos e cantos, e embora seja "o riso de vozes normais" e o canto seja belo, eles saem correndo, pois parecem sons "assustadores e estranhos". É evidente que, ao atravessar a Floresta das Trevas, eles não entraram numa terra de perigos e terrores; eles ingressaram em algum tipo de outro mundo encantado. Bilbo parece ter chegado

ao perigoso reino encantado.

Em seu grande ensaio, “On Fairy-stories” [“Sobre os contos de fadas”], Tolkien assinala que os contos de fadas não são histórias sobre fadas, mas histórias sobre seres humanos que acham seu caminho para o reino encantado, o mundo misterioso de magia e assombro habitado por todos os tipos de fadas. Algumas pessoas encontram o reino encantado no topo de uma haste de feijoeiro e muitas o acham na profundeza da floresta, mas todos que acabam ali se veem enredados por eventos estranhos e muitas vezes alarmantes. É cheio, como Tolkien afirmou, de uma “beleza que é um encantamento, e um perigo constante; tanto alegria como dor, tão afiado quanto espadas”.[29] Aventurar-se no reino encantado é encontrar um mundo que funciona com regras e hábitos estranhos a nós, um mundo em que os mortais podem facilmente se perder. Tolkien denomina o reino encantado de “o Reino Perigoso”, não porque os elfos sejam hostis ou beligerantes, mas porque seu mundo tende a oprimir seus visitantes humanos, mesmo se com beleza e deleite.

Tudo isso pode parecer estranho para um leitor moderno. Atualmente, a palavra *fada* só nos faz pensar a respeito de uma pessoa minúscula com asas transparentes e pó de fada: Sininho é o ícone moderno para fadas. Se você ler *O senhor dos anéis*, poderá se sentir especialmente resistente em associar Galadriel, Legolas ou Glorfindel com pequenas fadas faiscantes. As palavras *elfo* e *fada*, no entanto, são mais ou menos sinônimas, e, quando escreveu *O Hobbit*, Tolkien utilizou os termos de forma intercambiável para seus Elfos.[30] Naturalmente, isso não significa que há algum pó de fada ainda flutuando em torno de Elrond ou dos elfos de sua família. A ideia de fadas como entidades diminutas e algo ridículas – o que eu chamo de Sinismo – é um fenômeno puramente moderno, e é um barateamento triste, até mesmo uma depreciação, da tradição dos contos de fadas.

Na Idade Média, as fadas não eram minúsculas nem engraçadinhas. No poema clássico *Sir Gawain and the Green Knight* [Dom Galvão e o cavaleiro verde], o próprio cavaleiro verde é uma fada. Assim que ele chega à corte, o rei Artur e seus cavaleiros podem perceber que ele é, sem dúvida, uma fada, pois tem as

roupas, a pele e os cabelos completamente verdes – e porque tem mais de dois metros de altura e é muito forte, carregando um enorme machado de batalha. Ele provoca medo e assombro nos Cavaleiros da Távola Redonda antes mesmo de levantar sua cabeça cortada do chão, remontar em seu cavalo e falar a respeito da cabeça que ainda mantém ao alcance das mãos. Podemos ver outro tipo muito tradicional de encontro com fada no poema medieval "Lanval", quando sir Lanval, cavaleiro arturiano, está errando nas profundezas da floresta e chega a um pavilhão surpreendentemente rico, adornado com joias, onde vive uma mulher de beleza inumana, que o recebe, que o ama e que o abençoará com dons mágicos se sir Lanval prometer nunca falar a respeito dela ou do amor deles para alguém. Quando a amada de sir Lanval se apresenta na corte do rei Artur no fim do poema, a maior e mais gloriosa de todas as cortes humanas parece pobre e sombria em comparação à sua corte e de sua caravana, e sua criada supera a beleza da própria rainha Genebra, como o sol eclipsando as estrelas noturnas. Esses são os Elfos da tradição dos contos de fadas medievais, sendo desses personagens que os Elfos de Tolkien tiram sua inspiração.

O espanto, a beleza e o poder de encantamento que as fadas possuem nessa tradição mais antiga explicam por que Tolkien chama o mundo delas de o reino encantado, o Reino Perigoso. Os humanos que buscam esse reino, ou que chegam a ele por acaso, são sempre por ele modificados, e, às vezes, não retornam dele. Lembremos que Aragorn e Faramir falam dessa maneira a respeito de Lothlorien em *O senhor dos anéis*, observando que dos mortais que vão para lá a maioria não retorna, e ninguém retorna inalterado. Lothlorien e sua reputação entre os mortais nas terras em volta são explicitamente derivadas dessa antiga tradição do reino encantado.

No Capítulo 8 de *O Hobbit*, também podemos ver claramente Tolkien pintando um quadro parecido. Depois que Bilbo e os anões entram na Floresta das Trevas, esperamos que eles deparem com monstros horríveis e perigos terríveis; perigos, de fato, como aqueles que eles já encontraram. Em vez disso, eles se veem numa espécie de outro mundo, encantado. Os barulhos que escutam, ligados a pessoas não visíveis – risos e cantos deslocando-se através

das árvores e os sons de uma matilha selvagem –, sugerem que ingressaram num reino mágico, em que são intrusos atrapalhados. Na Floresta das Trevas, há uma magia desconhecida em ação.

Na Floresta das Trevas, eles têm diversos encontros que se referem diretamente aos tradicionais contos de fadas. O primeiro é o riacho mágico, um riacho de assustadora água negra que devem atravessar, mas que não devem tocar ou beber. Beorn adverte-os que o riacho “carrega encantamento e muito entorpecimento e esquecimento”. Ao cair dentro do rio, Bombur, de fato, cai num sono profundo, e quando acorda, descobre que se esqueceu de tudo que aconteceu desde o Capítulo 1. No entanto, constata-se que há mais em relação à magia do riacho que um sono mágico e uma amnésia parcial. Enquanto dorme, Bombur tem sonhos vívidos acerca dos Elfos na floresta. Ele enxerga luzes incandescentes, e um rei da floresta sentado num grande banquete, acompanhado por um canto alegre. Bombur dorme porque foi enfeitiçado; a magia do riacho trouxe-lhe uma visão do Reino Encantado. Com o tempo, ele desperta dessa visão, mas quando isso acontece, ele está mudado, e só quer voltar ao sono para que possa ter seus sonhos de novo. Bombur é o primeiro membro do grupo a vivenciar a magia dos elfos da Floresta das Trevas e a descobrir o quão perigoso pode ser atravessar a fronteira do Reino Encantado.

Dias depois, quando os anões e o hobbit estão sem comida e perto da inanição, enxergam luzes a distância, entre as árvores, e, em seu desespero por alimento, deixam o caminho, arrastando-se até verem uma clareira iluminada pelo fogo e uma cena que parece exatamente a visão que Bombur teve em seus sonhos. Essa visão confirma que os sonhos de Bombur não foram mera imaginação causada pela fome e pelo sono intranquilo. Enquanto ele estava sob a influência da magia do riacho, recebeu vislumbres reais do mundo do Reino Encantado. No entanto, quando os anões avançam correndo na direção da clareira, os elfos desaparecem. Bombur e seus companheiros descobrem, como muitos mortais dos contos de fadas descobriram, que não é muito bom tentar entrar no Reino Encantado à força, sem ser convidado.

Na segunda vez em que o grupo tenta penetrar no interior do anel élfico, Bilbo

é empurrado sozinho através do limite. Dessa vez, os elfos não só voltam a desaparecer como lançam Bilbo no sono enfeitiçado. Quando é encontrado, por acaso, e desperta com dificuldade, constatamos que ele também, como Bombur, parece ter tido uma visão mágica de “um jantar muito grandioso”. A semelhança entre os dois sonhos parece confirmar que o feitiço ao qual Bombur foi submetido era magia élfica; os companheiros de Bilbo também concluem que “ele viajou como Bombur”. Observemos que Bilbo e Bombur são enfeitiçados quando cruzam o limite e que o encantamento ao qual são submetidos possui dois efeitos. São isolados do resto do mundo ao redor deles por meio de um sono mágico, mas suas mentes ou espíritos são trazidos, por meio de encantamento, ao mundo de alegria dos elfos. Embora os dois voltem ao mundo dos mortais acordando do sono, nenhum deles quer deixar o banquete de seus sonhos, e os dois procuram voltar a ele. É perigoso para os mortais cruzar os limites do Reino Encantado.

Na terceira vez em que os anões tentam se intrometer entre os elfos, é Thorin que entra na clareira, e, de novo, aquele que cruza o limite cai “como uma pedra encantada”. Essa é a terceira intrusão no banquete dos elfos, e os leitores de contos de fadas não precisam ser informados de que a terceira repetição de uma ação é significativa e eleva o padrão. Dessa vez, os elfos dão um passo além. Thorin não só é adormecido e atraído por visões do Reino Encantado como também é carregado corporalmente pelo poder dos elfos e levado diante do trono do próprio Rei das Fadas para responder por suas ações. Esse, claro, é um dos perigos tradicionais para os mortais que perambulam no Reino Encantado sem permissão; eles podem ser capturados pelas fadas e nunca receberem permissão para voltar às terras dos mortais. Thorin e seus companheiros, tendo entrado no reino das fadas e até se atrevido a se intrometerem nas suas festas privadas, são aprisionados ali.

Portanto, há dois elementos distintos atuando na descrição da Floresta das Trevas: sua escuridão sinistra e sua estranha magia encantada. Entrar na Floresta das Trevas é entrar no reino do rei élfico, a terra encantada das fadas. Ao mesmo tempo, entrar na Floresta das Trevas é mergulhar numa escuridão sufocante, que

asfixia a vida e a luz, e ser cercado por criaturas escuras, deformadas e corrompidas. Contudo, não devemos confundir esses dois elementos; eles estão em guerra um com o outro. Os elfos “não são gente iníqua”, tomamos conhecimento. Eles não provocaram a escuridão da floresta; eles se opõem a ela. Os anões e Bilbo enxergam suas luzes e suas festas como um oásis no inóspito de desalento e desolação no qual estavam sofrendo. Mesmo a falta de comida se deve, em parte, à corrupção da floresta; independentemente do que enegreceu os animais da floresta, isso, aparentemente, também os maculou, a julgar pelo esquilo negro que conseguiram caçar e que se mostrou “horrível ao gosto”. Foi a boa magia dos elfos que criou o caminho da floresta que eles estão seguindo, que parece manter acuados os donos dos olhos que os observam à noite, e que impediu as aranhas gigantes de esticarem suas teias pelo caminho. As aranhas, cuja colônia é a parte mais escura e horrível da Floresta das Trevas vista por Bilbo, são os inimigos encarniçados dos elfos, e são as únicas coisas vivas pelas quais os Elfos da Floresta “não têm compaixão”. Na Floresta das Trevas, os viajantes encaram os perigos distintos da corrupção sombria e do encantamento élfico, mas os dois são extremamente perigosos. Bilbo e os anões, naturalmente, conseguem se meter em dificuldade com ambos.



As escolhas de Bilbo: o segundo momento decisivo



Depois que Bilbo e os anões falham pela terceira vez em entrar no círculo iluminado pelo fogo da festa élfica da floresta, eles são dispersados e não conseguem mais encontrar uns aos outros. Bilbo se vê sozinho na escuridão total de uma Floresta das Trevas noturna, isolado não só dos amigos como também do caminho que era a única proteção e única esperança de fuga. Anteriormente, ele esteve em algumas situação bem difíceis, mas essa, como o narrador confirma, é certamente uma das mais miseráveis.

Claro que devemos nos lembrar da situação paralela em que Bilbo se viu no início do Capítulo 5, quando acordou sozinho na escuridão, perdido nos túneis dos goblins. Foi um “momento decisivo” em sua trajetória, quando ele achou o anel mágico e quando usou seus próprios recursos pela primeira vez para ter êxito como aventureiro. Agora, na Floresta das Trevas, Bilbo enfrenta um desafio ainda maior, que o obrigará a dar o próximo grande salto à frente em seu desenvolvimento, se ele quiser sobreviver.

Da mesma forma que no quinto capítulo, a primeira reação de Bilbo ao se ver sozinho na escuridão é um impulso de escapismo do tipo Bolseiro. Ele pensa sobre a toca hobbit, e tenta se perder em imagens de “ovos com bacon e torradas com manteiga”. Novamente, porém, encontra um apoio melhor e mais substancial de uma fonte muito mais tûkiniana: sua espada. No escuro dos túneis dos goblins, ele puxa sua espada pela primeira vez e descobre que também é uma espada élfica mágica. No Capítulo 8, ele puxa sua espada a sério e, agora, realmente a utiliza, pois, dessa vez, quando desperta percebe que não está sozinho na escuridão. Uma aranha monstruosa envolve rapidamente seus “fios abomináveis” em torno das pernas dele, para que possa arrastá-lo para longe e comê-lo.

O ato de desembainhar a espada é um momento central no encontro de Bilbo com a aranha. Ao despertar, a primeira reação de Bilbo é defensiva; desesperado, ele bate na aranha com as mãos para tentar afugentá-la. Então, ele se lembra da espada e a puxa, e a aranha salta para trás; pelo visto, a espada provoca uma impressão quase tão grande sobre as aranhas como sobre os goblins. Naquele momento, a situação se inverte em favor de Bilbo, e o hobbit ataca. Ele golpeia a aranha diretamente nos olhos, que tanto o apavoraram perto das fogueiras do caminho, dias antes. Bilbo deu um passo à frente muito importante. Ele não está mais apenas defendendo-se da escuridão e tentando escapar dela, como fez nas montanhas. Naquele momento, está revidando à escuridão e a derrotando.

Na trajetória de Bilbo, o primeiro momento decisivo não parece tê-lo impressionando tanto assim. No início do sexto capítulo, ele se sente satisfeito consigo mesmo e se alegra de se exibir um pouco para os anões, mas sua atitude

e sua perspectiva não mudaram de forma perceptível. Após o encontro com Gandalf e os anões, não pensa muito além de como está faminto; sente-se tão temeroso quanto queixoso. Seu relacionamento com os anões também segue inalterado, apesar da avaliação muito melhor deles a respeito do valor e das capacidades de Bilbo. Ele ainda é o pequeno companheiro quase incapaz, que tem de ser carregado nas costas das pessoas e içado para o alto das árvores. Mesmo na Floresta das Trevas até esse ponto, Bilbo não executou muita coisa. Ele se tornou um aventureiro real, mas seu papel não parece muito diferente do que era quando estava cavalgando atabalhoadamente através da terra de seu lar sentindo-se constrangido no capuz reserva de Dwalin.

O segundo momento decisivo de Bilbo, “o assassinato da aranha gigante, completamente só, por si mesmo, no escuro, sem a ajuda do mago, dos anões nem de nenhuma outra pessoa”, afeta-o profundamente. Naquele instante, ele se sente “uma pessoa diferente, e muito mais feroz e destemida, apesar do estômago vazio”. No rastro de seu segundo momento decisivo, ele se sente, de qualquer modo, tão fraco e com fome quanto estava da primeira vez, mas, agora, não se queixa. De volta a Fundo do Saco, num breve lampejo de desejo, ele desejou que os anões o considerassem impetuoso. Nas montanhas, quando atina que seu espadim é uma das espadas lendárias feitas pelos antigos elfos de Gondolin, Bilbo se anima a pensar que os goblins, teoricamente, talvez o considerem impetuoso. Agora, com uma aranha gigante morta aos seus pés e a lâmina de sua espada tingida de negro com o sangue infame dela, ele se sente verdadeiramente impetuoso, e por um bom motivo. Bilbo não está mais só carregando uma espada escondida em sua calça; agora, ele ergueu aquela espada e, por mais improvável que possa parecer, tornou-se um guerreiro.

Bilbo marca a ocasião num estilo muito típico da ficção de Tolkien: por meio da concessão de um novo nome. Ele dá nome a sua espada, saudando-a em voz alta, como se fosse sua companheira ali na escuridão, e ele a batiza como Ferroada. Embora Bilbo não tenha adotado um novo nome para si, o nome para sua espada fala muito acerca da noção própria de Bilbo a respeito de sua identidade naquele momento. O capítulo é intitulado “Moscas e aranhas”, e

Bilbo sabe que desempenha o papel de mosca. O narrador deixa isso explícito ao nos contar que, quando Bilbo tentou inicialmente afugentar a aranha, ela “estava tentando envenená-lo para mantê-lo quieto, como as pequenas aranhas fazem com as moscas”. O ataque de Bilbo com sua espada foi uma inversão súbita, tão improvável e inesperada quanto uma mosca se rebelando e matando a aranha que a aprisionou. Bilbo ainda se enxerga como uma mosca no meio das aranhas, mas ele não é mais brando e incapaz. Bilbo pode ser uma mosca, mas, agora, é uma mosca *impetuosa*, sendo preferível que as aranhas fiquem prevenidas.

Sorte: resolução recompensada

Depois que Bilbo passou pelo seu primeiro momento decisivo e escapou das montanhas, viu-se confrontado por um dilema que, imediatamente, desafiou sua nova resolução aventurosa. Percebeu que seus amigos ainda podiam estar presos nos túneis dos goblins. Mal tendo conseguido escapar, temia que seria seu dever tentar algo muito mais difícil: localizar sozinho seus amigos, resgatá-los e levá-los para fora de novo. Embora Bilbo fosse poupado naquela ocasião, descobrindo que os anões já haviam conseguido escapar com a ajuda de Gandalf, ele estava preparado para fazer o que tinha de fazer. No Capítulo 8, ele depara com exatamente o mesmo dilema, e, dessa vez, não há escapatória. Com Ferroada em sua mão, a “mosca” destemida se vira e começa a procurar a casa das aranhas para libertar as outras “moscas” cativas das suas teias.

Esse momento da resolução de Bilbo é um lugar onde o primeiro esboço de Tolkien a respeito da história é de particular interesse.[31] Na versão inicial, Bilbo demonstra grande engenhosidade em localizar o viveiro das aranhas. A aranha que Bilbo matou quando acordou deixou um fio de rastro. O hobbit encontra esse fio e o segue de volta até alcançar a colônia, enrolando o excesso de fio num novelo enquanto isso. Bilbo não só utiliza o fio para guiá-lo até a colônia de

aranhas para onde os anões foram levados, mas também deixa uma trilha atrás de si no caminho, depois de atravessá-lo, uma trilha que ele pode seguir para sua segurança, como Teseu fez no Labirinto de Creta. No entanto, antes de o livro ir para a impressão, Tolkien rejeitou a ideia, livrou-se do fio condutor de Bilbo e excluiu quase toda referência a isso.[32] O que ele colocou no lugar foi a simples sorte.

Quando Bilbo decide ir resgatar seus amigos das aranhas, ele faz a melhor adivinhação possível a respeito da direção e, por sorte, "adivinha mais ou menos certo". A princípio, pode parecer que a decisão de Tolkien de trocar o uso engenhoso do fio da aranha por outro elemento de pura sorte vindo em ajuda de Bilbo serviria para subtrair algo da personalidade do hobbit. Em vez disso, o que podemos observar é o próximo estágio do desenvolvimento de Tolkien da ideia de sorte em *O Hobbit*. Observamos antes os diversos golpes de sorte notáveis que contribuíram para a história de Bilbo, desde o sincronismo quase milagroso de Elrond segurando o mapa contra a luz da lua até o salto do peixe assustado sobre os dedos do pé de Bilbo do lago de Gollum. Há um plano maior ou um destino superior em ação por trás daqueles golpes de sorte que acompanharam a busca de Bilbo desde o início.

Agora, no Capítulo 8, podemos ver essa sorte especialmente associada com o próprio Bilbo. Quando Bilbo adivinha a direção do viveiro das aranhas e, casualmente, pega a direção correta através das sombras profundas da Floresta das Trevas, o narrador comenta que Bilbo "nasceu com uma boa parcela" de sorte. Mais tarde, os anões falam da sorte como se fosse um atributo do próprio hobbit. Observam que Bilbo possui "alguma espirituosidade, e também sorte e um anel mágico, todos os três bens são muito úteis". Em certo sentido, a sorte parece realmente pertencer ao hobbit.

No entanto, conforme a ideia de sorte se torna ligada a Bilbo, podemos observar que isso não apequena seus feitos ou reduz a necessidade de sua coragem e engenhosidade. Sua sorte pode guiá-lo até as teias das aranhas, mas, então, ele deve fazer o que precisa ser feito para salvar os prisioneiros que ali se encontram. A boa e notável sorte que acompanha Bilbo em sua jornada não

resolve todos os seus problemas ou deixa tudo fácil para ele. Se Bilbo é um instrumento de algum destino ou sorte, ainda tem um papel muito ativo a desempenhar para trazer aquele destino à fruição.

A natureza de Bilbo: guerreiro e herói

O Bilbo Bolseiro que invade o viveiro de aranhas gigantes para resgatar seus amigos pode vir a ser bastante irreconhecível para seus vizinhos quando voltar para casa. Sua vida completamente previsível está muito distante agora. Nesse momento, precisamos fazer uma pausa e nos refamiliarizarmos com esse novo Bilbo, transformado pela derrota daquela primeira aranha e acompanhado por sua espada recém-nomeada. Tolkien nos ajuda em nossa reapresentação a Bilbo, da mesma forma com que ele nos ajudou a descobrir a natureza e a personalidade de quase todos os demais personagens do livro até aqui: por meio da poesia e da canção. Naturalmente, é um ponto de interesse em si que o "insípido" senhor Bolseiro marque seu recente florescimento em um herói aventureiro compondo o primeiro – mas longe de ser o último! – poema de sua vida.

A primeira canção de Bilbo concentra insultos e ofensas:

Aranha velha e gorda tecendo sua teia!
Velha e gorda aranha, você não me apanha!
Aranhinha! Aranhinha!
Você já vai descer?
Não pode me prender: aqui em cima estou na minha!

No original:

Old fat spider spinning in a tree!
Old fat spider can't see me!
Attercop! Attercop!
Won't you stop,
Stop your spinning and look for me?
Old Tomnoddy, all big body,
Old Tomnoddy can't spy me!
Attercop! Attercop!
Down you drop!
You'll never catch me up your tree!

O narrador chama a atenção para os insultos na canção, observando com segurança (em meu segundo verso favorito do livro) que "nenhuma aranha jamais gostou de ser chamada de 'aranhoca' e 'boboca', é claro, é ofensivo para qualquer um". No entanto, há muito mais nessa canção do que nomes engraçados. Nessa canção, a única coisa que podemos observar mais claramente a respeito de Bilbo é sua audácia. Seu insulto mais frequentemente repetido para as aranhas é que elas são gordas. Em outras circunstância, isso seria, de fato, um ponto fraco, mas esse não parece ser o caso em relação a esses monstros em forma de aranha. A enormidade anormal delas é realmente o que as deixa tão amedrontadoras! As patas cabeludas grossas e as barrigas obesas, inchadas de sangue de quem sabe quantas vítimas, são horripilantes. Em sua canção, Bilbo vira isso completamente de ponta-cabeça, fazendo-as parecer lentas, gordas e incapazes: "só barriga". Bilbo também as ridiculariza duas vezes por causa do ato de tecer, com efeito similar. Ele faz o ato de tecer suas teias aderentes parecerem um desperdício de tempo um tanto tolo.

O narrador sugere que essa canção "talvez não seja muito boa" e, de fato, não é muito elegante nem muito bonita, mas os dois últimos versos são muito sagazes. Por um lado, podem ser considerados uma sugestão. Bilbo está tentando incitá-las a descer e persegui-lo; assim, pede-lhes para se desprenderem da teia,

assinalando que não vão capturá-lo enquanto estiverem no alto das árvores. Contudo, o último verso possui outro significado, que o leitor pode perceber mesmo se as aranhas (esperançosamente) não podem. Se as aranhas decidirem se desprender das teias e persegui-lo, ele então poderá chegar perto da árvore em segurança, e elas não o pegarão no alto da árvore. A ironia dramática do verso nos convida a rir das aranhas junto com Bilbo. Mas o penúltimo verso também possui um duplo sentido, e um que pica ainda mais. “Você já vai descer?” não é meramente uma sugestão educada; também é uma descrição do que elas fizeram enquanto ele as atingia com pedras. À medida que elas permanecem nas árvores, ele continuará a atingi-las com pedras, fazendo-as “cair no chão”. Bilbo é uma mosquinha bastante presunçosa.

A segunda canção adota uma abordagem parecida com a primeira:

Aranha gordona, aranha bobona,
tecendo a teia para me pegar.
Minha carne é gostosa, é mais saborosa,
mas você não consegue me achar!

Eu estou aqui, aranha malvada,
você é gorda, você é modorrenta.
Você não me pega, por mais aplicada,
em sua teia gosmenta.

No original:

Lazy Lob and crazy Cob
are weaving webs to wind me.
I am far more sweet than other meat,
but still they cannot find me!

Here am I, naughty little fly;

you are fat and lazy.
You cannot trap me, though you try,
in your cobwebs crazy.

Novamente, Bilbo insulta as aranhas, xingando-as e acusando-as de serem preguiçosas, e também incapazes e impotentes. Ele aumenta um pouco o potencial de riscos provocando-as com sua própria doçura e travessura, incrementando o desejo delas tanto de comê-lo como de puni-lo por seu desrespeito insultante. Essas duas canções são criadas, somos lembrados, "no estímulo de um momento muito inoportuno", mas, embora possam não ser muito belas enquanto versos, são extremamente eficazes em provocar a emoção desejada em seu público-alvo: raiva cega.

Como a primeira canção, a segunda iniciativa poética de Bilbo também contém jogo de palavras e duplos sentidos que são bastante sagazes. Observemos, por exemplo, o jogo que Bilbo faz da palavra *crazy*, que utiliza no primeiro e no último verso da canção. Embora a palavra seja utilizada hoje quase exclusivamente para se referir a insanidade, a definição principal de *crazy* é, como Tolkien sabia bem, "*full of cracks*" ["cheio de fraturas"], "*impaired*" ["defeituoso"], "*damaged*" ["danificado"] ou "*frail*" ["frágil"].[33] No primeiro verso, Bilbo aplica a palavra para a condição mental das aranhas como de costume, indicando que elas são malucas (*crackbrained*). Em seguida, ele tira proveito desse sentido da palavra em seus sarcasmos ao longo do meio do poema, repetindo o fato de que, por algum motivo, as aranhas não são capazes de achar a mosquinha doce, suculenta e importuna que está parada direto na frente delas, no meio de suas teias. Lembremos que as aranhas não têm nenhuma compreensão do anel mágico de invisibilidade de Bilbo; Bilbo parece estar tentando levá-las a duvidar dos próprios sentidos ou da própria sanidade. No último verso, Bilbo aplica a palavra *crazy* às suas teias, sugerindo que são frágeis e imperfeitas, zombando das ferramentas pelas quais as aranhas estão tentando capturá-lo. Bilbo pontua seu último insulto puxando a espada e cortando com facilidade uma teia que é, realmente, defeituosa, frágil e de baixa

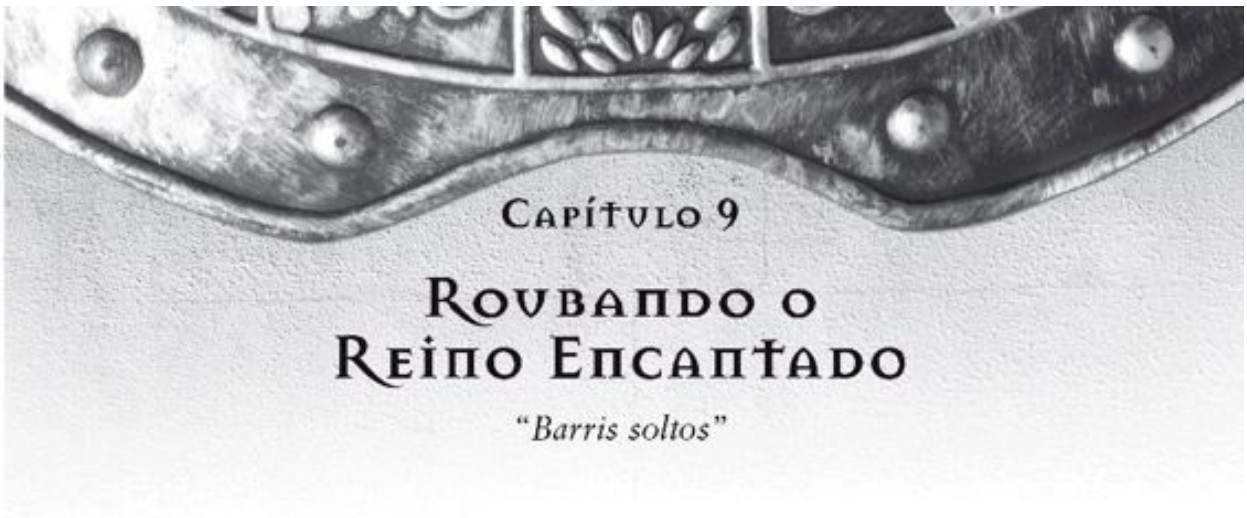
qualidade. Em seguida, ele se afasta, cantando a distância.

Nas canções de Bilbo, podemos perceber muito sangue-frio, pois Bilbo não só se atreve a chegar perto desses monstros assustadores como também lança insultos contra eles e os provoca em um frenesi. Lembremos que, em Fundo do Saco, só ouvir Thorin mencionar a possibilidade de que alguns deles talvez nunca voltassem da jornada foi o suficiente para fazer Bilbo soltar um grito e cair tremendo no chão. Agora, ele tem a coragem e a frieza de incitar dezenas ou até centenas de aranhas gigantes a atacá-lo, atraindo-as para uma caçada através da floresta escura e sem trilhas. Bilbo consegue ficar no meio de "centenas de aranhas furiosas" que cercam seus amigos e ele, e não só não entra em pânico como realmente parte para o ataque: "Voava para a frente e para trás, golpeando os fios das aranhas, cortando suas pernas e apunhalando seus corpos gordos quando chegavam perto demais." Assim como aconteceu com a primeira aranha que ele matou, a fúria de Bilbo amedronta seus inimigos monstruosos. Conforme Bilbo dispersa as aranhas no chão em torno de Bombur, tomamos conhecimento de que sua "pequena espada era algo novo em matéria de ferrões. Como se lançava ela para a frente e para trás". A espada de Bilbo, cujo novo nome expressa seu novo espírito destemido e brioso de mestre, reflete animadamente sua coragem de mestre, reluzindo "com encanto" enquanto ele golpeia as aranhas. No fim da luta, as aranhas "ficaram mortalmente amedrontadas com Ferroada, e não ousaram chegar muito perto". São os monstros, e não Bilbo, que retrocedem e fogem.

Agora, sem dúvida, ninguém confundiria Bilbo com um dono de mercearia. Quando Gandalf recrutou um décimo quarto membro para o grupo de anões, acabou se contentando com um ladrão, quando, em condições ideais, teria preferido um guerreiro ou até mesmo um herói. Naquele momento, parece que ele acabou conseguindo o pacote completo.

Notas

27. Em inglês, Mirkwood: *mirk* significa escura, sombria, e *wood* significa floresta. (N. do T.)
28. A ligação entre aranhas enormes e escuridão possui uma longa história nas narrativas de Tolkien, e qualquer pessoa que já leu a respeito das teias de sombra de Shelob, em *As duas torres*, ou a respeito das "teias escuras de desalento estrangulador" de Ungoliant, o Grande, em *O Silmarillion*, está familiarizada com isso.
29. "On Fairy-stories", 33.
30. Recordemos, por exemplo, o narrador falando no Capítulo 1 de um rumor que um Tûk casou-se com uma "mulher fada", ou seja, "casou-se com uma mulher elfo".
31. Ver Rateliff , 309 e seguintes.
32. Acredito que haja uma referência persistente ao novelo de Bilbo que Tolkien se esqueceu de eliminar e que permanece até nas últimas edições da história. Vamos deparar com essa referência posteriormente, no Capítulo 12.
33. Essa definição é tirada do *Oxford English Dictionary*, que não é apenas o dicionário mais completo e confiável do mundo como também é o dicionário que Tolkien ajudou a escrever antes de obter seu primeiro cargo acadêmico.



Elfos: o reino da floresta

O Capítulo 9 acontece inteiramente nos domínios do rei élfico da Floresta das Trevas. No Capítulo 9, consideramos a magia élfica em ação na floresta e seu efeito sobre Bombur, Bilbo e os outros anões, culminando no encantamento de Thorin e abdução final. Porém, dificilmente seria justo considerar os Elfos da Floresta somente como um dos perigos da jornada de Bilbo. Mesmo no meio do encontro mais perturbador de Bilbo e dos anões com eles – o aparecimento e a festa evanescente nas árvores à noite –, a descrição que obtemos dos elfos festeiros revela que não são gente sinistra. Os elfos são bonitos, adornados com joias e flores: "Seus cabelos dourados estavam enfeitados com flores; pedras verdes e brancas brilhavam em seus colarinhos e em seus cintos." E mais reconfortante que tudo, eles estão cantando canções "cheias de júbilo", que são "sonoras, claras e belas". Na escuridão da floresta, nossa impressão inicial deles é muito mais agourenta, e eles são muito mais

cautelosos e nervosos, mas a canção e a risada deles deve nos lembrar dos elfos gentis de Rivendell. Talvez sejam perigosos, mas esses elfos são muito leais, alegres e prazerosos.

Embora os elfos de Rivendell obtenham muito deleite do mundo em torno de si, a descrição dos Elfos da Floresta enfatiza de modo mais intenso a ligação deles com a natureza. Mesmo o simples nome deles, os Elfos da Floresta, aponta para a relação próxima que têm com seu lar florestal. A descrição do rei élfico ilustra essa ligação com mais clareza. Ele não usa coroa de ouro ou prata. Quando é outono na floresta, como naquele momento, veste "uma coroa de bagas e folhas vermelhas"; na primavera, quando as árvores estão na florescência, ele cobre a cabeça com uma "coroa de flores do bosque". Em sua mão, não há um cetro adornado com joias, mas só um "bastão entalhado de carvalho". Os símbolos de sua autoridade refletem a vida de seu reino da floresta.

Os elfos da Floresta das Trevas são mais próximos da terra do que os elfos de Rivendell; também são mais baixos e menos antigos. Elrond é nobre, forte, sábio e cordial, e está ligado a antigas narrativas heroicas de "antes do início da História". O Rei dos Elfos pode ser senhor de uma terra mágica, mas não parece muito velho. Ele só é capaz de se comparar com os "senhores élficos dos tempos antigos". O narrador esclarece que os Elfos da Floresta são diferentes dos "Altos Elfos do Oeste", a quem Elrond e seu povo estão relacionados. No que equivale ao resumo de um parágrafo de *O Silmarillion*, embora nem perto da publicação quando *O Hobbit* veio à luz, somos informados de que os Altos Elfos foram para o Reino Encantado do Oeste, o verdadeiro reino abençoado do outro lado do mar, além das fronteiras do Mundo Extenso. Os Elfos da Floresta gostavam desse mundo, perdurando "no crepúsculo de nosso Sol e nossa Lua". Em *O Hobbit*, Tolkien forneceu apenas um vislumbre muito breve da história dos elfos, mas o suficiente para começarmos a perceber por que os Elfos da Floresta estão mais intimamente ligados aos seus reinos da floresta, dos quais nunca abriram mão.

Os Elfos da Floresta continuam elfos e, portanto, "Boa Gente", mas o

narrador admite que “se eles têm um defeito é a desconfiança dos estranhos”. e também que eles são “mais perigosos e menos sábios” que os Altos Elfos, como o povo de Elrond. Se compararmos as recepções que Bilbo e os anões receberam nos dois reinos élficos escondidos que visitam, poderemos perceber que os Elfos da Floresta são mais perigosos porque são menos sábios e instruídos que seus primos da casa de Elrond. Lembremos que, ainda que os elfos de Rivendell pareçam alegres e frívolos, também são muito instruídos. De certo modo, já sabem tudo acerca de Bilbo, seus companheiros e a busca deles. Eles os importunam e zombam alegremente deles, mas também estão prontos para ajudá-los, ainda que, aparentemente, não tenham nada a ganhar com isso. O Rei dos Elfos não sabe nada a respeito deles ou de seu propósito. Deixa claro que os Elfos da Floresta entenderam mal a aproximação deles na escuridão da noite, acreditando que estavam tentando atacar seu povo “em sua alegria”. Se os Elfos da Floresta soubessem mais e demostrassem mais sabedoria e menos suspeição, não haveria motivo para aprisionar Thorin ou seus seguidores.

Além disso, o Rei dos Elfos possui outro ponto fraco que se tornará muito importante na história depois. Ele gosta de acumular riquezas, e quer aumentar seu tesouro pessoal. O desejo por coisas belas em si pode não ser uma coisa terrível. Em especial, o Rei dos Elfos gosta de “prata e pedras preciosas brancas”, e lembremos que os elfos na festa da floresta estavam adornados não só com flores, mas também com “pedras verdes e brancas”. Isso parece perfeitamente adequado. Os Elfos da Floresta parecem se deleitar com as belezas do mundo natural; por que não devem apreciar as pedras preciosas brilhantes de debaixo da terra, assim como as flores perfumadas acima dela? O Rei dos Elfos, afinal, vive numa caverna, e se senta em majestade num “grande salão com colunas entalhadas em pedra”. A evidência de que o gosto do Rei dos Elfos por riquezas é uma fraqueza que pode se mostrar perigosa vem da explicação do narrador de *por que* o rei quer mais tesouros. Ele estava “sempre ávido por mais”, somos informados, “pois ele ainda não tinha acumulado um tesouro tão grande quanto os outros senhores dos elfos do passado”. O Rei dos Elfos quer aumentar seu tesouro não apenas como resultado do apreço por coisas belas, mas

como resultado do desejo de aumentar seu status e sua reputação; para consolidar seu lugar entre os reis élficos das lendas antigas. Em resumo, ele é motivado pelo orgulho, um orgulho que pode, talvez, também influenciar sua decisão de manter Thorin e Companhia em cativeiro.

Apesar de seus defeitos, os Elfos da Floresta são, elfos, são Boa Gente como os elfos de Rivendell. Os Elfos da Floresta podem capturar Thorin e o restante do grupo, e levá-los para seu lar subterrâneo, mas o narrador se esforça para deixar claro que isso não torna os Elfos da Floresta parecidos com os goblins. Os Elfos da Floresta "não eram goblins, eram razoavelmente bem-comportados mesmo em relação aos seus piores inimigos, quando eles os capturavam". Claro que as canções dos Elfos da Floresta também nos proporcionam um convite poético para contrastar esses cantores com os iníquos goblins. Por um momento, consideremos a pequena canção que os criados élficos cantam para os barris quando os deixam cair no rio através do alçapão:

Rola, rola, rola,
pela portinhola!
Força, Splash, Pronto!
Mais um dançando tonto!

Essa canção não é muito mais do que algumas rimas alegres um bocadinho tolas. Porém, a estrofe lembra a primeira canção dos goblins em certos aspectos. As duas são compostas quase inteiramente de monossílabos – na língua inglesa –, e ambas também apresentam onomatopeias: nesse caso, "Splash, Pronto!" imita os barris caindo na água, como o "Zunido, estalido!" dos goblins imitando seus chicotes. Claro que essa mesma semelhança também aponta para a grande diferença entre as duas canções e seus cantores. Enquanto os goblins estão cantando para saborear suas ações violentas e cruéis, os elfos expressam prazer no trabalho que estão realizando, ainda que seja somente labor servil. Como os elfos de Rivendell, os Elfos da Floresta interagem com seu mundo por meio da canção e do riso, tirando prazer de tudo ao seu redor.

Mas como reconciliamos essa imagem dos elfos como opostos risonhos dos goblins, e inimigos das aranhas diabólicas, com a prisão implacável dos anões? O tratamento de Tolkien a respeito das interações entre os elfos e os anões é bastante delicado. Primeiro, o narrador expõe certo *background* sobre as relações entre elfos e anões, explicando os ressentimentos existentes entre eles e apresentando com cuidado os dois lados da história. Então, com isso como modelo, o narrador nos mostra o interrogatório feito a Thorin pelo Rei dos Elfos, permitindo-se observar os dois lados da discussão.

Da perspectiva do Rei dos Elfos, os elfos estavam participando de um banquete na floresta quando foram atacados três vezes por um bando de anões desesperados, vadios. Ele nutre uma desconfiança antiga em relação aos anões e, naquele momento, é confrontado por um número desconhecido de anões resolutos, que tentaram emboscar elfos desarmados e desatentos. Agora, tendo capturado um dos anões, o Rei dos Elfos acha que ele não quer explicar por que veio para a floresta ou o que estava planejando fazer. Isso parece compreensivelmente suspeito, em especial com o Rei dos Elfos mantendo na memória aquela antiga guerra, quando viu um exército de anões marchando como uma força invasora no reino da floresta do grande senhor élfico. Sua insistência em querer saber o que trouxe Thorin para a floresta é mais do que curiosidade: é uma cautela muito cabível.

Ao mesmo tempo, a indignação de Thorin também é fácil de entender. Ele e seus companheiros estão atravessando a floresta por causa de um assunto pessoal, sem a intenção de perturbar os Elfos da Floresta, da mesma forma que também não queriam incomodar os goblins das Montanhas Nebulosas. Na iminência de morrerem de inanição, correram para um banquete élfico a fim de pedir comida. Em resposta, Thorin é lançado num sono enfeitiçado e, em seguida, amarrado e arrastado ante o Rei dos Elfos como prisioneiro. Ele sabe de sua própria inocência, e mesmo uma pessoa menos nobre e sensível que Thorin sentiria uma indignação compreensível em relação ao tratamento mesquinho recebido.

Podemos voltar a observar o mesmo padrão quando Balin e os outros anões

são trazidos ante o rei. Balin, quase morto de fome, envenenado e perdido, descobre de repente que eles parecem ter sido presos e trazidos a julgamento. Ele pergunta, com exasperação justificável: “O que fizemos, ó rei?... Seria crime perder-se na floresta, com fome e sede, e ser capturado por aranhas?” Também acrescenta, com aspereza imprudente, mas perdoável: “Será que as aranhas são seus animais de estimação, já que o fato de as termos matado o deixa zangado?” O rei, é claro, já nervoso por causa do que começa a parecer uma evidência cada vez maior de conspiração dos anões, fica justificavelmente ofendido com esse comentário e os sentencia à prisão até conseguir entender a situação.

Tanto os anões como os elfos deixam esses encontros sentindo que são a parte ofendida e insultada. Somos levados a compreender a tensão entre os dois lados, e mesmo assim conseguimos simpatizar com os dois. Os elfos não são inimigos de que os anões devem conseguir escapar. Não somos realmente induzido a pensar mal de um ou outro lado, mas sim a perceber que os dois grupos podem e devem ser amigos, e que o conflito deles se baseia num equívoco, secundado pelo orgulhos de ambos os lados. Nesse encontro, Tolkien estabelece a base para o confronto diante da Montanha Solitária diversos capítulos mais à frente, onde, de novo, vamos simpatizar com os dois lados da disputa infeliz que irrompe ali.

A natureza de Bilbo: o fardo da liderança

O relacionamento de Bilbo com os anões passou por algumas grandes mudanças no momento em que chegamos ao Capítulo 9. A atitude inicial dos anões em relação a Bilbo foi resumida na pergunta direta mas indelicada de Gloin em Fundo do Saco: “Vocês acham que elle vai conseguir?” O ceticismo expresso nessa pergunta perdurou por longo tempo; só depois da fuga de Bilbo das Montanhas Nebulosas e de seu súbito aparecimento no acampamento dos anões

no início do sexto capítulo é que eles começaram a estimá-lo de outro modo. No entanto, mesmo depois disso, ainda muitas vezes consideram Bilbo um fardo, como, por exemplo, na queixa de Dori: “Não posso sempre carregar ladrões nas minhas costas.” Eles podem tê-lo aceitado, mas ainda não confiam muito nele. Embora Bilbo seja escolhido para ser um dos primeiros que vai se aproximar do círculo élfico na segunda tentativa deles de se comunicar com os festejadores noturnos, não é por causa de alguma habilidade ou destreza que ele se qualifica para a tarefa. Ele é selecionado apenas porque é muito pequeno e tão obviamente inofensivo que é muito provável que os elfos não irão sentir medo dele. Os anões podem ter chegado a respeitar Bilbo muito mais do que respeitavam, mas a opinião deles sobre sua pessoa possui limites estritos.

O segundo momento decisivo de Bilbo e a sua incursão bem-sucedida sobre a colônia de aranhas alteraram para sempre essa situação, mudando a opinião dos anões a respeito dele de maneira drástica. Depois que os anões escaparam das aranhas com a ajuda de Bilbo, eles percebem claramente que “todos teriam sido mortos se não fosse pelo hobbit”. Vimos que o cumprimento costumeiro dos anões envolve se colocar “a serviço” da pessoa a quem um deles está sendo apresentado, mas isso é, com frequência, como foi no caso do Grande Goblin, “uma gentileza vazia”. Beorn também reconhece o vazio da declaração, observando que o que eles realmente querem dizer é que precisam de *seu* serviço. Naquele momento, os anões contraíram uma dívida real e inegável com Bilbo, e até formalizam isso com todo o ritual polido que a condição frágil e vacilante deles permitirá. Os anões agradecem muitas vezes a Bilbo, e diversos anões, aqueles que conseguiam ficar de pé, “até se levantaram e se curvaram ao chão diante dele”. Essa reverência elaborada é como uma espécie de reapresentação para Bilbo, recebendo-o novamente em condições iguais, da mesma forma que Balin fez no início do Capítulo 6. Nunca mais, aos olhos dos anões, Bilbo será “o sujeitinho balançando e cachimbando sobre o tapete”.

De fato, os anões, naquele momento, enxergam Bilbo não só como igual, mas até mesmo como um líder. Depois que os anões estão suficientemente recuperados de sua provação e começam a se perguntar o que farão a seguir, é

“do pequeno Bilbo que parecem esperar obter as respostas”. No Capítulo 1, quando Thorin se vira para o “especialista ladrão” deles para pedir sugestões, ele estava sendo sarcástico, demonstrando mera “cortesia falsa”. Na Floresta das Trevas, os anões confusos e exaustos sentem genuinamente um “grande respeito” por Bilbo, e o narrador rapidamente nos assegura que “De fato, eles realmente esperam que ele pense a respeito de algum plano maravilhoso para ajudá-los, e não era apenas resmungo”. Em sua despedida da companhia de anões, Gandalf comentou com Bilbo de modo risonho: “Você tem de conseguir cuidar de todos esses anões para mim.” Naquele momento, parece que Gandalf fala a verdade, como sempre.

Os anões têm motivos excelentes para procurar a orientação de Bilbo. Foi sua perspicácia e coragem, aplicadas em igual medida, que os livrou das teias das aranhas. Ele não só se atreve a empreender o resgate e tem a engenhosidade para ser bem-sucedido, mas também mostra a presença de espírito para fazer novos planos, comunicá-los aos anões e pô-los em prática mesmo no meio de uma batalha. Ainda mais importante, Bilbo consolida sua condição de liderança por meio de seus atos de abnegação, pondo-se em risco a fim de salvar a vida de seus amigos. Nos estágios finais da luta com as aranhas, o espírito abnegado de Bilbo é elevado a um status heroico. Todo o seu plano para salvar os anões é chamar a atenção das aranhas, desviando a fúria delas contra si, em vez de contra seus amigos. Bilbo aparece novamente quando as coisas parecem ruins uma vez mais, investindo contra aranhas e colocando seu pequeno corpo mais uma vez entre seus amigos e os horríveis monstros que querem comê-los. “Continuem! Continuem!”, Bilbo grita. “Eu darei ferroadas!” É um dos momentos mais admiráveis do livro, enfatizado pela afirmação simples do narrador: “E ele deu.” Os anões têm todos os motivos para acreditar que podem confiar em Bilbo e seguir sua liderança.

A dependência dos anões em relação a Bilbo não é apenas resultado da ausência de Thorin. Claro que alguém precisa assumir o comando depois do sumiço de Thorin, mas devemos notar que os anões recorrem a Bilbo em busca de liderança mesmo antes de perceberem que Thorin não está ali. Além disso, as

novas responsabilidades de Bilbo não declinam depois que Thorin é encontrado. Na prisão dos Elfos da Floresta, Thorin reafirma sua autoridade na mensagem que fez Bilbo comunicar aos outros anões, ordenando-lhes para esperar a palavra de “Thorin, seu chefe”. No entanto, o próprio plano de Thorin é esperar que “o notável Senhor Invisível Bolseiro (de quem passara a ter um conceito realmente muito alto)... pense em algo inteligente”. De fato, Thorin coloca o peso de sua própria autoridade atrás de Bilbo.

A iniciativa de Bilbo também recebe o endosso de uma autoridade ainda maior: a sorte que orientou a jornada deles. Quando Bilbo percebe o chefe dos guardas saindo para beber com seu amigo, o mordomo do Rei dos Elfos, Bilbo pode dizer que “a sorte estava do lado dele”. Imediatamente, o narrador dá grande importância a isso, enfatizando que uma “sorte de um tipo incomum estava do lado de Bilbo”, pois os dois elfos bebem até cair. De novo, podemos vislumbrar o padrão que começou a emergir no Capítulo 8: a sorte “peculiar” de Bilbo prepara o caminho para ele, mas ele deve utilizar a própria habilidade e a coragem para aproveitar a oportunidade que lhe foi concedida. Bilbo deve formular o plano e executá-lo até o fim. Ele não é o beneficiário passivo da boa sorte, vivendo algum tipo de vida encantada. Como ele mesmo percebe, se é para seus amigos serem libertados dos calabouços do Rei dos Elfos, isso “terá de ser feito pelo senhor Bolseiro, sozinho e sem ajuda”.

Bilbo, o ladrão: aprovação do serviço e insatisfação

Tendo se estabelecido como guerreiro e herói durante a luta contra as aranhas, nas masmorras do Rei dos Elfos Bilbo também recebe, por fim, o respeito merecido como ladrão. Esse rótulo não pareceu se adequar muito bem a Bilbo quando Gandalf o designou dessa maneira no primeiro capítulo, e os anões

ficaram bastante céticos. Ao livrar seus amigos da prisão, porém, Bilbo torna inquestionável suas habilidades como ladrão. Roubar as chaves do cinto do guarda, destrancar em silêncio as celas de todos os seus companheiros, e, em seguida, recolocar audaciosamente as chaves no cinto do guarda, que tirava um cochilo, é uma sequência digna de um ladrão profissional. Como Thorin comenta: “Gandalf falou a verdade, como sempre! Você é um ótimo ladrão, ao que parece, quando a ocasião se apresenta.”

De fato, nas semanas que passou nos salões dos Elfos da Floresta, Bilbo tornou-se um ladrão profissional em mais de um sentido. Ele não está só prestando sua “assistência profissional” aos anões, como é contratado a fazer na carta formal que Thorin deixou sobre o console da lareira em Fundo do Saco; ele também está ganhando seu sustento por meio de roubo diariamente. Nas cavernas dos elfos, ele está levando um “tipo de vida sorrateiro”, colocando o poder de seu anel de invisibilidade e seu próprio dom a favor da furtividade para trabalhar, a fim de sustentar-se de qualquer maneira, roubando comida da despensa ou da mesa quando ninguém estava perto. Seus roubos se tornam bastante espontâneos e sem preparação, como observamos quando deixa furtivamente os barris no rio para achar comida nas cabanas ribeirinhas. Tomamos conhecimento de que ele “não mais pensa duas vezes a respeito de pegar uma ceia se tiver a oportunidade”. Nos salões do Rei dos Elfos, Bilbo tornou-se um ladrão de subsistência.

Podemos imaginar que Bilbo está satisfeito com seus feitos. Observamos em diversas ocasiões que Bilbo se preocupa muitíssimo com o que os anões pensam a seu respeito. Como vimos no Capítulo 1, ele se ofende desde o início ao ouvir por acaso que parece mais o dono de uma mercearia que um ladrão. Na primeira aplicação de sua capacidade profissional, ou seja, sua investigação a respeito da fogueira do acampamento dos trolls, o motivo principal pelo qual tenta subtrair a carteira de William é que ele “não pode voltar para Thorin e Companhia de mãos abanando”. Quando ele tem o anel mágico na mão, começa a impressionar os anões com suas habilidades e competências, ficando calado a respeito de seu novo trunfo mágico e se deleitando com o elogio de seus patrões. Portanto,

podemos previsivelmente esperar que, no Capítulo 9, quando, sem dúvida, seus feitos referentes à ladroagem lhe asseguram a posição de “ladrão realmente lendário e de primeira classe”, ele se sentia muito satisfeito com sua trajetória profissional.

Em vez disso, o que descobrimos é que ele realmente odeia o serviço. Sua vida como ladrão de subsistência não é nada gloriosa; na realidade, é miserável. Ele está “completamente sozinho naquele lugar, sempre se escondendo, nunca ousando tirar o anel do dedo, mal se atrevendo a dormir”. Em vez de se sentir satisfeito, sente-se aprisionado, comentando para si mesmo: “Sou como um ladrão que não consegue escapar, e precisa continuar roubando miseravelmente a mesma casa dia após dia.” A perspectiva de ter de ficar nas cavernas indefinidamente parece um destino terrível. Quando os elfos estão rolando os barris cheios de anões para dentro do rio, ele se sente muito apreensivo, achando que “ficaria para trás, obrigado a esgueirar-se para sempre como um ladrão permanente nas cavernas do elfos”. “Essa”, Bilbo conclui, “é a parte mais melancólica e monótona desta aventura maldita, cansativa e desconfortável”.

Previsivelmente, esse pensamento o levou de volta uma vez mais ao seu desejo recorrente: “Gostaria de estar em minha toca hobbit, ao pé do fogo acolhedor de minha própria lareira, com a lamparina brilhando!” Ele desejou isso muitas vezes antes, mas, em geral, era quanto estava perdido, morrendo de fome ou em terrível perigo. No entanto, dessa vez, não é o desejo de escapar do perigo que o leva a querer voltar para casa. Nesse momento, Bilbo experimentou a aventura e se tornou um ladrão consumado. Aclimatou-se totalmente ao mundo aventuroso e imprevisível que se intrometeu em sua sala e redirecionou sua vida. No Capítulo 9, em seu anseio por Fundo do Saco, podemos perceber uma manifestação de sua simples preferência pelo seu antigo estilo de vida, em detrimento de seu novo. Ele não deixou de ser basicamente Bolseiro em sua perspectiva.

O fato de Bilbo preferir sua sossegada vida do passado não significa que ele não mudou. Suas memórias tristonhas do seu lar distante e das comodidades de sua vida anterior são agora permeadas por suas experiências tûkinianas. Mais

marcante é o momento em que ele está roubando o jantar nas casas ribeirinhas dos elfos-balseiros, e somos informados de que “ele agora sabia muito bem o que era estar realmente faminto, e não apenas interessado nas iguarias de uma despensa bem suprida”. A aventura de Bilbo lhe ensinou, pela primeira vez em sua vida abastada e confortável, o que é não ter comida por muitos dias, estar a instantes de uma morte terrível. A experiência lhe deu um apreço todo novo da vida que tivera sem valorizá-la verdadeiramente. Seu desejo de retornar a sua toca hobbit não é mais mero escapismo, uma tentativa de evitar ou negar a dura e nova realidade ao seu redor. Agora, ele reconhece Fundo do Saco por aquilo que realmente é: um paraíso de calor, luz, repouso, paz e satisfação. Sua natureza Bolseiro, permeada e temperada por suas experiências tûkinianas, ganhou nova agudeza, maturidade e autoconsciência. Quando os elfos estão rolando os barris para dentro do rio, e Bilbo está se preparando para saltar dentro da água gelada e para fora das cavernas do Rei dos Elfos, os Elfos da Floresta cantam uma canção de bênção a respeito dos barris partindo. Claro que não percebem que têm um ouvinte para sua canção. Bilbo sabe que não estão cantando para ele e, provavelmente, ele está dando pouca atenção no meio de sua ansiedade. Não obstante, a canção dos elfos se revela muito relevante para o único ser consciente ao alcance da voz.

A canção começa acompanhando os barris em sua jornada:

Descendo a escura e rápida corrente
Retorna para a terra de tua gente!
Deixa o fundo dos antros das entranhas
O norte e suas íngremes montanhas,
Onde a floresta grande e tenebrosa
Convive com as sombras cinzentas e pavorosas

Não sei qual poderia ser a resposta dos barris a essas instruções, mas, se os anões pudessem ouvi-la, soaria como uma música muito agradável. “Deixa o fundo dos antros das entranhas”, onde foram encerrados sem motivo e sem

esperança de soltura? Deixar a “floresta grande e tenebrosa” e suas “sombras cinzentas e pavorosas”? Os elfos não teriam de dizer isso duas vezes! “Retorna para a terra de tua gente”? Thorin ansiou e trabalhou por esse fim durante cem anos. Num elemento estranho de dramática ironia, os Elfos da Floresta tornam-se os primeiros arautos inconscientes do fim da longa jornada de Thorin e do retorno do Rei sob a Montanha.

Depois, a canção segue o progresso dos barris nas terras úmidas do leste:

Para além do arvoredo vai, desliza.
Para o mundo da murmurante brisa,
Passando corredeiras e espraiados,
Remansos de juncos delicados,
Pela névoa que branca sobrevoa
As águas noturnas das lagoas!
Segue, segue as estrelas que de assalto
Tomaram os céus e brilharam lá no alto

Observemos como esse trecho é parecido com a canção do Vento dos anões do Capítulo 7. Os barris na canção dos Elfos da Floresta são acompanhados por uma “murmurante brisa”, em vez da ventania que ruge dos versos dos anões, mas eles se deslocam ao longo da mesma rota. Os barris, como o vento dos anões, passam por corredeiras e juncos e, em seguida, sobre lagoas.[34] De forma mais interessante, cada barril, então, recebe um conselho bastante inesperado: “Segue, segue as estrelas que de assalto/Tomaram os céus e brilharam lá no alto”. É improvável que os barris sozinhos sigam essas instruções num sentido literal, mas devemos lembrar-nos do vento celestial dos anões, que, após cortar o Lago Comprido e a região da Montanha Solitária, “Deixa o mundo e sua fuga continua/sobre os mares da noite”. Sem dúvida, os elfos só estão sendo brincalhões, mas suas palavras repercutem. Os barris, e os anões em seu interior, não ascenderão literalmente aos céus, mas pode ser que estejam sendo soprados pelo vento celestial, que está levando os anões para a Cidade do Lago, e que, em

breve, estará movendo a fumaça que sobe da toca do dragão.

A canção, porém, termina com os barris em seu curso d'água e pegando uma nova direção:

Muda teu rumo pelo amanhecer,
Por rápidas areias vai descer,
Para o sul, sempre em frente para o sul!
Buscando a luz do dia, a luz do sol,
De volta às tuas pastagens, aos teus prados
Onde pastam tuas ovelhas e teu gado!
De volta aos teus jardins sobre as colinas
Onde há amoras inchadas e docinhas.
Lá sob a luz do dia, a luz do sol,
Para o sul, sempre em frente para o sul!
Descendo a rápida corrente
Retorna para a terra de tua gente!

Os últimos versos da canção antecipam um regresso diferente ao lar, um retorno para terras de paz e fartura. É um mundo cultivado e civilizado, uma terra de "pastagens", "prados" e "jardins sobre as colinas". É uma terra com luz do sol cálida, que olha de cima amoras roliças e, provavelmente, margaridas na relva. Os elfos, é claro, estão pensando a respeito das terras "Para o sul, sempre em frente para o sul!": as regiões de origem de muitos de seus bens importados. No entanto, se Bilbo estivesse prestando atenção, isso também poderia parecer seu próprio país, distante, no Ocidente civilizado, do outro lado do Ermo. O verso repetido, "Retorna para a terra de tua gente!", é um tanto conspícuo no contexto de um livro com o subtítulo *Lá e de volta outra vez.*

O conselho que os elfos dão aos barris nessa última parte da canção é tão involuntariamente relevante para Bilbo quanto as primeiras partes foram para os anões. Quando um novo amanhecer chega à terra em que ele está se deslocando, ele, de fato, "muda de rumo" e "busca a luz do dia", retornando para os "jardins

sobre as colinas”. Como Bilbo percebeu novamente durante seu miserável período de serviço como ladrão em tempo integral nos salões do Rei dos Elfos, ele só quer retornar para as terras que conheceu outrora. Os anões podem estar se aproximando do final de sua jornada, mas Bilbo ainda tem um longo caminho a percorrer antes de chegar a *seu* destino.

Pota

34. No original, *mere*. Segundo o autor, um *mere* é um lago, mas a palavra também pode significar “pântano” ou “brejo”.



Sorte: o único caminho que é bom

Flutuando no rio para sair da Floresta das Trevas, Bilbo capta o primeiro vislumbre da Montanha Solitária, "olhando através dos pântanos para a floresta", como se a montanha estivesse esperando por eles. A ênfase imediata do narrador é uma vez mais sobre a sorte notável de Bilbo e seus amigos, quando comenta que "tivera muita sorte em poder avistá-la, mesmo daquela distância". Ao escutar o homem-balseiro,[35]Bilbo fica sabendo que o "caminho élfico através da floresta", o caminho que Bilbo e os anões seguiram de acordo com o conselho de Beorn, "chegava agora a uma extremidade duvidosa e pouco usada na borda leste da floresta". O caminho que foram advertidos de modo tão severo a não abandonar sob nenhuma circunstância os teria levado a um provável desastre se tivessem seguido o conselho que lhes foi dado.

Nessa notícia podemos ver a repetição de um padrão agora familiar. O fato de os anões se desviarem do caminho, se perderem na floresta e, depois, serem

aprisionados nas masmorras dos elfos pareceu no momento um desastre completo. Por outro lado, a emboscada dos goblins nas montanhas e o reencaminhamento primeiro sob as montanhas e, depois, pelo ar também pareceu uma importante falta de sorte no momento. A primeira mudança de direção deles se revelou, Beorn informou-lhes, uma coisa boa, pois o caminho original não teria sido bom. O narrador enfatiza de modo ainda mais intenso a incomum boa sorte referente à segunda mudança de direção deles. Ele nos revela que "só o rio ainda oferecia um caminho seguro das fronteiras da Floresta das Trevas no norte até as planícies rodeadas de montanhas mais além, e o rio era guardado pelo Rei dos Elfos da Floresta". Não só a prisão pelos elfos acabou ajudando os anões e Bilbo, mas, no fim das contas, foi completamente indispensável. "Então vocês podem ver", ele insiste, para que não ignoremos a implicação, "Bilbo seguira pela única estrada utilizável". O único caminho que eles podiam ter pegado para a Montanha passava pelas adegas do Rei dos Elfos, caminho que nunca teriam conseguido alcançar se não tivessem sido capturados e se não tivessem o "tipo incomum" de sorte que concedeu a oportunidade de fuga adotada por um ladrão resoluto e engenhoso.

O próprio ladrão reconhece plenamente o papel que a sorte desempenhou nessa última etapa da jornada e, apesar dos riscos e do desconforto da posição atual deles, Bilbo percebe que "teve mais sorte do que supunha". De fato, o vento do destino da canção dos anões parece estar soprando Thorin e seus companheiros na direção da Montanha. Está conduzindo até a toca do dragão, mas primeiro fará uma pausa para atiçar as chamas da esperança e da expectativa na Cidade do Lago.

O Retorno Anunciado Outrora

A cidadezinha estranha construída na superfície do Lago Comprido sobre "pilhas

imensas feitas de árvores da floresta” ainda é próspera, mesmo “sob a sombra da distante montanha do dragão”. No entanto, houve um tempo em que a cidade foi “rica e poderosa” e tinha seu lugar em “guerras e feitos que agora só eram uma lenda”. Foi quando “Dale, no norte, era rica e próspera”, e quando “os anões habitavam a Montanha”. Atualmente, aqueles dias são “lembrados só como uma tradição imprecisa”, e os Homens do Lago “recordam-se pouco” disso. No entanto, são incapazes de esquecer completamente. Sempre que a água do lago desce durante uma seca, podem ainda ver ao longo da margem do Lago “as estacas podres de uma cidade ainda maior”, lembrete da glória perdida de sua civilização.

Mesmo antes de Thorin e seus companheiros entrarem na Cidade do Lago, podemos perceber que há uma divisão interna nas mentes dos moradores. Eles talvez não se lembrem muito da própria história, mas se lembram de canções e lendas. Na cidade, alguns “ainda cantam antigas canções dos reis dos anões da Montanha, Thror e Thráin da raça de Durin, e a respeito da chegada do Dragão, e da queda dos senhores de Dale”. Essas canções parecem história muito precisa, com base no que foi visto e ouvido ao longo do livro, mas, aparentemente, não são encaradas dessa maneira pelos Homens do Lago. Lembremos que os anões vivem muito, e, embora a queda do reino da Montanha tenha acontecido durante a própria vida de Thorin, aconteceu, na realidade, há mais de 150 anos. Gerações de habitantes do Lago viveram e morreram desde que Smaug devastou a Montanha e Dale, e os eventos agora são considerados como lendas antigas.

Algumas das canções lembradas na Cidade do Lago, porém, antecipam alguma coisa, em vez de tratar do passado. Essas canções afirmam “que Thror e Thráin voltariam um dia, e o ouro fluiria nos rios, através das passagens da montanha, e toda aquela terra se encheria de novas canções e novas risadas”. A Cidade do Lago, além de conservar a memória indistinta de um passado nobre, também tem esperanças de um futuro glorioso. A cidade não se esqueceu completamente do antigo rei, nem desistiu totalmente da esperança de que ele voltará do exílio.

Portanto, a chegada repentina de Thorin atinge a cidade como um raio,

agitando as memórias do passado e as esperanças de um futuro com nova vida. Os Homens do Lago não são muito vigilantes, “não mantendo uma vigilância muito cuidadosa”, apesar da proximidade do dragão, pois algumas pessoas da cidade “duvidam abertamente da existência de algum dragão na montanha”. Na chegada de Thorin, porém, tudo muda de imediato. A imaginação das pessoas da Cidade do Lago irrompe. A aceitação de Thorin é tão completa e instantânea que “alguns dos mais tolos saíram correndo da cabana como se esperassem que a Montanha se transformasse em ouro no meio da noite e que toda a água do lago ficasse imediatamente amarela”. A excitação se espalha “como fogo através de toda a cidade”, levando a “cenas de espantoso entusiasmo”. Multidões se aglomeram no alojamento dos anões “e cantam todo o dia, ou aplaudiam até quando um anão mostrava a ponta do nariz”. O povo da Cidade do Lago parece ter voltado à fé das antigas canções, que tinham, na maioria das vezes, esquecido ou descrido, com incrível rapidez e convicção.

No entanto, é fácil dar aos Homens do Lago mais crédito do que eles realmente merecem por recuperarem a fé. A enorme excitação parece mais uma nova insensatez do que o retorno à antiga sabedoria. Devemos ter cautela quando ouvimos a canção cantada por eles. À primeira vista, podemos supor que estamos obtendo uma transcrição de uma daquelas antigas canções que profetizaram o retorno do rei dos anões, mencionada no início do capítulo. Se lermos com atenção, porém, veremos que esse não é necessariamente o caso. De fato, o retorno de Thorin excita memórias de canções proféticas, e “algumas pessoas começaram a cantar trechos de antigas canções a respeito do retorno do Rei sob a Montanha”. Entretanto, tudo de que essas pessoas parecem se lembrar são trechos da canção, e não toda ela. “Outras pessoas resgataram a canção”, somos informados; isto é, pessoas diferentes daquelas que se lembravam dos trechos isolados. Assim, parece que a canção que escutamos é de fato uma nova canção, inspirada pelos trechos entreouvidos das antigas canções, mas expressando mais a excitação recente e tola do que qualquer *insight* antigo.

As duas primeiras estrofes da canção enfocam o próprio rei dos anões e o restabelecimento de seu reino:

O Rei sob a Montanha,
O Rei da pedra lavrada,
Senhor das fontes de prata
Vai voltar à sua morada!

À sua cabeça a coroa
À sua harpa cordas novas
Seu palácio ecoara
Ao som de antigas trovas

Em particular, a segunda estrofe parece quase o eco da canção dos anões, “Para além das montanhas nebulosas, frias”, do Capítulo 1, com suas referências a coroas, harpas, ecos em vazios e canções cantadas secretamente. Esse eco, embora evidentemente não premeditado pelos cantores, é bastante apropriado, pois a canção corrente fala do cumprimento do retorno desejado dos anões, da restauração do reino e tesouro perdidos, que os anões cantaram de modo tão amoroso em Fundo do Saco.

No entanto, a canção dos Homens do Lago denuncia um ponto fraco importante em estrutura. Observemos que quase toda a segunda estrofe é na voz passiva, ou seja, a canção descreve ações, mas não dá indicação de quem está realizando as ações. De alguma maneira, a harpa do rei terá cordas novas. Alguém vai cantar de novo as antigas trovas. Sobretudo, a coroa do rei será sustentada na cabeça; mas quando e por quem? Aparentemente, todas essas coisas estão prestes a acontecer. Essa peculiaridade gramatical na segunda estrofe aponta diretamente para o problema não reconhecido de toda a celebração na Cidade do Lago. Na realidade, ninguém realizou algo até agora. A Montanha ainda precisa ser retomada. O reino ainda precisa ser restabelecido. E o dragão ainda precisa ser liquidado. *Alguém* precisa fazer essas coisas, mas os Homens do Lago continuam a festejar e cantar como se elas já tivessem acontecido de alguma maneira.

As duas últimas estrofes se desviam do rei dos anões e discutem de maneira ainda mais otimista o que acontecerá na região ao redor:

A floresta da Montanha
E a grama ao sol se agitam;
Sua riqueza jorra em fontes,
Rios de ouro palpitam.

Felizes correm os riachos,
Queimam os lagos brilhando,
Não há pranto nem tristeza
Porque o Rei está voltando!

Novamente, temos um eco da primeira canção dos anões. Onde os anões cantam que os pinheiros zumbiram sobre a montanha, fustigados pelo vento das asas do dragão que se aproximava, os Homens do Lago cantam a respeito do novo crescimento das árvores e da relva que cobrirá a terra atualmente devastada, ondulando animadamente numa brisa suave.

Essas últimas estrofes parecem corresponder ao entusiasmo quase insensato dos Homens do Lago ainda melhor que a voz passiva inquietante da segunda estrofe. O verde brotará na desolação e nas encostas da própria Montanha. A riqueza fluirá correnteza abaixo, de modo que o rio conduzirá ouro. A felicidade abundará; toda aflição e tristeza cessarão. Essa fantasia da utopia celestial, que emergirá espontaneamente assim que o rei dos anões aparecer é bastante atraente, mas parece muito improvável.

Porém, no meio de toda essa doçura e luz, resiste um verso agourento: “Queimam os lagos brilhando.” A dissonância desse único verso será bastante intensificada se já soubermos o que acontecerá alguns capítulos à frente: a queima da própria Cidade do Lago por Smaug. Claro que a referência ao lago brilhando e queimando pode ser ligada aos rios repletos de ouro; presumivelmente, os Homens do Lago estão pensando sobre isso dessa maneira.

Mas esse verso se destaca por dois motivos: não é açucaradamente otimista e prevê um evento que realmente acontecerá.

Lembremos que o narrador nos diz no início que a canção que estamos ouvindo começou com “trechos” que foram lembrados de antigas canções, trechos que são resgatados na excitação geral e incorporados numa canção completa. A canção que obtemos parece corresponder muito bem àquela descrição: é uma canção cheia de efusividade extravagante, mas contém um pedaço ou dois que, embora possa adotar o tom da multidão no cais da Cidade do Lago, não se encaixa completamente nisso. No livro, referências posteriores sugerem que “rios de ouro palpitam” é uma dessas pepitas da antiga profecia; acho que, provavelmente, “Queimam os lagos brilhando” é outra. Embora os Homens do Lago não percebam, as antigas canções que eles não lembram totalmente preveem não só alegria, mas também sofrimento: a destruição de sua própria cidade. Realmente, o retorno do Rei sob a Montanha trará de volta para a região a prosperidade e a alegria, e a relva verde ondulará sob o sol onde há um deserto rochoso atualmente. No entanto, o júbilo que está chegando para as pessoas do Lago só virá através de perda e sofrimento. Aqueles que pegam as antigas canções para indicar apenas um futuro de alegria e felicidade estão se enganando, e terão uma surpresa desagradável.

Mas nem todas as pessoas se deixam levar pela excitação do momento. O Mestre da Cidade do Lago possui uma visão muito diferente a respeito da chegada de Thorin. O interesse do Mestre se situa nas questões práticas. Ele não “pensa muito sobre canções antigas”; em vez disso, “tem seu pensamento voltado para o comércio e suas tarifas, para carregamentos e ouro”. O Mestre é cético a respeito do Rei sob a Montanha, e tem dúvida sobre “se essa pessoa já existiu alguma vez”. Sua reação à situação na Cidade do Lago é pragmática e astuciosa. Ele acompanha o “clamor geral” por necessidade, mesmo descrendo completamente das afirmações de Thorin. Enquanto isso, o Mestre se prepara de modo prudente para todas as possibilidades, mesmo aquela que considera a mais improvável: que Thorin esteja falando a verdade. O Mestre da Cidade do Lago pretende lucrar, aconteça o que acontecer.

O Rei dos Elfos também está pensando em termos práticos. Ele suspeita que nada resultará da expedição de Thorin, mas, se este tiver êxito em colocar as mãos sobre algum tesouro, o Rei dos Elfos considera conseguir uma parte para si. Ele declara: “Nenhum tesouro atravessará a Floresta das Trevas sem que eu me pronuncie sobre o assunto.” O Rei dos Elfos também gosta de pensar acerca de tarifas e carregamentos. Sua avaliação a respeito dos planos e das perspectivas de Thorin não se baseia em ceticismo geral como a do Mestre, mas, em vez disso, em sua opinião bastante desfavorável em relação aos anões. Ele “não acreditava em anões enfrentando e matando dragões como Smaug”. O Rei dos Elfos não considera Thorin um mero embusteiro, mas não acha que ele seja capaz de recuperar o reino do dragão que o conquistou e ainda o mantém.

O dragão, claro, está sendo ignorado por quase todos. Smaug está ostensivamente ausente da canção que ouvimos, e mesmo Thorin (que, sem dúvida, não o esqueceu) parece estar procurando ignorá-lo. O narrador nos revela que Thorin caminha pela Cidade do Lago “como se seu reino já estivesse reconquistado, e Smaug, partido em pedacinhos”. O Mestre inspirou algumas novas canções para o povo cantar diante das janelas dos anões, elas falam com confiança de duas coisas: “a morte repentina do dragão” e “carregamentos de ricos presentes chegando pelo rio para a Cidade do Lago”. Os anões não se sentem particularmente contentes com essas novas canções. Sem dúvida a indicação de que os Homens do Lago esperam uma divisão do tesouro explica a maior parte do desagrado. No entanto, suspeito que ao menos parte disso resulta da lembrança incômoda de que o dragão ainda tem de ser enfrentado, sendo improvável que ele morra repentinamente por si mesmo.

Como o narrador destaca, o Rei dos Elfos “não está totalmente certo” em sua avaliação de Thorin e Companhia, e o Mestre está muito enganado. Os dois subestimaram o que um anão “ousaria fazer como vingança ou para recuperar o que é seu”. Enquanto Thorin se prepara para começar a reconquista da Montanha, mesmo o Mestre fica “surpreso e um pouco assustado”. De fato, as canções estão se tornando realidade: Thorin, filho de Thráin, filho de Thror, está voltando para casa.

O próprio Thorin passa por uma transformação impressionante agora. No início do capítulo, ele está em um de seus momentos de mais abatimento. Quando Bilbo o tira do barril, ele está quase irreconhecível. Thorin fica "gemendo na margem", e tem o "olhar selvagem" de "um cão que foi acorrentado e esquecido num canil durante uma semana". Ele talvez esperasse ser tratado com compaixão e caridade pelos homens da cidade, ainda que eles, provavelmente, considerem-no um mendigo com seu "capuz azul-celeste sujo e surrado e com as franjas prateadas manchadas". De modo indubitável, Thorin parece inadequado no banquete do Mestre da cidade e até na casa da guarda. De qualquer forma, parece destinado a ser um anticlímax patético como o rei que retorna.

Mas quando ele surge para os Homens do Lago, algo parece afetá-lo, ofuscando sua aparência maltrapilha aos olhos dos moradores da cidade. Quando declara audaciosamente aos guardas estupefatos que é "Thorin, filho de Thráin, filho de Thror, o Rei sob a Montanha", o narrador acrescenta: "e parecia ser exatamente isso, apesar das roupas rasgadas e do capuz enlameado." Pouquíssimo tempo antes, Thorin "mal conseguia ficar de pé ou cambalear através da água rasa", mas, naquele momento, sua presença é tão imponente que inspira alguns guardas a correrem para fora e verificarem se a Montanha já se tornou dourada à noite.

De modo muito consciente, Thorin assume o papel quase messiânico do rei que retorna. "Eu voltei!", ele proclama quando entra no banquete do Mestre, conhecendo a sensação que causaria com essa declaração dramática. Quando os guardas pedem para que ele entregue suas armas, Thorin responde: "Não temos necessidade de armas quando retornamos à nossa própria terra." O retorno do rei é impossível de ser detido por alguém ou por qualquer coisa, ele afirma, incluindo a interferência do Rei dos Elfos. "Nem correntes nem barras podem atrapalhar o retorno anunciado outrora", Thorin declara. Esse tipo de discurso é, sem dúvida, o que estimula o cínico Mestre da Cidade do Lago a acreditar que Thorin é simplesmente um impostor, uma fraude que "mais cedo ou mais tarde seria descoberta e desmascarada". Thorin, porém, não só é o neto autêntico de

Thror, mas acredita, ou ao menos quer acreditar, que o retorno ao seu reino é ordenado pelo destino. Enquanto ele, orgulhosamente, anda a passos largos pela Cidade do Lago, entre as multidões eufóricas que cantam, é fácil acreditar nisso junto com ele.



A natureza de Bilbo: uma perspectiva sóbria



Bilbo é a única pessoa na Cidade do Lago, além do Mestre, que resiste à excitação que anima os espíritos dos Homens do Lago e também dos anões. Poderíamos esperar que o hobbit ficasse contente com a reviravolta da situação na chegada deles ao Lago. Embora ele tivesse interlúdios de segurança e bem-estar antes, nas casas de Elrond e de Beorn, essa experiência parece ser ainda mais satisfatória. Ele recebeu boas-vindas de herói e é tratado como celebridade, obtendo todo o respeito que poderia querer, juntamente com os confortos mais substanciais de toda a comida e repouso que poderia desejar. Se algo fosse convencê-lo de que as aventuras nem sempre são detestáveis e desagradáveis, esse seria um bom exemplo.

No entanto, apesar do ambiente festivo, o hobbit parece continuar sentindo o mesmo desalento que desenvolveu quando espreitava os salões do Rei dos Elfos. Na fortaleza dos Elfos da Floresta, sozinho, amedrontado e incomodado com o fato de ser o apoio de todos, Bilbo se distanciou da vida aventurosa, apesar de seu sucesso nela. As circunstâncias mudaram radicalmente, mas sua atitude não. Na Cidade do Lago, as pessoas estão celebrando, e os anões, tendo pensamentos confiantes e empolgantes sobre o próprio destino, mas Bilbo permanece “a única pessoa profundamente infeliz”. Mesmo seu estado físico reflete sua diferença de perspectiva; seu resfriado bastante prosaico e trivial representa algo desagradável no meio do glamour e romantismo do retorno inesperado dos

anões.

Bilbo não é cínico nem um estraga-prazeres. Embora nenhuma das antigas canções lembre dele “mesmo da maneira mais obscura”, ele aprecia, talvez ainda mais que Thorin, a cadeia providencial de eventos que levou à chegada improvável deles à Cidade do Lago. Bilbo era aquele, afinal, que ficou sabendo acerca da piora dos caminhos e das estradas escutando aos elfos-balseiros, descobrindo que a passagem deles através da floresta era ainda “mais afortunada do que ele imaginara”. Mas, ao contrário dos anões, Bilbo “não se esqueceu da aparência da Montanha, nem do dragão”. Quando avistou a montanha pela primeira vez, Bilbo não gostou da aparência dela, e o tempo passado na Cidade do Lago não fez nada para mudar sua opinião. Os Homens do Lago podem ser capazes de cantar animadamente na voz passiva, como se o reino dos anões fosse de alguma forma ser restabelecido por alguém. Thorin talvez consiga confiar tanto no cumprimento das profecias anunciadas outrora que se esqueça da presença decididamente inoportuna do dragão em seu reino destinado. Bilbo não consegue, e, por isso, demonstra mais sabedoria que qualquer um ao seu redor.

No bom senso de Bilbo na Cidade do Lago, acredito que podemos ver seus lados Tûk e Bolseiro trabalhando juntos. De certo modo, sua situação é uma questão bastante excêntrica. Tendo acabado de tirar seus amigos da prisão num reino mágico, ele está planejando invadir a toca do dragão a fim de conquistar seu tesouro e restabelecer um reino lendário como previsto em antigas canções. Sem dúvida, esse programa seria tanto aterrador como incompreensível para seus respeitáveis vizinhos de Fundo do Saco. Bilbo não está só mergulhado na vida aventurosa, tûkiniana; ele é muito competente dentro dela. E mesmo assim, por outro lado, ele continua a considerar sua situação de uma perspectiva Bolseiro nitidamente prosaica e metódica. Thorin, os anões e os cidadãos da Cidade do Lago estão envolvidos em sua poesia de otimismo e esperança, da mesma forma que Bilbo se envolveu por curto tempo na canção dos anões em Fundo do Saco. Bilbo resiste à excitação, permanecendo simplesmente o senhor Bolseiro, um hobbit que está plenamente ciente de que se prepara para atacar o refúgio de um dragão vivo que não está para conversa. No Capítulo 9, pudemos

ver as aventuras de Bilbo temperando seus valores do tipo Bolseiro. Agora, podemos vê-lo aplicando seu sólido ponto de vista Bolseiro em sua aventura.

Nota

35. Nesse caso, os “homens-balseiro” são Elfos da Floresta e não Homens (humanos). Muitas vezes, Tolkien utiliza a palavra *homens* em sentido genérico, de vez em quando para se referir aos hobbits e aos elfos, e também para especificar os seres humanos como espécie. As pessoas cuja conversa Bilbo está ouvindo por acaso são, certamente, as mesmas que depois falam com o Mestre da Cidade do Lago e que são, sem dúvida, elfos, sendo chamados de “os homens-balseiros dos elfos” e referindo-se ao Rei dos Elfos como “nosso rei”. Naquela mesma conversa, Thorin também se refere a eles como “os homens-balseiros do rei”.



A desolação do dragão: uma terra devorada

Na maior parte do livro até agora, os anões evitaram pensar no que estava a sua espera no fim da jornada. Seu foco se achava na recompensa que os aguarda, em especial a grande riqueza de Thror que esperam recuperar. Bombur, podemos lembrar, uma vez se referiu à jornada deles como uma "caça ao tesouro". Sob a influência de canções empolgadas na Cidade do Lago, foram levados a pensar acerca do restabelecimento do lendário Reino da Montanha dos anões, a herança de Thorin de seu pai e seu avô. O que eles não pensaram muito foi sobre o dragão.

No descampado em torno da Montanha Solitária, são confrontados finalmente e sem escapatória com a realidade do dragão na Desolação provocada por ele. A terra na qual se deslocam torna-se "lúgubre e árida, ainda que outrora, como

Thorin lhes contou, fosse verde e bela". A terra, antigamente cheia de vida e cultivo, agora está "desolada e vazia". O vislumbre do Portão Principal que Bilbo tem também é muito significativo. Do portão "brotavam as águas do Rio Corrente, e daí também sai vapor e fumaça escura". O rio, que dá vida à região, ainda corre da Montanha, mas sua nascente é sufocada pela fumaça do dragão, sendo até parcialmente evaporada, transformada em vapor pelo calor de Smaug. "Eles chegaram à Desolação do Dragão", o narrador afirma, "e chegaram no ano que se aproxima de seu fim". Não há mais nenhuma maneira de ignorar a ideia da criatura terrível que devem confrontar.

Em consequência, a jornada dos anões assume um tom de seriedade moral muito maior. O dragão não é só um guardião muito perigoso do tesouro. Ele é uma criatura do mal, e seu domínio desse território é um grande mal que precisa ser remediado. Quando Balin está perto de Bilbo sob os "penhascos cinzentos e silenciosos" da encosta da montanha, ele compartilha com o hobbit suas lembranças, que contrastam de modo pungente com o ambiente presente: "As encostas da montanha eram verdes com bosques, e todo o vale, protegido, rico e agradável nos dias em que os sinos tocavam naquela cidade.". Houve um tempo em que a montanha era verde, e não cinzenta, e o vale era cheio de música e alegria. As memórias de Balin acerca da beleza e da paz eram "tristes e amargas", pois Smaug não só matou centenas de pessoas, mas sufocou a vida de toda a região. Na Desolação, começamos a ver que a tarefa real ante Thorin, Bilbo e seus amigos não é conseguir o tesouro, nem mesmo a vingança, mas sim a cura da própria terra.

Anões: sem esperanças e à deriva

À medida que os anões avançam através da Desolação, com a Montanha Solitária "erguendo-se sinistra e elevada diante deles", as celebrações prematuras

da Cidade do Lago se desvanecem rapidamente. No norte devastado do Lago, “não há risadas nem o som de harpas, e o orgulho e as esperanças que emocionaram seus corações no canto das antigas canções perto do lago extinguiram-se lentamente numa melancolia laboriosa”. Os homens que os trouxeram para as margens norte do Lago não se esqueceram das antigas canções, e ainda esperam que elas se realizem, mas ainda assim acham “mais fácil acreditar no Dragão e menos fácil acreditar em Thorin nessas regiões selvagens”. Todos parecem reconhecer o que ninguém quis considerar na segurança da Cidade do Lago: o fim da jornada deles, que está se delineando cada vez mais próximo, pode ser “um fim muito terrível”.

A esperança e o bom humor dos anões foram reduzidos profundamente pela Desolação do Dragão, provando o que podíamos ter presumido nas festividades descritas no Capítulo 10: a confiança dos anões nunca foi bem fundamentada. Na chegada às encostas da Montanha Solitária, o objetivo pelo qual trabalharam e lutaram durante meses para alcançar encara uma ironia deprimente: “eles estavam no fim da jornada, mas mais longe que nunca pareceu do fim da busca”. O narrador adiciona, quase de maneira supérflua, que “nenhum deles não desanimou”. Os anões apresentam a mesma volatilidade emocional em todo o capítulo. Quando encontram o local da porta secreta, o ânimo se eleva “um pouco”, mas logo afunda de novo. A confiança dos anões, que pareceu inabalável na Cidade do Lago, demonstra ter raízes muito pouco fundas; quando eles são confrontados com obstáculos reais, a confiança desmorona, e ficam “mais e mais abatidos”.

Bilbo, por outro lado, mostra-se tão resistente aos baixos emocionais dos anões quanto se mostrou em relação aos seus altos. A mesma perspectiva metódica do tipo Bolseiro – fundamentada na simples realidade e não arrastada pela imaginação – que impediu Bilbo de aderir ao entusiasmo na Cidade do Lago agora o impede de cair na melancolia que oprime os anões na aproximação da Montanha. Os anões parecem quase paralisados pela ideia de que estão “sozinhos no ermo perigoso sem esperança de ajuda adicional”, mas Bilbo é mais prático. Ele aborda a situação como um problema, quase um enigma a ser

solucionado. Ele “frequentemente, pedia emprestado o mapa de Thorin e o contemplava, ponderando sobre as runas e a mensagem das cartas lunares que Elrond leu”. Os anões são muito teimosos e estão determinados a resistir, mas são quase totalmente carentes de espírito prático e, às vezes, carecem da capacidade de pensar por si mesmos. É Bilbo que obriga os anões a “começarem a busca perigosa, nas encostas oeste, da porta secreta”. Apesar do fato de que a única ideia deles a respeito de entrar na Montanha sem alertar Smaug é achar a passagem secreta indicada no mapa de Thror, os anões aparentemente precisam do estímulo do hobbit para começar essa procura. A perspectiva consistente, realista de Bilbo é praticamente a única coisa que move a jornada adiante nesse momento. Na Floresta das Trevas, Bilbo tornou-se o líder genuíno do grupo; agora, nas encostas da própria Montanha, a expedição está sob a ameaça de se tornar o espetáculo de um único homem.

Mesmo quando a disposição de Bilbo diminui, e ele “não está muito mais animado que os anões”, a melancolia dele é diferente da deles. Em vez de perambular sem propósito, como os anões fazem, Bilbo desvia o olhar para o oeste e observa o caminho para casa. Bilbo está, como explica aos anões, sentado no degrau da porta e pensando, mas não está pensando a respeito de entrar na Montanha; em vez disso, pensa a respeito de voltar para sua Colina, distante no Oeste. Os anões celebraram o regresso ao lar um pouco cedo demais na Cidade do Lago; agora, realmente chegaram à Montanha, mas se sentem confusos e perplexos. Agora, Bilbo alcançou o ponto mais distante de sua jornada exterior; a Montanha está na extremidade oposta da Colina. Ele se senta “de costas para a face da rocha” e observa novamente o que “estava além da distância azul, a pacífica Terra Ocidental e a Colina, com sua toca hobbit embaixo”. Bilbo tem bastante consciência do contraste entre a Montanha e a Colina, entre sua casa segura e aconchegante e o ermo desolado, assombrado pelo dragão, em que deve concluir sua missão aparentemente impossível antes de poder começar a jornada de regresso a sua casa. No entanto, a vida tranquila na toca hobbit de Bilbo quase não existe nas visões otimistas das pessoas do Lago e (por curto tempo) dos anões. Na realidade, Bilbo não se ajustará ali no

Leste, aconteça o que acontecer.

A separação de Bilbo das reações e dos humores dos anões é exacerbada pela relação muito distinta que ele tem com essa aventura. Os anões estão numa busca de grande importância para eles e suas famílias. Bilbo é um profissional contratado, um improvável mercenário. Essa diferença entre o status de Bilbo e aquele do resto do grupo ficou clara desde o Capítulo 2. Quando veem a fogueira dos trolls brilhando através das árvores, os anões dizem: “Afinal de contas, temos um ladrão conosco.” O que podemos escutar nessa frase não é só a referência deles ao cargo de Bilbo como ajuda contratada, mas também o “conosco” – Bilbo está *com* eles, mas não é um deles. Apesar do fato de Bilbo e os anões terem ficado amigos e passarem por muita coisa juntos, aquela divisão nunca é completamente removida. Exatamente no início do Capítulo 10, quando Thorin está gemendo e se lamentando na margem do Lago Comprido após sair meio morto do barril, Bilbo o lembra que aquela “aventura idiota” é “deles, apesar de tudo, e não minha”.

A separação entre Bilbo e seus companheiros é ainda visível nas encostas da Montanha Solitária, mas a dinâmica mudou drasticamente desde os primeiros dias. No segundo capítulo, Bilbo duvidava muito de si mesmo e ansiava impressionar seus novos companheiros, tanto que foi ao acampamento dos trolls sem protestar, embora não tendo a menor ideia do que fazer ou do que se esperava dele. No Capítulo11, os anões, frustrados, começaram a falar a respeito de enviar Bilbo através do Portão Principal, pois “já que tem um anel de invisibilidade, deveria ser um ator especialmente bom agora”. Dessa vez, Bilbo se importa pouco a respeito do que eles pensam sobre sua habilidade, mas fica alarmado e irritado por ser escolhido novamente para esse tipo de tarefa. Ele continua sendo enviado nas missões perigosas, e sua reação é, naquele momento, de cansaço e irritação pelo fato de ter de salvar os anões *de novo*.

Podemos perceber uma mudança parecida nas lembranças afetuosas dos anões em relação à Festa Inesperada, que os levou a chamar o espaço relvado fora da porta secreta de “o degrau da porta”. Os anões estão se lembrando das “palavras de Bilbo de muito tempo atrás... quando disse que podiam ficar sentados sobre o

degrau da porta até pensarem em alguma coisa". Bilbo fez esse comentário perto do fim da festa, quando estava tentando se livrar deles, e quando disse isso, só estava procurando encobrir o fato de que não tinha nada a dizer. Agora que ele demonstrou sua capacidade diversas vezes, os anões lembram a incapacidade de Bilbo com afeição. Além disso, há uma inversão irônica nas circunstâncias. Agora são os anões que não têm ideia do que fazer ou do que dizer, sendo Bilbo a única pessoa competente por perto.

Sorte: a profecia das letras lunares

De fato, os anões parecem muito tolos em comparação a Bilbo durante a procura da porta secreta. Por um lado, aparentemente, esqueceram-se quase por completo das instruções ou da profecia que Elrond leu nas letras lunares no mapa: "Fique ao lado da pedra cinzenta quando o tordo bater... e o sol poente com a última luz do Dia de Durin brilhará sobre a fechadura." Mesmo depois de eles acharem a localização da porta secreta, os anões desprezam essa mensagem milagrosamente descoberta. Em Rivendell, Thorin foi quem explicou para Elrond que o Dia de Durin era "o primeiro dia da última lua do outono, no limiar do inverno". No entanto, nem ele, nem nenhum dos anões parece se lembrar do Dia de Durin quando o próprio Thorin comenta casualmente na encosta da montanha que "amanhã começa a última semana do outono". Não levando em conta as runas, os anões tentam derrubar a porta com ferramentas de mineração, o que é tão inútil quanto imprudente.

Como discutimos no Capítulo 3, a mensagem nas letras lunares contém algumas instruções, mas, predominantemente, predições. Talvez os anões as tivessem achado mais gratificantes e inesquecíveis se contivessem orientações mais detalhadas, mas daquele jeito, o papel do responsável pela abertura da porta

é principalmente passivo. No Dia de Durin, o tordo baterá e o sol poente brilhará sobre a fechadura. Mesmo o trecho da instrução dada, “Fique ao lado da pedra cinzenta”, não é especialmente ativo. Sem dúvida, essa mensagem não satisfaz os anões. Mesmo quando o raio de luz revelou magicamente a fechadura, os anões desconsideraram isso, correndo para a rocha e empurrando a porta com as mãos. Repetidas vezes, os anões demonstram que não entenderam a mensagem.

É Bilbo, claro, que presta atenção às runas e respeita o que dizem. Ele é único que espera com paciência ao lado da pedra cinzenta, e, como estava pensando sobre as letras lunares, também é o único que percebe o tordo rachando caracóis contra a lateral da rocha e entende que a profecia está sendo cumprida. Observemos que, no momento decisivo, quando o sol se põe e os anões estão “observando com impaciência”, com as barbas balançando, é o hobbit que obedece as instruções da mensagem, “ficando ao lado da pedra cinzenta”. Quando os anões suspiram de decepção, no momento em que o sol escapa para a massa de nuvens no horizonte, Bilbo é o único que mantém a esperança, continuando quase imóvel perto da pedra. Thorin, que só se aproxima da pedra quando Bilbo o chama, não teria nem mesmo pensado em testar a chave que Gandalf lhe deu na fechadura milagrosa se não fosse pelo hobbit. As outras ocasiões em que Bilbo evitou a catástrofe podem ter sido um pouco mais cheias de ação, mas nenhuma é mais importante do que essa.

As letras lunares nos dão a sensação de que há algo mágico, algo sobrenatural, a respeito da abertura da porta secreta, e o evento confirma com veemência isso. Na manhã do Dia de Durin, Bilbo tem “uma sensação esquisita de que estava esperando por alguma coisa”. Essa sensação parece levá-lo a prever algo bom e potencialmente mágico. “Talvez o mago volte de repente hoje”, ele pensa. Em vez disso, Bilbo se vê situado no meio de eventos vaticinados misteriosamente há mais de um século: o bater do tordo seguido pela última luz do Dia de Durin atingindo a parede de rocha. O desdobramento dos eventos não deixa nenhuma possibilidade de que isso pudesse ter sido completamente natural. A “última luz do Dia de Durin” se revela um simples raio que escapa de uma “zona de nuvens avermelhadas”, indicando, “como um dedo”, a fechadura com precisão

extraordinária.

Mesmo o tordo, cujo envolvimento poderia ter sido explicado por meios naturais, contribui para a sensação sobrenatural do momento. O velho tordo, que observava com grande interesse o evento há muito tempo esperado, com sua “cabeça inclinada sobre um lado”, dá “um súbito trinado” quando o único raio de luz atinge a parede rochosa, imediatamente antes de o estalo ruidoso, como um eco mágico do próprio estalido do caracol, abrir a fechadura. Pelo visto, a refeição natural de fim de tarde do tordo, alimentando-se de caracóis, serve como sinal da abertura da porta, como vaticinado nas runas, e o pássaro aparentemente espera, observando do alto, a fim de servir como arauto do momento do cumprimento da profecia. Quase não é necessário contar, como Thorin revelará no próximo capítulo, que os tordos da Montanha Solitária são uma “espécie mágica e de vida longa”. Aparentemente, a estranha boa sorte que trouxe Bilbo e seus amigos para a Montanha por caminhos intricados e imprevistos os recebeu ali no momento exato do evento mágico profetizado há mais de um século.

A abertura da porta secreta leva Bilbo ao início do último estágio de sua busca. No entanto, esse conhecimento não traz alívio, pois a descrição do narrador da passagem secreta não é nada menos que assustadora. “Parecia”, ele afirma, “como se a escuridão escoasse como vapor do buraco do lado da montanha, e uma escuridão profunda na qual nada se via abriu-se diante de seus olhos, uma boca escancarada que conduzia para dentro e para baixo”. Bilbo está ao lado da pedra cinzenta, observando a escuridão sendo exalada da porta, como a fumaça e o vapor que tanto o perturbaram quando as viu formando vagalhões no Portão Principal. Ele não tira os olhos da passagem, que se assemelha à boca do próprio dragão aberta de modo escancarado para engoli-lo, sabendo que ele, Bilbo Bolseiro, será o único que entrará na escuridão.



As escolhas de Bilbo: o terceiro momento decisivo

A descida de Bilbo para o interior da Montanha, buscando a toca do dragão, é um momento crucial em sua vida. Ele coloca seu anel e desliza "prosseguindo silenciosamente, descendo, descendo, na escuridão". Em pouco tempo, não só perde o contato com seus amigos, mas também com a luz do dia: "Todo sinal da porta desapareceu. Ele estava totalmente sozinho." Sozinho na escuridão, Bilbo está numa situação nitidamente similar aos dois momentos decisivos anteriores de sua trajetória. Na primeira vez, ele acordou da falta de consciência e se viu sozinho no túnel escuro das cavernas dos goblins, pouco antes de seu encontro com Gollum. Na segunda vez, acordou do sono na escuridão da Floresta das Trevas e achou uma aranha gigante envolvendo suas pernas na teia. Agora, de novo, está sozinho na escuridão total, sem amigos, sem ajuda, e encarando um inimigo mortal.

Os três momentos decisivos, considerados em conjunto, formam um padrão interessante. Podemos, por exemplo, observar uma escalada progressiva do perigo e da desesperança das situações. Na primeira vez, ele se perdeu nas montanhas, em túneis desconhecidos cheios de goblins, precisando escapar por sua própria conta de um Gollum desesperado e furioso. Em seguida, perdeu-se na escuridão ainda mais irremediavelmente impenetrável da Floresta das Trevas, tendo não só de escapar das aranhas caçadoras como também de procurar o covil delas e atacá-las a fim de resgatar seus amigos. Na terceira vez, tem de seguir só para invadir a toca de um enorme dragão incendiário, que destruiu reinos inteiros sozinho. Felizmente para Bilbo, esse é o momento decisivo final![36]

Devemos observar que também houve uma escalada no próprio compromisso de Bilbo com esses momentos. Na primeira vez, comparativamente, pouco é exigido de Bilbo. Sua decisão de agir por sua própria conta é um grande momento, mas suas opções são limitadas. Na segunda vez, além de mostrar a presença de espírito de se salvar do ataque imediato, também se põe em grande perigo para salvar seus amigos. Na terceira vez, ele não dorme nem é neutralizado, e acorda para se encontrar sozinho; dessa vez, deliberadamente, dá as costas aos amigos e ao mundo da luz do sol, e desce para a escuridão. O narrador enfatiza expressivamente a escolha de Bilbo, notando que “continuar a partir dali foi a atitude mais corajosa que ele já tomou na vida”, e acrescentando: “As coisas extraordinárias que aconteceram depois não foram nada em comparação com isso. Ele travou a batalha real no túnel sozinho.” Naquele momento, Bilbo tomou as providências finais.

No entanto, mesmo nesse momento final de compromisso de sua vida tûkiniana, constatamos que sua mente ainda está cheia de pensamentos muito próprios de um Bolseiro. Bilbo não está mais aclimatado serenamente à sua vida de grandes aventuras agora do que estava desde o começo. Seus pensamentos concentram-se na questão de como a ação corajosa que está desempenhando correntemente é tola e inútil. “Não tenho nenhuma necessidade de tesouros guardados por dragões”, ele pensa, “e ele poderia ficar aqui para sempre, se eu pudesse acordar e descobrir que esse túnel horroroso era o corredor de entrada

da minha casa". Mesmo quando Bilbo está tomando a iniciativa e desempenhando o feito mais aventuroso e corajoso de toda sua vida, afirma seus valores Bolseiro. Seu próprio corredor de entrada e os tesouros que estão no final dele – sua chaleira, sua poltrona, sua lareira e sua despensa – são mais preciosos para Bilbo do que a enorme coleção de ouro e joias situada no final do túnel escuro. Ele pode ter passado o ponto decisivo final de sua trajetória, mas ainda vê as coisas de um modo fundamentalmente Bolseiro.

Não é que Bilbo não tenha mudado. O Capítulo 12 é pontilhado de recordações do Capítulo 1, convidando-nos a prestar atenção ao quão longe Bilbo chegou. Quando a porta secreta se abre, Thorin faz um discurso impressionante, no estilo que reserva para "ocasiões importantes", todo acerca de como o tempo chegou para Bilbo "ganhar sua Recompensa". Enquanto faz isso, devemos nos lembrar do primeiro discurso impressionante de Thorin, feito no mesmo estilo em Fundo do Saco, no "momento solene" em que estavam prestes a iniciar sua jornada. Naquela ocasião, Bilbo interrompeu Thorin, desmoronando no chão e gritando em terror impotente. A simples menção do fato de que ele talvez nunca retornasse da jornada provocou um ataque histérico no infeliz senhor Bolseiro. No discurso na abertura do Capítulo 12, o perigo ao qual Thorin está se referindo é muito mais imediato e concreto: está anunciando que chegou a hora de Bilbo entrar no corredor diante deles e encarar um dragão vivo sozinho. Dessa vez, a reação experiente de Bilbo é meramente irritação e até impaciência. Ele parodia serenamente o estilo de Thorin em sua resposta, com seu excessivamente elaborado "Ó Thorin, filho de Thráin, Escudo de Carvalho, que suas barbas nunca deixem de crescer". Parte dessa irritação parece estar na referência de Thorin que remonta ao contrato original entre eles; afinal, eles passaram por uma experiência juntos, mas ele também parece impaciente para começar. "Mas, de qualquer modo, acho que vou dar uma espiada para acabar logo com isso", Bilbo afirma, de forma irreverente.

Mesmo o próprio Bilbo reflete sobre as mudanças pelas quais passou desde que saiu de casa. Ele observa: "Talvez tenha começado a confiar na minha sorte mais do que costumava nos velhos tempos." O narrador enfatiza o comentário,

interrompendo o diálogo e acrescentando: “ele se referiu à primavera antes de deixar sua casa, mas parecia séculos atrás”. Embora o tempo real que passou seja relativamente breve, a extensão da mudança em Bilbo faz parecer um tempo muito longo.

Quando Bilbo começa a descer pelo túnel secreto, o narrador volta a nos estimular a relembrar, observando: “Ele já era um hobbit muito diferente daquele que saiu de Fundo do Saco, sem o lenço de bolso, muito tempo atrás.” A recordação do lenço de bolso nos convida a colocar duas imagens perto uma da outra. Uma é a imagem de Bilbo, muito confuso e completamente despreparado, “correndo o mais rápido possível com seus pés peludos pelo caminho”, para se reunir aos anões logo no começo da jornada. A outra é a imagem de Bilbo “tremendo de medo, mas com seu pequeno rosto... imóvel e sério” enquanto avança lentamente na direção da toca do dragão, soltando a espada de sua bainha. Nessas duas imagens contrastantes, podemos ver mais do que apenas o aprumo da espinha de Bilbo. Toda a relação dele com sua aventura mudou; não é mais somente algo que está acontecendo para ele. Na ocasião anterior, somos informados de que “até o fim de seus dias, Bilbo nunca conseguiu se lembrar de como se viu fora” de casa e correndo pelo caminho daquela maneira. Ele está desamparadamente lançado na estrada, passivo, apesar de sua atividade de tirar o fôlego. No Capítulo 12, ele está tomando sua própria decisão. Tendo aceitado seu papel e sabendo muito bem o que significa, caminha deliberadamente na direção do dragão que sabe estar apenas a uma pequena distância.

Nessas duas cenas, também podemos ver uma mudança na perspectiva de vida de Bilbo. O que o aborrece no começo do Capítulo 2 é realizar a jornada sem as comodidades e as conveniências que pressupõe serão essenciais, como dinheiro e um lenço de bolso. Agora, no túnel secreto da toca de Smaug, o narrador assinala que nosso ladrão determinado, sereno e profissional “não tinha um lenço de bolso há muito tempo”, e, não obstante, está sobrevivendo. O lenço de bolso é só um símbolo, claro, em relação às muitas outras coisas que ele fez e está fazendo sem esse lenço. Da mesma forma que a experiência de se sentir realmente faminto mudou sua perspectiva sobre comida, sua atitude a respeito de

paz e conforto de sua vida “dos velhos tempos” foi alterada, mas não revertida.

Podemos ainda escutar Bilbo resmungando acerca da aventura em que se encontra: “Você se meteu na encrenca naquela noite da festa, e agora deve sair dela e pagar por isso!” No entanto, mesmo essas palavras revelam, ainda que de brincadeira, a escolha de começar a agir, uma vontade decidida de ver sua aventura terminar, retornando depois para seu mundo Bolseiro com toda uma nova compreensão. O último momento decisivo de Bilbo o move rumo ao casamento final dos dois lados de sua natureza, a mistura derradeira de Tûk e Bolseiro, de poesia e prosa, que dá a Bilbo a força e a base firme que possibilita seus feitos notáveis nessa última fase de sua história.

A natureza de Bilbo: enigmas com Smaug

O bem-estar de Bilbo com sua identidade como aventureiro ainda vai um pouco mais longe, assim que ele está além de seu momento decisivo final, exigindo uma correção muito forte antes de retornar ao equilíbrio adequado. Por um tempo, a autoconfiança recém-conquistada de Bilbo o entusiasma um pouco além da conta. Ele se oferece para ir e visitar Smaug uma segunda vez, e, quando se aproxima da toca do dragão, tomamos conhecimento de que ele “sentia-se inclinado a orgulhar-se um pouco de si mesmo enquanto se aproximava da porta inferior”. Ao que tudo indica, Bilbo está se permitindo acreditar que é demasiado ladrão até mesmo para Smaug.

Quando Bilbo começa a contar para Smaug quem é, inventando nomes enigmáticos para si, temos um quadro mais claro de como ele está se imaginando naquele momento. Bilbo começa com referências oblíquas às suas viagens e à geografia que percorreu: “Eu venho de baixo, da colina, e sob as colinas meus caminhos conduziam.” Em seguida, adiciona rapidamente uma dimensão mais heroica e misteriosa, por meio de uma reflexão fragmentária: “E através do ar.

Sou o que caminha sem ser visto.” Bilbo indica que não é só um viajante, mas também uma criatura mágica, que pode voar e ficar invisível. Como a última dessas duas afirmações é, sem dúvida, verdadeira, sua autodescrição mágica parece crível, como Smaug confirma.

A segunda rodada de nomes de Bilbo enfoca uma parte específica de suas aventuras: “Sou o descobridor de pistas, o cortador de teias, a mosca que dá ferroadas. Fui escolhido pelos números da sorte.” Acredito que todos esses quatro “títulos encantadores” (como Smaug denomina-os com sarcasmo) referem-se ao encontro com as aranhas na Floresta das Trevas, quer direta, quer indiretamente. “Cortador de teias” e “mosca que dá ferroadas” são alusões muito claras àquele episódio, mas devemos pensar sobre o que indicam acerca de Bilbo e de sua atitude em relação ao próprio Smaug. Esses nomes não recordam simplesmente os eventos na Floresta das Trevas; recordam seu status como a mosca zombeteira, mortal; a presa doce e suculenta que nenhuma armadilha consegue prender. Naturalmente, Bilbo não está ameaçando o dragão, mas ele mostra que os outros predadores encontraram nele mais do que podiam enfrentar.

“Descobridor de pistas” tem algo de uma charada, pois não fica claro a que pistas Bilbo está se referindo. De modo concebível, pode ser uma referência à descoberta de Bilbo do significado da mensagem nas letras lunares. No entanto, suspeito que Bilbo quer dizer algo muito diferente aqui. Originalmente, a palavra *pista* significava novelo de barbante; Teseu, herói grego, de forma memorável, achou seu caminho para sair do Labirinto de Creta levando um novelo de lã consigo. O uso da palavra *pista* na história de Teseu levou ao sentido moderno da palavra: algo que seguimos para achar um modo de sair de uma problema ou situação enigmática. Bilbo está se referindo, acredito, a esse significado mais antigo da palavra *pista*; provavelmente, ele se refere ao novelo de fio de aranha que utilizou para encontrar seu caminho na Floresta das Trevas. No Capítulo 8, expliquei de que maneira, no primeiro rascunho do livro, Tolkien descreveu Bilbo enrolando um novelo de fio de aranha que utilizou para encontrar o caminho até a colônia de aranhas e depois retornar pelo mesmo caminho, ao estilo de Teseu.[37] Mais tarde, Tolkien reescreveu esse capítulo e eliminou o

novelo de fio de aranha da história, mas Bilbo, intitulando-se “descobridor de pistas”, remonta ao primeiro rascunho que o incluiu, no qual se encaixaria muito naturalmente em “cortador de teias” e “mosca que dá ferroadas”. Acho que Tolkien manteve esse nome enigmático na versão publicada mesmo após a eliminação do episódio de achar a pista porque “pista” ainda funciona se a palavra for considerada no seu sentido moderno.

Depois de três títulos que celebram seu comportamento na colônia de aranhas, Bilbo acrescenta: “Fui escolhido por causa do número da sorte.” Bilbo refere-se, é claro, ao fato de ter sido agregado como décimo quarto membro do grupo a fim de evitar a má sorte, como o próprio Smaug entende claramente. No contexto das referências da Floresta das Trevas, Bilbo parece sugerir que, ao contrário da observação de Smaug de que “números da sorte nem sempre dão certo”, os anões, sim, tiveram sorte por adicioná-lo ao grupo.

Portanto, no segundo conjunto de títulos que Bilbo deu a si mesmo, todos os quatro enfatizam seus feitos, sua importância para a jornada. Tendo se estabelecido como grande viajante, com poderes misteriosos no primeiro conjunto de títulos, ele se apresenta agora como o herói engenhoso sem o qual seus companheiros nunca teriam sobrevivido. Bilbo não está exagerando – sem dúvida, tudo é verdade! –, mas ele, é claro, está pintando um retrato grandioso de si mesmo.

O terceiro conjunto de títulos segue a mesma tendência: “Sou o que enterra vivos seus amigos e os afoga, depois os retira vivos outra vez da água.” Nesse caso, ele parece ter passado do resgate da aranha para a abertura da prisão. Sua comparação enigmática a respeito do que fez com os barris com enterro e afogamento e, em seguida, com ressureição fazem suas ações parecerem não só engenhosas, mas também absolutamente milagrosas. Bilbo não só salvou seus amigos; ele os trouxe de volta da morte. Mais uma vez, indica ao dragão que é uma figura mágica com poderes desconhecidos, sem falar no comportamento um tanto imprevisível.

O fim do terceiro conjunto de títulos representa uma nova direção, e, de certo modo, é o mais surpreendente. “Venho do fundo de uma bolsa, mas numa bolsa

nunca fui metido", ele afirma. Novamente, Bilbo alude a um tempo em que todos os anões foram capturados e ele escapou: o incidente com os trolls, quando os anões foram colocados em sacos. O ponto principal desse comentário, porém, está no jogo de palavras entre a colocação dos anões em sacos [*bagging*] pelos trolls e o nome da casa de Bilbo, Fundo do Saco [*Bag-End*], e o jogo de palavras estabelece um paralelo entre eles, ainda que talvez de modo não intencional. As duas metades do comentário do "saco" enfatizam que ele *não* está num saco, e, assim, numa forma enigmática, ele nega seu próprio nome de Bolseiro. Não estou sugerindo que Bilbo sente inconscientemente que sua vida Bolseiro é uma prisão; poucas páginas atrás, vimos Bilbo se lembrando de Fundo do Saco com saudade. Mas, nesse momento, quando ele está construindo para si, em enigmas, uma identidade ousada, poderosa, importante e até mágica, Bilbo está, talvez, distanciando-se inconscientemente de seu respeitável mundo hobbit. Esse momento, em que ele está envolvido numa polida conversação espirituosa com o dragão, é, sem dúvida, o momento mais plenamente tûkiniano de Bilbo em todo o livro.

Em comparação, o quarto e último conjunto de títulos que Bilbo se dá começa modestamente, enfatizando sua importância apenas por associação com as pessoas incomuns que conheceu na jornada, intitulando-se "o amigo dos ursos e hóspede das águias". Daí, porém, ele passa para seu grupo final de títulos: "Sou o Ganhador do Anel e o Portador da Fortuna, e também sou o Montador do Barril." Dessa vez, Bilbo está simplesmente revelando confiança e segurança. "Portador da Fortuna" ele pode ser, mas "Ganhador do Anel" está, no mínimo, forçando a verdade e, possivelmente, distorcendo-a.[38] O título final é seu deslize fatal, aquele de que ele se arrependerá amargamente depois, quando a palavra fatídica *barril* levar, ou ao menos acelerar, à destruição da Cidade do Lago.

Decerto não é coincidência que seu deslize se manifeste quando Bilbo está "começando a ficar satisfeito com seus enigmas". Quando se prepara para partir, ele está, de novo, sentindo-se "particularmente satisfeito com a perspicácia de sua conversa com Smaug", confiante em sua identidade autoconstruída como aventureiro afortunado e heroico, capaz de caçoar de dragões e até ridicularizá-

los, como fez em seu “lance de despedida”. Mesmo antes de começar a se arrepender de sua referência aos barris, sua nova atitude arrogante o abala e ele sente uma dose acentuada de terror e dor. Quando Bilbo está correndo a toda velocidade para escapar do túnel “com grande dor e medo”, com o fogo do dragão queimando a parte posterior de sua cabeça e de seus calcanhares, é abalado “num sentido melhor”. O flerte de Bilbo com a audácia está acabado, e sua perspectiva mais realista se reafirma.

O lampejo de autoengrandecimento de Bilbo foi longe demais, extrapolando seu bom senso. Porém, seus comentários antes e depois de sua conversa com o dragão deram-nos algum *insight* a respeito do relacionamento adequado entre o mundo selvagem Tûk que cerca Bilbo e o mundo trivial Bolseiro para o qual ele deseja voltar. Falando animadamente com os anões antes de começar a descer pelo túnel pela segunda vez, Bilbo comenta: “‘Todo dragão tem seu ponto fraco’, como dizia meu pai, embora eu tenha certeza de que não era por experiência própria.” Se pensarmos acerca desse comentário por um instante, ele começa a parecer muito surpreendente. Bungo Bolseiro, o pilar do embotamento e da previsibilidade, aconselhou sobre dragões relacionados à situação corrente de Bilbo? Sem dúvida, o próprio Bungo nunca se aventurou, e Bilbo tem certeza absoluta de que esse conselho não se baseou na experiência própria de seu pai. No entanto, Bungo aparentemente escutou histórias, e mesmo sua vida extremamente rotineira foi temperada pela sabedoria tirada de contos e lendas ainda lembradas pelos hobbits. Bilbo, podemos lembrar, gostava das histórias de Gandalf quando as escutava em sua juventude, e, ao que parece, conhecia algo de trolls, lobos e a história da queda da Gondolin élfica. Além disso, o perspicaz Bungo tem razão. Smaug, apesar de sua insistência de que a informação de Bilbo acerca do baixo-ventre dos dragões é “antiquada”, tem, de fato, seu ponto fraco. Mesmo o mais protegido Bolseiro, pelo visto, pode ser enriquecido pela sabedoria derivada de aventuras e histórias antigas.

Imediatamente após escapar (por milagre) do fogo de Smaug, Bilbo se repreende com firmeza: “Nunca se ri de dragões vivos, Bilbo, seu tolo!” O narrador nos informa que essa expressão se tornará, em anos posteriores, “um

dito favorito dele” e se transformará em provérbio. Bilbo pode ter deixado para trás, por pouco tempo, seu bom senso e sua perspectiva bem fundamentada, mas, ao menos, aprendeu da experiência. Além disso, assistimos ao nascimento de um novo aforismo, outro provérbio sobre dragões que as gerações futuras de hobbits herdarão. Pelo jeito, as experiências de Bilbo nessa jornada farão mais do que mudá-lo e moldá-lo pessoalmente, ajudando-o a valorizar ainda mais sua vida pacífica quando retornar a ela. Sua história passará a influenciar os outros, concedendo-lhes um grau de sabedoria que o próprio Bilbo está adquirindo por meio de suas experiência inesquecíveis, mesmo que, muitas vezes, penosas.

A desolação do dragão: imitando Smaug

Quando Bilbo está na toca de Smaug, assumindo determinada postura por meio de enigmas e permitindo que sua autoimagem fique algo inflada, pode se consolar com o fato de que é a segunda pessoa mais vaidosa e presunçosa do recinto. Smaug é orgulhosíssimo e pensa muito em si mesmo. No início, quando Bilbo o adula, afirmando que só queria ver “se você é realmente grande como dizem as histórias”, Smaug não acredita nele, mas, no entanto, fica “algo lisonjeado”. Quando Bilbo elogia seu “colete de finos diamantes”, Smaug fica “ridiculamente satisfeito”. A mente de Smaug está cheia de ideias a respeito de sua própria grandeza, mas está se iludindo. Acreditando que ficou ainda mais forte com a idade, não tem consciência de que está perdendo os parâmetros, nem suspeita que Bilbo está pedindo para ver sua barriga “por motivos próprios”. Em sua própria arrogância e autoconfiança, Bilbo parece ter refletido uma das deficiências do arrogante dragão.

De fato, atrair os inimigos ao seu modo de pensar e agir parece ser grande parte do que Smaug faz com as pessoas. Aparentemente, a perspectiva do dragão é contagiosa. Em geral, Bilbo, por exemplo, não é muito propenso a

pensamentos obsessivos a respeito de ouro. Mesmo quando está atravessando o túnel rumo à toca do dragão pela primeira vez, comenta para si mesmo que “com certeza, não tem uso para os tesouros guardados do dragão”. No entanto, ele muda de ideia ante a visão real do tesouro. Bilbo “já ouvira contar e cantar sobre tesouros de dragões, mas o esplendor, a cobiça e a glória de um tesouro assim eram desconhecidos para ele”. Mesmo Bilbo, cujas fantasias recorrentes envolvem predominantemente sua chaleira e poltrona, percebe seu coração “cravejado de encantamento”. No Capítulo 1, a breve fascinação que Bilbo sentiu sob a influência da canção dos anões foi só uma sombra disso. Então, uma fogueira na distância o lembrou dos dragões, e o fascínio se quebrou. Dessa vez, o encantamento do “ouro além de qualquer preço ou conta” é tão grande que nem mesmo um dragão de verdade o intimidou. O roubo do cálice é realmente realizado sob essa influência; ele se agarra a isso quando é “atraído quase contra sua vontade” para o tesouro acumulado. Diante da montanha de ouro do dragão, até Bilbo começa a ter pensamentos “dragonianos”.

Bilbo é assolado brevemente pelo desejo “dragoniano” relativo ao tesouro quando o vê e, inconscientemente, imita a vaidade de Smaug durante a conversação deles. Há outro aspecto da personalidade do dragão, porém, com o qual Smaug tenta contagiar Bilbo de modo ativo: suspeitar e desconfiar dos outros.

Como observamos no Capítulo 11, Bilbo continua separado dos anões. O discurso impressionante de Thorin no degrau da porta a respeito de ter chegado o momento de Bilbo “realizar o serviço para o qual foi incluído em nossa Companhia” enfatiza a diferença entre eles de modo bastante enfático. O narrador confirma que “haviam-no trazido para fazer um serviço sujo para eles, e não se opunham a que o pobre sujeitinho o fizesse se estivesse disposto”. Independentemente de quão amigos Bilbo e os anões tenham ficado durante a jornada, Bilbo ainda é um ajudante contratado.

Parece que Smaug tem uma suspeita arguta a respeito da situação de Bilbo, e começa a explorá-la. Smaug aconselha Bilbo: “Não se envolva com os anões mais do que puder evitar!” Ele manifesta grande conhecimento a respeito da

personalidade dos anões, e começa a fomentar a divisão e a desconfiança. Sua pergunta inócua referente a se Bilbo “conseguiu um bom preço pela taça na noite passada” é um exemplo excelente dessa perspicácia. A resposta não é nem de perto tão importante quanto plantar a pergunta na mente de Bilbo. Quanto mais Smaug conseguir fazer Bilbo pensar sobre os anões como seus empregadores – patrões que o estão deixando assumir todos os riscos em troca de uma pequena recompensa –, maior a divisão entre eles. A partir disso, é só um pequeno passo para estimular a suspeita de que eles podem não só enganá-lo como também matá-lo depois do serviço feito.

Smaug possui um “coração perverso e manhoso”. Vive sozinho, não confia em ninguém, guarda zelosamente um tesouro que nunca poderá usar e remói pensamentos sobre sua posse, e também sobre sua força e majestade. Essa perspectiva é o que, mais tarde, o narrador denominará doença do dragão, e esta é muito contagiosa.

O pobre Bilbo se esforça para não cair sob a influência do dragão. Sua declaração de que “não só o ouro nos trouxe para cá” é uma afirmação de solidariedade. Depois, ele a reforça, sustentando que “o ouro só nos ocorreu mais tarde”. Observemos que, nesse caso, ele está resistindo a dois aspectos da doença do dragão, procurando “permanecer fiel aos seus amigos”, enquanto também minimiza a importância do tesouro. No entanto, apesar de todas as suas declarações corajosas, as palavras de Smaug envenenam. Mesmo quando, posteriormente, os anões estão tentando tranquilizá-lo, ele se vê querendo “poder sentir bastante certeza de que os anões agora foram absolutamente honestos”. De fato, Smaug possui uma “personalidade um tanto opressiva”, e, uma vez contraída, é difícil se livrar da doença do dragão.



Os anões: pessoas bastante decentes



Ao tentar convencer Bilbo a desconfiar dos anões, as palavras de Smaug são tão plausíveis que surpreendem o hobbit. Afinal, o máximo elogio do narrador a respeito de Thorin e Companhia, de que são “pessoas bastante decentes” se “você não esperar muito”, é um elogio bastante fraco. Bilbo já pensava o mesmo; quando pergunta quem o acompanhará no túnel na primeira vez, “não esperava um coro de voluntários e, assim, não ficou decepcionado”. De fato, Thorin e seus companheiros não são “maus”, mas, mesmo no melhor dos tempos, “não são heróis, mas sim um povo calculista, que tem em alta conta o valor do dinheiro”. As insinuações de Smaug podem ser infundadas, mas temos motivos para temer que os anões se mostrarão vulneráveis quando entrarem em contato com a doença do dragão.

Mesmo antes de essa crise específica se manifestar, os anões continuam com a exibição sofrível exposta no Capítulo 11. De novo, o problema principal deles é a instabilidade emocional e imaginativa que estavam sofrendo desde a Cidade do Lago. Quando Bilbo lhes traz o cálice de ouro do tesouro de Smaug, os anões começam a “falar com alegria da recuperação de seu tesouro”; eles celebram como se o objetivo já tivesse sido alcançado. Minutos depois, quando Smaug acorda, e eles podem ouvir os sons de sua raiva nas profundezas da Montanha, “esqueceram a alegria e os arroubos confiantes de um momento atrás e se encolheram de medo”. Os anões oscilam de um extremo de emoção a outro com pouca evidência de consideração racional. Num minuto, estão eufóricos, como se a batalha estivesse ganha; no seguinte, estão totalmente paralisados de desespero. Lamentam que os anões deixados no vale “serão mortos, e nosso pôneis também, e todas as nossas provisões vão se perder”. “Não podemos fazer nada”, concluem, sem esperança.

A reação de medo e pavor dos anões ao primeiro ataque de Smaug leva o narrador a observar um tanto laconicamente: “Não se pode excluir dos cálculos um dragão vivo que mora ao lado.” Embora estivessem falando acerca de recuperar seu tesouro e de deixar suas “maldições claras para Smaug” desde o Capítulo 1, nunca dão a impressão de ter realmente feito algum plano a respeito de como fariam isso. Bilbo também se sente “inclinado a destacar” que se livrar

de Smaug “sempre foi um ponto fraco no plano deles”. Bilbo permanece discretamente em silêncio, ainda que, mesmo se tivesse dito aquilo em voz alta, teria sido um grande eufemismo.

Contudo, Tolkien não nos permite desprezar os anões, descrevendo-os como completos idiotas. Embora continuem sendo tolos e inconstantes, também vemos alguns momentos positivos, que sugerem que coisas boas ainda podem ser esperadas dos anões. A primeira é a afeição que Balin demonstra por Bilbo. Sua opção de acompanhar Bilbo em parte do túnel e, sobretudo, a efusividade fascinante, ao ver Bilbo retornar em segurança, que faz os anões erguerem Bilbo e carregá-lo em triunfo para fora do túnel, são lembretes de que eles são mesmo amigos de Bilbo, e que a ligação sentimental deles é mútua. O segundo exemplo é o primeiro momento real de liderança de Thorin. Embora fosse o comandante dos anões desde o início, nunca o vimos agir com decisão, coragem e abnegação num tempo de crise, como vimos ocorrer tanto com Bilbo como com Gandalf. No meio da paralisia covarde dos anões ao som da aproximação irada de Smaug, Thorin finalmente se mostra pronto para a ocasião. Ele assume o comando dos anões e os coloca em ação para salvarem a si e aos seus companheiros, mas também ordena que Bilbo, Fili, Kili e Bali entrem no túnel, proclamando: “O dragão não vai nos pegar a todos.” Pelo jeito Thorin é capaz tanto de uma ação decisiva como de colocar os outros diante de si.

Os anões têm a capacidade de mudar, de amadurecer para algo além da trupe cômica que foi através da maior parte do livro. No Capítulo 12, observamos os primeiros vislumbres de mudança, mas a metamorfose parece muito distante. Além disso, o dragão ainda precisa ser vencido. Mesmo se os anões descobrirem um meio de se livrar de Smaug, ainda terão de achar forças para resistir a se tornarem parecidos com dragões.

Sorte: Bilbo e o Tordo

Bilbo pode ter se entusiasmado além da conta em sua conversa com Smaug, mas é difícil discutir com ele quando se autodesigna “Portador da Fortuna”. Os anões também não podem ajudar, mas observemos que toda a coisa do “número da sorte” funcionou muito bem, e Thorin reconhece que Bilbo está “possuído de boa sorte, superando de longe a margem normal”. O próprio Bilbo fala da sorte que esteve com ele ao longo da jornada como se fosse, de fato, algum atributo de seu caráter.

No entanto, Bilbo não perde de vista o quadro maior; não para de reconhecer que a boa sorte que tiveram na jornada é uma coisa externa, sobre a qual ele realmente não tem controle. Por exemplo, ele assinala que a aquisição do tesouro “sem dúvida, depende inteiramente de alguma nova virada da sorte e de se livrar de Smaug”. Bilbo parece suspeitar que há algo maior acontecendo ali, e que suas ações são somente uma pequena parte disso.

Bilbo dá um novo passo nessa direção perto do final de sua conversa com Smaug, usando um registro profético. Quando ele está tentando defender a dignidade e integridade da missão que os trouxe – seus amigos e ele – para a Montanha contra as acusações aviltantes de Smaug a respeito de pequeno roubo, Bilbo declara: “Viemos montanha acima e montanha adentro, pelas ondas e pelo vento, por *Vingança.*” Nessa declaração, Bilbo reutiliza alguns dos termos enigmáticos que usou nas descrições de si mesmo; pode parecer que ele está simplesmente usando de novo uma conversa enigmática para elogiar com exagero a si e seus companheiros, fazendo a chegada deles parecer mágica e importante. Bilbo termina com uma referência ao vento, sem dúvida pensando a respeito do voo da águia, mas também deve nos estimular a lembrar a canção do Vento, que os anões cantaram no Capítulo 7. Como o próprio Bilbo percebeu no início do Capítulo 10, ele e os anões realmente foram conduzidos sobre as asas do destino até o caminho surpreendentemente improvável que seguiram da Colina até a Montanha. De nenhuma maneira eles poderiam ter encontrado aquele caminho por mero acaso. Smaug ri das palavras de Bilbo, e seu riso é assustador, mas, por toda sua arrogância, os ventos da fortuna se viraram contra

ele, como as palavras de Bilbo advertem (talvez inconscientemente).

É improvável que zombemos da declaração agourenta de Bilbo junto ao dragão. Os eventos no fim do Capítulo 11, o cumprimento da profecia das letras lunares, devem ter deixado fora de qualquer dúvida o envolvimento do destino nessa busca. Indiretamente, Bilbo se recorda da cena no degrau da porta, no auge de seu encontro com o dragão. Quando Bilbo vê um pedaço desnudo no peito de Smaug, ele diz para si mesmo: “Há um bom pedaço no lado esquerdo do peito descoberto como um caracol fora da casca!” A comparação de Smaug com um caracol que foi tirado de sua casca foi, sem dúvida, sugerida para Bilbo pela atividade do tordo, cujas pancadas dos caracóis contra a pedra cinzenta foram o sinal para a abertura mágica da porta. A notícia da vulnerabilidade de Smaug semelhante à do caracol também é ouvida por acaso pelo tordo, que será o mensageiro que permite o assassinato do dragão no Capítulo 14. Portanto, o velho tordo de uma “espécie mágica” está associado com a morte do dragão do começo ao fim.

O tordo é um símbolo da harmonia dos velhos tempos, quando anões e homens viviam em paz, e mesmo os pássaros sábios e bonitos eram “amansados nas mãos” do pai e do avô de Thorin. Os tordos costumavam ser enviados como mensageiros entre Dale e a Cidade do Lago, e, ao transmitir a notícia do ponto fraco do dragão, o tordo estará cumprindo seu antigo papel, promovendo o renascimento da antiga paz naqueles posteriores dias turbulentos. No contexto de toda a história do tordo, como se desdobra diante de nós no Capítulo 12, observamos que a referência ao golpe do tordo, abrindo um buraco na carapaça do caracol que seu bico penetrará, serve como uma metáfora cifrada da própria queda de Smaug. De certa forma, as letras lunares contém não só a predição de como se entrará na toca do dragão, mas também um presságio indireto de como o dragão será destruído.

Proferir profecias de destino adverso, mesmo de improviso, pode parecer algo não característico do senhor Bilbo Bolseiro, mas, se lermos com atenção, perceberemos que Bilbo, na realidade, tem tido várias ocasiões proféticas nos últimos tempos. Lembremos que, no Capítulo 11, a manhã do Dia de Durin

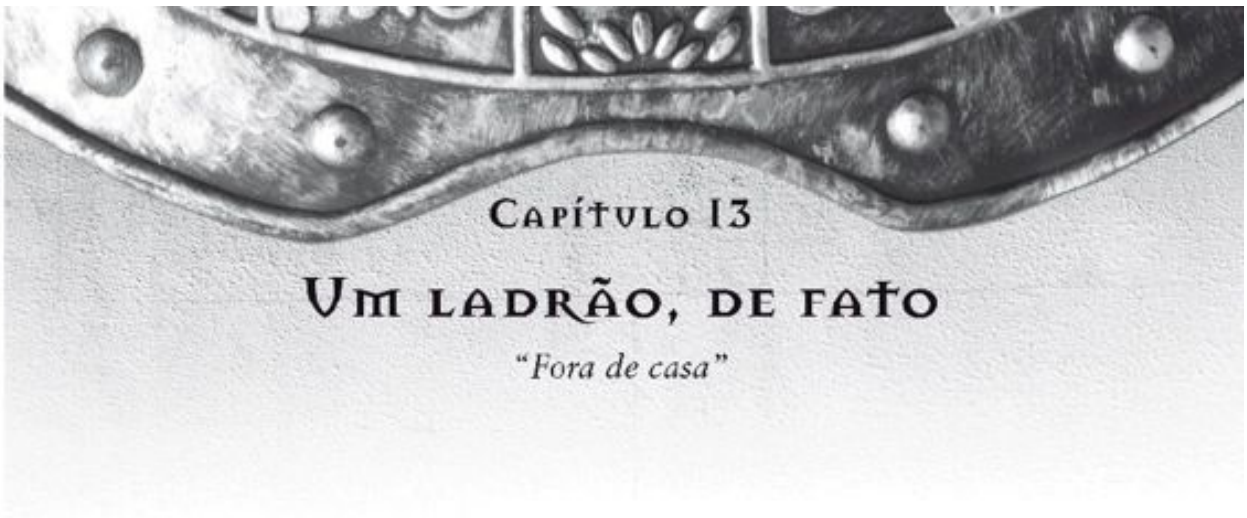
começa com a misteriosa sensação de Bilbo de “que ele estava esperando por algo”, embora não soubesse exatamente o quê. Na noite após sua conversa com Smaug, ele está novamente confuso, advertindo os anões: “Sinto em meus ossos que esse lugar será atacado novamente.” Admite que o que está sentindo é simplesmente medo (medo totalmente prudente), confessando “Sinto esse dragão nos meus ossos”, mas também declara de modo firme e inequívoco que “Smaug vai sair a qualquer momento, e nossa única esperança é avançarmos pelo túnel e fecharmos a porta”. Os anões ficam agitados por causa da presciência que afetou Bilbo ali, pois “algo na voz dele causou um sentimento desconfortável nos anões”. Apesar de sérias objeções, eles se trancaram no túnel, rápido o suficiente para se salvarem, pois a predição de Bilbo é correta, e seu *timing* é preciso.

De fato, de certa maneira, Bilbo já previra esse momento durante sua conversa carregada de enigmas com Smaug. Em seu terceiro conjunto de títulos, Bilbo afirma: “Sou aquele que enterra vivo seus amigos e os afoga, e depois os retira vivos outra vez da água.” Quando Bilbo fala de enterrar vivo seus amigos, ele está, sem dúvida, pensando em colocá-los em seus barris, sugerindo um paralelo pavoroso entre barris e caixões para defuntos. No final do capítulo, porém, observamos que Bilbo, de fato, enterrou seus amigos e a si mesmo vivos de uma maneira muito mais real e completa. Naquele momento, estão enterrados na Montanha por insistência de Bilbo, e aprisionados como estão, num túnel cuja “única saída passa pela toca do dragão”, a Montanha parece propensa a ser a tumba deles.

Quando a porta se fecha atrás de Thorin, e a boca do túnel é destruída pelo dragão, a jornada para a Montanha Solitária está oficialmente encerrada. Os anões estiveram ali na Montanha durante dias, é claro, mas sempre se contiveram, temendo reentrar a sério em seus salões perdidos e preferindo enviar Bilbo para sondar as coisas. Finalmente, a presciência de Bilbo e o ataque furtivo de Smaug os instigaram a dar o último passo de sua jornada. Ansioso e com muito medo, agachando-se no escuro e temendo a morte súbita, Thorin finalmente entrou de novo em seu antigo lar. O Rei sob a Montanha voltou.

Notas

36. Quase a única coisa que consigo imaginar que seria mais mortal e mais impossível seria se deslocar sozinho com seu criado até o reino protegido do Senhor da Escuridão, a fim de procurar o próprio centro de seu poder antigo e jogar o Anel do Poder no Dia do Juízo Final. Felizmente, ele deixará essa tarefa para seu sobrinho Frodo.
37. Ver Rateliff, 309.
38. Como explicado no Capítulo 5, na primeira edição de *O Hobbit*, Gollum coloca o anel, o "presente", como prêmio na disputa de enigmas, e assim Bilbo o ganha de certa forma, mas, mesmo na primeira edição, o apelido é um exagero. Nas edições posteriores, quando Gollum nunca sonha em entregar seu precioso tesouro, o apelido indica total autoilusão.



O regresso ao lar dos anões

Por diversos capítulos, os anões estiveram oscilando um tanto loucamente entre o otimismo sublime e o desespero quase catatônico. Começamos o Capítulo 13 com os anões numa fase depressiva, gemendo: "É o fim. Vamos morrer aqui." Novamente, como muitas vezes aconteceu, Bilbo está em descompasso com os anões. A resposta emocional de Bilbo à situação é, ao mesmo tempo, mais mística e mais realista. De repente, ele sente "o coração estranhamente leve, como se lhe tivessem tirado um fardo de sob o colete". Parece ser outro dos *insights* misteriosos e semiproféticos de Bilbo, pois temos todos os motivos para pensar que o ataque de esperança que Bilbo sente naquele momento coincide com a morte de Smaug na Cidade do Lago (embora nós, como leitores, só fiquemos sabendo disso no Capítulo 14). Bilbo não entende o que aconteceu, mas, por alguma razão, sente a destruição do dragão e cria coragem.

A esperança de Bilbo, porém, não se baseia exclusivamente nessa percepção espiritual subconsciente. Também deriva da aplicação de dois outros ditos de seu pai. Evidentemente, Bungo não podia ter previsto que suas palavras de sabedoria – “Enquanto há vida há esperança!” e “A terceira vez vale por todas” – seriam aplicadas por seu filho quando estivesse aprisionado na toca do dragão, mas elas se revelaram adequadas para a situação. Mais uma vez, nesse estágio final da aventura de Bilbo, podemos vê-lo combinando organicamente o mágico e o mundano, os mundos Tûk e Bolseiro. A combinação lhe dá uma grande vantagem sobre seus amigos: os anões.

A diferença entre Bilbo e seus companheiros fica de novo penosamente evidente quando começam a exploração do grande salão. Todos sentiam cada vez mais medo e tensão no silêncio e na escuridão contínuos. Não têm certeza de que Smaug não está tentando atraí-los para a morte, e dificilmente atrevem-se a ter a esperança de que ele foi embora mesmo. A resposta de Bilbo à tensão é audaciosa, até imprudente. Por fim, grita um desafio estridente para o dragão: “Pare de brincar de esconde-esconde! Dê-me uma luz, e então venha me devorar, se é que pode me pegar!” Nesse caso, Bilbo não está caindo no excesso de confiança novamente; está sendo corajosamente determinando. Ele sabe que seria impotente ante Smaug; não tem ilusões a esse respeito. No final das contas, porém, seria preferível morrer na luz, lançando insultos e desafios contra seu inimigo, do que se encolher de medo no escuro. De novo, Bilbo é a mosca capaz de picar.

Os anões, por outro lado, optam pela covardia. Ainda estão encolhidos exatamente onde Bilbo os deixou. Em vez de ajudarem Bilbo, ou se juntarem a ele, para ficarem ante o inimigo de que dizem querer se vingar, tentam de maneira desesperada silenciá-lo. Thorin procura ocultar sua covardia com linguagem formal, explicando com cuidado que o senhor Bolseiro “continua a ser oficialmente o ladrão e o investigador da expedição”. Ele pode utilizar o próprio discernimento de sua capacidade profissional e, enquanto isso, Thorin e os anões, sem medo, “esperarão no túnel pelo relatório dele”. Quando a coragem de Bilbo finalmente lhe falta, Thorin, concluindo que o dragão deve estar

ausente, decide que é seguro buscar o hobbit que deixaram atuar como isca do dragão. O comentário de Balin de que “é mais ou menos nossa vez de ajudar” parece expressar tanto vergonha como censura branda a Thorin por sua liderança um tanto questionável. A disposição de Bilbo redime de certa forma os anões, mas eles estão, sem dúvida, tão atrás de Bilbo em coragem como em sabedoria.

Contudo, quando os anões veem o tesouro, rapidamente oscilam do desespero receoso para o júbilo imediatista. A maioria dos anões é dominada pela cobiça pura e simples, e eles enchem os bolsos com pedras preciosas, o que não lhes fará nenhum bem. O narrador também nos previne de que um anão pode muitas vezes ficar brutal por causa do ouro. Não obstante, podemos também perceber que há algo particularmente bonito acontecendo ali. O amor dos anões pelo trabalho de seus pais não é possessivo ou mesquinho. Eles seguram os “antigo tesouros” contra a luz das tochas, “acariciando-os e os tocando”. Não estão meramente se entregando a uma cobiça particular; compartilham o prazer deles mutuamente, falando em voz alta e gritando uns aos outros. Num simples arroubo de alegria, Fili e Kili levantam harpas douradas – exatamente como as “harpas de ouro” da canção original deles – e as dedilham, enchendo o salão “com uma melodia que ficou silenciosa por muito tempo”. Os anões voltaram para seu antigo lar, e os salões que só ouviram o silêncio ou o som do dragão são restituídos à vida com música e harmonia.

Até Bilbo se envolveu com o momento. Thorin lhe deu sua cota de malha de *mithril* com o cinto cravejado de pérolas e cristais. Lembremos o quanto Bilbo gostava dos botões de latão de seu colete, e o quanto ele lamentou perdê-los na porta dos fundos dos goblins. Agora, ele brilha e reluz de modo esplêndido, e deseja um espelho para se observar. “Sinto-me magnífico”, ele pensa.

Porém, o prazer aparentemente inocente de Bilbo em sua nova cota de malha inspira cautela. Previsivelmente, deve nos lembrar da absurda vaidade de Smaug acerca de sua aparência. No momento em que Bilbo está lisonjeando Smaug, que está lhe mostrando o baixo-ventre de novo, Bilbo declara: “Que magnífico possuir um colete de finos diamantes!” Bilbo, com o próprio ventre agora cintilando com pedras brancas, utiliza a mesma palavra para se descrever. No

entanto, Bilbo aprendeu a lição e não vai se deixar levar de novo pelo autoengrandecimento. Ele modera a admiração pelo seu novo ornamento com o reconhecimento de que “como ririam de mim lá em casa, na Colina!”. De novo, suas lembranças de casa o mantêm com os pés no chão.

Logo, Bilbo também procura estimular os anões a manter o bom senso, mesmo no momento do reencontro com o tesouro deles. Ele próprio adota medidas práticas mais imediatas, e pensa que “trocaria muitas dessa taças preciosas” por “um gole de algo estimulante nas tigelas de madeira de Beorn”. Bilbo fala alto, depreciando a excitação dos anões numa tentativa de trazê-los de volta para realidades urgentes: “E agora?... Esse tesouro ainda não está reconquistado. Ainda não estamos procurando ouro, mas um jeito de escapar.” Observemos que há níveis distintos sobre os quais Bilbo está apelando aos seus companheiros. Um é meramente um lembrete de que eles estão ficando distraídos. Alguns minutos antes, estavam desesperados porque se achavam presos na Montanha, aparentemente diante da alternativa entre morrer de fome no túnel ou seu morto pelo dragão. Agora, descobriram uma chance inesperada e inexplicável de escapar daquela armadilha da morte, e a estão desperdiçando brincando com joias e harpas.

Bilbo também está transmitindo uma mensagem mais severa. Os anões, parece, cederam à tentação do momento, o momento em que chegaram ao seu “ouro esquecido há muito tempo”, como um fim em si mesmo, o cumprimento da busca a respeito da qual cantaram em Fundo do Saco. De novo, os anões estão deixando o dragão fora de seus cálculos. Até Smaug ser destruído, não terão ganhado, em nenhum sentido significativo, as “harpas e o ouro dele”. Armarem-se com o lendário trabalho de seus antepassados pode parecer mais prático do que encherem os bolsos com pedras preciosas, mas mesmo isso é uma ilusão. A pergunta de Bilbo é incisiva, mas apropriada: “De que serviu qualquer armadura diante de Smaug, o Terrível?” Muito provavelmente, os pais e os avôs dos anões estavam vestindo aquelas armaduras e usando as armas que os anões naquele momento recuperaram no dia em que o dragão chegou e matou todos eles. Até onde sabem, os anões não estão mais perto da conclusão da jornada do

que estavam quando se escondiam na escuridão do túnel.

Embora os anões possam não ter alcançado muita coisa, sua perspectiva mudou radicalmente. No começo do capítulo, o próprio Thorin está se sentindo sufocado no abafamento opressivo do túnel escuro, e declara: “Preciso sentir o vento em meu rosto ou morrerei.” Assim que Thorin tem em suas mãos a riqueza perdida há muito tempo, a situação se torna totalmente distinta. Thorin não é mais um anão vadio, como o elfo-balseiro o classificou. Agora, “Thorin realmente parecia um rei, vestindo uma cota de anéis folheados a ouro, com um machado com cabo de prata num cinto incrustado de pedras escarlates.” Sem dúvida, parece que o Rei sob a Montanha retornou.

O título do capítulo, “Fora de casa”, lembra essa ironia e os conflito básicos. Bilbo é que utiliza as palavras “Fora de casa”, e quando diz isso, está se referindo à ausência inesperada do dragão. Ele está utilizando linguagem notavelmente caseira, é claro, como se estivessem visitando Smaug para cumprir um compromisso da hora do chá, mas a suposição predominante que apoia as palavras de Bilbo é que aqueles salões são o lar do dragão. Bilbo e os anões são simplesmente visitas; de fato, são visitas não convidadas, até mesmo intrusos.

Thorin, por outro lado, agora sente que voltou para casa, e durante o resto do capítulo, Bilbo a todo instante tenta lembrar Thorin de que ele não está em casa, mas, sim, na toca do dragão. Thorin começa a se referir aos salões escuros como “meu palácio”. Quando encontram uma “sala em ruínas”, cheia de bancos queimados, mesas podres, crânios e ossos espalhados, Thorin revela que eles chegaram ao grande “salão de banquetes e do conselho” de Thror. Em contraste, Bilbo refere-se ao lugar como um “buraco horrível, sem relógio e sem tempo”. Quando Thorin, de modo risonho, defende-o, respondendo “Não chame meu palácio de buraco horrível! Espere até que esteja limpo e redecorado!”, Bilbo, de novo, tenta depreciar o entusiasmo e as visões requintadas dele, lembrando-o: “Isso não vai acontecer até que Smaug esteja morto”. Thorin pode pensar a respeito dos salões da montanha como seu palácio, mas Bilbo o lembra de seu atual dono, quando chama o Portão Principal do reino de Thorin de “degrau da porta de Smaug”. Constantemente, Bilbo se recusa a deixar o dragão fora de seus

cálculos.

Naturalmente, Bilbo “não está em casa” de modo mais enfático. Nem o salão do rei dos anões, nem a toca do dragão parecem muito confortáveis para ele. Como vimos no Capítulo 11, Bilbo está muito consciente da distância entre a Montanha e a Colina, e também das diferenças entre esse buraco asqueroso, sujo, mortal, com sua poeira e reverberando escuridão, crânios e ossos não enterrados, e sua toca hobbit limpa, segura e pacata. Os anões podem estar tentadoramente perto do muito esperado regresso ao lar, mas Bilbo está só se aproximando do fim de sua jornada ao mundo exterior. Agora, ele está mais distante de Fundo do Saco do que já esteve alguma vez na vida.

Bilbo, o ladrão: o roubo da Pedra Arken

Realmente, Bilbo nunca se integrou aos anões. Ele é companheiro deles – até esperam a liderança dele –, mas continua diferente, compartilhando as experiências deles, mas não a perspectiva deles. No Capítulo 12, quando o narrador nos conta que Bilbo “tornou-se o líder real na aventura deles”, acrescenta: “ele começou a ter ideias e planos próprios”. No Capítulo 16, veremos que as ideias de Bilbo nem sempre serão as ideias de que os anões gostarão muito.

A entrada na toca de Smaug marca o auge da carreira de Bilbo como ladrão, como Thorin o lembra em seu discurso impressionante no degrau da porta, no começo do Capítulo 12. Quando Bilbo enfia-se no túnel na toca de Smaug, está bastante consciente da importância do momento para sua carreira. Ele realizou muito como ladrão, mas seu processo mental na Montanha Solitária deixa evidente que, mesmo depois dos episódios com as aranhas e na prisão dos elfos, ainda sente a necessidade de demonstrar sua capacidade para os anões. Quando

rouba a taça dourada do tesouro de Smaug, bem debaixo do nariz do dragão adormecido, reflete de forma triunfante sobre o que aquilo representará para seu prestígio profissional. “Eu consegui!”, ele diz para si. “Isso mostrará a eles. ‘Mais parecido com o dono de uma mercearia que um ladrão’, sei. Bem, não ouviremos mais isso.” E Bilbo consegue exatamente a resposta que estava esperando. Os anões “o elogiaram, deram-lhe tapinhas nas costas e colocaram a si mesmos e a todas as suas famílias, por geração, para obter seus serviços”. Por qualquer critério, Bilbo é um “ladrão realmente lendário e de primeira classe”. Ele cumpriu a missão para a qual foi contratado, e tudo bem.

A verdade embaraçosa é que o roubo glorioso da taça por Bilbo é realmente bastante sem propósito. Pode ser um exemplo impressionante de roubo, e seus empregadores, sem dúvida, apreciam, mas não alcança nada. Como Smaug maliciosamente assinala, “qual seria a utilidade do outro na encosta da montanha?”. De fato, a inutilidade do cumprimento do compromisso profissional por Bilbo questiona toda a estratégia dos anões.

Os anões querem exatamente o que de um ladrão? O trabalho de um ladrão é entrar às escondidas em casas e roubar riquezas. Smaug supõe que roubar é o objetivo principal dos anões; acredita que eles planejam “roubar o ouro pouco a pouco”. De fato, era isso que os anões tinham pensado originalmente, antes de cantarem as antigas canções na Cidade do Lago? Parece possível, considerando o quão pouco pensaram a respeito de como podiam matar o dragão, que teria de ser o ponto de partida de qualquer outro plano. Se a ideia era aquela, porém, era uma muito ruim, como Bilbo e Smaug percebem muito claramente. Bilbo assinala que, se quisessem recuperar todo o tesouro de Thror, “deveriam ter trazido quinhentos ladrões, e não um”. Smaug defende a ideia adicional de que, mesmo se eles tivessem êxito naquele tarefa improvável, não obteriam nenhum progresso real, pois ainda não conseguiriam lucrar com o tesouro até tirá-lo com segurança da Desolação ao redor da Montanha. Os anões admitem com franqueza que não pensaram em “entrega”, “carreto” ou “guardas armados e pedágios”. Sem dúvida, o que eles realmente querem, e o que desejam como vingança, é a morte do dragão. Para essa tarefa, o ladrãozinho deles é bastante

inútil: “Livrar-se do dragão não é minha especialidade”, Bilbo protesta.[39]

A falta surpreendente de planejamento por parte dos anões é, talvez, algo em que estamos preparados para acreditar. Os anões se mostraram tão tolos e impulsivos que parece bastante crível que não percebessem uma falha tão básica em seus planos. Devemos lembrar, no entanto, que esse não era originalmente o plano deles, mas sim de Gandalf. Sem conseguir achar um possível matador de dragão, Gandalf “decidiu-se pelo roubo”, selecionando o senhor Bolseiro para a função. Naturalmente, os eventos já demonstraram que trazer Bilbo ao longo da jornada foi uma boa ideia. Ao que parece, portanto, a sugestão de Gandalf de trazer um ladrão foi boa e, de fato, há algum feito relativo a roubo que precisará ser realizado antes do fim.

No Capítulo 13, chegamos finalmente ao último ato de roubo por parte de Bilbo. Em vez de golpear o dragão ou recuperar alguma coisa preciosa para seus amigos, o último roubo de Bilbo é, em essência, dos próprios anões. Bilbo coroará sua carreira roubando um dos objetos mais valiosos da Terra Média: a Pedra Arken de Thráin.

Quando os anões falaram a respeito do tesouro de seus antepassados, a ênfase foi no respeito pela arte dos tempos antigos, pelos trabalhos elaborados por seus pais. A Pedra Arken foi “lapidada e cortada pelos anões”, mas não se pode dizer que é o maior feito da habilidade artesanal. Lembremos na primeira canção dos anões de todas as referências a respeito de infundir luz nas pedras. Os ferreiros anões captaram a luz para “prendê-las nas gemas no punho da espada”, enfileiraram “as estrelas floridas” nos colares, penduraram “o fogo de dragão” nas coroas e “fundiram a luz do sol e da lua” no cordão. A Pedra Arken parece ter sido o modelo que inspirou todos esses esforços. O amor de Thorin pela Pedra Arken não é reflexo de sua reverência pela habilidade artesanal de seus antepassados; é o amor pela beleza e maravilha fora e além da habilidade dos anões, descoberta por eles nas raízes da Montanha.

A Pedra Arken está no Coração da Montanha, e amá-la é amar a beleza do próprio mundo natural. Thorin explica que a Pedra Arken é “como um globo de mil faces; brilhava como a prata à luz do fogo, como água ao sol, como a neve

sob as estrelas, como a chuva sobre a Lua!". A beleza de toda a terra, tão refletida no talento artístico dos anões, brilha no interior dela. A Pedra Arken parece estar ligada ao próprio reino dos anões num sentido profundo e simbólico. Da mesma forma que a terra feneceu desde que a Montanha foi usurpada pelo dragão, tudo estava direito e harmonioso quando o Rei dos Anões reinava sob a Montanha, com a Pedra Arken em suas mãos.

Quando Bilbo entra no salão vazio do tesouro pela terceira vez, o fulgor avermelhado do dragão desapareceu. O que o substitui é "um pequeno globo de luz pálida", a cintilação da Pedra Arken que brilha no escuro como uma estrela e que leva Bilbo diretamente a ela. A luz da Pedra Arken pode ser muito diferente da luz do dragão, mas a atração de Bilbo pela pedra é nitidamente "dragoniana". O coração de Bilbo é atraído a ela de forma tão intensa quanto sua mão; e tão impressionado quanto ficou com o monte de ouro quando o viu pela primeira vez, ele agora declara: "Acho que eu escolheria isto, mesmo que eles ficassem com todo o resto!" Bilbo reivindicou sua Recompensa.

É bastante evidente que Bilbo sabe muito bem que está fazendo algo errado. Quando ele empurra a gema para dentro de "seu bolso mais fundo", fecha os olhos, como se ele mesmo não quisesse testemunhar o que está fazendo. Reconhece que tem a obrigação moral de contar para os anões a respeito da Pedra Arken, pois já ouviu Thorin falar de quão preciosa a gema é para ele, mas Bilbo adia essa confissão para algum momento num futuro indeterminado. Quando Bilbo pensa consigo mesmo "Agora sou um ladrão, de fato", está reconhecendo que fez algo errado. Se ele seguir adiante e conservar aquela coisa para si, realmente será uma ladrão.

Nesse momento, não devemos permitir que nosso conhecimento do que Bilbo vai fazer com a Pedra Arken no Capítulo 16 nos influencie muito. Quando coloca a gema no bolso, Bilbo antecipa que "aquilo ainda lhe causaria problemas". Em grande medida, parece que a história pode se encaminhar para uma reviravolta trágica. Da mesma forma que o dragão está fora sendo morto, a doença do dragão parece estar se manifestando entre Bilbo e seus companheiros. Será que a história da jornada deles juntos pode acabar em assassinato,

punhalada e uma gema brilhante apertada em mãos cheias de sangue? No final do Capítulo 13, isso parece uma possibilidade muito real.

Há um motivo consistente para acreditar que o roubo da Pedra Arken por Bilbo não acabará em desastre. À medida que Bilbo se envolveu em sua capacidade oficial como ladrão nos Capítulos 12 e 13, infiltrando-se na Montanha e roubando riquezas, Tolkien tomou providências frequentes para afirmar que Bilbo não é um criminoso. Quando Bilbo rouba a taça dourada, o narrador nos informa que Smaug "passara para outros sonhos de cobiça e violência, deitado ali em seu salão roubado, enquanto o pequeno hobbit labutava recuando através do longo túnel". No próprio momento em que Bilbo rouba algo valioso pela primeira vez, somos lembrados de maneira enfática que o indivíduo de quem Bilbo está roubando a taça não é seu dono legítimo, mas sim um saqueador violento e ganancioso, que roubou o salão e tudo nele. O dono legítimo, de fato, está esperando no alto do túnel. Bilbo não está roubando o tesouro; está simplesmente retomando a posse, recuperando os bens roubados em nome da justiça.

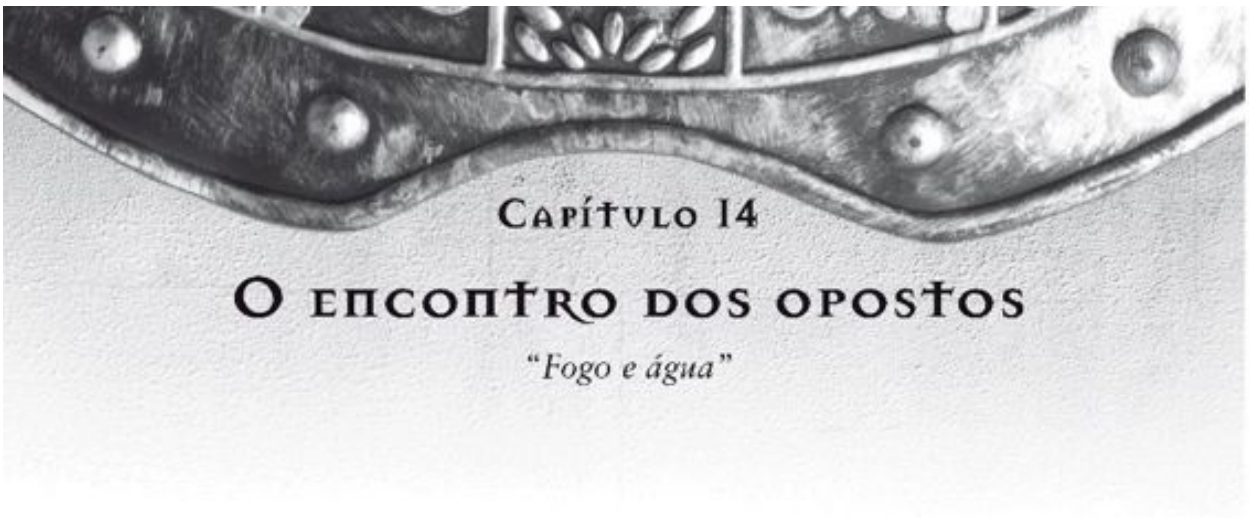
Smaug, em sua conversa com Bilbo, chama-o de "um ladrão e um mentiroso", mas Bilbo não é ladrão e, na realidade, não lhe conta nenhuma mentira.[40] Roubo pode ser uma carreira duvidosa, via de regra, mas Bilbo mantém sua integridade moral. Apesar do plano de carreira que foi escolhido para ele, a honestidade e a retidão de Bilbo nos dão motivo para esperar que talvez o ladrão da Pedra Arken vire para o bem e não para o mal.

Notas

39. É um fato notável que, em sua concepção original de *O Hobbit*, Tolkien tenha planejado tornar Bilbo o assassino do dragão, por mais improvável que isso possa parecer. Bilbo engatinharia até o ventre de Smaug e enterraria a Ferroada tão fundo no dragão que esta desapareceria inteiramente. Nesse momento, Bilbo teria de pular dentro de uma imensa taça dourada a fim de evitar seu afogamento no sangue do dragão. Então, o próprio sangue, como um rio, conduziria Bilbo em sua taça para fora do salão, enquanto Smaug

destruiria o salão em torno de si com suas convulsões mortais. No entanto, Tolkien não tardou em mudar de ideia a respeito disso, e substituiu-a pelo protesto mais plausível que Bilbo faz aqui, no texto publicado. Ver Rateliff, 496.

40. Na realidade, Bilbo contou um mentira para Smaug, ao exclamar que a armadura do ventre obviamente imperfeito de Smaug é “perfeita!” e “sem defeito”. Essa única mentira, porém, não parece solapar muito sua honestidade.



A hidrofobia de Smaug

Quando Smaug ataca a Cidade do Lago com fúria e chamas, a luta parece muito desigual. As construções de madeira da cidade, com seus telhados cobertos de palha, estão desprotegidas contra as labaredas de fogo do dragão. "Tudo foi encharcado com água antes que ele viesse", somos informados, mas o "fogo subia dos tetos de palha e das pontas das vigas de madeira", até que as "chamas implacáveis erguiam-se na noite". As pessoas do Lago estão tão desprotegidas para escapar do destruidor quanto suas casas. Quando elas tentam fugir nos barcos, o narrador nos revela os planos de Smaug de preparar uma recepção para elas nas margens: "Logo atearia fogo a todas as matas das margens e secaria todos os campos e pastos."

Os guerreiros da Cidade do Lago providenciam uma resistência vigorosa; de fato, são as únicas pessoas a quem "ninguém ousara fazer-lhes frente numa batalha por muitas eras". Mas toda a coragem deles é em vão. O dragão pode

passar “direto através da tempestade de flechas, despreocupado em seu ódio”, já que “nenhuma flecha detinha Smaug nem o machucava mais que uma mosca dos pântanos”. Anteriormente, ele se vangloriou para Bilbo: “Mato onde quero e ninguém ousa resistir”, e parece ser muitíssimo verdade. O desespero e a destruição da Cidade do Lago são mero entretenimento para Smaug, a “maior e mais importante das Calamidades”. Ele está “apreciando a diversão de atormentar a cidade mais do que apreciava qualquer outra coisa em anos”, e está ansioso para rematar isso com um jogo informal de caça aos refugiados. Quando, com um movimento de sua cauda, destruiu o telhado da Grande Casa, o salão onde os anões festejaram recentemente em meio ao canto de antigas canções, Smaug, de fato, pareceu o “real Rei sob a Montanha”.

Mas essa visão do evento, de forma muito compreensível sustentada pelo povo que grita e chora da Cidade do Lago, não é a única visão possível. O título do capítulo, “Fogo e água”, estimula-nos a considerar a luta entre Smaug e a Cidade do Lago de uma perspectiva totalmente distinta. Se a luta entre o dragão e a Cidade do Lago é como o conflito elementar entre fogo e água, o final envolve, de fato, uma conclusão inevitável, e Smaug não pode esperar ganhar.

Mesmo antes de Smaug acabar em ruína, temos vislumbres de sua fraqueza, que aponta para a impotência do dragão. Quando Smaug se aproxima da Cidade do Lago, seu primeiro movimento é uma tentativa de conquistar a ponte que liga a cidade à margem, mas descobre que “a ponte se fora, e seus inimigos estavam numa ilha rodeada de águas profundas”. Acredito que devemos entender que Smaug fica “frustrado” por causa dessa tática, pois a ponte era o único espaço aberto bastante grande e bastante forte para ele desembarcar com segurança; agora, sua única outra opção seria um poleiro tosco no alto de uma casa. Smaug sente medo da água. Ele sabe que se “mergulhasse, ergueria vapor e fumaça suficientes para cobrir de névoa toda a região por muitos dias”; em resumo, um conflito direto entre fogo e água começaria e terminaria com resultados previsíveis. Eis por que o plano de Smaug é queimar as construções dos moradores da cidade e impeli-los a buscar refúgio em barcos e, com o tempo, em terra firme, onde ele não teme nada. No entanto, o lago é “mais poderoso que

ele”; Smaug sabe muito bem que “o lago o apagaria”.

Smaug é morto por uma flecha, é claro, e mesmo assim o espetáculo de sua destruição é dado novamente para nós em termos elementares. Ele lança fogo no ar quando emite seu grito de morte e, em seguida, cai sobre a cidade, estilhaçando-a em “fagulhas e brasas”, como se ele mesmo estivesse extinguindo as chamas que consomem a cidade espalhando o combustível. Então, com uma enorme nuvem de vapor, “a superfície do lago se encrespa”, e Smaug é engolido por meio de um único “chiado, um redemoinho borbulhante, e, depois, o silêncio”. A água conquista a fogo.

As descrições da luta e da derrocada de Smaug nos estimulam a ver seu ataque contra a Cidade não só como um dragão poderoso exterminando cruelmente uma cidade indefesa, mas também como uma chama arrivista, que se atreve a atacar um imenso volume de água. Quando consideramos a batalha como um conflito entre Água e Fogo, o resultado – que, a princípio, parece milagroso – parece inevitável. As profecias das antigas canções podem não ter se tornado realidade tanto quanto as pessoas da Cidade do Lago esperavam, mas a visão elementar, mais ampla, dos eventos em Esgaroth nos estimula a manter a esperança.

O despertar da Cidade do Lago

No Capítulo 10, consideramos as visões divididas dos habitantes da Cidade do Lago. A maioria das pessoas estava, como os anões, tomada de um entusiasmo selvagem e bastante irracional. Esquecendo-se do dragão, elas cantavam ruidosamente canções acerca dos dilúvios repentinos de riquezas e do fim espontâneo de toda dor e sofrimento. Na cidade, a outra voz era aquela do Mestre, cuja praticabilidade fria permanecia cética, procurando manipular os eventos para seu benefício político e financeiro. Nenhum lado estava correto em

sua reação ao retorno inesperado do Rei sob a Montanha encharcado e desgrenhado, e o Capítulo 10 terminava com o Mestre e as pessoas mantendo com confiança suas perspectivas tendenciosas. A crise que testaria suas crenças pelo fogo ainda não tinha chegado.

Na última noite de Esgaroth, as duas perspectivas ainda estão em exibição. Os comentários que entreouvimos do povo da Cidade do Lago são tão tolos como qualquer coisa que ouvimos do anão, do homem ou do hobbit no livro até agora. Quando o clarão do fogo de Smaug em seu ataque sobre o grupo de anões é visto na cidade, isso sugere ao povo somente o forjamento de ouro pelo Rei sob a Montanha. Qualquer um que pare para pensar sobre essa ideia, mesmo por um instante, veria o quão tola ela é. Mesmo supondo que Thorin de alguma forma retomou sua residência real na Montanha, por que seu forjamento de ouro seria visível como uma incandescência real na encosta da montanha? A sugestão de que a luz dourada visível na extremidade norte do Lago está fluindo com abundância dos Portões do Rei é ainda mais absurda. Mesmo se Thorin estivesse enviando cargas de ouro por barco para a cidade (embora os moradores soubessem que ele não tinha barcos), estas não inundariam a escuridão com lampejos de luz dourada. Quando outro coro de “O Rei sob a Montanha” invade o cais, fica-se tentado a concluir que o habitante-padrão da cidade não está dotado de uma sobra de intelecto. Seria mais exato, porém, afirmar que os habitantes não estão realmente pondo a sua razão em funcionamento. As pessoas da Cidade do Lago responderam à chegada de Thorin mergulhando numa fantasia que está ligada só de forma tangencial às antigas profecias de que elas se lembram de modo tênue, e está quase completamente descolada do mundo ao seu redor.

Essas pessoas têm um despertar duro de seus belos sonhos daquela noite. Quando a luz que acreditam ser uma maré mágica de riqueza desaparece em rajadas abrasadoras de chamas de dragão, começam a pensar que “as profecias deram errado”. Na realidade, o ataque do dragão não prova nem refuta as profecias. O que faz é reduzir a cinzas as fantasias irracionais construídas pelas pessoas. O resultado é uma inversão imediata de opinião. No meio da destruição

da cidade, as “antigas canções de alegria iminente” são trocadas por “lamento e choro” relativos ao pesar e à dor presentes. Agora, os moradores da cidade que esperavam pela oportunidade de aclamar os anões os amaldiçoam. Quando suas casas são destruídas, suas ilusões também são demolidas, e eles têm de encarar uma nova realidade nas margens sombrias e frias do Lago.

A praticabilidade do Mestre se mostra mais versátil e, portanto, mais durável. Apesar de uma breve pontada de medo e incerteza no fim, ele não acreditou nas canções acerca da chegada de Thorin. No entanto, aproveitou a situação e ajudou na composição de novas canções, convertendo o entusiasmo dos anões e dos habitantes da cidade em seu benefício.

Quando aquela visão agradável morre chamuscada nas águas do Lago, as pessoas da cidade culpam o Mestre por sua liderança medíocre, por abandonar “a cidade tão rápido, enquanto alguns ainda estavam dispostos a defendê-la”. Na realidade, esse é o grau mais elevado de racionalidade da Cidade do Lago; o Mestre não é responsável pelo ataque do dragão, mas é sinceramente culpado por desistir e abandonar a cidade no meio de sua maior crise. O Mestre reage a essa acusação sensata dos moradores construindo uma nova fantasia irracional sobre as ruínas que ardem da antiga fantasia. Ao expandir a decepção das “fantasias agradáveis” iniciais a respeito dos anões, o Mestre cria uma fantasia desagradável em seu lugar, qual seja, que “os anões incitaram o dragão contra eles de modo deliberado”. O Mestre se mantém distante de todas aquelas ideias selvagens, mas, estando sem crédito, consegue com mais facilidade direcioná-las ou até fabricá-las. O Mestre não está investido de coisa alguma, mas é capaz de explorar qualquer coisa.

Na Cidade do Lago, há uma única voz que evita os dois polos, que não cede à imaginação do autoengano, nem à manipulação em causa própria. Essa voz, é claro, é a voz implacável de Bard, o Arqueiro. Bard é o único que assentará os moradores da Cidade do Lago na dura realidade, embora também lhes ofereça o cumprimento das profecias dos tempos antigos.

A voz de Bard é, acima de tudo, a voz do desalento. Antes de descobrirmos seu nome, ele é somente um “companheiro que tem voz severa”, uma opinião

discordante no meio de um surto de otimismo exagerado. No Capítulo 13, Bilbo é compelido a ser um constante estraga-prazeres, abafando o entusiasmo do excessivamente exuberante Thorin, que quer declarar a Montanha como sua antes de o dragão ter sido vencido. A voz severa de Bard desempenha um papel parecido no início do Capítulo 14, depreciando os disparates ridículos de seus companheiros cidadãos com o lembrete de que o dragão é o "único rei sob a Montanha que sempre conhecemos". Quando eles observam as luzes se aproximando e as pessoas começam a cantar, Bard declara: "O dragão está vindo ou eu sou um idiota!" Bard, constata-se, não é um idiota.

A voz de Bard também é uma voz de liderança. Seu grito de advertência para o Mestre quase coincide com as trombetas de alerta; é como se a voz de Bard *fosse* aquelas trombetas de alerta que "repentinamente soaram e ecoaram ao longo das margens rochosas". Ele se submete à soberania do Mestre, mas sua própria voz denota autoridade quando grita: "Cortem as pontes! Às armas! Às armas!" Os homens da Cidade do Lago ouvem isso, sendo só a voz severa de Bard, agora nomeado pela primeira vez, que dá aos homens a coragem de dar combate a Smaug. A companhia de arqueiros da qual Bard é o comandante é a última "que sustenta sua posição entre as casas queimadas". Mais do que nunca, Bard está agora com "a voz e o rosto sombrios", mas decide seguir sua própria insistência e "lutar até a última flecha".

No auge da batalha, descobrimos que a voz de Bard também é a voz da lenda. No meio da luta, o narrador abre parênteses para nos contar que Bard é herdeiro direto de Girion, o Senhor de Dale, descendente da criança contrabandeada para fora da cidade arruinada, como o herdeiro perdido dos reis nos contos de fadas.[41] Quando Bard se prepara para disparar sua última flecha, o tordo aparece. É o momento em que muitas linhas do destino estão convergindo. O tordo mágico, símbolo da antiga paz do reino da Montanha, instrumento da profecia das letras lunares, e presságio da morte do dragão, traz para Bard, herdeiro de Girion, as notícias de que tomou conhecimento através de Bilbo, o Portador da Fortuna, o Ladrão Escolhido e Selecionado. Porque os anões e o hobbit estavam ao lado da pedra cinzenta no Dia de Durin, a porta secreta se abriu. Porque Bilbo entrou no

túnel e encarou o dragão e escapou, o tordo conhece o ponto fraco de Smaug. Porque Bard é do sangue de Dale, ele consegue entender a fala do tordo. Porque Bard é valente e decidido, permanece sozinho no meio das ruínas em chamas de sua cidade, pronto para disparar sua última flecha. Porque a Flecha Negra, de fato, veio das forjas do verdadeiro Rei sob a Montanha, ela voa de verdade. A flecha do destino acerta o alvo e afunda no coração do dragão, “farpa, haste e pena”. A Cidade do Lago está salva, mas também destruída.

Na esteira da batalha, a voz de Bard também é a voz da razão. Sua entrada no campo dos miseráveis moradores da cidade é extremamente dramática. Eles tinham acabado de enaltecer a coragem dele e “seu último e poderoso disparo”, prometendo que o teriam tornado rei se ele tivesse sobrevivido. Então, “no meio da discussão deles”, Bard emerge das sombras, e o povo da Cidade do Lago descobre que um segundo rei da lenda saiu da escuridão, surgindo encharcado e desgrenhado diante deles. Como Thorin, Bard tem noção da importância do momento, e declara: “Sou Bard, da linhagem de Girion; sou o matador do dragão!” Conhecendo o povo da Cidade do Lago, podemos agora esperar a irrupção de um entusiasmo de grandes proporções.

Mas Bard pega o caminho do meio, não resistindo ao cumprimento da profecia como o Mestre faria, nem permitindo que as imaginações das pessoas corressem soltas. Ele não busca se beneficiar da adulação das pessoas, continuando a agir como servidor do Mestre. No entanto, também não dá as costas para a realeza que a roda da fortuna noturna agora abriu para ele. O povo rejeita enfaticamente a sugestão do Mestre de que o caminho sensato seria se desviar da conversa deles a respeito de monarquias e, em vez disso, “ter esperança de reconstruir nossa cidade e voltar a desfrutar, no devido tempo, sua paz e suas riquezas”, mas Bard se recusa a se precipitar e tentar recriar o antigo reino da noite para o dia. Com Bard ali para resistir tanto às maquinações do Mestre como à precipitação do povo, a Cidade do Lago está preparada para abraçar o cumprimento real das antigas canções. Na tristeza e dor nas margens do lago, não há mais ilusões acerca da evaporação de todos os pesares. Eles podem, de fato, construir um futuro brilhante e restabelecer os reinos dos tempos

antigos, mas o caminho para esse destino passa pelo do sofrimento presente deles. Seu único consolo é que as esperanças de “recompensa por todo o prejuízo deles” a partir do tesouro lendário da Montanha, que foi tão fantasioso, são agora perfeitamente racionais. Agora, o dragão foi permanentemente removido da equação.

A escrita de O Hobbit: A sombra da dor

De certo modo, o Capítulo 14 é o apogeu da ação do livro, a consumação evidente de todos os golpes da sorte e da fortuna. O capítulo ainda está longe da conclusão da ação da história, mas a morte do dragão e a destruição da Cidade do Lago prenunciam uma mudança importante e notável no tom da narrativa.

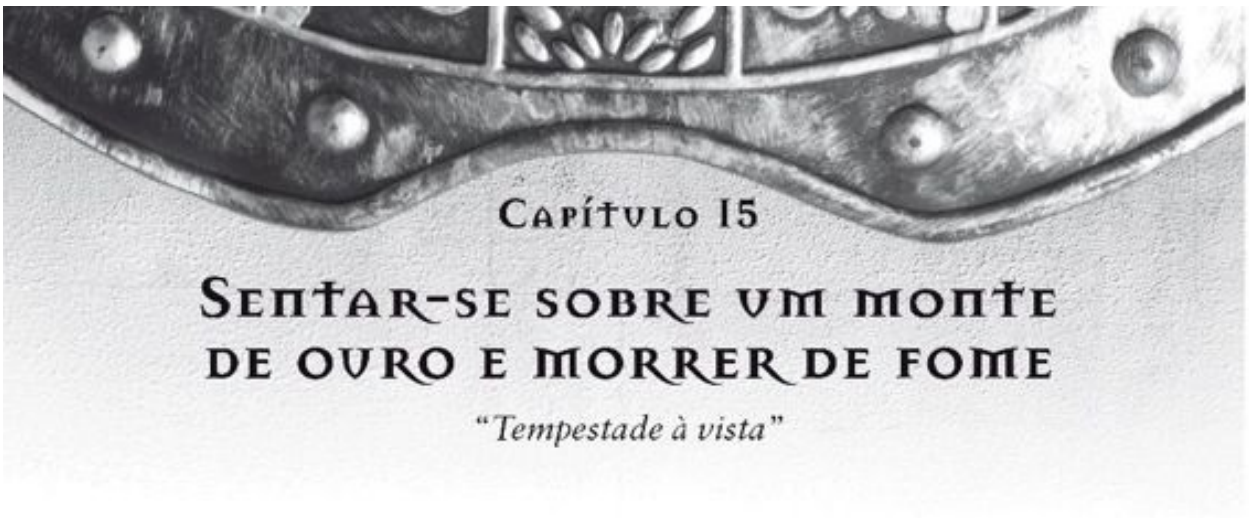
A história nunca se afastou de coisas assustadoras ou pavorosas. No primeiro capítulo, falei sobre como Tolkien apresentava coisas apavorantes ou dolorosas, mas tendia a suavizar seu impacto sobre seu público infanto-juvenil por meio da comédia. Esse padrão é consistente através de todos os perigos associados a Bilbo, e sempre somos solicitados a misturar risos neles na nossa experiência de casas de ursos, teias de aranhas e tocas de dragões.

Após a destruição da Cidade do Lago, porém, não temos esse acolchoamento contra o golpe emocional. O narrador lista as coisas que os moradores têm de agradecer pelo fato de “ao menos, três quartos das pessoas da cidade terem escapado com vida”. É um número que dá o que pensar, pois nos apresenta à realidade de que um quarto das pessoas da cidade morreram queimadas ou afogadas durante o ataque do dragão. No caso de a gravidade da situação passar despercebida para nós nessa única referência, o narrador se expande sobre os sofrimentos das pessoas, que estão só começando, pois a cidade deles afunda sob a superfície do Lago. A excitação acerca do ouro dos anões, que agora se

encontra disponível, como acreditam, está bastante reduzida pela penúria das pessoas, que se multiplica com a passagem dos dias. Tomamos conhecimento de que “Muitos ficaram doentes por causa da umidade, do frio e da tristeza daquela noite, e depois morreram, e nos dias que se seguiram houve muita doença e fome”. A história está caminhando para finais felizes, mas, agora, a dor está sempre por perto. A alegria da boa solução será abrandada, como sempre é na ficção de Tolkien, com a realidade do sofrimento humano. A voz do narrador, outrora tão divertida, agora se torna tão severa quanto a voz do próprio Bard.

Nota

41. Aparentemente, esses contos de fada são contados no mundo de Bilbo também como são no nosso próprio mundo. Recordemos que, entre as histórias que Gandalf costumava contar e que Bilbo gostava de escutar quando criança, destacavam-se aquelas a respeito da “sorte inesperada dos filhos de viúvas”.



A desolação do dragão: a aventura continua

A morte do dragão nas mãos de Bard parece ser uma conclusão totalmente satisfatória para a história. Bilbo e os anões estiveram numa longa jornada para recuperar seu tesouro e, se possível, trazer "maldições de casa para Smaug". Agora, com muita ajuda e uma concessão da sorte muito maior do que a habitual, alcançaram seu objetivo. O dragão está morto e o tesouro recuperado. O Reino sob a Montanha pode agora ser restabelecido. Como bônus, os eventos revelaram um herdeiro de Girion de Dale, e ele satisfez as demandas de justiça, matando o destruidor da terra e do povo de seus ancestrais. Sem dúvida, a parte "felizes para sempre" desse conto de fadas específico deve ser iminente, e, em breve, veremos a restauração de Thorin ao trono de Thror e ouviremos os sinos alegres badalando na cidade de Dale uma vez mais. Temos todos os tipos de

motivos para imaginar, com Bilbo, que “a aventura, propriamente dita, acabou com a morte do dragão”. Se acreditarmos nisso, porém, estaremos, como Bilbo, muito enganados.

A transição para a próxima fase da história é fornecida por Roäc, o corvo. Em diversos sentidos, Roäc fica num cruzamento dos caminhos. Por um lado, a fala do corvo para Thorin junta as memórias do passado com a visão do futuro. O velho pássaro, calvo, cego e decrépito, é como a corporificação da memória dos velhos tempos de paz e fartura, que foram quase esquecidos na ruína deserta. Enquanto todos os súditos de Thror foram dispersos ou mortos, e seus descendentes cresceram esquecidos, os corvos “ainda se lembram do rei que era dos tempos passados”. Como o tordo, eles são registros vivos de um tempo em que o anão, o homem, o elfo e a besta viviam em harmonia.

Roäc oferece um conselho para Thorin a respeito do futuro. O que os corvos desejam é o retorno da concórdia do passado. “Gostaríamos que houvesse paz outra vez entre os anões, homens e elfos, depois da longa desolação”, ele explica. O corvo oferece um conselho muito consistente e prático para esse nobre fim, exortando Thorin a confiar “naquele que atirou no dragão com seu arco”. Roäc até fornece uma explicação adicional: como Bard é “da raça de Dale, da linhagem de Girion”, é lógico que a cooperação com ele seria o primeiro passo de Thorin para reestabelecer o próspero reino unido da Montanha e de Dale.

Roäc também fornece notícias do presente, e essas notícias farão Thorin tomar sua primeira decisão importante como rei, uma decisão que desempenhará um grande papel na definição do rumo de seu reinado e da natureza de seu reino. O corvo reconhece que algumas notícias serão “coisas que lhe trarão alegria e outras coisas que não achará tão boas”. A boa notícia, é claro, é que Smaug morreu. A notícia não tão boa é a respeito da reunião de diversos exércitos que agora estão convergindo sobre a Montanha provenientes do Lago e da Floresta. Como o título do capítulo reconhece, uma tempestade está em formação. A guerra é possível, mas a paz é preferível, com a restauração da amizade e lealdade dos tempos antigos; o final mais desejado de todos. Roäc deu suas

notícias e seu conselho; agora, Thorin deve escolher um caminho.

A resposta de Thorin para Roäc é rápida e decisiva. Ele tem uma explosão de raiva, jurando que “nenhuma parte de nosso ouro será levada por ladrões ou carregada por violentos enquanto estivermos vivos”. Thorin já se considera sob ataque, e sem nem mesmo uma única tentativa de conversar com aqueles que se aproximam da Montanha, começa imediatamente a se preparar para a guerra.

Claro que o novo rei dos anões possui certa justificativa para suas ações. Roäc o alertou de que um exército de elfos está em marcha, e Thorin e o Rei dos Elfos não estão em relações exatamente amigáveis nesse momento. O corvo até retransmitiu a má vontade contra os anões apoiada por muitos refugiados da Cidade do Lago, graças à instigação do Mestre. No entanto, Roäc também oferece a Thorin boas razões para acreditar que a paz ainda pode ser mantida, apesar das aparências. O elfos não são violentos nem cruéis, e só há o pensamento fantasioso das aves de rapina para sugerir que eles estão interessados na batalha. Os homens do Lago não estão marchando sob a direção inescrupulosa do maquiavélico Mestre, de quem Roäc, evidentemente, e com razão, desconfia. Eles são liderados por Bard, que o corvo afirma ser severo, mas verdadeiro. As pessoas que se aproximam da Montanha não são dragões nem goblins, mas sim boas pessoas; algumas delas, inclusive, já foram amigáveis e ajudaram Thorin e seus companheiros. A situação é volátil e intricada, mas a guerra é bastante improvável; tudo pode ainda acabar bem.

Thorin não parece dar a essas complexidades um minuto de reflexão. O narrador nos preveniu anteriormente que “quando o coração de um anão, mesmo o mais respeitável, é despertado por ouro ou pedras preciosas, ele de repente torna-se audaz e até feroz”. Tudo o que Thorin consegue enxergar é uma ameaça ao seu ouro e, dessa maneira, fica imediatamente disposto a lutar. Ele considerou a delicada rede de fatos e o conselho que o sensato Roäc lhe deu e os ceifou com um machado. A resposta polidamente neutra de Roäc de que ele “não dirá se esse conselho é bom ou ruim” mostra claramente que a restauração do antigo Reino sob a Montanha no rastro da morte do dragão já está dando errado.

A tensão crescente ao redor da Montanha, porém, não pode ser atribuída só à

possessividade beligerante de Thorin. Tanto os Elfos da Floresta como os Homens do Lago também têm sua própria parcela de responsabilidade. Lembremos que uma das principais falhas do Rei dos Elfos é o desejo de incrementar sua própria glória e reputação mediante o aumento de seu tesouro pessoal. Os elfos não têm direito ao tesouro; mas quando o rei fica sabendo da morte de Smaug, imediatamente parte com seu exército, simplesmente como aproveitador. O avanço do exército do Rei dos Elfos é acompanhado por bandos de corvos, que estão "reunidos abundantemente sobre si". O exército dos elfos chamou a atenção não só das aves de rapina, mas também, de forma singular, das aves repugnantes. Possivelmente, algumas daquelas mesmas "criaturas asquerosas de aparência suspeita", que costumavam fazer hora em torno do Portão Principal de Smaug, agora se ligaram ao exército élfico. Os elfos ainda são Boa Gente, como demonstram quando param para ajudar o povo do Lago. Mas na marcha deles na Montanha, têm muito mais em comum com os corvos sobre suas cabeças do que gostariam de admitir. O exército da Floresta está descendo sobre a Montanha como um abutre, que procura se empanturrar com os restos da miséria dos outros.

Bard também não consegue emergir imaculado do escrutínio cuidadoso. Ele pode estar vindo para a Montanha em paz, mas suas decisões como líder de um exército que se aproxima provocam mal-entendidos. Bard acredita que Thorin e os anões estão mortos; assim, quando sentinelas armados chegaram ao portão e encontraram ali as defesas que os anões construíram recentemente, "a surpresa deles foi muito grande". Também não ficaram na dúvida de quem fortificou a entrada. Thorin se identifica em voz alta e formula uma pergunta que é, sem dúvida, lógica sob as circunstâncias: "Quem são vocês... que se aproximam dos portões de Thorin, filho de Thráin, como se viessem para uma guerra?" Não é muito claro o motivo pelo qual eles estão armados para guerra, mas a resposta de Bard a esse desafio é significativa. Em vez de cumprimentar Thorin como amigo, ele imediatamente desloca o acampamento de seu exército "para leste do rio, bem entre os braços da Montanha". Sem cumprimentos, e antes de fazer qualquer tentativa de diálogo, Bard posiciona suas forças numa posição mais

vantajosa para sitiar as defesas de Thorin. No dia seguinte, pode afirmar que ele e o rei dos anões ainda não são inimigos, mas suas ações são indistinguíveis daquelas de um general adversário no campo de batalha. Suas ações podem facilmente ser interpretadas como um movimento de agressão, mesmo por alguém menos paranoico e sensível que Thorin.

A própria mentalidade de Thorin está expressa de forma articulada na canção que os anões cantam para agradá-lo na noite anterior à negociação (entre inimigos). Essa canção é “muito parecida com a canção que eles cantaram há muito tempo na pequena toca hobbit de Bilbo”, ao menos na forma:

Sob a Montanha alta e sombria
De novo o Rei em seu trono está!
Morto o inimigo, o Dragão do Perigo,
E sempre assim o mal tombará.

Cortante é a espada, comprida a lança,
Rápida a flecha, forte o Portão;
Nem teme agouro quem busca seu ouro
Nossos anões justiça terão.

Operavam encantos anões de outrora,
Ao som do martelo qual sino a soar
Nas profundezas onde dorme a incerteza
Em salas vazias sob penhascos no ar

Em colares de prata eles juntaram
A luz das estrelas; fizeram coroas
De fogo de dragão, e do mesmo cordão
Tiraram o som de harpas e loas

O rei da Montanha de novo domina!

Ó vós que passais, ouvi seu clamor!
Vamos correr! Não há tempo a perder!
De amigo e parente o rei quer dispor.

Pelas montanhas gritemos todos
“Vamos voltar para o nosso tesouro!”
Eis ao Portão o rei de plantão
Suas mãos cheias de gemas e ouro.

Sob a Montanha alta e sombria,
De novo o rei em seu trono está!
Morto o inimigo, o Dragão do Perigo,
E sempre assim o mal tombará.

A canção original descrevia os salões e a beleza dos tesouros perdidos, contava a história da perda e antecipava o início da jornada para recuperá-los. A nova canção também antecipa a ação, mas é uma guerra para defender as salas do rei recém-restaurado. Bilbo tem razão de achar a canção belicosa; a estrofe sobre harpas e a melodia foram condensadas num verso único a fim de abrir espaço para uma estrofe completa em louvor às armas e declarar a resolução deles de obter justiça. A estrofe acerca de colares e coroas é, em grande medida, incorporada do original, mas, agora, oferece uma força totalmente diferente. Antes, a descrição das obras maravilhosas dos antigos anões era um lamento e uma expressão de reverência. Agora, as mesmas palavras são utilizadas como um estímulo à violência, um brado de convocação à batalha. Thorin é caracterizado como o rei que quer dispor de amigo e parente, senhor generoso de um povo poderoso, mas, aparentemente, a definição de “amigo” tornou-se um tanto limitada.

Talvez os versos mais abertamente ameaçadores de toda a canção sejam os refrões repetidos no final da primeira e última estrofes: “E sempre assim o mal tombará!” Nesse verso, com confiança, os anões prognosticam que todos os seus

inimigos sofrerão o mesmo destino do dragão. O vangloriar-se poético dos anões parece ter se sobrepujado aqui, caindo numa ironia involuntária. Implicitamente, os dois versos reivindicam a autoria da morte do dragão, ainda que todos os presentes saibam perfeitamente bem que nenhum anão teve nem mesmo o envolvimento mais indireto com o assassinato de Smaug. Eles estão dizendo que os inimigos dos anões sempre sofrerão o mesmo destino do dragão, mas isso, na realidade, se traduziria na "morte nas mãos de nossos aliados, guiados pelo destino, ajudados pela fauna local, viabilizada pela informação obtida pelo nosso amigo o hobbit". Em resumo, a morte de Smaug foi um esforço da comunidade, das pessoas que foram simpatizantes dos anões. Tristemente, as pessoas que acabam se revelando as mesmas que esses versos pretendem ameaçar.

Há também uma segunda ironia que solapa ainda mais a nova canção dos anões, aquela concernente ao portão da Montanha. A canção descreve o rei esperando nos portões por sua família real com as mãos cheias de ouro e gemas, associando o portão com dar as boas-vindas e com a efusão da generosidade do rei. Essa concepção está muito de acordo com as ideias anteriores que vimos associadas ao portão. Quando Smaug estava vivo, o Portão Principal era um lugar de apreensão, um buraco vaporoso, do qual o dragão podia emergir furioso a qualquer momento. Nos velhos tempos, porém, o Portão de Thror era a fronteira aberta entre os dois reinos: da Montanha e de Dale. O portão tinha significado especial pelo fato de que o Rio Corrente corria para fora dele a partir de sua nascente subterrânea. De modo figurado, a vida e o bem-estar de toda a região fluíam a partir do portão aberto do Rei sob a Montanha. As canções proféticas da Cidade do Lago também enfatizam isso, antecipando o tempo em que o rio que emerge desses portões transportará ouro do reino subterrâneo. Os anões possuem uma concepção mais restrita do fluxo da generosidade real, mas a imagem deles na canção se harmoniza claramente com essa ideia mais antiga.

Contudo, os anões ignoraram algo em sua canção. O reino de Thorin não tem portão. Onde costumava ficar o portão do Rei sob a Montanha, Thorin construiu um sólido muro de pedra sem porta. Esse ex-lugar de união, de enriquecimento que flui para as terras ao redor, foi fechado com tijolos pelo novo rei. O portão

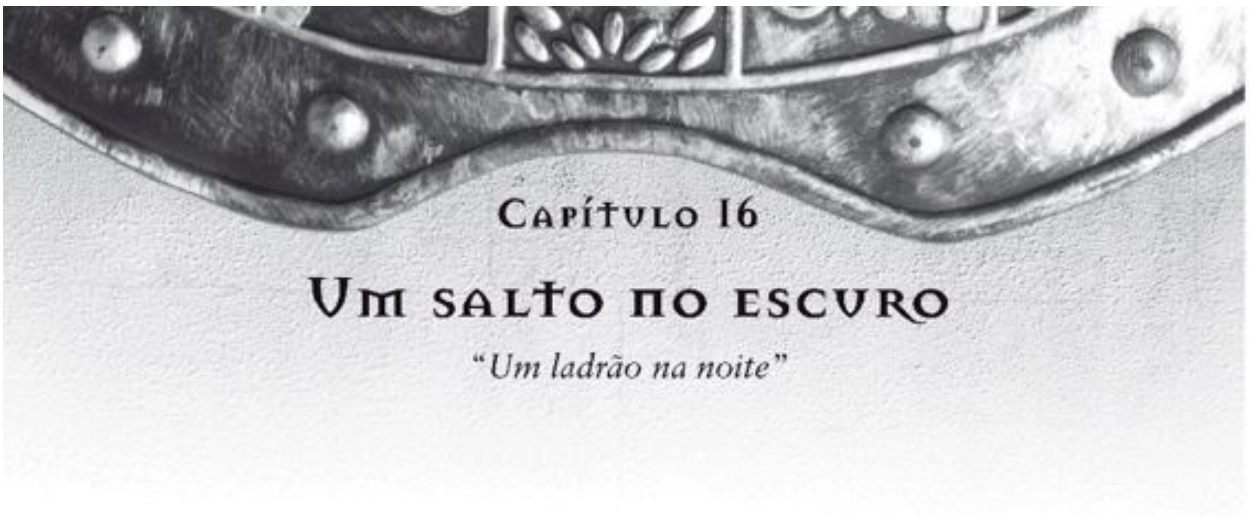
estático de Thorin é o símbolo perfeito do reino de Thorin até aqui, estando muito aquém das expectativas de qualquer um pela restauração do reino dos tempos antigos.

No dia seguinte, aquele muro sem aberturas se interpunha entre Thorin e seus vizinhos quando começaram as negociações oficiais. Quando Bard começou a falar sobre o tesouro, deu três motivos distintos de por que Thorin devia renunciar a parte do ouro. Primeiro, como o próprio Bard matou o dragão, ele merece certa quantidade do ouro. Sem dúvida, se alguém merecia uma recompensa (para usar a linguagem de Thorin), era Bard. Segundo, Bard assinala que o tesouro que Smaug acumulou não é só o tesouro do pai e do avô de Thorin, mas também a riqueza dos Homens de Dale. Como herdeiro de Girion, Bard está mostrando que Thorin está exigindo direito sobre um tanto do tesouro que não lhe pertence. Bilbo considera corretas essas reivindicações, e (equivocadamente) supõe que Thorin teria de "admitir haver justiça nelas".

Em sua terceira reivindicação, Bard vai além da mera justiça, e apela à caridade, honra e compaixão de Thorin. A rejeição veemente de Thorin em relação a essa última reivindicação é gritante. Ele denomina o apelo de Bard à gratidão e generosidade de sua "pior causa", e se queixa que Bard pôs "seu pior motivo por último, e no lugar principal". Thorin responde somente por meio de legalismo, sustentando que, como o tesouro não pertence legitimamente a Smaug, as indenizações por causa das ações de Smaug não devem ser extraídas dele. Essa resposta, é claro, descarta completamente o sentimento de solidariedade, a empatia por seus vizinhos, à qual Bard estava apelando. Nesse terceiro apelo, há um convite para Thorin dar um passo à frente e restabelecer o Reino sob a Montanha em sua glória do passado, quando era fonte de bênção, prosperidade e proteção para todos os povos vizinhos. Thorin tem a oportunidade de abrir o Portão do Rei uma vez mais e ajudar a viabilizar a renovação das terras, da mesma forma que a prevista pelas antigas canções. Thorin recusa o convite com indignação. O portão está fechado.

O dragão pode estar morto, mas seu espírito continua vivo. O narrador nos alerta a respeito do "poder que o ouro tem guardado muito tempo por um

dragão", e seu efeito sobre "os corações dos anões". A doença do dragão resiste, e Thorin é paciente agudo dela. A doença do dragão é mais do que simples ganância. Smaug não era só ganancioso, mas também arrogante e autocentrado, como Thorin está se tornando, trancado atrás do muro de pedra com seu tesouro. O espírito de divisão e desconfiança que Smaug tentou infundir em Bilbo também é um sintoma importante dessa doença, e esse espírito está perturbando o julgamento de Thorin. A locupletação armada do Rei dos Elfos, o cerco preventivo de Bard, a canção belicosa dos anões: tudo isso carrega a contaminação da doença do dragão. Como Bilbo afirma: "Todo este lugar ainda fede a dragão." Mesmo depois da destruição de Smaug, a Desolação do Dragão continua a se espalhar e, agora, ameaça levar a região ao redor da Montanha Solitária à ruína final e completa.



Capítulo 16

Um salto no escuro

"Um ladrão na noite"

A desolação do dragão: o impasse continua

A passagem dos dias não trouxe mudanças no cerco da Montanha Solitária, a não ser a piora constante do estado de Thorin. A tendência à criação de discórdia e o ensimesmamento característicos da doença do dragão agora se mostram também nas ameaças de Thorin contra seus próprios companheiros. Nem mesmo os vínculos de parentesco ou amizade conseguem sobrepujar sua reivindicação sobre a Pedra Arken. Por outro lado, Bard e o Rei dos Elfos continuam implacavelmente sua campanha contra a Montanha, posicionando anéis de sentinelas para que os anões não tentem sair às escondidas em busca de provisões. O inverno está chegando, mas ninguém parece estar entrando num "estado de ânimo mais brando para parlamentar".

Roäc, o corvo, tenta ajudar Thorin a pensar sobre o assunto de modo razoável.

Há uma ironia, é claro, em ser repreendido por um corvo em virtude de ganância, dado o conhecido desejo dos corvos por “coisas brilhantes”, que “ocultam em suas moradias”. Mesmo o corvo parece considerar incompreensível a obsessão de Thorin. Na primeira conversa deles, Roäc apresentou todos os fatos para Thorin e deixou que ele escolhesse, não proferindo julgamento nem mesmo quando Thorin reagiu com precipitação e raiva. Agora, Roäc é mais direto. “Não acho boa essa ideia”, ele afirma sem rodeios, tentando com paciência mostrar a Thorin que sua beligerância e sua recusa de se relacionar com seus vizinhos está criando uma situação impossível de se vencer. O corvo pergunta enfaticamente: “Como vocês poderão se alimentar sem a boa vontade e a amizade das terras ao seu redor?” A pergunta deve nos lembrar da própria explicação de Thorin a respeito de como, nos tempos antigos, os anões da Montanha nunca “se preocuparam de cultivar ou coletar” alimentos por si mesmos, por causa do relacionamento próximo entre a Montanha e Dale. Roäc, que queria muito ver a volta da antiga paz, parece ter pouco motivo de esperar por ela.

As escolhas de Bilbo: uma oferta

Nesse impasse, o senhor Bolseiro dá um passo. Enquanto o senhor dos anões, o Rei dos Elfos e o matador do dragão se encaram implacavelmente uns aos outros através do descampado, entrincheirados em teimosias obstinadas sobre seus direitos e reivindicações, Bilbo Bolseiro de Fundo do Saco está se preparando para mostrar a todos eles o caminho de saída dessa enrascada. Antes, na escuridão, apavorado com Gollum diante dele, Bilbo fez uma escolha com consequências para toda a vida. Eles escolheu a misericórdia em detrimento da crueldade, e colocou a compaixão acima de seu melhor interesse. Agora, na

Desolação do Dragão, ele vai repetir a escolha em público, mostrando para todas essas pessoas notáveis a única cura para a doença do dragão.

Enquanto nos encaminhamos para o momento mais belo de Bilbo, Tolkien parece tentar nos lembrar de quão insignificante é a pessoa de Bilbo. Quando os sentinelas élficos o escutam, referem-se a Bilbo como “aquele serzinho estranho que dizem ser empregado deles”. Bilbo contesta a palavra “empregado” e, sem dúvida, não gosta de ser visto como uma pessoa de tão pouca importância. Quando ele se apresenta para esses mesmos elfos, designa-se “companheiro de Thorin”. No entanto, embora Bilbo possa não gostar, mesmo o narrador insiste na sua pequenez, quando nos informa que “o início de um plano desenhava-se em sua cabecinha”. Bilbo pode ter conquistado um lugar entre as pessoas notáveis, mas, embora agora utilize sua cota de malha de prata e sua espada mágica com facilidade, eles ainda o olham com um pouco de estranheza. Ele está em meditação profunda, em contraste com Bard e o Rei dos Elfos, que estão sentados, “observando-o com curiosidade”, já que “um hobbit trajando uma armadura élfica, parcialmente embrulhado num cobertor velho, era um espetáculo novo para eles”. Bilbo está bastante aclimatado ao seu mundo de grandes aventuras para ser capaz de abordar esses grandes comandantes, mas também está suficientemente deslocado para ser capaz de ajudá-los.

Na reação de Bard à notícia de Bilbo sobre Dáin, podemos observar que a doença do dragão está em ação no acampamento como está na Montanha. “Por que você nos conta isso?”, Bard afirma, “carrancudamente” como sempre. “Você está traindo seus amigos, ou você está nos ameaçando?” Bilbo protesta a respeito de quão “precipitado” e “desconfiado” Bard é; o matador do dragão está, sem dúvida, mostrando o tipo de desconfiança que teria agradado o próprio dragão. Thorin pode ser “cabeça-dura”, como Bombur admite, mas Bard também está inflexível em sua resolução de matar de fome Thorin sobre sua pilha de ouro. Quando Bard afirma que Thorin é um tolo, Bilbo tem de assinalar que o próprio acampamento de Bard no descampado com o inverno chegando demonstra muito pouco sentido.

Bilbo aborda Bard e o Rei dos Elfos com bom senso, muito como Roäc fez

em suas tentativas de convencer Thorin. De fato, Bilbo se apresenta em “seu melhor estilo comercial”, num tom muito Bolseiro, que ele primeiro exibiu em Fundo do Saco. Como o fracasso de Roäc em fazer Thorin ser sensato e razoável comprovou, é necessário mais do que a razão para alcançar alguma profundidade em relação à doença do dragão. Roäc não tem nada mais a oferecer, a não ser sua lealdade e obediência, que ele continua a dar em desespero. Bilbo, é claro, tem mais a ofertar.

Bilbo sozinho age contra o espírito draconiano que domina os dois lados do conflito. Quando Bilbo oferece a Pedra Arken para Bard, devemos nos lembrar de quanto esse gesto custa para ele. Bilbo pegou a pedra porque caiu profundamente sob seu encantamento, adicionando a isso a escolha consciente de conservá-la consigo. “Acho que eu escolheria isto”, ele pensou, “mesmo que eles ficassem com todo o resto!”. Mesmo quando Bilbo renuncia à pedra, podemos perceber seu desejo duradouro por ela, expresso em seu “olhar desejoso” e no “tremor” quando ele a entrega. Bilbo não está só entregando a “pedra maravilhosa” como também renunciando ao próprio direito de qualquer recompensa ou compensação por sua longa jornada e seus grandes labores. Sabemos que ele não se esqueceu de seus direitos porque ainda carrega o contrato firmado com Thorin em seu bolso, para que aqueles direitos não sejam contestados em algum momento. Bilbo não está imune à doença do dragão, mas ele sozinho tem de superá-la. No meio do impasse causado por pessoas que insistem em seus direitos, Bilbo abriu mão de tudo.

Por que Bilbo fez isso? Sua resposta é muito simples: ele quer “evitar problemas para todos os envolvidos”. É uma resposta reticente, que procura minimizar a importância de sua ação e a seriedade da situação. Seria mais dramático, mas não menos verdade se ele afirmasse: “Estou tentando evitar uma guerra e criar uma nova aliança entre as nações.” Como Roäc, Bilbo também gostaria de ver a antiga harmonia voltar para aquelas terras.

Mas Bilbo também está pensando em outras coisas que são mais simples e mais pessoais, mas, não obstante, profundas. No início do capítulo, Bilbo indica em sua conversa com Bombur que seu desejo de “sentir a grama sob seus pés” é

ainda mais intenso que o desejo de Thorin pelo seu tesouro. Após seu grande sacrífico, naquela noite, seus sonhos não são assombrados por visões de gemas cintilantes. Em vez disso, ele sonha com ovos e bacon, demonstrando claramente o que vale mais para ele do que um rio de ouro. No Capítulo 5, sugeri que, nos enigmas que Bilbo apresenta para Gollum, ele estava, de certa forma, atuando como porta-voz da luz, do calor, da vitalidade, da convivência e da ordem. Agora, cercado pelo mau cheiro do dragão, Bilbo mais uma vez permanece firme no apoio das coisas realmente importantes: chaleiras, anéis de fumaça e bacon.

Bilbo também demonstra o valor que deposita na lealdade e na amizade insistindo em votar para a companhia dos anões. A advertência do Rei dos Elfos contra isso é prudente, mas, ao voltar para a Montanha, Bilbo não coloca só sua recompensa, mas até mesmo a própria segurança em perigo. Porém, Bilbo nem mesmo considerará permanecer no acabamento com Bard. Quando este pergunta se Bilbo está traindo seus amigos ou os ameaçando, tenta descobrir de que lado Bilbo está. Se Bilbo trouxesse a Pedra Arken para Bard e permanecesse no acampamento, sua ação seria uma traição. Bilbo não quer trocar de lado. Em vez disso, procura construir uma ponte entre eles, para derrubar o muro que Thorin construiu e Bard sitiou, e faz isso pondo em risco sua própria vida.

Bilbo, o ladrão: um ladrão honesto

Quando Bilbo esconde a Pedra Arken em seu bolso, afirma que se tornou um ladrão, de fato. A captura da gema foi o último e maior exemplo de roubo que ele executou e, como discutimos no Capítulo 13, poderia ter levado a um final trágico. No início desse capítulo, as ameaças de vingança de Thorin mostram claramente o caminho que a história poderia ter tomando. Bilbo resiste a ser corrompido pelos sentimentos gananciosos e possessivos que o levaram a pegar

a joia para si e, dessa maneira, modifica toda a história, transformando a Pedra Arken de um pomo da discórdia em um instrumento de cura. Num paradoxo estranho, a carreira de Bilbo como ladrão culmina não no roubo do tesouro, mas sim no ato de se desfazer dele.

Agora, por fim, podemos ver por que os anões precisaram de um ladrão na sua companhia. Quando se mostrou realmente necessário, um ladrão não foi de muita ajuda na obtenção do tesouro; um arqueiro foi do que eles precisaram. Bilbo foi muito útil de se ter por perto em muitos momentos da jornada, mas a única tarefa em que ele acabou se revelando singularmente qualificado não estava ligada com a recuperação do tesouro, mas com a recuperação dos próprios anões. Bard mata o dragão, mas é o pequeno Bilbo que trabalha para tornar realidade as profecias de paz e prosperidade.

Nem mesmo Gandalf podia ter previsto que o ladrão que escolheu desempenharia esse papel específico na aventura que arranjou. No entanto, quando Gandalf encontra Bilbo novamente, no final do Capítulo 16, podemos perceber que o mago reconhece a total importância das ações de Bilbo e as endossa inteiramente. Presumivelmente, seu comentário de que “Você sempre demonstra ser mais do que se espera!” tem a intenção de incluir a si mesmo, e serve como admissão de que ele não tinha ideia da virada improvável que os eventos sofreram. O “Muito bem!” sincero de Gandalf é a maior recompensa de Bilbo. Ele chegou muito além das expectativas de Gandalf.

Em todo o livro, Bilbo tentou provar que era um ladrão. No fim, ele admite: “Pessoalmente, nunca me senti realmente um.” Embora aceitasse o cargo, nunca se sentiu confortável com a ideia de ser um ladrão. Gollum o chamou de ladrão (muito injustamente), e também Smaug, mas o rótulo nunca de fato correspondeu à verdade. Recentemente, sua própria consciência se amesquinhou acerca da ocultação da Pedra Arken de Thorin, e seu desconforto quando Bard lhe perguntou como a pedra era dele denuncia sua culpa. Quando Bilbo entendeu, utilizou a promessa de Thorin de deixá-lo escolher sua própria décima quarta parte como racionalização, ainda que mesmo então soubesse que “pegar e escolher não significava incluir aquela pedra maravilhosa”. Agora, sua

autojustificativa se tornou autossacrifício, e ele está “disposto a penhorá-la em troca de toda” sua reivindicação. Bilbo provou a si mesmo ser um ladrão excelente, mas permaneceu “um ladrão honesto... mais ou menos”.

No final da trajetória da carreira de Bilbo, podemos observar uma coisa notável. À medida que Bilbo foi mudando por meio de suas experiências, ele chegou a se ajustar cada vez mais primorosamente ao rótulo “Ladrão” que Gandalf tão improvavelmente lhe atribuiu no primeiro capítulo. No processo, porém, ele não mudou fundamentalmente; em vez disso, transformou o papel do próprio ladrão para corresponder aos valores do mundo Bolseiro, levando o trabalho para um direção bastante inesperada. A descrição “ladrão honesto” parece um paradoxo, mas condiz com Bilbo. Um ladrão honesto pode ser algo novo, mas também é novo um Bolseiro respeitável usando uma armadura élfica ou um gatuno saindo às escondidas à noite a fim de distribuir a riqueza das nações.



Capítulo 17

A virada repentina

"Explode a tempestade"

A desolação do dragão: a espiral descendente

Na manhã seguinte ao ato de heroísmo silencioso de Bilbo, Thorin ainda está envolto em sua arrogância. Escutando que "as coisas mudaram" no acampamento, assume que sua estratégia, a convocação de Dáin das Colinas de Ferro, finalmente teve o efeito planejado e levou seus inimigos a se render. Ele fala com muita arrogância para o mensageiro do acampamento: "Peça que venham em número pequeno e desarmados, e ouvirei." Sob quaisquer circunstâncias, Thorin parece um grande rei ou potentado condescendendo em permitir que os requerentes compareçam diante dele.

Quando a Pedra Arken é revelada, Thorin não é capaz de pensar ou falar sobre nada além de si mesmo e do que lhe é devido. "Essa pedra era do meu pai, e é minha", ele insiste, inteiramente concentrado no direito à relíquia de sua família. "Por que devo comprar meu próprio bem?", ele pergunta, ultrajado. Em sua surpresa e raiva, Thorin ignora o fato de que pediu para que Bard fizesse o

mesmo. “Seu bem será devolvido em troca do nosso bem”, afirma o herdeiro de Girion, cuja herança constitui uma parte do tesouro do qual Thorin toma conta de maneira tão possessiva. De novo, Bard propõe uma reivindicação justa de parte do tesouro, mas agora a situação mudou, fazendo Thorin também se tornar um legítimo requerente de sua herança.

Agora, Bilbo chega ao momento inevitável determinando pelo seu retorno aos anões na noite anterior, confessando abertamente a entrega da Pedra Arken. Thorin o insulta e ameaça matá-lo. Embora Bilbo se irrite com os insultos, ainda tenta apelar ao anão. Apela para Thorin em nome da amizade deles, e pela gratidão que Thorin com tanta frequência expressou. Apela a Thorin em nome do juramento do anão, incitando-o a cumprir a promessa que fez de que Bilbo poderia escolher a décima quarta parte do tesouro. Incisivamente, Bilbo afirma: “Disseram-me que os anões algumas vezes são mais educados nas palavras do que nas ações.” Porém, foi o próprio Smaug que disse isso a Bilbo, como Thorin deve muito bem lembrar. Quando Bilbo originalmente relatou as palavras do dragão para Thorin, o senhor dos anões assegurou-lhe que não era verdade. Na ocasião, Thorin disse para Bilbo que podia pegar e escolher a própria décima quarta parte a fim de convencer o hobbit de que as insinuações de Smaug eram injustificadas. Agora, ao trazer de volta esse diálogo para Thorin, Bilbo, espertamente, desafia o comandante dos anões e aspirante a rei a provar que o dragão estava errado.

Todavia, Thorin está além de qualquer apelo. Smaug tentou manipular Bilbo, reinterpretando de modo suspeitoso as ações e as intenções dos anões. Bilbo resistiu, mas mesmo sem o dragão presente para manipulá-lo, Thorin agora enxerga tudo e todos em torno de si através da distorção do próprio orgulho e da cobiça associada ao tesouro. Bard e o Rei dos Elfos são ladrões; a tentativa de Bilbo de fazer Thorin ser sensato e razoável o torna um traidor. Quando Gandalf se apresenta, só demonstra que todos estão “em aliança”, todos trabalhando juntos numa vasta e adornada conspiração contra Thorin. O senhor dos anões completa sua rejeição total aos apelos de Bilbo repudiando sua amizade e se arrependendo de sua gratidão anterior afirmando que a cota de malha de *mithril*

que Bilbo veste é muito boa para ele. Alguns dos outros anões podem se sentir como Thorin, mas “mais do que um”, somos informados, “em seu corações sentem vergonha e compaixão” com a partida de Bilbo. Sentem compaixão por Bilbo por causa do mau tratamento, e vergonha pelas ações desagradáveis e até maníacas de seu líder. Começa a parecer que Thorin é completamente irrecuperável.

Quando Thorin concorda com uma troca do tesouro, só pensa nisso como o pagamento de um resgate, uma maneira de “resgatar a Pedra Arken, o tesouro da minha casa”. Ainda que Bard o lembrasse de suas próprias reivindicações justas sobre o tesouro, Thorin simplesmente as ignorou. Os reis dos tempos antigos teriam dado presentes inigualáveis ao guerreiro audaz que mata um dragão que saqueava os países deles. Nem Thror nem Thráin teriam alguma vez roubado a casa de Girion e exigido direitos sobre os tesouros de Dale. Sem dúvida, o Rei sob a Montanha teria mostrado compaixão por seus vizinhos do Lago se a cidade deles fosse destruída, e ficassem chorando e tremendo na margem do lago na época do inverno. Mas Thorin está num estado tão irracional que dá a impressão de nem mesmo lembrar que repeliu essas reivindicações. Gandalf tem toda a razão ao afirmar que Thorin “não está fazendo muito bela figura como Rei sob a Montanha”.

Os eventos começam a fugir do controle, e a doença do dragão sobre quase todos os lados ameaça se tornar fatal. Dáin e seus guerreiros chegam, e “a ideia de que a Pedra Arken estava em poder dos sitiadores fervilhava em seus pensamentos”. Assim, decidem atacar sem hesitação. Bard está ansioso para se apossar da vantagem tática deixada pelos anões para ele e vencer a batalha que estava pronto para lutar desde o início. Thorin incorre numa prática questionável em sua negociação, tentando deixar de pagar algumas gemas, o que é contrário ao trato original com Bilbo, que reivindica que seja honrado. Em seguida, Thorin cai ainda mais na má-fé absoluta, “ponderando se com a ajuda de Dáin não conseguiria resgatar a Pedra Arken sem entregar a parte devida da recompensa”. Somente o Rei dos Elfos se arrepende, esperando evitar “desgraças infelizes”. Agora, ao menos, ele consegue ver no que se enredou, e procura atrasar “essa

guerra pelo ouro”.

Mas a contenção do Rei dos Elfos chega muito tarde. Os homens e os anões já estão se agredindo com armas nas mãos. As primeiras flechas da batalha que acabarão permanentemente com a antiga paz entre Montanha, Floresta e Dale já foram disparadas. Ao que tudo indica, a nobre tentativa de Bilbo de viabilizar uma cura falhou. Parece que, se a doença do dragão quiser ser tratada, um remédio mais forte será necessário.

Evcatástrofe

O antídoto para a doença do dragão, restaurando a paz entre os elfos, os homens e os anões, chega de uma forma bastante inesperada: um exército de goblins e wargs das Montanhas Nebulosas. Uma batalha irrompe, mas não a batalha que esteve em questão no início. Instantaneamente, a intervenção dos goblins transforma o egoísmo e a raiva em solidariedade e boa vontade. Os anões e os homens que estavam no meio de um ataque não só o interrompem e baixam suas armas como, imediatamente, começam a colaborar entre si. Dáin, líder do assalto frenético dos anões, logo une-se a Bard e ao Rei dos Elfos para planejar a defesa deles. Bard reúne as tropas para defender a Montanha que estava sitiando havia dias. Os exércitos dos elfos, anões e homens, trabalhando em harmonia, associam-se para derrotar os inimigos mútuos no vale. “Os goblins eram os inimigos de todos”, o narrador explica, “e, na chegada deles, todas as outras querelas foram esquecidas”. Nada mais na Terra Média poderia promover uma mudança tão milagrosa. As atitudes próprias do dragão de um momento antes foram varridas como fumaça ante o vento.

Na batalha, obtemos um vislumbre direto de um evento que evoca as lendas antigas que encontramos inicialmente em Rivendell. A queda da Gondolin élfica é lembrada na fúria mortal dos elfos contra os goblins. O ódio “frio e amargo”

deles faz as espadas e as lanças do exército élfico brilhar “no escuro com um clarão de chama fria”, como a Orcrist, a Glamdring e a Ferroada de Bilbo. Quando os anões das Colinas de Ferro atacam, eles gritam “Moria!”, recordando a guerra feroz entre o clã de Thorin e os goblins, que foi recontada nas histórias para cima e para baixo das Montanhas Nebulosas. Ao nos contar desde o início que a batalha daquele dia “foi chamada de Batalha dos Cinco Exércitos”, o narrador nos informa que a batalha que estamos vendo se tornará uma parte importante da história desses tempos. Pelo jeito, as lendas antigas dos tempos passados estão vivas.

Entre todos os eventos na história daquele dia, porém, o maior é a cura de Thorin, Escudo de Carvalho. O pobre Thorin estava preso à escuridão e fedendo à Montanha, “como um ladrão em sua prisão”, cego e consumido pelo orgulho e pela cobiça, que o levaram a deixar de lado a amizade, a compaixão e, finalmente, até mesmo a própria honra. No meio da batalha, quando os defensores estão cercados e tudo parece perdido, Thorin derruba o muro de pedra que construiu e abre as Portas do Rei de novo. De fato, o ouro flui do portão, na forma do Rei em armadura cintilante, reluzente na penumbra, “como ouro no fogo que se apaga”. “Aqui! Aqui!”, ele grita, não só para seus parentes, mas para os “Elfos e Homens”, a quem estava chamando de ladrões apenas algumas horas antes. O anão esnobe, que parecia não se preocupar com nada além de si mesmo, agora se lança ao perigo, liderando o ataque para salvá-los e ordenando que o seguissem.

E eles o seguiram. Todos os anões, é claro, aproximaram-se correndo de seu senhor e parente, mas “muitos dos Homens do Lago” e “muitos dos lanceiros dos elfos” também afluíram para seu lado, unindo-se à última grande carga do Rei sob a Montanha. Agora, pelo jeito, as antigas canções estão se tornando realidade. Independentemente do que aconteça nesse ataque desesperado, Thorin, Escudo de Carvalho, foi salvo.

Infelizmente, pelo jeito aquele dia não foi. O grande ataque de Thorin fracassa, e a Montanha é invadida por goblins; “vitória agora desprovida de esperança”. Nos túneis sob as Montanhas Nebulosas, Bilbo foi estimulado a

pensar que estava ligado às antigas lendas, descobrindo que tinha uma espada da própria Gandolin arruinada. Agora, ele tem um lugar privilegiado na criação de uma dessas lendas, mas ele acha “muito incômodo, para não dizer penoso”. A derrota pode ser gloriosa em canções, mas ele não pensa muito a respeito da versão em prosa.

No entanto, a sorte de Bilbo não o desapontou muito. O momento em que Bilbo levanta os olhos e vê as águias no Oeste é duas vezes prenunciado em *O Hobbit*.[42] O narrador afirma que “as nuvens foram rasgadas pelo vento, e um pôr de sol vermelho cortou o oeste”. A abertura das nuvens em torno da Montanha Solitária pelo vento é especificamente mencionada na canção do Vento dos anões, em que “nuvens correndo (são) rasgadas e arrancadas” pelo vento do destino, que também orienta a lua em sua trajetória e deixa as estrelas incandescentes. O sol poente fulgindo através das nuvens também se compara muito com o raio de sol mágico que escapou da massa de nuvens no oeste, no Dia de Durin, e apontou para a fechadura da porta secreta, exatamente como as letras lunares prognosticaram. Pelo jeito, a providência que guiou Bilbo e seus companheiros e planejou essa história que logo será lendária ainda não terminou para eles.

O repentino resgate e o final feliz que as águias trazem para a Batalha dos Cinco Exércitos é um momento icônico. Tolkien denominava “eucatástrofe” esse tipo de “‘virada’ súbita e jubilosa” perto do final de uma história: uma catástrofe boa ou feliz. Em seu grande ensaio “On Fairy-Stories”, Tolkien descreveu esse tipo de evento como “uma graça repentina e milagrosa: nunca confiável de se repetir”.[43]A chegada inesperada das águias na hora H é o exemplo clássico de eucatástrofe em toda a ficção de Tolkien. A batalha, como Bilbo a enxerga, termina com uma imagem que considero que capta belamente o espírito da eucatástrofe: os “muitos olhares de admiração” dos guerreiros sitiados no vale, levantando os olhos numa súbita expectativa de salvação, “ainda que, por enquanto, nada pudesse ser visto”.

Na Batalha dos Cinco Exércitos, vemos a representação final de outro tema que se repetiu diversas vezes durante essa história: a notável tendência de

aparente má sorte acabar se revelando boa sorte. A própria Batalha dos Cinco Exércitos é o exemplo mais extraordinário desse padrão. Um ataque de surpresa dos exércitos reunidos de todos os goblins das Montanhas Nebulosas e seus aliados warg valeria como enorme infortúnio para todos. Nesse exemplo, porém, não podemos ignorar o fato de que também foi um golpe de boa sorte quase milagrosa. Se os goblins não tivessem aparecido exatamente quando apareceram, o sangue teria sido derramado entre os anões da Montanha e os homens de Dale. Independentemente do que acontecesse na batalha, um prejuízo irreparável, com efeitos de longo alcance, teria ocorrido. Uma vitória dos goblins teria sido preferível a isso, pois, mesmo se os povos aliados tivessem descido enfrentando os goblins juntos, o legado da batalha ainda seria o de unidade, e os sobreviventes ainda teriam tido um inimigo comum. No quadro global, a batalha real já estava ganha assim que os elfos, os anões e os homens começassem a lutar do mesmo lado, em vez de uns contra os outros. O início da Batalha dos Cinco Exércitos, terrível como foi, é, na realidade, uma eucatástrofe maior e mais importante que a intervenção das águias.

A escrita de O Hobbit: *O Hobbit* cresce

O Hobbit, como podemos ver, ficou muito sério nos capítulos finais. A busca dos anões e de seu inepto ladrão hobbit pelo ouro do dragão, que observamos nos primeiros capítulos, era um pouco caricatural de vez em quando, mas cresceu desde então. A destruição da Cidade do Lago e o lembrete de que muitos de seus moradores morreriam de doença e fome no inverno vindouro eram bastante preocupantes. A corrupção sombria dos desejos dragonianos que encobriu como bruma a Montanha e seus arredores desde então foi ainda mais opressiva. Na batalha, o tom divertido tão prevalecente nos primeiros dois terços do livro

declina em meio ao horror dos soldados mortos espalhados pelo chão, com morcegos sobre os corpos, sugando seu sangue. Quando Thorin e Companhia irrompem através do Portão Principal, não se parecem nada como a trupe cômica que apareceu sobre o capacho de Bilbo, em Fundo do Saco. Chegamos a um mundo de realidades implacáveis.

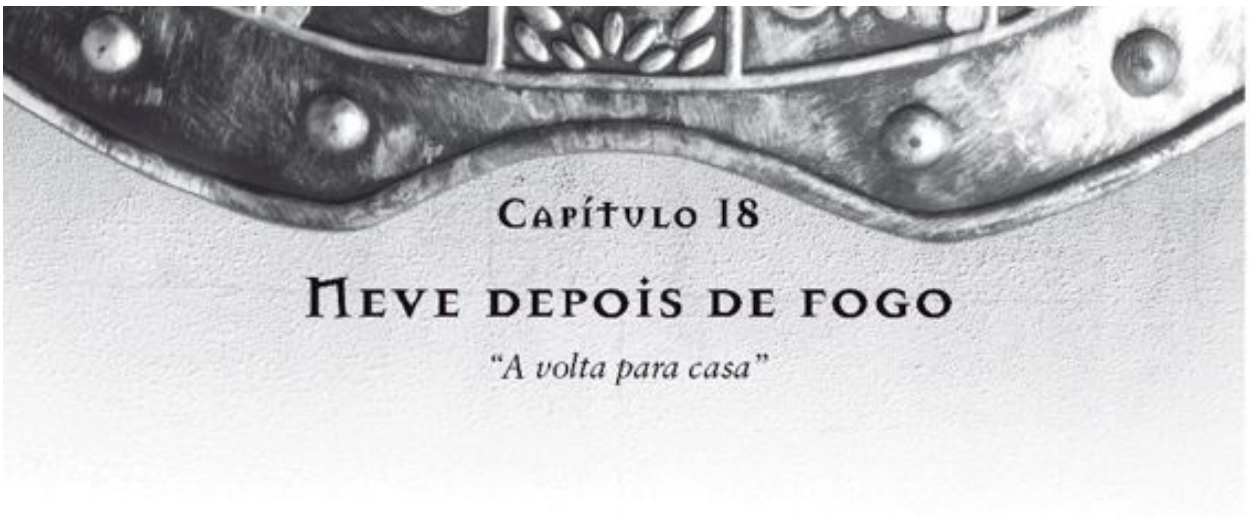
O fim de conto de fadas da Batalha dos Cinco Exércitos não faz nada para solapar essas realidade. Sim, as águias chegam a tempo de resgatar todos, mas Tolkien evitou novamente uma conclusão excessivamente simplista e cor-de-rosa nos capítulos finais. Smaug morreu no Capítulo 14; teria sido simples que esse evento culminante fosse seguido pelo restabelecimento jubiloso do reino dos anões e do reino de Dale, e todos vivendo felizes para sempre. Em vez disso, toda a região quase explodiu em chamas quando o desejo pelo ouro do dragão quase destrói até os remanescentes do antigo reino.

Em seguida, temos a abnegação heroica e nobre de Bilbo em entregar a Pedra Arken, assumindo uma posição corajosa, mas humilde, contra a cobiça e desconfiança que se manifestam desenfreadamente ao seu redor. Teria sido fácil se o seu plano tivesse tido êxito; Thorin e Bard poderiam ter seguido de forma apologética seu excelente exemplo e, então, jurar amizade eterna, vivendo felizes para sempre. Tolkien poderia até ter agregado uma bela conclusão moral sentenciosa ao final dessa história, como uma história infantil vitoriana. Mesmo na própria batalha, o ataque heroico de Thorin, que parece para todo o mundo o final feliz que se esperava que acontecesse, fracassa.

A vida na Terra Média, que, afinal de contas, é somente um nome em inglês antigo para o mundo que vivemos, não é geralmente tão ordeira e esterilizada. Em vez disso, Tolkien nos oferece a reconciliação que chega em face da guerra e da perda, em meio a tristeza e ao sofrimento. Ao longo do caminho do final feliz jazem os corpos de “muitos homens e muitos anões, e muitos elfos leais, que deveriam ter vivido ainda muito tempo alegremente na floresta”. De fato, Bilbo, Gandalf e muitos de seus aliados são aquinhoados com uma graça inesperada e milagrosa, mas a vitória chega por meio do sofrimento, sendo muitas vezes acompanhada por grande pesar, como Bilbo logo descobrirá.

Notas

42. Talvez também haja uma terceira vez. Bilbo percebeu as águias no momento em que, “vendo o brilho fugidio na obscuridade, olhou em volta”. Foi a terceira vez que Tolkien utilizou o par aliterativo, “*gleam*” [“brilho”] e “*gloom*” [“obscuridade”], durante a descrição da batalha, e os exemplos são bastante parecidos e baseados um no outro. Na primeira vez, os elfos golpeiam com as lanças, e as espadas “*shone in the gloom with a gleam of chill flame*” [“reluzem na obscuridade com um brilho de chama fria”] e, então, é dito a respeito de Thorin: “*In the gloom the great dwarf gleamed like gold*” [“Na obscuridade, o grande anão brilhou como ouro”]. Tolkien era muito sensível ao som e até à etimologia das palavras que utilizava; acho difícil de acreditar que tal repetição notável tenha acontecido por acidente e escapado dele em cada revisão. Além disso, Tolkien gostava muito da aliteração como recurso poético, e muitas vezes manipulava a aliteração em sua poesia e prosa para criar efeitos específicos. Portanto, acho muito provável que a repetição de Tolkien desse par de palavras seja intencional, destinada a descrever uma ligação entre essas três luzes na escuridão, que oferecem esperança na batalha, culminando com a eucatástrofe final.
43. “On Fairy-Stories”, 86.



A desolação do dragão: a convalescença

A tentativa de Bilbo de "comprar paz e tranquilidade" acaba se revelando um fracasso. Suas intenções foram boas, e, considerado em si mesmo, o ato de abnegação envolvido foi admirável. Ao colocar o bem dos outros acima de seu próprio benefício e de seu desejo pela Pedra Arken, Bilbo trabalhou em oposição direta à doença do dragão que afetava a todos. Em retrospecto, porém, Bilbo sente que "fez uma grande confusão a respeito daquele negócio com a pedra". Quando a cobiça e a suspeita eram os fatores principais que ameaçavam a paz, a tentativa de utilizar o desejo obsessivo de Thorin pela Pedra Arken para promover a reconciliação provavelmente não foi uma boa ideia. É difícil de imaginar como o plano de Bilbo poderia ter levado à harmonia e à boa vontade; tudo o que fez foi intensificar os riscos.

No fim, a única coisa que poderia livrar todos da mentalidade típica do dragão era uma crise que os forçasse a uma perspectiva renovada sobre as questões. O ataque dos goblins os lembrou do que tinham em comum, e também do que provavelmente perderiam se não cooperassem entre si. Um grande tesouro podia ser uma coisa importante, mas há outras coisas que são mais importantes.

O agonizante Thorin, em seu pedido de desculpas para Bilbo, admite que até ele começou a ver as coisas de maneira diferente. “Já que abandono agora todo o ouro e prata”, ele fala para Bilbo, “vou para onde eles têm pouco valor, desejo partir com a sua amizade”. As palavras de Thorin sugerem que sua rejeição em relação ao ouro deve-se somente à sua morte iminente, mas acredito que também é autodepreciação da parte de Thorin, reconhecimento de sua vergonha a respeito de quão horrivelmente ele agiu. No entanto, suas escolhas durante a batalha mostram que seu arrependimento não aconteceu em seu leito de morte. A derrubada do muro foi um momento simbolicamente importante. Demoliu-se a barreira não só entre Thorin e seus aliados, mas também entre Thorin e o resto do mundo. Thorin não mais permitiria romper relações com os outros por causa de sua possessividade paranoica.

O brado de guerra de Thorin é outra reversão, e uma ainda mais poética. Atrás de seu muro, Thorin podia pensar a respeito só de si mesmo e de seus próprios direitos. Quando derruba o muro, novamente se coloca no centro da atenção, clamando que todos os sigam. Em seu ataque, porém, a concentração em si mesmo se converte em abnegação.

O arrependimento de Thorin já foi demonstrado; a reconciliação pessoal com Bilbo é a parte verdadeiramente importante do último diálogo deles. Em geral, Thorin foi esnobe e superior ante Bilbo, ao menos até o arrombamento da prisão na Floresta das Trevas. Sua bênção final, porém, oferece a Bilbo não só amizade, mas também muito respeito. “Há mais coisas boas em você do que você sabe, filho do gentil Oeste”, ele afirma. Sua declaração muda belamente o relacionamento deles. Agora, Thorin assegura a Bilbo que o estima mais do que a própria estima de Bilbo por ele. Os sentimentos de Bilbo, é claro, são deixados muito claros por meio de suas lágrimas.

A cura da doença do dragão agora se difundiu tanto quanto no momento da difusão da doença. Quando Dáin se torna rei no lugar de Thorin, rapidamente começa a viver à altura do antigo ideal do Rei sob a Montanha. Lembremos que quando Roäc afirma para Thorin que deseja ver o retorno da antiga paz, ele admite que isso “pode custar seu precioso ouro”. Nesse caso, Roäc não se refere a subornos ou compras, mas a presentes. Imediatamente, Dáin entrega grandes quantidades do tesouro tanto para recompensar seus amigos como para consolidar o apoio de seus aliados. Ele coroa o chefe das águias com ouro e jura amizade eterna a eles. Conquista o apoio dos seguidores e parentes de Thorin em grande parte, sugere-se, porque ele “lidou bem com seu tesouro”. Esse é o uso apropriado do ouro por um rei. Os dragões acumulavam tesouros numa pilha estéril e se sentavam sobre eles, não permitindo que beneficiassem ninguém, nem a eles mesmos. A disposição de Thorin de “se sentar sobre um monte de ouro e morrer de fome” segue exatamente o modelo draconiano. Em vez disso, um rei deve ficar nos portões, com as mãos “cheias de gemas e ouro”, verso da nova canção dos anões, que agora, com Dáin no trono, é bastante acurado.

Os elfos da Floresta das Trevas voltam para casa com um espírito muito diferente de quando partiram. O Rei dos Elfos não consegue o tesouro amplamente aumentado que estava esperando, mas os elfos recebem algo muito mais substancial: “O dragão estava morto, os goblins, derrotados, e seus corações esperavam ansiosos que o inimigo se fosse e chegasse uma primavera de felicidade.” O exército que marchou para satisfazer a cobiça, seguido avidamente por bandos de corvos zombadores, retorna com cantos e alegria com uma paz e segurança inesperadas.

As próprias palavras do Rei dos Elfos na despedida acabam se revelando bastante irônicas. “Mesmo uma situação muito ruim pode trazer bons resultados”, ele disse, e foi um comentário que o mostrou numa luz nada lisonjeira. Ele estava se referindo à provável morte de Thorin e expressando sua própria intenção de aproveitar a oportunidade que as mortes tanto de Thorin como de Smaug proporcionaram-lhe de enriquecer com a riqueza deles. Em vez disso, ao que se revelou, a providência tirou proveito dele. Se não tivesse

marchado com seu exército, ele e suas forças não estariam disponíveis quando os goblins atacaram. No entanto, ao que se constatou, sua cobiça e decisão excessivamente agressiva de marchar com força total rumo à Montanha Solitária não teve um efeito tão negativo, e “agora o mundo do norte, seria mais alegre, por muitos longos dias”.

De nosso posto privilegiado após a Batalha dos Cinco Exércitos, quando o tesouro está sendo utilizado sensatamente por Dáin e Bard para salvar vidas e estabelecer alianças, o plano original da festa que vimos em Fundo do Saco, no primeiro capítulo, parece ridículo. A ideia de que catorze deles dividiriam todo o tesouro, a riqueza e meio de vida de duas nações inteiras em catorze partes iguais é simplista e ingênua quase a ponto da infantilidade. Apesar da perspectiva mais madura que ele alcança mais tarde, Bilbo originalmente se envolve nesse plano. Ele está tão absorto nisso, de fato, que, aparentemente, carregou seu contrato consigo durante toda a jornada, para assegurar que obteria o que lhe era devido no fim.

Agora, as experiências de Bilbo lhe ensinaram uma nova sabedoria. Seu contato com a doença do dragão e a devastação que ela quase provocou fizeram-no considerar o dinheiro de uma nova maneira. Agora, ele entende que, possivelmente, não pode chegar em casa com seu tesouro “sem guerra e matança ao longo do caminho”. Bilbo já perdeu sua riqueza a fim de evitar uma guerra; ele não quer provocar nenhuma nova guerra! Quando se refere à “guerra e matança”, porém, acredito que ele está pensando em mais do que simplesmente proteger seu tesouro no caminho através do Ermo. Acho que, provavelmente, Bilbo também está pensando sobre seus vizinhos, no seu lar. Os últimos dias mostraram-lhe de modo muito convincente como uma grande pilha de ouro pode abalar a paz e motivar ações desesperadas. Seus vizinhos, em casa, são muito diferentes de Thorin e do Rei dos Elfos, mas o Capítulo 19 nos mostrará que Bilbo tem quase razão de acreditar que eles não ficariam completamente imunes à doença do dragão.

A natureza de Bilbo: a reconciliação

Enfim, Bilbo está começando sua jornada em direção a casa. Os desafios e as tensões de sua expedição terminaram, e o desenvolvimento de sua personalidade quase alcançou seu ponto final. No Capítulo 18, vemos que ele conquistou a admiração de reis e governantes, e, no entanto, ele deseja seu próprio e tranquilo lar com não menos ânsia. No companhia de reis dos elfos e senhores dos anões, provavelmente não parece mais aquele estranho em sua armadura reluzente, mas nada pode impedi-lo de deixar esse grande mundo para trás.

No Capítulo 18, há alguns breves diálogos de Bilbo que nos mostram como a noção de sua própria identidade está se resolvendo enquanto suas aventuras chegam ao fim. Um é sua despedida do Rei dos Elfos. Antes de pegarem seus distintos caminhos, Bilbo, atabalhoadamente, oferece um presente ao Rei dos Elfos, "gaguejando e sem muita coragem". Bilbo afirma que está oferecendo uma "retribuição" pela "hospitalidade" do Rei dos Elfos, compensação por ter "bebido muito de seu vinho e comido muito de seu pão". No entanto, Bilbo não está só ofertando pagamento; se essa fosse sua intenção, ele teria ouro ou prata suficientes com que poderia cobrir o custo de sua comida e bebida no justo valor de mercado. Em vez disso, ele dá um presente valioso para o Rei dos Elfos: "um colar de prata e pérolas que Dáin lhe dera ao se despedirem". Numa situação em que uma recompensa não parece obrigatória e, sem dúvida, não era esperada, Bilbo não só paga ao Rei dos Elfos como também lhe dá um símbolo de respeito que ele próprio tinha acabado de receber. À primeira vista, isso tudo pode parecer um tanto enigmático.

Bilbo não oferece o colar como recompensa, mas como demonstração de respeito. A relação de Bilbo com o Rei dos Elfos não começou sem percalços; como Bilbo está lembrando indiretamente, ele começou a associação infiltrando-se de forma invisível na fortaleza secreta do Rei dos Elfos e, depois, libertando

seus prisioneiros. Bilbo se recorda de sua condição um tanto incômoda com o Rei dos Elfos quando vai conferenciar com ele no Capítulo 16. “Conheço bem seu rei de vista”, ele admite para os sentinelas élficos, “ainda que talvez ele não me conheça ao me ver”. Bilbo agiu contra o Rei dos Elfos, e, embora agora sejam aliados, Bilbo quer indenizá-lo pelos prejuízos. Devemos notar que o presente de Bilbo por acaso é exatamente o tipo de tesouro de que o Rei dos Elfos mais gosta; ele tem uma fraqueza por “prata e gemas brancas”, lembremos. Além de valioso, o presente de Bilbo também é atencioso.

Sua demonstração de respeito pelo Rei dos Elfos não se converte num gesto de desrespeito por Dáin. Para um leitor moderno, a entrega por Bilbo de um símbolo de honra especial que ele acabou de receber pode parecer uma atitude indelicada. No contexto, porém, não acho que seja. Como o próprio Dáin mostrou, o uso correto do tesouro é distribuí-lo. Bilbo está dando um presente real para um rei, e como um rei faria. O gesto é reconhecido e aceito pelo Rei dos Elfos. Ele nomeia Bilbo “amigo dos elfos e bendito”, formalizando o vínculo que o presente de Bilbo (e, sobretudo, a intenção subjacente) estabeleceu.

No presente de Bilbo para o Rei dos Elfos, também vemos sua reconciliação final com sua identidade de ladrão. No Capítulo 16, Bilbo admitiu que, embora o rótulo de ladrão fosse posto sobre si, ele nunca se sentiu como um. Então, estabeleceu um modelo novo e paradoxal para sua profissão: o ladrão honesto. Curiosamente, Thorin trata-o de uma maneira muito parecida de seu leito de morte, chamando Bilbo de “bom ladrão”. Em sua última conversa com o Rei dos Elfos, Bilbo está em paz e à vontade com sua nova identidade. Ele não protesta contra o fato de ser um ladrão, nem se arrepende de ter agido como um. Mas “mesmo um ladrão tem seus sentimentos”, e os sentimentos de Bilbo o conduziram a uma resolução feliz da tensão entre seu cargo aventuroso e sua natureza honesta, de bom coração.

O Rei dos Elfos saúda Bilbo como “Bilbo, o Magnífico”, título que transmite imenso elogio, e que repercute algo da própria linguagem anterior de Bilbo de maneira significativa. A palavra *Magnífico* possui diversos sentidos, dois dos quais são especialmente pertinentes aqui. Um sentido da palavra refere-se a

aparências, significando “esplêndido”, “suntuosamente decorado” ou “caracterizado pela exibição de riqueza ou pompa cerimonial”.[44] Nesse sentido, a palavra refere-se somente a coisas superficiais, e Bilbo, anteriormente, utilizou a palavra duas vezes dessa maneira. Quando Smaug está sendo ridiculamente vaidoso acerca de seu baixo-ventre adornado com joias, Bilbo o chama de “Sua Eminência”,[45] numa indireta sarcástica. Quando o próprio ventre de Bilbo está cintilando com sua nova cota de *mithril*, ele afirma: “Sinto-me magnífico”, com mais do que uma indireta de autodepreciação, pois ele ainda acrescenta: “mas espero que eu pareça um tanto absurdo”. No entanto, há um sentido mais antigo e mais solene da palavra, em que era usada para significar “glorioso” ou “elevado”, referindo-se não a aparências, mas ao caráter de uma pessoa. Uma pessoa se mostrando “magnífica” nesse sentido estava representando todas as virtudes mais adequadas que um rei ou nobre deviam mostrar. Bilbo zomba da superficialidade de Smaug com o termo e, então, adota-o bem humoradamente para si mesmo, mas, quando o Rei dos Elfos o aplica, o termo se transforma, reconhecendo o mérito do caráter de Bilbo e a generosidade e benevolência de suas ações.

Em seu leito de morte, Thorin também reconhece o valor real de Bilbo, sustentando que ele tem “alguma coragem e alguma sabedoria, misturadas até certo ponto. Se mais de nós dessem mais valor à comida, bebida e música do que a tesouros, o mundo seria mais alegre”. Sem dúvida, as prioridades de Bilbo foram louváveis, como demonstrado com mais clareza em sua entrega da Pedra Arken. Quando Thorin irrompe para a batalha a partir de seu portão, expondo-se ao ataque e com seu tesouro aberto à pilhagem, ele, de certo modo, adotou as prioridades de Bilbo. A declaração de Thorin, porém, traz à lembrança o contraste que foi evidente nos últimos oito capítulos, mas que transpassou calmamente todo o livro: o contraste entre a Montanha, sozinha em seu descampado deserto, e a Colina, esperando no “gentil Oeste”.

Thorin sempre se concentrou na Montanha e no ouro no interior dela. Bilbo sempre rememorou a Colina e sua própria lareira no interior dela. Observemos a mudança que ocorreu ao longo do caminho. No início, o desejo de Bilbo por

Fundo do Saco era escapista: olhar para trás, desejando poder escapar dessa aventura detestável e retornar à sua terra de “coisas seguras e confortáveis”. Em algum momento, porém, isso mudou. Sua saudade de Fundo do Saco não cresceu menos, mas deixou de ser acerca de regressar. A Colina não era mais o ponto de partida que ele desejou nunca ter deixado; tornou-se o ponto final que ele estava se esforçando para alcançar. O amor de Bilbo por “comida e conforto” não o leva mais a rejeitar a aventura, como aconteceu no primeiro capítulo. Nos últimos tempos, deu-lhe a determinação de levá-la a cabo. Suas experiências ao longo do caminho também enriqueceram o prazer de Bilbo. Ele não só gosta de “comida e conforto” ainda mais intensamente do que antes, como também desenvolveu um gosto pela “música”, que, anteriormente, não fora parte de sua vida em Fundo do Saco.

Essa nova mistura de características é a outra coisa que Thorin elogia: a combinação de “coragem” com “sabedoria” no caráter de Bilbo. Como seguimos a interação entre os elementos Tûk e Bolseiro de Bilbo desde o início, a existência de fatores opostos na personalidade de Bilbo não surpreende. O que Thorin percebe em Bilbo, aqui no fim de sua expedição, é o fato de que aqueles fatores agora estão “misturados até certo ponto”. “Coragem” e “sabedoria” são palavras-chave adequadas de seus lados Tûk e Bolseiro, respectivamente; mas só quando estão adequadamente combinadas. Em isolamento, nenhum lado conduz Bilbo na direção correta. Por si mesmo, seu lado Tûk se revela como precipitação e arrogância. Deixado em si mesmo, seu lado Bolseiro o leva para a preguiça e a timidez. No Capítulo 1, Bilbo estava “trocando os pés pelas mãos” sob a influência de seu lado Tûk ou tremendo como uma geleia sobre o tapete em frente à lareira quando seu lado Bolseiro se achava no comando. Mas misturados juntos até certo ponto, suas perspectivas distintas, mas complementares, concedem-lhe tanto coragem quanto sabedoria. No final de sua jornada, vemos que nem o lado Tûk nem o lado Bolseiro ganharam. Eles se reconciliaram.

A tranquilidade com que Bilbo agora habita os dois mundos, que se reúnem tão repentina e perturbadoramente no Capítulo 1, é ilustrada de forma

encantadora na despedida de seus companheiros anões sobreviventes. Ao dizer adeus, Bilbo e seus amigos trocam convites. “Se chegar a nos visitar de novo, quando nossos salões mais uma vez forem belos, então o banquete será realmente esplêndido”, eles afirmam. Agora, Bilbo se sente em casa nesse mundo, um convidado de honra para um rico banquete, nos salões restaurados, resplandecentes do novo Rei sob a Montanha. “Se alguma vez passarem por meu caminho”, Bilbo responde, “não hesitem em bater na porta! O chá é servido às quatro, mas qualquer um de vocês será bem-vindo a qualquer hora”. Bilbo pode ter um convite permanente para aquele mundo superior e nobre, mas, se o procurarmos, nós o encontraremos tomando chá e comendo bolo em sua toca hobbit. No entanto, há uma diferença muito visível em sua vida doméstica. Agora, Bilbo está esperando de fato por festas inesperadas. Se os anões não convidados voltarem a aparecer em sua porta, a qualquer hora, eles serão bem-vindos; eles nem mesmo precisam bater. A Colina e a Montanha podem estar nos polos opostos da jornada de Bilbo, mas não são mais incompatível em sua perspectiva.

Sorte: o quadro global

Em seu caminho para casa, Bilbo viaja com Beorn e passa muitos meses na casa dele. “A Época de Iule naquela região era alegre e quente”, e quando Bilbo vai embora, parte “com tristeza, pois as flores dos jardins de Beorn não eram menos maravilhosas na primavera que no auge do verão”. Essa estada na casa de Beorn é outro lembrete da nova perspectiva de Bilbo. Na estrada, em direção à montanha, a casa de Beorn era confortável, mas “esquisita”; inquietante e perigosa. Bilbo prestou mais atenção aos guardiões excessivamente ursos do salão do que à segurança proporcionada por eles, e passou tanto tempo se preocupando com as abelhas imensas, ferozes quanto admirando as flores

espetaculares. Beorn e sua casa eram sempre metade humanos e metade animais, metade caseiros e metade selvagens. Agora na estrada em direção a sua casa, Bilbo se sente completamente em paz ali.

Claro que Beorn também está mudando. A história dele é fascinante, sendo especialmente irresistível, pois cada pedaço dela acontece nos bastidores e só chega até nós por meio de boatos e resumos. Gandalf acredita que Beorn originalmente vem das montanhas, pois, certa vez, ouviu por acaso Beorn dizer que, “ao observar a lua cair na direção das Montanhas Nebulosas, virá o dia em que eles morrerão e eu voltarei!”. Somos levados a entender que a presença dos goblins impediu seu desejado retorno, alimentando seu ódio amargo contra eles. Portanto, na Batalha dos Cinco Exércitos, a dramática chegada de Beorn é o clímax de sua própria história, e também da história da Montanha Solitária. Quando Beorn, “crescido quase num tamanho gigante em sua fúria”, irrompe contra os exércitos dos goblins como um desastre natural, dispersando os guarda-costas de Bolg e esmagando o próprio rei dos goblins, ele não só termina com a batalha como elimina a ameaça dos goblins das Montanhas Nebulosas. No entanto, em vez de retornar ali sob a forma de urso, Beorn aparentemente muda de ideia e pega outra direção, convocando os homens da floresta “de todos os lugares” a se juntarem a ele. Ele se torna “um grande chefe daquela região, governando um amplo território entre as montanhas e a floresta”. Por que Beorn se afasta de sua casa solitária entre os animais e de seu desejo de retornar para as montanhas e se estabelece no centro de um novo reino humano? Nunca descobrimos, mas acho que todo um romance podia ter sido escrito sobre a história de Beorn.

Os vislumbre dessa história que recebemos, porém, nos revela uma das muitas repercussões distantes da caça ao tesouro de Bilbo. A jornada casual do hobbit através do Ermo acabou provocando em muitas avalanches distintas. Seus encontros inesperados com as águias, Beorn, os Elfos da Floresta e os Homens do Lago conduziram ao grande ponto de conexão da Batalha dos Cinco Exércitos, já que cada uma dessas histórias distintas é tecida em conjunto numa narrativa cada vez mais de longo alcance, que começou como uma aventurazinha

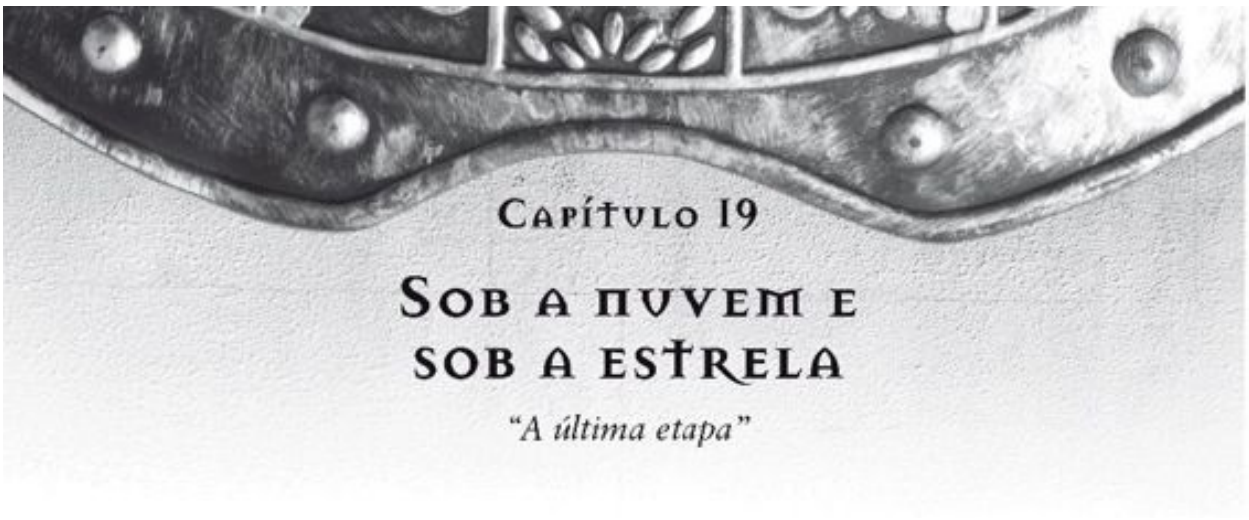
arranjada por Gandalf. Posteriormente, todas essas pessoas, suas fortunas abençoadas como resultado de seu envolvimento, estabelecem reinos novos e pacíficos, que agora se estendem dos penhascos das Montanhas Nebulosas até o Lago Comprido. Em consequência das vicissitudes estranhas da jornada de Bilbo, todo o mundo setentrional floresceu numa nova e alegre era. A ordem, a prosperidade e a harmonia brotaram em todos os lugares onde Bilbo esteve. No todo, foi uma notável jornada de sorte.

No final, Bilbo ganhou uma estima muito maior de um mundo maior sobre o qual teve grande impacto e do qual sua própria casinha é, em si, uma pequena parte. Ele primeiro processa isso não exatamente numa canção, mas numa linguagem altamente poética, enquanto está escalando as Montanhas Nebulosas a caminho do lar. Na jornada para o exterior, olhava para trás nas encostas das montanhas e só conseguia pensar que, em algum lugar longínquo, onde as "coisas pareciam azuis e apagadas", estava sua "pequena toca hobbit". Pensava pouco a respeito do vasto mundo ao redor. A caminho de casa, quando se vira e olha para trás, para o leste, sobre o Ermo, ele inclui todo o território, vendo a Floresta das Trevas se estender abaixo dele e a Montanha Solitária coberta com neve longe na distância. "Assim chega a neve depois do fogo", Bilbo observa, "e mesmo dragões chegam ao fim!". A oposição entre neve e fogo pode nos lembrar da maneira pela qual Tolkien nos convidou, por meio do título do Capítulo 14, a ver a luta entre Smaug e Esgaroth como um confronto elementar entre Fogo e Água cujo final é inevitável. Aqui, a perspectiva de Bilbo é ainda maior, e, ao opor fogo e neve, Bilbo está vendo toda a história em que se envolveu como parte de um processo enorme e inevitável, como a mudança das estações. Smaug pode ter acreditado que era invencível e que mandaria na Montanha e no Lago por séculos, mas ele estava enganado. "E mesmo dragões chegam ao fim!", da mesma forma que o calor do verão é refrescado pelo inverno e a primavera volta depois. A história de Bilbo, a história da família de Thorin e sua roda da fortuna e a história da longa e lendária trajetória de Smaug acontecem na narrativa muito maior que se desenrola através de terras e através dos séculos, enquanto a lua navega no alto e as estrelas brilham acima de tudo,

como brasas no céu noturno.

Notas

44. Definições de *magnificent* tiradas do *Oxford English Dictionary*.
45. No original, “*Your Magnificence*”. (N. do T.)



Capítulo 19

Sob a nuvem e sob a estrela

"A última etapa"

E os elfos ainda estão cantando

Na jornada para o exterior de Bilbo, o vale de Rivendell serviu como limite importante. A casa de Elrond era a Última Casa Amiga, situada na fronteira entre terras de segurança e sossego (se estivermos dispostos a ignorar alguns trolls) e o Ermo. Assim que Bilbo deixou Rivendell, seus perigos e aventuras reais começaram. A casa de Elrond também foi onde Bilbo entrou em contato pela primeira vez com grandes narrativas e lendas, e a identificação das espadas de Gondolin descreveu a própria história de Bilbo nessas narrativas. Em mais de um sentido, Rivendell é onde a aventura de Bilbo tornou-se séria.

Agora, a caminho de casa, Rivendell é o lugar onde Bilbo faz a transição para fora do mundo da alta aventura. Ele chegou agora não à Última Casa Amiga, mas à Primeira. Dessa perspectiva, Rivendell não parece mais o limite entre segurança e perigo; agora parece mais a fronteira entre o Grande e o Pequeno. Bilbo voltou de terras onde grandes eventos decidiram o destino de reinos, e está no seu caminho de volta para a terra de pequenos problemas e insignificantes

preocupações. Os elfos de Rivendell e suas canções desempenham papel importante no ressurgimento de Bilbo fora das grandes narrativas e de volta ao mundo rotineiro.

Os elfos saúdam o retorno de Bilbo a Rivendell da mesma maneira que saudaram sua primeira vinda: com uma canção alegre e despreocupada, uma repetição da canção “Tra-la-la-láli”:

Seco está o dragão,
Seus ossos espalhados;
A armadura partida,
O esplendor humilhado!
Se em ferrugem morre a espada,
Coroa e trono perecem
Com a força e com o ouro
Que os homens favorecem,
Aqui a grama vai crescendo,
As folhas se agitando,
A água clara correndo,
E os elfos vão cantando.
Venha! Tra-la-la-láli!
De volta para o vale!

A primeira estrofe parece nitidamente pertinente à aventura de Bilbo, pois começa com a celebração da destruição do dragão. Em vez de abordar Bilbo de maneira mais específica, a canção vai na direção oposta, deslocando-se para princípios genéricos. Os quatro primeiros versos enfatizam, em particular, que o dragão morreu e agora está “seco” apesar da grande resistência de sua armadura. A morte do dragão é um exemplo de esplendor humilhado. Os quatro versos seguintes extrapolam para o mundo exterior, mostrando que tudo que parece forte decairá. Espadas, tronos, poder e riqueza – tudo perecerá como o dragão e será abatido.

Nos quatro últimos versos antes do refrão, os elfos apontam para os objetos naturais ao seu redor em quatro declarações simples no tempo presente contínuo, enfatizando sua ação contínua. A grama, as folhas, o rio e os próprios elfos estão todos aqui. Essas fundamentações, algumas alçadas diretamente da primeira canção, não mais parecem premissas lógicas bizarras. O contexto proporcionado pelos versos anteriores tornam seus significados mais claros. As coisas “que os homens favorecem” – guerra, poder, força, riqueza – são todas coisas efêmeras e sempre fracassam no fim. As pequenas coisas – as folhas, a grama e as canções bobinhas dos elfos – perdurarão, pois são sempre renovadas.

Na segunda estrofe, os elfos retornam ao tema do tesouro, já que o tesouro foi o objetivo da jornada que tirou Bilbo de Rivendell antes:

Mais brilhante que as gemas,
Muito mais, são as estrelas,
A lua é bem mais branca
Do que a prata, venha vê-la;
Mais ilumina o fogo
Ao anoitecer no lar
Do que o ouro lavrado,
Então por que vagar?
Oh! Tra-la-la-láli!
Volte para o vale!

Os elfos assinalam que a noite ao redor deles contém muito mais beleza que qualquer tesouro. Como as estrelas, a lua e o fogo dos elfos superam o brilho ofuscante das riquezas, “então por que vagar?”. A clareira na floresta dos elfos, ao lado do rio, não só é mais duradoura e permanente que qualquer coisa da sociedade humana como também é mais encantadora e desejável que suas maiores maravilhas.

Finalmente, a terceira estrofe aborda os viajantes de forma direta:

Ei! Aonde você vai,
Tão tarde regressando?
O rio vai correndo,
E as estrelas queimando!
Aonde vai tão carregado,
Tão triste e deprimido?
Aqui os elfos e suas damas
Recebem o oprimido
Com tra-la-la-láli!
Fa-la-la-láli
Fa-la!

A última estrofe parece mais a canção original do terceiro capítulo, com suas perguntas desnecessárias e observações aleatórias. Novamente, porém, essa versão da canção proporciona um contexto mais claro. Os elfos parecem repreender Bilbo e Gandalf pelo fato de levarem tanto tempo para voltar. Será que eles atinam quanto rio correndo e estrelas queimando perderam enquanto estavam fora perdendo tempo com coisas comparativamente irrelevantes, tais como guerras, coroas e o destino das nações? Os elfos procuram corrigir as suas prioridades. Os cantores também notam, com evidente desaprovação, que Bilbo está retornando carregado de ouro e prata. Eles se referem a isso somente como uma carga, que associam não só com peso físico, mas com tristeza e melancolia. Felizmente para Bilbo, ele agora pode se esquecer de seus problemas no meio de uma torrente constante de “Tra-la-la-láli” e “Fa-la”.

Uma diferença importante entre essa canção e a canção original “Tra-la-la-láli” é o refrão repetido. Cada verso termina com um imperativo: “Volte para o vale.” Dado o foco geral da canção, a mensagem dos elfos é clara: estão fazendo um apelo para Bilbo se afastar das preocupações e dos triunfos do mundo exterior e renovar sua perspectiva. “Aqui os elfos e suas damas/Recebem o oprimido”, eles cantam. O espírito de Rivendell é a cura *real* da doença do dragão, seu polo oposto. Aqui há alegria e descanso absoluto.

A filosofia dos elfos a respeito da importância relativa das relações humanas e do canto sob as estrelas pode nos levar a querer saber se os elfos não estariam, talvez, um pouco desprendidos demais das preocupações terrenas. A canção deles faz parecer quase como se nada no mundo exterior lhes importasse. No Capítulo 18, consideramos algumas das profundas mudanças que aconteceram para sempre como resultado da jornada de Bilbo. Agora, os elfos de Rivendell indicam que teria sido melhor para ele ficar e cantar "tra-la-la-láli". Não acho que haja uma tese a ser defendida em virtude dessa crítica. Se o defeito dos Elfos da Floresta era a "desconfiança em relação aos estranhos", o defeito dos Altos Elfos de Rivendell pode muito bem ser o grande isolamento em relação ao mundo exterior.

Contudo, não podemos ir longe demais nessa condenação. Por um lado, as ações deles desmentem um tanto suas palavras. Quando os elfos escoltam Gandalf e Bilbo em Rivendell, o narrador afirma que havia "naquela noite muitos ouvidos ansiosos por escutar a história de suas aventuras". Sem dúvida, os elfos se preocupam um pouco mais acerca do que está acontecendo no mundo exterior do que a canção deles sugere. De modo mais importante, precisamos nos lembrar da perspectiva imortal dos elfos. Eles podem falar de maneira tão leve a respeito do fracasso dos reinos e das instituições mortais porque os viram fracassar muitas vezes antes em seus milhares de anos de vida. A paz em todos os reinos do Norte da Terra Média pode parecer algo muito importante – e é! –, mas os elfos viram o ir e vir de diversos períodos de paz e fartura, e vão ver muitos mais. No Capítulo 18, Bilbo teve um breve *insight* a respeito da guinada dos séculos, vendo que a neve vem "depois do fogo, e mesmo dragões chegam ao fim". Para os elfos, o ciclo inexorável é mais claramente visível.

No meio da narrativa, Bilbo adormece num canto, mas volta a acordar no meio da noite. Está numa cama, e o que o despertou, ironicamente, foi um grupo de elfos cantando-lhe uma canção de ninar sob sua janela:

Em júbilo cantemos em uníssono!
Nas copas sopra o vento e sobre a grama,

Abre-se a lua, florescem as estrelas,
A torre da Noite luz derrama.

Em júbilo dancemos todos juntos!
A relva é macia, os pés têm asas!
O rio é de prata, vão-se as sombras;
É belo o mês de maio em nossa casa.

A métrica dessa canção é bastante diferente daquela da canção “tra-la-la-láli”. Seus versos são mais longos e grandiosos, desprovidos da batida rápida e da rima ligeira da primeira canção dos elfos. O tema dos dois primeiros versos, porém, é muito parecido com o das outras canções élficas. A primeira estrofe fala da noite e de seu encanto, utilizando imagens que personificam a Noite como uma dama numa torre, cercada por um jardim de luzes prateadas. A instrução de “Em júbilo cantemos em uníssono” parece incluir mais do que os próprios cantores élficos: as “copas” e a “grama” ingressam na canção conforme o vento sussurra e ressoa através deles. Então, a segunda estrofe adiciona movimento à cena. Os dois primeiros versos estimulam a dança ligeira dos elfos, enquanto os versos três e quatro trazem o movimento do rio e até a mudança de estações para a dança. Essas duas primeiras estrofes demonstram a animação que os elfos percebem no mundo ao seu redor. Eles não cantam meramente sobre a natureza, mas sim cantam e dançam com o próprio mundo natural.

Isso tudo é muito encantador e, sem dúvida, resulta numa excelente canção de ninar. Nas duas últimas estrofes, os elfos deixam explícita a brincadeira que estão pregando:

Cantemos baixinho, tecendo-lhes os sonhos!
Sem nunca deixá-lo, embalemos seu sono!
O errante repousa! Seja leve o travesseiro!
Dorme e sonha tranquilo! Amieiro e Salgueiro!

Calado, Cipreste, até o dia romper!
Desce, Lua, do céu! Escura seja a terra!
Silêncio, Carvalho, Freixo e Espinheiro!
Águas, calai, até a luz abrir na serra!

A terceira estrofe, toda acerca do sono e sonho de Bilbo, é expressivamente irônica. Os elfos falam sobre cantar suavemente, mas a canção deles é tão barulhenta que já despertou Bilbo do sono profundo, um fato que solapa completamente a intenção manifesta deles de embalar o sono do hobbit. Imagino que os berros deles de "Dorme e sonha tranquilo!" são particularmente estridentes; Bilbo afirma depois que "acordariam um goblin embriagado".

A quarta estrofe expande ainda mais a brincadeira, fazendo de conta que cessar todo o barulho e desligar todas as luzes no campo asseguram o sono imperturbável de Bilbo. A brisa suave nas copas das árvores e a luz florescente da lua, que constituem partes da Noite viva e radiante, plena de canções, os elfos agora procuram expulsar para benefício de Bilbo. Notemos que até o ritmo dos versos é abalado nessa quarta estrofe, para refletir a dissolução da melodia e da dança do início da canção. Bilbo está dormindo e, assim façamos, toda a natureza prender a respiração, ficar no escuro e em silêncio até o amanhecer.

Os elfos, é claro, estão importunando Bilbo de forma escancarada. O objetivo principal da canção deles é pregar uma peça à custa de Bilbo. Eles o acordam com versos sobre o encanto da noite em que ele está dormindo e sobre o prazer da dança que ele está perdendo. Então, chamam a atenção para o fato de que eles o despertaram fingindo, ruidosamente, estarem pondo-o para dormir. Terminam com gestos absurdos de pedir silêncio para todos os barulhos noturnos suaves e reconfortantes. A canção é bastante engraçada, e Bilbo a recebe de bom humor, rindo com eles e também caçoando deles.

Mas por que os elfos fazem isso? Acho que podemos ver como a canção se enquadra nas preocupações maiores deste último capítulo, mas também considero que fica evidente que seu objetivo principal é ilustrar a alegria dos elfos. Os elfos são "Pessoas Alegres", como Bilbo os chama. Não são distantes

nem etéreos, com expressões solenes e mantos rastejadores. Os elfos de Tolkien fazem farra, pregam peças e caçoam como crianças de bom caráter. E devemos lembrar que esses não são algum tipo inferior de elfos, que carecem da dignidade dos grandes senhores élficos. Em *O Hobbit*, toda a evidência que temos sugere que os elfos de Rivendell são os Altos Elfos com quem os Elfos da Floresta foram contrastados no Capítulo 8. Os elfos cantando "tra-la-la-láli" são muito provavelmente alguns dos elfos que retornaram para a Terra Média do Reino Encantado do Oeste do outro lado do mar. Os cantores sorridentes sob a janela de Bilbo podem bem incluir sobreviventes da queda da própria Gondolin. Ao incluir essa mistura paradoxal por toda parte em sua descrição dos elfos, Tolkien parece estar procurando transmitir a noção de que estamos encontrando algo fundamentalmente fora da experiência humana.

Não posso deixar de pensar, porém, que há alguma importância no fato de que os elfos importunam Bilbo enquanto ele dorme. Claro que não pode ser crítica real intencional dos elfos; se o pobre hobbit não dormisse no meio da noite, quando ele dormiria? Mas a canção, não obstante, funciona para chamar sua atenção do que ele está perdendo. Enquanto Bilbo está absorvido no olvido, a noite, com suas visões e seus sons de beleza, prossegue. Assim que seu cansaço inicial é remediado, ele se deixou guiar por seus anfitriões e "dançou e divertiu-se de manhã e de noite, com os elfos do vale". Uma vida de repouso e quietude, de música e contemplação, não é uma vida isolada do mundo, mas sim uma vida em sintonia com o mundo, num sentido mais ativo e profundo.

Bilbo está se dirigindo para casa, deixando sua vida de ladrão no Ermo. Sugeri anteriormente que, a caminho de casa, Rivendell parece se situar no limite do Grande e do Pequeno. Quando Bilbo se prepara para cruzar o limite para sempre, ele aprende novas lições acerca do valor das pequenas coisas e de como apreciá-las.

A natureza de Bilbo: o regresso ao lar

Finalmente, quando Bilbo parte de Rivendell com Gandalf para voltar para casa, “vento e chuva vieram ao seu encontro”. Nesse momento, Bilbo faz um comentário estranho. Ele observa que “demos as costas às lendas e estamos voltando para casa. Acho que esse é o primeiro gostinho dela”. Quando deixa Rivendell, Bilbo, de fato, cruza um limite entre os mundos lendário e mundano, e dado o *insight* que Bilbo já revelou em sua jornada de retorno, não é demasiado surpreendente que deva estar consciente do significado do momento. O estranho é que ele parece associar “voltar para casa” com uma experiência desagradável e desconfortável. Há muito tempo, Bilbo ansiava por esse momento, o que faz parecer estranho ouvi-lo dizer que a chuva impulsionada pelo vento em seu rosto é o “primeiro gosto” de casa! Ele parece estar sugerindo a possibilidade de que a vida em Fundo do Saco pode, realmente, ser desinteressante e miserável, tão “triste” e “sombria” quanto os elfos disseram que ele aparentava quando voltou para Rivendell.

Bilbo mudou por causa de sua jornada, e quando se aproxima de sua casa, parece cada vez mais incerto a respeito do que o regresso ao lar trará. Quando ele enfim vê a própria Colina diante de si novamente, detém-se de repente e dá voz aos seus sentimentos num poema. A canção não é o primeiro poema composto por ele na vida; essa honra cabe aos seus esforços anteriores no bem estabelecido gênero literário referente aos versos de provocação contra as aranhas, no Capítulo 8. Essa canção também é espontânea, mas é ligeiramente mais contemplativa. A Colina foi o objetivo de Bilbo durante muito tempo, e talvez seja previsível que o novo Bilbo, no fim de suas aventuras, componha um poema para afinal comemorar seu retorno.

No entanto, o conteúdo do poema talvez possa nos surpreender:

Estradas sempre em frente vão,

Sob copas, sobre pedras a passar,
Por cavernas, sempre sem o sol,
Por rios que nunca veem o mar:
Sobre a neve que o inverno semeia,
Pelas flores que junho cultua,
Sobre seixos, sobre o verde capim,
E sob as montanhas da lua.

A canção de Bilbo não é em louvor à terra natal, mas sim uma rememoração de sua jornada. A primeira estrofe consiste inteiramente numa descrição. Menciona os lugares aonde as estradas vão – nenhuma estrada específica, apenas "estradas". Enfatiza os arredores, a variedade de cenários atravessados pela estrada. Na canção, as estradas vão para todos os lugares, sobre o verde capim e sob as montanhas, através do inverno e do verão. Nesse caso, há um tipo élfico de apreciação do mundo natural, como se Bilbo estivesse rememorando sua jornada como os cantores de Rivendell podiam fazer, maravilhando-se somente com a diversidade do mundo natural.

Observemos, porém, que a estrofe permanece completamente impessoal; o próprio Bilbo não aparece em lugar nenhum, nem nenhum dos eventos de sua aventura. Diversos cenários descritos por ele soam familiares e são, sem dúvida, inspirados por cenas de que ele está se lembrando naquele momento. As cavernas sem sol e os "rios que nunca veem o mar" podem nos evocar os túneis dos goblins e o lago subterrâneo. Podemos nos lembrar do jardim de Beorn cheio de flores e podemos trazer de volta uma caminhada terrível e faminta pelos pés das montanhas na luz da lua, como os uivos dos lobos ressoando através do ar noturno. Quase certamente, Bilbo está refletindo sobre essas coisas, mas a primeira estrofe está completamente destacada, reconhecendo que mesmo os muitos e variados lugares a que sua jornada o levou são apenas alguns dos lugares a que as estradas levam.

A segunda estrofe se move para um pouco mais perto das próprias experiências de Bilbo:

Estradas sempre em frente vão
Sob nuvens e estrelas a passar,
Mas os pés que percorrem os caminhos
Um dia para casa vão voltar.
Olhos que fogo e espada conheceram
E em antros de pedra horror pungente,
Um dia verdes prados contemplam
E as colinas e as matas de sua gente.

A segunda estrofe começa generalizando o caminho das estradas, observando que todas as estradas seguem “sob nuvens e estrelas”, mas, então, aborda o evento principal da canção: um regresso ao lar. Notemos que, embora a canção esteja ficando fortemente pessoal, continua distante; Bilbo não fala de si mesmo na primeira pessoa ou menciona *seu* regresso ao lar. Ele introduz uma figura central, mas essa figura é desencarnada. Fala acerca de pés errando voltando para casa, e fala a respeito de olhos que viram batalhas e horror pungente em antros de pedra e, agora, estão vendo enfim árvores e prados familiares novamente. É como se Bilbo, nessa canção, estivesse considerando esse fenômeno de maneira objetiva, pegando como objeto de sua contemplação qualquer regresso errante para o lar tranquilo a partir de aventuras selvagens.

Há uma questão premente, mas implícita, contida nessa segunda estrofe. Quando esse errante regressa do “fogo e espada” para “verdes prados”, o que acontece? Os dois últimos versos são completamente neutros, exprimindo o fato de que os olhos do errante observam aquelas coisas tranquilas e familiares, mas não dizendo nada acerca do sentimento ou da experiência do viajante. Bilbo sabe que ele mudou, e sabe que o lar de que ele sentiu saudade frequentemente no último ano nunca voltará a ter a mesma aparência. Ele achará que o gosto do lar não é doce nem plácido, mas triste e sombrio? A canção que Bilbo canta diante da visão da Colina não é jubilosa, mas incerta e até apreensiva. O regresso ao lar de Bilbo não é um simples final de conto de fadas, mas sim uma complexa

experiência emocional.

A resposta de Gandalf para a canção de Bilbo reconhece as dúvidas e os tormentos do hobbit. Ele reconhece que Bilbo mudou, observando: “Você não é o hobbit que era.” O fato de que Bilbo está expressando seus pensamentos por meio de poesia é suficiente para provar isso. Bilbo volta para casa com as memórias de diversos cenários, como aqueles da primeira estrofe, e com as experiências divergentes, como aquelas descritas na segunda estrofe. Seus olhos se abriram, e agora ele enxerga até as coisas antigas de maneira distinta. Sem dúvida, ele não é o hobbit que era.

No entanto, a resposta de Gandalf para Bilbo é amável e reconfortante. Após responder com um afável e afetuoso “Meu querido Bilbo!”, Gandalf caçoa delicadamente dele com seu comicamente exagerado “Há algo errado com você!”. A incerteza de Bilbo é compreensível, mas o gracejo de Gandalf sugere que ele pode estar se afligindo sem necessidade. A Colina que Bilbo encontra no fim de sua expedição não será exatamente a Colina que ele deixou no começo, mas Gandalf não parece considerar que Bilbo achará a mudança tão desagradável quanto aparenta recear.

Quando consideramos a incerteza de Bilbo a respeito de o que será o regresso ao lar, também devemos nos lembrar do sonho estranho que Bilbo teve no final do Capítulo 6, quando dormia no ninho das águias. Ele “sonhou com sua própria casa e perambulou em seu sono por todos os recintos, procurando algo que não conseguia achar nem se lembrar com o que parecia”. No Capítulo 18, afirmei que, em algum momento durante sua jornada, Bilbo parou de olhar para trás, desejando poder regressar ao lar, e começou a aspirar por sua casa como o ponto final de sua jornada – ficando determinado a ir Lá antes de Voltar Outra Vez. Esse sonho de descontentamento em Fundo do Saco, de procurar algo que estava perdido em sua desejada casa, vem depois de seu primeiro momento decisivo, a primeira vez que ele tem de impor sua própria vontade para sobreviver e continuar sua aventura. Pergunto-me se talvez o sonho mostrasse um vislumbre do que podia ter sido, uma premonição do que teria acontecido se ele voltasse atrás, ou mesmo se ele nunca partisse. A concretização de seu desejo frequente

de ser repentinamente transportado de volta para seu lugar junto à lareira e sua chaleira pode, de fato, não conduzi-lo à satisfação. Assim que, no primeiro capítulo, a aventura entrou através de sua porta principal, Bilbo começou a mudar. Escapar ou negar essa mudança, como foi seu desejo por algum tempo após o início da experiência, pode bem ter acabado envenenando sua paz de espírito, mesmo entre as comodidades tranquilas de Fundo do Saco.

No entanto, quando Bilbo retorna de sua jornada, ele não sente tal desconforto. Para sua alegria, descobre que, quando os pés errantes regressaram de longe afinal para casa, os olhos que viram “fogo e espada” estão abertos para as amadas cenas que “conheciam há muito tempo”, com um novo assombro e maior apreciação. Bilbo está “muito satisfeito, e o som da chaleira no fogo tornou-se, desde então, ainda mais musical do que fora nos dias pacatos antes da Festa Inesperada”. As experiências de Bilbo não fizeram seu lar trivial parecer sombrio; elas se infundiram nele com portento. Seu antigo relógio no console da lareira agora possui uma espada mágica pendurada sobre ele. Sua saleta de entrada agora possui uma cota de malha de prata maravilhosa. Bilbo ainda gosta de dar longas caminhadas, mas agora suas caminhadas podem levá-lo a visitar os elfos. Podemos ainda encontrá-lo relaxando em seu jardim e soprando anéis de fumaça, mas ele também pode estar escrevendo um poema enquanto faz isso.

A DESOLAÇÃO DO DRAGÃO: UMA HISTÓRIA ADMONITÓRIA

Claro que nem tudo é perfeito na terra do lar de Bilbo. Em primeiro lugar, ele “perdeu sua reputação” entre os vizinhos. O narrador enfatiza jocosamente a superficialidade da perspectiva deles, observando: “É verdade que, desde então, foi sempre um amigo dos elfos, e teve o respeito dos anões, magos e todas essas pessoas que sempre passavam por ali; mas não era mais respeitável.” Como a

reputação de Bilbo se baseava sobretudo em sua total previsibilidade, na estreiteza de sua mente e de suas experiências, aquele respeito que os vizinhos antes lhe concediam não tinha realmente muito valor. Sem dúvida, Bilbo considera com um pouco mais de seriedade as opiniões das demais pessoas do mundo extenso.

Os vizinhos de Bilbo demonstram ser, além de tacanhos, venais também. Quando Bilbo interrompe o leilão em sua casa com seu retorno inesperado, descobrimos que “nem todos que diziam (que Bilbo estava supostamente morto) ficaram tristes” ao perceber que essa suposição estava errada. Seus desejos cruéis em relação a Bilbo são motivados por simples cobiça, ainda que em escala modesta. As “pessoas que tinham feito barganhas especialmente boas na Liquidação” resistiram a devolver os bens de Bilbo, não porque tivessem alguma dúvida real acerca de sua identidade, mas sim como resultado de um desejo absoluto de posse. Os primos de Bilbo, os Sacola-Bolseiros, ele suspeita, descem tão baixo quanto ladrões de segunda categoria, roubando as colheres de prata de Bilbo e passando a ter relações inamistosas com ele desde então.

As ações dos vizinhos de Bilbo não só demonstram que a terra natal à qual Bilbo está voltando não é um paraíso idílico, mas também indica que ele tinha razão de recusar a maior parte da recompensa que Dáin lhe ofereceu. A lição de cautela de Bilbo a respeito da doença do dragão está bem aprendida. Pode parecer improvável que “guerra e matança” irrompessem entre os vizinhos de Bilbo se ele tivesse trazido carroçadas de ouro para casa consigo, mas a própria modesta corrupção deles sugere que teria sido possível. Os Sacola-Bolseiros, em particular, podem se beneficiar de ouvir as histórias admonitórias do Mestre da Cidade do lago. O final do Mestre, fugindo pelo Descampado com sacos de ouro e morrendo de fome, “abandonado pelos seus companheiros”, seria a ilustração perfeita dos resultados da doença do dragão, se pudesse atingir sua conclusão lógica. Os Sacola-Bolseiros, priorizando seu desejo de possuir Fundo do Saco para si em seu relacionamento familiar com Bilbo, teriam estado em perigo real de contágio. Bilbo protegeu os vizinhos e parentes desse perigo, recusando-se a trazer para casa grande quantidade de tesouro e, sobretudo, distribuindo de bom

grado muito do que ele leva para casa.

Sorte: a mão da providência

A Desolação do Dragão, ficamos sabendo, foi completamente curada. A própria terra foi purgada; tomamos conhecimento de que “todo o vale tornara-se outra vez rico e fértil, e a desolação agora estava cheia de pássaros e flores na primavera, e de frutas e banquetes no outono”. Com ainda mais destaque, “naquelas partes, havia amizade entre elfos, anões e homens”. As antigas canções se realizaram, e, na Cidade do Lago reconstruída, estão agora compondo novas canções celebrando a prosperidade que desfrutam mais uma vez.

Bilbo manifesta alguma surpresa quando fica sabendo que “as antigas canções tornaram-se verdade, de certa forma!”. Na resposta de Gandalf, o mago finalmente aborda abertamente uma verdade que foi ficando cada vez mais clara enquanto estudamos a história de Bilbo. “Você não acha, não é mesmo”, ele pergunta, “que todas as suas aventuras e fugas foram conseguidas por mera sorte, apenas para seu próprio benefício?”. Gandalf confirma que aquilo que Bilbo e o narrador chamaram de “sorte” todo o tempo era mais do que meramente acaso. As aventuras de Bilbo foram “manejadas” pela divina Providência para o propósito muito maior que o enriquecimento de um pequeno hobbit. Como vimos, Bilbo foi um dos instrumentos principais da Providência nessa história, mas a história de Bilbo se misturou completamente com as vozes de muitos outros instrumentos, contribuindo para uma sinfonia cuja partitura incorpora de tudo, desde chás da tarde dos hobbits até os deslocamentos da lua e das estrelas.

A reação de Bilbo é um instantâneo perfeito de Bilbo depois de sua jornada. Ele aprendeu sabedoria e humildade, e seu alegre “Graças a Deus!” demonstra que está muito satisfeito de aprender que, na realidade, não foi o protagonista de

sua história. Bilbo está em paz, e nossa imagem final dele é de ajustamento. Bilbo, sorrindo em torno de sua mesa do salão, em Fundo do Saco, com Gandalf e Balin, entrega o pote de tabaco para seu amigo, enquanto todos fumam seus cachimbos juntos com satisfação.

A escrita de O Hobbit: as memórias de Bilbo

A última cena do livro começa com Bilbo escrevendo suas memórias. O título proposto por ele – *Lá e de volta outra vez, as férias de um hobbit* – é tanto desdenhoso quanto autodepreciativo, falando de sua grande aventura como se fosse somente um pequeno interlúdio em sua vida, as férias que tirou durante um ano para ficar longe de casa por um tempo. O título revela, com algum exagero cômico, como Bilbo integrou completamente a experiência de sua jornada em sua vida, em que o assombroso e o mundano estão agora "misturados até certo ponto".

Por mais alegre que seja o título, esse vislumbre da história de Bilbo escrita como um livro real nos faz lembrar da estatura que a aventura de Bilbo alcançou. Desde o Capítulo 1, a estranha história desse hobbit incompetente, de seus companheiros anões desajeitados e da expedição mal planejada deles entrou em contato com lendas maiores e superiores. No início, a própria narrativa de Bilbo pode parecer uma farsa, mas mesmo naquela primeira quarta-feira estranha somos induzidos a ver a jornada de Bilbo como o improvável capítulo final de uma saga que começou com a queda de um império e que já abrangeu guerras de goblins e que passou debaixo da sombra da torre escura de Necromante. No final da história, a crescente grandeza de seus eventos e a solenidade de seu tom nos atraiu firmemente ao mundo das lendas. Como Bilbo, fomos conduzidos a uma aventura cujo escopo e importância só podemos avaliar em retrospecto.

A imagem de Bilbo escrevendo suas memórias também possui um poderoso efeito psicológico sobre nós como leitores. Nessas últimas páginas, vemos que o livro que lemos durante tantas horas deriva-se do próprio diário de Bilbo, ou seja, tendemos a um sentido de continuidade com o próprio Bilbo. Em diversas das primeiras edições impressas, Tolkien enfatizou essa ligação na sobrecapa de *O Hobbit*. Ele incluiu uma longa sequência de runas dos anões (que, na realidade, são runas anglo-saxônicas), que, se transliteradas, informam: “o hobbit ou lá e de volta outra vez é o registro de uma jornada de anos feita por bilbo bolseiro da aldeia de hobbits compilada de suas memórias por j. r. r. tolkien e publicada por george allen and unwin ltd.” Tolkien se coloca meramente como o compilador das memórias de Bilbo, o transmissor, e não o criador da história de Bilbo.

Embora seja apenas uma moldura ficcional, a ideia de que o livro que lemos durante todo o tempo é, na realidade, o livro do próprio Bilbo produz uma emoção, a sensação de que não somos apenas a plateia, mas parte da história. Tendemos, ainda que indiretamente, a uma ligação com o mundo de prodígios e lendas descobertos por Bilbo. O próprio livro que lemos foi transformado num instrumento de aventura, quase como o mapa e a chave entregues para Thorin no início da história. Nós também achamos uma porta secreta.



Desejo agradecer muito a todas as pessoas que tornaram este livro possível com sua ajuda:

À minha mulher, Bridget, por seus esforços incansáveis como editora, leitora de provas e inspiração.

Ao meu filho Nicholas, que ficou curioso de por que eu estava escrevendo um livro sobre um livro que já foi escrito.

Ao meu filho Matthias, que me deu imediatamente um de seus doces de Natal como recompensa pelo término de meu livro.

À minha irmã, Melissa, que me suportou tagarelando a respeito de Tolkien por mais tempo do que qualquer outra pessoa na Terra.

Ao meu irmão Kristian, por seus pedidos gentis, mas persistentes, por “atualizações” sobre meu progresso com o livro.

Ao meu irmão Andy, e a minha cunhada, Krystina, por suas habilidades fotográficas absurdas.

A Beth Lavin, por me mostrar os truques do ofício.

A Joe Monti, meu agente intrépido, que faz as coisas acontecerem.

A Ken Carpenter, por sua orientação paciente e seus conselhos excelentes.

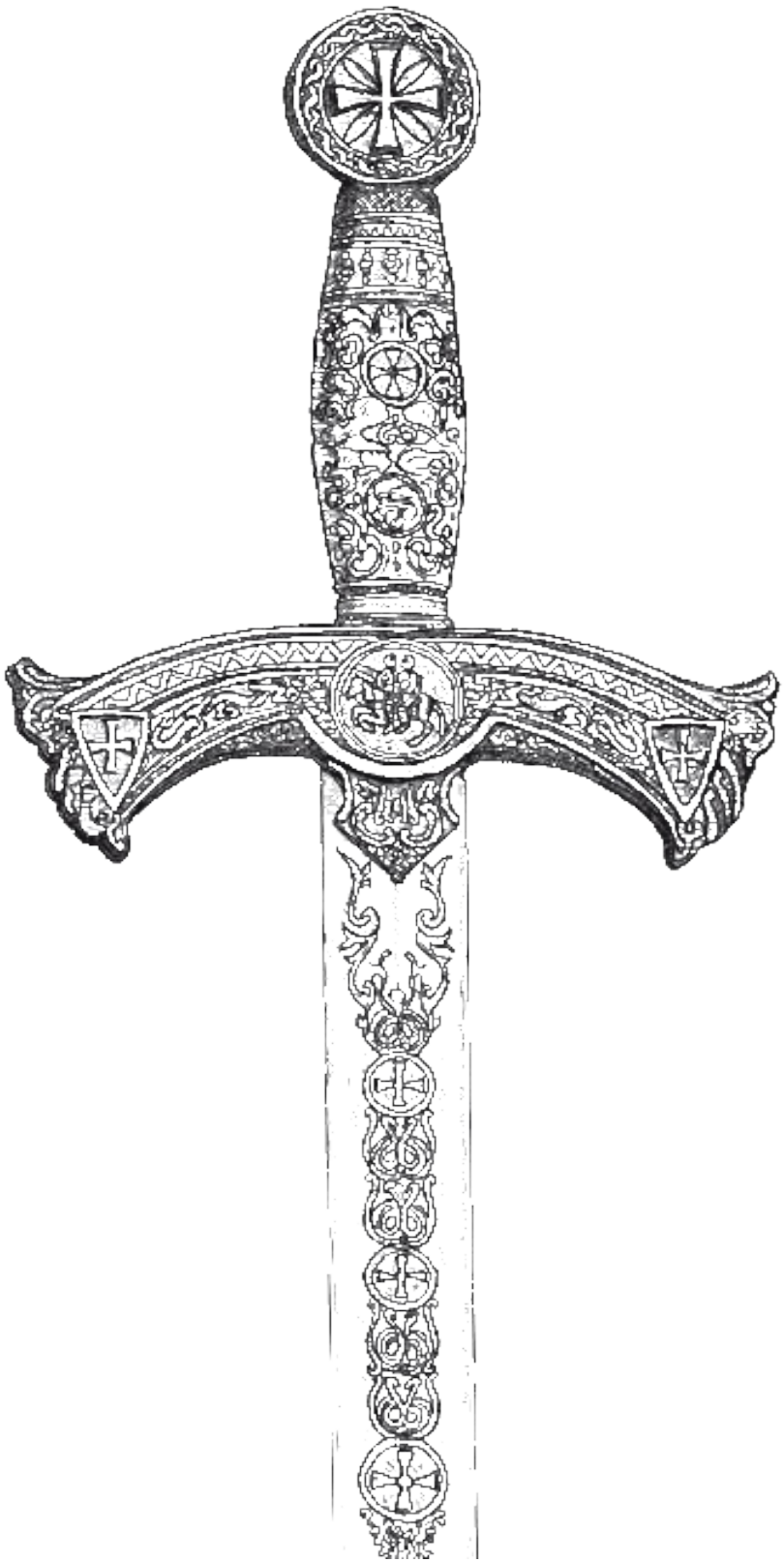
A Alyssa House-Thomas, pela grande ajuda em ter um entendimento dos fatos reais.

Aos meus alunos da Washington College, por compartilharem meu entusiasmo.

Aos membros do clube do livro Inklings, por anos de boa conversa e muito incentivo.

Ao pessoal do Mythgard Institute, por seu apoio e por toda sua ajuda que ainda está no processo de concessão.

E, em especial, a todos que ouviram o podcast Tolkien Professor. Sem vocês, este livro certamente nunca teria acontecido.





A RAINHA DO AR E DAS SOMBRAS – VOL. II
O CAVALEIRO IMPERFEITO – VOL. III
A CHAMA AO VENTO – VOL. IV
O LIVRO DE MERLIN – VOL. V
A ESPADA NA PEDRA – VOL. I

A série que deu origem a todas as séries e que fez nascer a literatura fantástica como a conhecemos hoje!

Conta a história do menino predestinado a tirar uma espada da pedra, assumir o comando de um reino, e unificar a Grã Bretanha, depois da morte do Rei Uther.

Cada volume traz uma fase da história e apresenta seus principais personagens: Arthur, Guinevere, Lancelot, Morgana, Merlin, e ainda, a távola redonda, Excalibur, a ascensão e a queda de Camelot e muito mais!

T. H. White, autor da saga, é considerado o maior escritor pré-Tolkien. E foi nesta série que se basearam as grandes obras sobre a história, como o famoso musical Camelot, da Broadway; a série de livros *As Brumas de Avalon*, que segue livro-a-livro, a obra de White e a adaptação do primeiro livro pela Disney que se chamou *A espada era a lei*, com enorme sucesso.

A saga também é considerada precursora de tudo que veio depois na área de fantasia, como *Senhor dos anéis*, *Guerra dos tronos* e tantos outros.

Lançamento da série ao longo de 2013!

